

HE'S GUARDING HER LIFE, SHE'S GUARDING HER HEART

CLOSE

*protection*



EDEN VICTORIA

# Índice

[Página de título](#)

[Plantas baixas da Green Family Mansion](#)

[Dedicação](#)

[Capítulo 1: Daphne](#)

[Capítulo 2: Milosh](#)

[Capítulo 3: Daphne](#)

[Capítulo 4: Milosh](#)

[Capítulo 5: Daphne](#)

[Capítulo 6: Daphne](#)

[Capítulo 7: Milosh](#)

[Capítulo 8: Milosh](#)

[Capítulo 9: Daphne](#)

[Capítulo 10: Daphne](#)

[Capítulo 11: Daphne](#)

[Capítulo 12: Milosh](#)

[Capítulo 13: Daphne](#)

[Capítulo 14: Daphne](#)

[Capítulo 15: Milosh](#)

[Capítulo 16: Daphne](#)

[Capítulo 17: Daphne](#)

[Capítulo 18: Milosh](#)

[Capítulo 19: Daphne](#)

[Capítulo 20: Milosh](#)

[Capítulo 21: Milosh](#)

[Capítulo 22: Daphne](#)

[Capítulo 23: Daphne](#)

[Capítulo 24: Milosh](#)

[Capítulo 25: Daphne](#)

[Capítulo 26: Milosh](#)

[Capítulo 27: Daphne](#)

[Capítulo 28: Milosh](#)

[Capítulo 29: Daphne](#)

[Capítulo 30: Daphne](#)

[Capítulo 31: Daphne](#)

[Capítulo 32: Milosh](#)  
[Capítulo 33: Daphne](#)  
[Capítulo 34: Daphne](#)  
[Capítulo 35: Milosh](#)  
[Capítulo 36: Daphne](#)  
[Capítulo 37: Milosh](#)  
[Capítulo 38: Daphne](#)  
[Epílogo: Milosh](#)  
[Agradecimentos](#)  
[Sobre o autor](#)  
[Direitos autorais](#)



# CLOSE *protection*



## EDEN VICTORIA



GALLERY YA

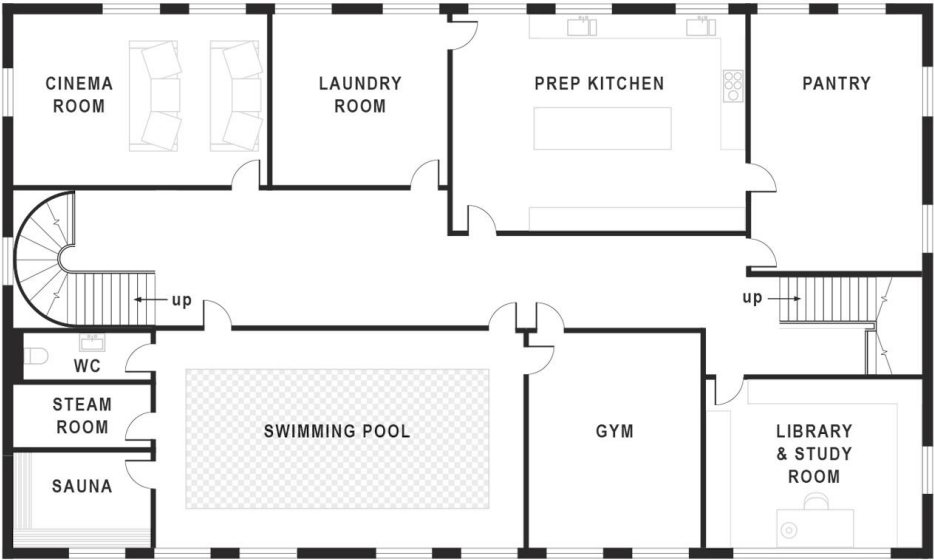
SIMON & SCHUSTER

London New York Amsterdam/Antwerp Sydney/Melbourne Toronto New Delhi





**GREEN FAMILY MANSION**



**BASEMENT**



**GROUND FLOOR**



1st FLOOR



2nd FLOOR



Para todos que acreditam que não merecem tratamento de princesa, uma  
novidade... vocês merecem.  
Ah, e o BookTok? De nada :)

# 1

## *Dafne*

'Azul ou cinza?'

'Huh?'

"Azul ou cinza, qual é a sua gravata para hoje à noite? Preciso saber para planejar o resto do seu look", explico enquanto fecho a porta e vou me sentar na cadeira em frente à mesa do meu pai.

'Papai, você está me ouvindo?', continuo quando ele não responde.

A crescente irritação na minha voz o faz levantar a cabeça e se concentrar em mim, em vez de olhar para o que quer que estivesse na tela e o fizesse franzir a testa.

— Desculpe, Daphne, eu não estava prestando atenção. O que você estava dizendo? — Ele suspira, tirando os óculos e esfregando a ponta do nariz.

— Está tudo bem, papai — suavizei-me, colocando as opções de gravata na mesa de mogno à minha frente. — Mas preciso que você me escute. para mim, por favor.' Faço uma pausa até que seus olhos encontrem os meus. 'Hoje à noite temos a festa de noivado da Camilla e não confio em você para escolher sua própria roupa.' Aponto para seu conjunto atual – calça azul-marinho e uma camisa azul por baixo de um cardigã de tricô camelo.

"Quando Amelia me disse que você queria me ver no seu escritório antes do café da manhã, presumi que iríamos discutir o que eu escolhi para você, por isso as gravatas." Pego-as de volta e o observo pacientemente enquanto ele olha fixamente para o tecido.

'Então... azul ou cinza?', incentivo, balançando levemente as gravatas na minha mão.

Como se uma lâmpada se acendesse, os olhos do meu pai se iluminam com compreensão, apenas para escurecerem com confusão segundos depois.

"A festa de noivado da Camilla é hoje à noite? Desculpa, querida, esqueci completamente." Ele suspira.

Meu pai é um homem brilhante. Como CEO da Greenway Discoveries, ele tem que ser. Mas mesmo com toda essa inteligência, ele sempre falha em se organizar.

Amélia, nossa gerente, cuida dos funcionários, da rotina deles e da administração geral da casa, mas seu papel nunca se estendeu a manter a agenda do meu pai. Graças à Julie, sua assistente, ele normalmente se lembra de todas as minhas datas de competições extracurriculares e acompanha nossas ligações agendadas. ligações quando eu estava na escola na Suíça, mas quando se trata de eventos sociais, sua falta de organização é óbvia. Quer dizer, Julie só consegue incentivá-lo um certo número de vezes.

Mas desde que voltei da escola ele está diferente.

Espalhado.

Quieto e distraído. Ainda mais do que o normal.

'Daphne, desculpe por ter deixado para te contar isso na última hora, mas não podemos ir à festa da Camilla.'

'Como assim, não podemos ir?', pergunto enquanto me levanto da cadeira, com uma irritação involuntária percorrendo minha pele. 'Confirmamos presença há meses. Seria impróprio simplesmente não comparecer.'

Nas últimas duas semanas, desde que voltei, meu pai tem ficado constantemente trancado no escritório, só saindo para comer ou dormir. Sim, temos jantado juntos todas as noites, mas a atenção dele tem estado em outro lugar, mais precisamente no laptop, ao qual ele parece estar grudado.

O homem que é rigoroso com a etiqueta está com seu laptop na mesa. Irônico, não é?

A Amelia disse que o trabalho dele tem sido estressante ultimamente, mas já foi estressante antes, e ele sempre arranjava tempo para mim. Então, o que há de tão diferente agora?

'Sim, seria rude da nossa parte cancelar, mas as coisas mudaram, Daphne, e foi por isso que perguntei a Amelia para te chamar.' Ele está claramente nervoso, o que não é nada típico dele. Soltando um longo suspiro, ele desliga o monitor do computador, oferecendo-me toda a sua atenção. 'Preciso discutir algo com você. Venha, sente-se, por favor.'

Afasto-me da porta e acomodo-me na poltrona de couro nada convidativa, enquanto o ar preso na almofada se dispersa lentamente enquanto afundo nela.

'Está tudo bem, papai?'

'Daphne, querida, você deve ter notado que tenho andado um pouco preocupada desde que você voltou da escola. Você tem sido extremamente paciente comigo, então agradeço por isso.' Dou-lhe um pequeno sorriso enquanto ele coloca a mão sobre a minha do outro lado da mesa de mogno. 'A razão pela qual te chamei é porque houve uma falha de segurança no trabalho. Alguém tentou invadir meu escritório – e o laboratório – há algumas semanas. Ele escapou antes que a equipe de segurança pudesse pará-lo ou identificá-lo, mas a questão foi encerrada quando perceberam que ele não conseguiu entrar. No entanto, duas noites atrás, ele tentou novamente. Só que desta vez conseguiu.' Sinto a mão do meu pai tensionar a minha por um momento antes de ele rapidamente soltá-la, ligando o monitor novamente e inclinando a tela em minha direção.

Ilumina com imagens de CFTV, a imagem granulada e distorcida. "Ele não levou nada, graças a Deus, mas estava claramente procurando por algo específico. E, evidentemente, "Ele tem experiência nisso, pois sabia como evitar completamente as câmeras." Não consigo tirar os olhos da tela enquanto observo o homem se mover. Ele é alto e bem constituído, com os ombros largos pressionando o capuz preto, mas papai tem razão, é impossível distinguir seu rosto.

Nós dois observamos em silêncio por um momento enquanto o homem fecha a porta atrás de si com a mão enluvada, movendo-se pelo escritório com facilidade, como se o layout já lhe fosse familiar. Abrindo e fechando gavetas com rapidez e decisão.

"O que ele está procurando?", pergunto, olhando para cima.

"Não temos certeza, mas claramente ele não encontra", responde papai, mudando o peso do corpo e sem tirar os olhos da filmagem.

Na tela, o intruso recorre a um método diferente.

Em segundos, ele destrói tudo o que vê pela frente. Papéis voam, o monitor do computador é quebrado e jogado no chão, e todas as gavetas da mesa são arrancadas. Ele está ficando desesperado.

Ele agarra a cadeira de laboratório do meu pai e a joga contra a tela de acrílico que protege a sala de química dentro do laboratório. Eu me encolho quando a cadeira bate na janela. Vendo que não funcionou, ele tenta arrombar a porta com um chute, a força que o derruba, revelando brevemente um corte de cabelo curto e uma barba curta e cheia, antes de puxá-la de volta com força.

Percebendo que seu chute é inútil, ele corre até a mesa do papai e a vira sem esforço. Não sei como essa ação supostamente quebrou a janela do laboratório, mas, ei, ninguém nunca disse que criminosos eram espertos.

Mas então minha respiração para quando ele saca uma arma.

Uma arma de verdade.

Como em uma arma que atira e você morre.

Ele rapidamente a carrega e destrava a trava, atirando na porta. A fechadura com impressão digital explode, causando um curto-circuito e a porta se abrindo. Ele começa a examinar todos os soros e misturas que meu pai tem lá dentro antes de pegar o celular e ligar para alguém. A filmagem não tem som, então não sei o que ele está dizendo, mas claramente está contando o que encontrou, ou não. Depois de trinta segundos, ele assente, guarda o celular de volta no bolso e sai pelo mesmo caminho que veio.

"Não quero te assustar, querida", diz papai, pausando o vídeo e virando a tela novamente. "Mas eu queria te mostrar o quão violento esse homem é, para que você entenda por que agora preciso tomar medidas para garantir sua segurança. E se eles tiverem nosso endereço e o que estão procurando estiver neste mesmo escritório?"

"Você sabe o que eles estão procurando?", pergunto, observando a sala e sentindo meu estômago embrulhar.

Como filhos de Hezekiah Green, fundador do Greenway Group, meu pai e seus irmãos passaram por vários sustos com a segurança ao longo dos anos, por isso sempre tomaram as precauções necessárias para garantir a segurança deles. Com grandes equipes de segurança em seus escritórios e equipes menores em suas respectivas casas, sempre me senti seguro. Até as escolas que eu e meus primos frequentávamos eram altamente seguras, então nunca tive com o que me preocupar.

Até agora.

Nada disso faz sentido. O que eles poderiam querer neste estudo?

Meu pai chefia a divisão Greenway Discoveries do Greenway Group, especializada em engenharia química e novas invenções. Pelo que sei sobre o trabalho dele, nada confidencial sai do escritório e, quando trabalha em casa, usa palavras-chave ao falar sobre projetos confidenciais para que nada vazze.

Então o que eles iriam querer daqui que não poderiam obter do seu escritório?

"Sinceramente, não sei", ele responde, suspirando enquanto esfrega a mão no rosto e volta a olhar para a tela. "Alguns outros escritórios também foram saqueados, então pelo menos sei que não estavam focados apenas em mim ou no que havia no meu. Mas isso não significa que eu não vá tomar precauções extras com você."

'Certo, mas como os seguranças do trabalho não ouviram os tiros?', questiono.

"Eles estavam no meio de uma troca de turno, então não havia ninguém nos andares superiores. O que significa que, quem quer que sejam essas pessoas, ou para quem quer que trabalhem, estão vigiando este prédio e todos nele há tempo demais para simplesmente desistir quando não encontram o que procuram."

Sinto um aperto no estômago enquanto tento aceitar os fatos.

Homem mau com arma.

Funciona para um homem ainda pior, que já estava planejando isso há algum tempo.

O bandido não conseguiu o que queria. Agora, o bandido *com a arma* está furioso por não ter conseguido o que queria.

Veja bem, isso não é o ideal.

"Espero que não haja absolutamente nada com que se preocupar", continua meu pai, me trazendo de volta à realidade, "mas não posso correr esse risco, não quando tenho você para proteger. Então, aumentei a segurança em casa e também contratei um agente de proteção pessoal para ficar com você até termos certeza de que isso acabou. O nome dele é Milosh Petrov", ele deixa escapar.

"Você contratou um *agente de proteção pessoal* para me vigiar?", respondo lentamente. "Tipo um guarda-costas?"

'Sim, exatamente como um guarda-costas.' Papai me olha com atenção, quase me preparando para o impacto como se eu fosse uma bomba que pudesse detonar.

— Então, deixa eu ver se entendi direito — digo, com a voz tão suave e contida quanto possível. — Você viu aquelas imagens de segurança e, em vez de, sei lá, *chamar a polícia*, achou que a melhor solução seria contratar um cara qualquer para me seguir por toda parte?

'Daphne, é claro que tomei as medidas necessárias para relatar o ocorrido. A casa está completamente segura, tenho certeza, mas isso é só um passo a mais. Sou um pai preocupado, me dê isso.' Ele sorri suavemente. 'Você é tudo o que eu tenho, querida. Preciso te manter segura.'

Antes que eu tivesse a chance de responder, ouvi uma batida suave na porta e Amélia colocou a cabeça para dentro com um sorriso amigável. "Desculpe interromper, George, mas Milosh Petrov está aqui."

— Espere. Desculpe, o guarda-costas está aqui? Agora? — pergunto, horrorizada com a falta de aviso.

— Sim, ele está — confirma meu pai. — Não vou perder tempo com a sua segurança. Obrigada, Amélia, por favor, mande-o entrar. — Amélia me lança um olhar de desculpas enquanto fecha a porta atrás de si.

'Papai, não posso encontrá-lo agora. Para começar, estou de pijama', olho para minha camisola e robe de seda rosa, revelando minhas longas pernas morenas e pés descalços. A única a graça salvadora é que eu alisei meu cabelo ontem à noite e ficou fantástico.

"Ah, isso não importa, querida. Ele vai morar com a gente de qualquer jeito, então tenho certeza de que ele vai te ver em condições muito mais desfavoráveis do que esta", diz papai num tom estranhamente animado.

"Ele tem o quê?", praticamente grito. Mas antes que eu tenha a chance de continuar, a porta se abre e o Sr. Milosh Petrov entra.

Bem...

Isso deve ser divertido.

## 2

### MILOSH

*Opulenta, imponente e imponente* são as palavras que eu usaria para descrever a propriedade dos Greens. "Não temos tempo para um tour agora, mas tenho certeza de que Daphne lhe mostrará a propriedade depois da reunião", diz Amelia suavemente enquanto me guia pelo corredor, seus mocassins sensatos batendo no piso de carvalho claro.

Repassei mentalmente a lista de fatos que memorizei sobre Amelia, da verificação de antecedentes inicial que fiz sobre ela quando recebi esta tarefa:

- Aos trinta e quatro anos. Gerente da casa
- Graduou-se na Universidade de Durham com bacharelado em Administração e Gestão de Empresas, seguido de mestrado em Finanças
- Trabalhou para os Verdes durante dez anos, período em que conheceu Henry Harris, chefe de segurança residencial
- Casados há seis anos. Sem filhos.

Verificações de antecedentes não me dizem tudo o que preciso saber sobre uma pessoa, mas, pelo que vi até agora, Amelia parece estar bem. Pela breve conversa que tivemos quando cheguei e pela comunicação anterior, ela parece se importar genuinamente com os Greens. Enquanto isso continuar, ela será uma ajuda valiosa para manter Daphne Green segura.

Dafne Green.

Quando fiz uma verificação de antecedentes sobre ela, não fiquei surpreso com o que vi:

- Aos dezessete anos. Filho único de George Green
- Formou-se no internato Le Rosey há três semanas, como a primeira da turma. Ingressa na Universidade de York no outono. Estuda Obstetrícia.
- Muito querida entre seus colegas e professores

*A princesa do povo.*

O que a verificação de antecedentes não mencionou é que ela é quase definitivamente uma filhinha mimada e presunçosa do papai, que nunca ouviu a palavra "*não*". Essa garota é filha única de um dos homens mais ricos da Inglaterra. Não há mundo onde eu não esperaria que ela fosse uma pirralha.

Já sinto a espinha tensionar com o encontro iminente, enquanto passamos por foto após foto dela em várias competições, sempre segurando o troféu do primeiro lugar. ou medalha. Mas eu sabia no que estava me metendo quando aceitei esta tarefa.

A única vantagem de casos como esse é que eles quase sempre apresentam baixo risco e passam rápido, então a resolução deve ser rápida.

Enquanto continuamos a caminhada em direção ao escritório de George, lembro-me da reunião que tive com ele há uma semana.

"Sr. Green, prazer em conhecê-lo", Andy fala arrastadamente com seu sotaque sulista carregado do Tennessee. "Sou o Major Andy Davis e este é o Agente Especial Milosh Petrov."

Pelas fotos que vi de George Green, eu esperava que ele fosse mais baixo. Nas fotos, calculei sua altura em 1,78 m, mas olhando de perto, ele é apenas alguns centímetros mais baixo do que eu, o que o coloca em torno de 1,85 m ou 1,85 m. Ele é um homem negro de aparência amigável, com cabelo curto, levemente grisalho nas pontas, e um bigode ralo que compartilha as mesmas características grisalhas. Seu terno justo revela uma constituição forte e relativamente musculosa, que eu não consegui ver em nenhuma de suas fotos. Clientes com uma constituição física boa e forte são sempre prestativos. Uma pessoa a menos para se preocupar.

"Prazer em conhecê-lo, Sr. Green", digo, apertando sua mão estendida.

— Vocês também, senhores. — Ele gesticula para que nos sentemos. — Bem, desculpem a franqueza, mas do que se trata? Tenho muito trabalho para fazer.

Andy assente e se senta. — Como mencionei ao telefone, eu e o Agente Especial Petrov fazemos parte de uma força-tarefa conjunta com o Exército, o FBI, a Interpol e a Agência Nacional de Aviação Civil (ANC) que trabalha para dismantelar uma organização internacional chamada Daveeno. Temos monitorado qualquer movimentação que possa estar conectada a eles e, quando recebemos a notícia da ANC sobre a sua invasão, considerando que você trabalhou com o MI6 no auge da crise da Daveeno... acreditamos que as invasões ao seu escritório possam estar conectadas.

George fica imóvel. "Por que você pensaria isso?"

"Você trabalhava para o MI6, mas saiu depois que sua esposa foi assassinada por um membro da Daveeno. E agora, nove anos depois, houve uma invasão no seu escritório e roubaram um dos seus antigos diários de trabalho? Sei que pode parecer absurdo, mas há uma chance de haver uma conexão."

George se mexe na cadeira. "Certo, então o que exatamente você quer de mim?"

Andy continua: "Gostaríamos de colocar o Agente Especial Petrov em sua casa para ficar de olho em tudo. A principal tarefa dele seria proteger sua filha, mas ele também estaria atento a qualquer potencial ameaça Daveeno."

George franze a testa, olhando para mim. "Você não é um agente de proteção pessoal qualificado. Por que eu confiaria em você para manter minha filha segura?"

'Senhor, o Agente Especial Petrov é um dos melhores jovens agentes que temos. Ele entrou para o exército mais jovem do que a maioria, aos dezesseis anos, e serviu por dois anos antes de ingressar em uma unidade de operações especiais. Ele protegeu sete congressistas americanos, garantindo a segurança deles quando foram atacados, e todos permaneceram ilesos. Garanto que ele é mais do que qualificado para proteger sua filha.

George suspira, batendo nervosamente a caneta na mesa. — Tudo bem. Pode ficar, mas não conte à minha filha quem você é ou por que está aqui. Não quero que ela se preocupe.

Concordo com a cabeça. — Claro, senhor. Para ela, serei apenas um agente de proteção pessoal que o senhor contratou por precaução.

"Espere aqui um momento enquanto informo o Sr. Green que você chegou." As palavras de Amelia me trazem de volta à realidade antes que ela continue pelo corredor em direção a uma porta de madeira de aparência pesada. Ela bate e coloca a cabeça para dentro do batente.

Depois de uma conversa inaudível, ela fecha a porta e volta para onde eu estou, no corredor. "Entre, Milosh", diz ela com um sorriso gentil, gesticulando em direção à porta.

Ao entrar, dou uma rápida olhada no ambiente – uma grande lareira e uma área de estar ocupam o lado esquerdo, com janelas georgianas do chão ao teto alinhadas na parte de trás, com vista para o quintal. À minha direita, noto uma extensa coleção de livros, com o que parecem ser edições antigas demais para contar.

O quarto é decorado com uma variedade de pinturas impressionantes e móveis imponentes. Se dinheiro tivesse cheiro, seria este: almíscar e couro desgastado. Quando vou fechar a porta atrás de mim, noto um quadro da Srta. Green pendurado na parede. Ela parece significativamente mais jovem aqui do que em qualquer uma das fotos do corredor, mas seu ar de realeza ainda é o mesmo.

No centro da sala, George está sentado em uma mesa de mogno resistente, com um sorriso estranhamente ansioso no rosto.

Em frente a ele, de costas para mim, sentada no que parece ser uma cadeira muito desconfortável, está uma figura feminina: Daphne Green.

"Milosh, olá! Que bom finalmente te conhecer", exclama o Sr. Green, levantando-se para me cumprimentar e começando a charada. Não estou completamente feliz mentindo para a filha dele, mas, ei, ela não é minha filha.

"Prazer em conhecê-lo, Sr. Green", digo, encurtando a distância entre nós para apertar sua mão.

"Ah, por favor, me chame de George", ele insiste, apertando minha mão com firmeza. "Venha, sente-se, temos muito o que conversar. Esta é minha filha Daphne, que você vai proteger. Daphne, este é Milosh Petrov."

Ao me sentar na cadeira de couro vazia em frente à mesa de George, viro-me para a esquerda e encontro Daphne Green. Assim como a de George, a foto dela não capturava exatamente como ela é pessoalmente. No entanto, ao contrário de George, essa descoberta é extremamente inconveniente.

Pele morena, físico esbelto, olhos castanho-escuros e lábios carnudos. Seus cabelos negros caem suavemente em cascata pelas costas, impecavelmente retas.

Nas fotos, ela tinha uma presença majestosa. Pessoalmente, é quase avassaladora. Mesmo que eu esteja usando roupas comuns e ela pareça estar de pijama, de alguma forma me sinto malvestida só de sentar ao lado dela. "Senhorita Green", assinto, enquanto estendo a mão para cumprimentá-la.

"Sr. Petrov", ela responde, com a voz doce e gentil. Enquanto ela envolve sua mão macia e esbelta na minha, uma expressão de profunda confusão toma conta de seu rosto. "Sinto muito", ela pronuncia lentamente. "O senhor terá que me perdoar, mas eu não entendo direito. O senhor... o senhor é o guarda-costas?" Ela se vira para o pai. "Ele é o guarda-costas?"

"Agente de proteção pessoal", corrige George. "E, sim, Milosh será sua equipe de proteção em um futuro próximo."

"Perdoe-me, e sem desrespeito, Sr. Petrov, mas o senhor parece jovem demais para ser um guarda-costas qualificado", afirma a Srta. Green. "Quer dizer, não me entenda mal", continua ela, me analisando de cima a baixo, com o olhar pousando brevemente em meus antebraços. "O senhor parece muito capaz. Só estou um pouco confusa sobre como o senhor é a melhor pessoa para me proteger."

Ela se volta para George antes de continuar: 'Porque se essa ameaça é tão grande quanto você pensa, certamente preciso de uma equipe, ou pelo menos de alguém com mais experiência.'

'Milosh tem bastante experiência, Daph. Pelo que me lembro, ele serviu no Exército dos EUA por dois anos antes de se juntar a uma equipe de operações especiais. Ele protegeu um grupo de congressistas americanos, mantendo-os seguros quando foram atacados, o que lhe rendeu uma medalha de honra. E tudo isso antes de completar 20 anos. Ele é praticamente um herói americano. Isso resume tudo, Milosh?' George fica sentado ali, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo, embora eu não consiga entender por quê. Não é como se ele estivesse lá comigo.

"É isso mesmo, senhor", respondo.

— Então, respondendo à sua pergunta — George continua para a filha —, contratei o Milosh porque ele tem um histórico comprovado de discrição e é mais do que capaz de te proteger. E, como um bônus, como vocês têm quase a mesma idade, se vocês saírem, a presença dele não chamará atenção. Quero que esta situação te afete o mínimo possível. Você precisa estar por aí curtindo a vida.

"Desculpe, senhor, o senhor quer dizer que a Srta. Green deve continuar com sua vida normal durante esse período? Enquanto a ameaça não foi devidamente compreendida?"

Os dois me olham, Daphne claramente mais horrorizada que o pai. O Sr. Green me observa em silêncio, com um tom um pouco mais cauteloso ao acrescentar: "Dentro do razoável, é claro."

Daphne se mexe e bufa baixinho. O Sr. Green não percebe, mas é o tipo de coisa que fui treinada para perceber enquanto seu peso se desloca de uma coxa para a outra e seus olhos percorrem o quarto, implorando por uma saída.

Ela não protesta como eu esperava. Para ser sincero, achei que já ia ter um ataque de raiva ou algo assim. Os congressistas agiram com mais autoridade do que ela. Depois de respirar fundo algumas vezes, ela olha para cima e sorri para mim.

— Bem, obrigado, Sr. Petrov. Gostei de saber mais sobre suas credenciais. Estou ansioso para trabalharmos juntos.

Ela parece uma contadora de trinta e poucos anos, com uma hipoteca para pagar e filhos para alimentar. Mas é melhor assim do que uma criança chorona de seis anos. "Milosh está ótimo, Srta. Green."

Ela sorri educadamente, acena brevemente com a cabeça e então ignora completamente o que eu acabei de dizer. "Bem, Sr. Petrov, como as apresentações parecem ter terminado, vou deixá-lo conversando com meu pai enquanto tomo meu café da manhã." Ela se levanta da cadeira e se inclina sobre a mesa para dar um beijo na bochecha do pai antes de recuar em direção à porta.

Assim que as dobradiças se fecham, George começa a falar novamente, e sua alegria se esvai imediatamente. "Só um lembrete, Sr. Petrov, não quero que minha filha pense que

isso não passa de um pai superprotetor tentando manter a filha segura. Ela não precisa saber sobre o diário." Ela não precisa saber dos detalhes de nada disso. Entendeu?

'Sim, senhor.'

"Brilhante. Agora, deixe-me apresentar o resto da equipe."

### 3

#### *Dafne*

"Ele é jovem."

"Você é jovem", diz Amelia, erguendo brevemente os olhos do laptop enquanto Josh, um dos nossos cozinheiros, coloca meu café da manhã na minha frente.

— Obrigada, ficou lindo. — Dirijo minhas palavras a Josh, com um sorriso, e então olho novamente para Amelia. — Sim, sou jovem, mas sou a protegida. Não preciso ser velha.

"Protegida?", Amelia ri. "Isso existe mesmo?"

"Ele é o protetor, o que me torna, por extensão, o protegido. Faz todo o sentido." Dou de ombros. Estou sentado na cozinha principal, em cima de um banco de bar em frente à ilha, enquanto Amélia está curvada do outro lado, comendo um lanche enquanto termina um trabalho. Normalmente, tomo meu café da manhã sozinho na sala de jantar, mas depois daquela reunião, não quis ficar sozinho com meus pensamentos, então fui até a cozinha conversar com ela.

"Qual é o problema real que você tem com ele, Daph?", pergunta Amelia enquanto fecha o laptop e volta toda a sua atenção para mim.

— Não sei — resmungo. — A questão é que eu entendo por que o papai está fazendo tudo isso, entendo mesmo. Mas eu simplesmente não quero um guarda-costas, Meelie. — Dou uma mordida nos meus ovos. — E, quer dizer, sei que parece ruim, mas no futuro próximo terei alguém que *não conheço* — enfatizo bastante esse ponto — me seguindo por toda parte. E eu não queria contar nada disso ao papai porque, bem, você viu a cara do homem ultimamente? Ele parece estar em constante estado de estresse, do momento em que acorda até o momento em que vai dormir. Não posso ser uma pirralha se isso lhe trazer alguma paz de espírito.

"Ei, Josh, quer café da manhã para mim?", Henry pergunta ao entrar na cozinha, sorrindo ao ver Amelia.

"Por que eu não pude ter o Henry?", pergunto a Amelia enquanto ele se aproxima por trás dela e lhe dá um beijo no pescoço, envolvendo seus braços fortes em volta da cintura dela.

Conheço o Henry desde os meus cinco anos e a Amelia desde os sete. Muitos dos meus amigos também têm funcionários, mas não interagem tanto com eles quanto eu. Como meus pais sempre trabalhavam quando eu era mais nova, passei mais tempo com o Henry, a Amelia e os outros, então nos acostumamos muito bem juntos ao longo dos anos.

'Ah, estamos falando do novo guarda-costas do Daph?', Henry pergunta, passando de Amelia para Josh, com o prato na mão.

— É — Amelia ri. — Hen, você pode, por favor, dizer à Daphne que isso é uma boa ideia e que ela precisa parar de se preocupar com tudo isso?

— É, Daphne, vai ser divertido. — Henry dá um sorriso irônico e se senta ao meu lado. — Pare de se preocupar com isso.

"Você já o conheceu?", pergunto, ignorando completamente os dois.

"É, o George acabou de me apresentar a ele. Ele está com os outros agora." Quando conheci o Henry, ele era o nosso único segurança, mas com o passar dos anos se tornou chefe de segurança e agora gerencia outros três homens – um segurança diurno e dois noturnos.

'Certo... Bem, o que você achou dele?'

— A questão não é o que *eu* pensava dele. — Henry levanta os olhos da comida, com o mesmo sorriso irritante no rosto. — É o que *você* pensava dele, Daphne.

"Achei que ele parecia...", minha voz se interrompe, lembrando-me de momentos atrás, quando eu estava sentada no escritório do papai quando o Sr. Petrov entrou. Ele era mais alto do que eu esperava, com cabelos castanho-escuros, quase pretos, mais longos no topo e mais curtos nas laterais. Bronzeado suave, olhos verdes, sobrancelhas grossas e escuras, nariz marcante e maxilar ainda mais marcante, vestido com calças cargo pretas, botas e uma camiseta preta de manga curta, ele entrou no escritório com um ar de dominação e... afirmação. Sua voz era grave, com um sotaque americano que sugeria algo mais, talvez eslavo. Ele não disse muita coisa, mas quando falou, falou com muita convicção e propósito. "...profissional." Finalmente me decidi, antes de pigarrear e voltar à conversa em andamento. "Ele parecia profissional."

'Só isso?', Henry pergunta, com seu sotaque cockney brilhando. 'Só profissional?'

"O que exatamente o senhor quer que eu diga, Sr. Harris?"

"Quero que você me diga como realmente se sente, e não faça aquilo que você faz com calma, compostura e maturidade."

— Na minha opinião, Daph — interrompe Amelia, sorrindo suavemente —, acho que ele parece legal. Bem treinado e discreto. E esses são dois dos atributos mais importantes que você precisa em um guarda-costas.

— Sim. Concordo — acrescenta Henry. — Bem treinado e discreto é ótimo. E, quero dizer, não faz mal que ele pareça um jovem Capitão América com a melancolia do Bruce Wayne.

— Eu concordo, mas achei que ele fosse mais como Clark Kent. — Amelia concorda, pensativa.

'Espera aí, estamos falando de habilidade ou aparência física?', pergunto.

Ei, se você não pode vencê-los, junte-se a eles.

"Não sei", Henry inclina a cabeça. "O que *você* acha, Daphne?" Tanto Amelia quanto Henry têm a mesma expressão irritada. Eu realmente entendo por que eles são casados.

— Acho que meu pai contratou o Sr. Petrov por sua habilidade. — Olho fixamente para os dois. — Não por sua aparência física.

'Sim, é verdade, mas seu pai também contratou Henry por sua habilidade e não por sua aparência física, e agora veja onde estamos.' Amelia olha para Henry e de repente sinto como se estivesse interrompendo alguma coisa.

Henry e Amélia se conheceram quando ela se juntou à família, dois anos depois dele. Desde o momento em que Henry a viu, ele a encarou com uma adoração que nunca vacilou por um segundo.

Depois do que pareceu uma eternidade de flertes constantes, olhares furtivos e toques demorados e desnecessários, eles decidiram sair para um encontro, e nunca mais olharam para trás.

Observando o amor deles crescer e se aprofundar ao longo dos anos, vendo a maneira como Henry a trata, decidi nunca me contentar com menos.

Se não for como o amor de Amelia e Henry Harris, eu não quero.

"Foi a melhor decisão que já tomei, aceitar esse emprego." Os olhos de Henry suavizam quando ele estende a mão e puxa o braço de Amelia, gesticulando para que ela se aproxime dele.

"Concordo", sussurra Amelia enquanto ele segura seu rosto, puxando-a para um beijo.

Com Amelia medindo 1,68 m, lindos olhos castanhos, pele bronzeada e cabelos castanho-claros macios, e Henry com sólidos 1,90 m, traços esculpidos, braços fortes – um deles com uma manga tatuada – e cabelos castanhos e fofos, eles formam um casal absolutamente deslumbrante. Mas isso não é desculpa para as demonstrações públicas de afeto constantes. Você pensaria que ele teria acabado de voltar da guerra, considerando a forma como os dois se comportam sem parar.

Eu *amo* o amor e tudo mais, mas eu poderia viver sem que ele fosse enfiado na minha cara constantemente.

Levanto-me e saio rapidamente da cozinha, fazendo sinal para Josh fazer o mesmo, quando bato em uma parede quente.

"Senhorita Green."

— Ah, Sr. Petrov, desculpe, não o vi. — Eu me recomponho rapidamente enquanto ele fica parado ali, com as mãos nos bolsos, parecendo tudo menos impressionado. — Já terminou com meu pai?

— Sim, ele me disse para encontrar você ou a Sra. Harris para me mostrar o meu quarto. — Olho para baixo e vejo sua mochila na mão, depois olho de volta para a cozinha e vejo Amelia ainda entretida com Henry.

'A Amélia está um pouco... preocupada agora, então posso te mostrar o seu quarto e te mostrar a casa, se quiser. Você tem mais alguma bagagem?', pergunto. Sua mochila A bolsa é pequena... e preta... e triste. Parece que mal caberia tudo o que eu preciso para uma noite fora.

"Não, é isso."

'Sério? Tudo o que você precisa para o futuro próximo está nessa bolsa?'

"Hum, hum."

— Ah. — Faço uma pausa e olho novamente para a sacola. — Tem certeza? É uma sacola muito pequena.

"Sim, Srta. Green, tenho certeza", ele diz lentamente, seus olhos examinando brevemente meu corpo.

— Tudo bem, então. — Sorrio educadamente, pigarreando e me empertigando enquanto aperto um pouco mais o robe, tentando não murchar sob o olhar dele. — Siga-me e começaremos pelo primeiro andar.

## MILOSH

"Temos quatro andares no total", afirma Daphne enquanto começamos a subir a grande escadaria, com o cabelo balançando atrás de si enquanto se vira para me olhar. "Porão, térreo, primeiro andar e segundo andar. Os quartos dos funcionários que moram no prédio ficam no segundo andar, enquanto os meus, os do meu pai e alguns dos quartos de hóspedes ficam no primeiro andar."

"Vou precisar de uma planta da propriedade, plantas e acesso a todas as câmeras de segurança, códigos e chaves", digo a ela. "Também preciso de uma lista das pessoas que têm acesso a esta casa, de todos os funcionários e da frequência com que entram e saem."

— A Amelia pode providenciar tudo isso para você. Vou te mostrar onde fica o escritório dela daqui a pouco, depois você pode passar por lá mais tarde e ela resolve isso.

Paramos no topo da escada ao nos aproximarmos do primeiro conjunto de quartos. Assim que Daphne vai abrir o que presumo ser o seu quarto, uma mulher com aparência de rato aparece, saindo pela porta oposta, segurando uma cesta cheia de produtos de limpeza.

— Bom dia, Charlotte. — Daphne sorri calorosamente.

— Bom dia, Srta. Green. — Ela sorri de volta, seus olhos se alternando entre mim e Daphne. — Estou apenas arrumando este quarto de hóspedes para o nosso visitante, a pedido do seu pai. Estou quase terminando. Só preciso pegar algumas toalhas e arrumar a cama, depois você pode mostrar a ele.

— Ah. — O choque na voz de Daphne é evidente, mas ela se recupera rapidamente. — Certo, obrigada, Charlotte, isso é ótimo. — Ela se vira para mim. — Vou te mostrar meu quarto primeiro, enquanto ela termina. Depois você pode ir desempacotar suas coisas.

Ela abre uma porta e revela um quarto amplo, limpo e feminino, com paredes creme, móveis claros e janelas amplas com vista para a entrada da garagem na frente da casa. Sua cama está impecavelmente arrumada, com inúmeras almofadas decorativas rosa e creme e uma mesa de cabeceira de cada lado. Um buquê de rosas brancas repousa sobre uma delas e, na outra, alguns livros e um despertador. Em frente às janelas, há um pequeno sofá creme com ainda mais almofadas.

*Quem precisa de tantos travesseiros?*

*O que você faria com elas?*

"O camarim é por aqui", diz Daphne enquanto abre outra porta e cruza a soleira. Eu a sigo até uma sala um pouco menor, cuidadosamente abarrotada de roupas ridículas. Uma quantidade enorme de roupas, sapatos e bolsas. A penteadeira ao longo de uma das paredes é meticulosamente organizada, com uma coleção de perfumes de aparência cara

meticulosamente exposta em um suporte em camadas de um lado e uma elegante caixa de joias almofadada do outro. Entramos no banheiro dela, que se conecta ao quarto e ao closet. Acho que é o maior banheiro que já vi e tem o mesmo tema rosa-claro dos outros dois cômodos – elegante, sofisticado e clean.

Ela está usando um pijama rosa, tem muitas roupas rosa em seu camarim e há detalhes decorativos rosa por toda parte.

*Ela gosta de rosa. Entendi.*

"Como suas janelas abrem?", pergunto enquanto voltamos para o quarto.

— Hum, pela trava lá em baixo. É só girar e empurrar. — Ela vai se sentar na ponta da cama enquanto eu verifico a firmeza do vidro e das travas.

'Alguma dessas portas tem fechadura?'

'Sim, o banheiro tem fechadura por dentro e a porta do meu quarto tem chave, mas o camarim não tem fechadura, exceto a porta de entrada do banheiro.'

"Vou precisar de uma cópia das chaves da porta do seu quarto principal", digo, virando-me para encará-la. Observo-a enquanto ela puxa delicadamente a gaveta da mesa de cabeceira mais distante de mim, com o cabelo caindo momentaneamente no rosto antes de... ela delicadamente o coloca atrás da orelha.

"Aqui está", diz Daphne, colocando a chave de latão na minha palma. Um pequeno choque passa por nossas mãos quando seus dedos roçam nos meus, o que ela claramente sente também, ao recuar rapidamente.

Ela desvia o olhar, um pouco perturbada. "São os tapetes."

"Como?", pergunto.

"O choque elétrico. É causado pela estática nos carpetes."

— Hum. — Concordo com a cabeça enquanto guardo a chave em um dos bolsos. Meus olhos percorrem seu rosto, seu pescoço, parando nas clavículas, onde consigo ver o sobe e desce de sua respiração ofegante. Olho para ela novamente e encontro seus olhos na minha boca. Minha língua se projeta para umedecer meu lábio inferior e ela olha para cima, encontrando meus olhos. Ela abre os lábios, prestes a dizer algo, quando ouvimos uma batida suave na porta. Nós duas nos viramos para olhar enquanto a garota-rato Charlotte inclina a cabeça para dentro da porta.

Seus olhos se movem entre mim e Daphne novamente, antes de esboçar um sorriso tímido. "O quarto de hóspedes está pronto, Srta. Green."

Ótimo. Obrigada, Charlotte. Daphne sorri. Charlotte acena uma vez antes de fechar a porta, deixando apenas eu e Daphne novamente. Observo-a calçar um par de chinelos que está aos pés da cama antes de olhar para mim. "Deixe-me mostrar seu quarto, Sr. Petrov."

"Milosh", corrijo.

Quando atravessamos o corredor para o quarto de hóspedes, Daphne gira a maçaneta da porta, usando seu peso para empurrá-la. Como ela não se move, eu me aproximo dela, coloco a mão na madeira logo acima de sua cabeça e a empurro para ajudá-la a sair. A porta se abre, mas por um instante permanecemos paralisados na soleira. Tão perto, consigo sentir seu doce e inatamente feminino aroma. Ela cheira a uma mistura de flor de laranjeira e marshmallows.

*Ótimo.*

Então ela não só parece uma princesa e fala como uma, como também cheira como uma.

Recuperando-me do meu óbvio mau funcionamento cerebral, pigarreio para me concentrar novamente e passo por ela para dentro do quarto.

Colocando minha mochila no pufe macio em frente à cama, dou uma olhada rápida em onde ficarei no futuro próximo. Este quarto é bem mais neutro que o de Daphne, com paredes creme, móveis em marrom e bege e detalhes em madeira escura. Há algumas obras de arte penduradas nas paredes, e as pesadas cortinas do chão ao teto estão abertas, revelando grandes janelas com vista para o enorme quintal dos Greens. A cama tem lençóis brancos impecáveis e uma quantidade abundante de travesseiros em cores neutras. Não tantos quanto Daphne, mas ainda mais do que o necessário.

'O banheiro é por aqui.' Daphne gesticula, caminhando graciosamente para o banheiro. 'Toalhas extras estão no guarda-roupa. São trocadas a cada dois dias. É só deixá-las no gancho aqui e a Charlotte vai buscá-las.'

Concordo com a cabeça enquanto observo o banheiro. É menor que o da Daphne, mas maior do que qualquer coisa que já tive. Tanto este cômodo quanto o quarto têm a mesma atmosfera do resto da casa. Clássico e elegante misturados com pequenos toques modernos. A casa inteira grita dinheiro sem esforço, incluindo as pessoas que moram nela.

A questão é que eu já vi dinheiro antes. Os congressistas que protegi eram ricos, mas não chegavam nem perto da riqueza dos Verdes. Eu não ficaria surpreso se uma daquelas almofadas ridículas custasse mais do que a minha roupa.

*Sai da frente dos travesseiros, Milosh.*

Voltando a me concentrar na segurança, verifico a resistência das janelas e procuro ao redor por qualquer coisa que possa ser usada como arma, se necessário. Satisfeito com minha avaliação, viro-me e encontro Daphne na porta, com a cabeça inclinada e uma expressão curiosa no rosto.

'Onde posso encontrar as chaves do guarda-roupa e da porta?'

— As chaves do quarto normalmente ficam guardadas em uma das mesas de cabeceira — ela responde depois de um instante, virando-se e indo até a gaveta mais próxima para verificar. Assim que pega as chaves, sua mão macia encontra a minha e as coloca na minha palma, no momento em que seus olhos cor de chocolate se erguem para encontrar o meu olhar. Uma parte louca de mim quer passar o polegar em seu lábio inferior carnudo, só para ver se é tão macio quanto parece, mas eu me contenho e me contento em guardar as chaves em outro bolso, mantendo minha mão lá para me impedir de fazer alguma besteira. Ela observa o movimento fluido, seus olhos percorrendo meu braço e pousando em meu bíceps. Depois de alguns momentos de silêncio, pigarreio.

"Você, hum, gostaria de desfazer as malas agora ou prefere fazer isso depois que terminarmos o passeio?", ela sussurra, olhando para mim novamente. Sinto um aroma fresco de flor de laranjeira e marshmallow dela e imediatamente me decido.

"Depois eu faço isso. Vamos terminar o passeio." Preciso me recompor e terminar logo esse passeio. Quanto mais rápido eu terminar o passeio, mais rápido poderei criar a distância necessária.

Nossa. Só conheço a garota há duas horas.

Realmente muito inconveniente.

## 5

### *Dafne*

Enquanto me sento na minha cômoda para me preparar para dormir, percebo que não chequei meu celular o dia todo. Percorro notificação após notificação e decido abrir todas as mensagens não lidas da minha prima Isabella.

**Isabela**

12h42

Pergunta importante: que vestido você vai usar hoje à noite? Estou pensando em usar meu vestido branco da Zimmerman, ou é muito casual?

12h43

Espera, não posso usar branco em uma festa de noivado. 🤡Ok, vou usar o maxi azul Alexander McQueen com os Rene Caovillas prateados.

19h15

Cam nos sentou juntos, aliás, estamos na mesa três. Para quando você chegar aqui x

20h03

Azul definitivamente foi a ideia certa, Cam é o único que veste branco, ahaha

20h57

Camilla perguntou onde você está, então eu disse a ela que você está atrasado. Quando você acha que chega aqui?

21h45

Olá, Terra para Daphne... onde você está? Aconteceu alguma coisa?

22h03

Ai, meu Deus, DAPHNE. A BOLSA DA tia Harriet ACABOU DE ESTOURAR.

NO. MEIO. DOS. DISCURSOS.

**Meu**

22h45

PARAR.

SEM CHANCE!

**Isabela**

22h49

Sim, eles saíram há uns vinte minutos. Não sei como o tio Jonathan conseguiu ficar tão calmo, a vovó estava uma bagunça. 🤦

**Meu**

22h51

Ah, estou tão chateada por não poder estar lá. 😞 Queria ir hoje à noite, mas papai cancelou no último minuto.

**Isabela**

22h55

Espera, então você não vai mesmo? Eu não sabia se você estava planejando alguma coisa estranha e estilosa para chegar tarde, rs.

Por que o tio George cancelou?

Meus dedos param sobre o teclado do telefone, me perguntando o que devo dizer. Devo contar a ela sobre Milosh? Devo contar a ela sobre a invasão no escritório do papai? Mesmo sendo minha prima mais próxima, Bella é péssima em guardar segredos, e meu bom senso me diz que isso é importante demais para compartilhar. Meu telefone vibra novamente, mas eu o coloco com a tela para baixo na minha cômoda, sobrecarregada com toda a situação.

Abro o fecho do colar que escondi debaixo das roupas o dia todo e coloco o medalhão na palma da mão. O ouro fosco cintila e o desenho em filigrana reluzem sob a luz. Instintivamente, abro o medalhão, revelando fotos desbotadas minhas sozinha de um lado e eu e minha mãe do outro.

De alguma forma, ao longo dos anos, isso se tornou minha rotina noturna: cuidar da pele, trocar de roupa, ficar obcecada morbidamente por uma joia que pertenceu à minha mãe, ler alguns capítulos do meu livro e depois ir para a cama.

Abro uma das gavetas da minha cômoda, revelando algo parecido com um santuário feito com seus pertences e fotos antigas de família.

Seguindo minha rotina, coloco o colar em um prato de ouro ao lado de todas as suas outras joias e pego seu antigo frasco de perfume. Ao levá-lo ao nariz, a fragrância me transporta de volta ao tempo em que ela ainda estava aqui. Seu cheiro sempre foi tão distintamente dela. Quente, mas fresco, limpo, mas doce.

Ela tinha o cheiro das minhas lembranças. Aconchegante, mas distante.

Depois que morreu, Amélia costumava borrifar seu perfume no meu travesseiro à noite para me ajudar a dormir. Quando começou a acabar, comecei a procurar um substituto. Não consegui encontrar, então levei uma pequena amostra a um perfumista para que o reconstruíssem, mas nunca mais teve o mesmo cheiro. Então, nos últimos anos, tenho... estava racionando o restante de seu perfume, não querendo que sua memória desaparecesse com o cheiro.

Pego minha foto favorita de nós dois em família e sorrio fracamente. Era meu quinto aniversário e estávamos na minha festa à fantasia. Eu estava sentada à mesa, soprando as velas de um bolo quase do meu tamanho, com meus pais atrás de mim. Minha mãe estava vestida de Princesa Tiana, eu de Bela Adormecida e meu pai de Robin Hood, como se ele não fosse o homem de quem Robin Hood provavelmente roubaria.

Ouçó uma batida fraca na porta do meu quarto principal, então fecho a gaveta, escondendo rapidamente as lembranças da minha mãe, e olho para o meu relógio. 23h04 Charlotte já arrumou minha cama há uma hora, então quem está batendo tão tarde?

Girando a fechadura da gaveta, saio do meu camarim e abro a porta principal para encontrar meu pai parado ali, parecendo exausto como sempre, mas sorrindo calorosamente para mim mesmo assim.

"Eu só queria dizer boa noite, querida", ele diz, parado na porta.

— Sim, essa é definitivamente a única razão pela qual você está aqui. — Sorrio, abrindo mais a porta para deixá-lo entrar.

"Quería saber como você está depois de hoje?" Ele se aproxima e se joga na poltrona de leitura macia. ao lado da janela enquanto me sento na ponta da cama para encará-lo.

"Estou indo bem, sério."

Ele levanta uma sobrancelha.

"Vai levar um tempo para me acostumar, só isso", tento dizer.

'Pense nele como outro Henry da casa, só que mais próximo da sua idade.'

"E proximidade", murmuro baixinho.

"Sei que não é o ideal, mas tem que ser feito. Tenho certeza de que estou me preocupando à toa e que isso vai passar logo", ele argumenta. "Ei, a Isabella te contou o que aconteceu hoje à noite na festa de noivado?"

'É, a bolsa da tia Harriet estourou! Que loucura, né?'

"Eu disse para ela ficar em casa, mas é claro que ninguém quer me ouvir." Ele dá um suspiro falso.

"Para ser justo, o tio Jonathan provavelmente estava dizendo a mesma coisa." Dou de ombros e ri levemente.

— Sinto muito que você tenha perdido, querida. Mas, ei, se te faz sentir melhor, posso comprar um desses simuladores de parto e podemos experimentar comigo e com o Henry para ver quem aguenta mais tempo?

'Meu Deus, SIM. Compre imediatamente.'

Nós dois rimos, e acho que é a primeira vez que vejo meu pai relaxar em semanas. Mas dura pouco, pois depois de um momento, seus ombros caem novamente e seu rosto fica sério e um pouco sombrio.

"Daphne, querida. Desculpe perguntar..." Ele faz uma pausa, evitando meu olhar. Espero que ele termine a pergunta, com a tensão subindo pela minha espinha.

*E agora?*

'Eu queria saber se você viu algum colar em algum lugar da casa?'

— Eu tenho muitos colares, papai. Preciso que você seja um pouco mais específico — respondo, sabendo muito bem a qual colar ele está se referindo.

— Claro, claro — ele diz, ficando cada vez mais nervoso. — É um colar de ouro com um medalhão.

"Você está falando do antigo medalhão da mamãe?" Quando a palavra "mamãe" sai da minha boca, ele se encolhe levemente.

"Sim", ele responde docilmente. "É esse mesmo."

— Por quê? Perdeu-se? Não sabia que era valioso para você — digo secamente.

Nunca mais falamos sobre minha mãe, mas não por falta de esforço da minha parte. Eu tinha acabado de fazer nove anos quando meu pai entrou no meu quarto, sentou-se na minha cama e, sem emoção, me contou a notícia de que minha mãe havia se afogado no lago perto de casa. Naquela idade, eu entendia o conceito de morte, mas não compreendia realmente suas consequências. Levei meses para aceitar o fato de que minha mãe não tinha apenas feito uma longa viagem de trabalho, ela tinha nos deixado para sempre.

Depois daquela conversa, toda vez que eu a mencionava, papai mudava de assunto deliberadamente. Em vez de nos ajudar a lidar com a dor, meu pai me incentivou a ter ainda mais hobbies extracurriculares e garantiu que eu tivesse aulas extras de natação para não ter medo da água. Sei que cada um lida com o luto de uma maneira diferente, mas dói ter apenas a Amélia para conversar sobre ela. E eu nem consigo fazer isso direito porque Amélia conheceu minha mãe por pouco tempo antes de ela morrer. Na tentativa de manter sua memória viva, peguei coisas dela ao longo dos anos: roupas, joias, fotografias, o que explicaria a gaveta. Eu queria poder falar abertamente sobre ela com meu pai, mas toda vez que tento, ele me cala. E toda vez que ele me cala, meu ressentimento cresce.

— Está — ele diz, sentindo minha crescente frustração. — Perdida, quero dizer. Eu acho.

"Ah, que pena."

— É, s-sim. É sim. — Ele se mexe na cadeira, evitando contato visual.

"E quando exatamente você percebeu que ele estava perdido?"

'Hum, b-bem', gagueja meu pai, sem desculpas. 'Sabe, cerca de duas semanas atrás.' Ele finalmente olha para dentro meus olhos. "Mais ou menos na hora em que você voltou da escola." Agora eu sei que ele está mentindo.

Quando eu tinha 11 anos, estava brincando no escritório do meu pai enquanto ele estava com o personal trainer no porão. Eu estava abrindo e fechando todas as gavetas da mesa dele quando notei que uma gaveta se movia de forma diferente das outras e tinha o fundo muito mais escuro.

Tirei todo o conteúdo, abrindo-o completamente e revelando um fundo falso que escondia um monte de documentos e uma pequena caixa de veludo. Ao abrir a caixa, vi o medalhão de ouro da minha mãe. Dias, noites, treinos, casamentos, minha mãe sempre usaria aquele colar. Ele despertou uma lembrança dela que eu havia esquecido há muito tempo. Coloquei o colar no bolso, cuidadosamente devolvendo todo o resto ao lugar onde o encontrei, e o guardei desde então.

'Papai, para de mentir. Está desaparecido há anos, então por que você precisa dele agora? Por que o interesse repentino nos pertences da mamãe? Antes disso, você não conseguia correr o suficiente sempre que eu a mencionava, quanto mais pedir para ver as coisas dela.'

"Você está com ele? Você está com o colar?" Ele me olha com uma estranha mistura de pânico e alívio. Ignorando completamente tudo o que eu acabei de dizer, é claro.

'Não.'

'Daphne, vamos lá. Seja razoável. Só me dê o colar', ele diz, com a raiva aumentando.

Não consigo evitar o riso. "Então, deixa eu ver se entendi. Você não pode compartilhar memórias da minha mãe comigo, nem falar sobre ela, mas tudo bem entrar no meu quarto e exigir que eu te dê algo dela, algo que *eu não tenho*", eu digo, "quando você claramente não se importa com isso há seis anos?"

— Você pegou o colar dela, Daphne. É por isso que você sabe tanto sobre ele.

— Você tem razão. Eu peguei. — Dou de ombros. — Mas perdi há dois anos.

"O quê? Você perdeu?" Seus olhos se arregalam de horror enquanto o volume da voz aumenta.

'Essas são realmente as palavras que saíram da minha boca, sim.'

'Como?'

'O que?'

"Como você o perdeu? Onde você o perdeu?", ele pergunta, sua expressão começando a me deixar nervoso.

"Lembra quando eu caí do cavalo novo no estábulo? Eu estava usando ele e ele caiu na lama. Procurei, mas não consegui encontrar." Essa parte era verdade, mas o que eu esqueci de mencionar é que eu finalmente o encontrei depois de um pequeno colapso.

'Oh, ótimo', papai murmura enquanto se levanta e começa andando de um lado para o outro no meu quarto.

'Papai, o que esse colar tem de tão importante? Por que você está tão preocupado com ele?'

"Não é para você se preocupar, Daphne."

— Bem, é claro que sim, se está te estressando e te deixando nervoso. — Levanto-me para tentar fazer com que ele me olhe. — Papai, por favor, só me diz o que...

'EU DISSE, NÃO SE PREOCUPE!' ele ruge na minha cara.

Eu recuo, tropeçando para trás e batendo a parte de trás das pernas na cama.

Estou chocado.

Meu pai raramente perde a paciência, muito menos comigo.

Sim, eu o pressionei, mas não entendo por que ele não me inclui em nada. Minha mãe, o trabalho dele, seja lá o que for, está lhe causando estresse. Eu poderia ajudá-lo, conversar sobre tudo com ele, mas ele simplesmente não deixa.

"Acho que está na hora de você ir embora", sussurro, meus olhos começando a lacrimejar.

'Daphne, eu—'

— Quando você conseguir ter uma conversa adulta — interrompo, indo até a porta — e respeitar meus limites o suficiente para não gritar na minha cara, pode vir falar comigo. Mas, por enquanto, gostaria que você fosse embora.

'Daph—'

"Boa noite, pai." Abro a porta e fecho os olhos, Torcendo para que as lágrimas não caiam até que ele saia do quarto. Espero até ouvi-lo sair do meu quarto e descer as escadas. Assim que ele sai, abro os olhos e as lágrimas vêm, turvando minha visão instantaneamente. Vou fechar a porta apenas para ver Milosh Petrov do outro lado do corredor.

*Timing perfeito, Sr. Petrov. Timing simplesmente impecável.*

Ele segura uma pasta de papel pardo e está prestes a entrar no quarto quando me vê. Ele para, parando momentaneamente na porta.

Argh, só consigo imaginar o que ele deve estar pensando agora. Ele provavelmente está horrorizado com minhas lágrimas e minha falta de decoro. Eu sei que ficaria se pudesse me ver. Sem encará-lo, fecho a porta, deito na cama e começo a chorar até dormir.

## 6

### *Dafne*

Acordo ofegante e olho para o relógio ao meu lado: 2h42. *Bem na hora.*

Sento-me e pego meu caderno de registro de sono para anotar o pesadelo. Tive muito menos pesadelos nos últimos anos, mas sempre é o mesmo, repetidamente.

Eu examino o ambiente ao meu redor e sigo minha rotina de tranquilização.

— Você está bem. Ninguém está tentando te machucar. Não tem ninguém no porão. Você está bem — murmuro enquanto saio da cama e calço meus chinelos.

Ao longo dos anos, desenvolvi uma espécie de rotina quando tenho esse pesadelo: acordo em uma poça deliciosa de suor, afirmo a mim mesma que foi apenas um pesadelo e vou até a cozinha principal pegar um copo d'água e alguns mirtilos. Esta noite, esse suor estava ainda mais delicioso do que o normal, então decido trocar a camisola por uma roupa limpa. Conjunto de duas peças de manga comprida. Arranco meu lenço de seda no processo, permitindo que meu cabelo caia em cascata pelas costas e respire, antes de começar a voltar ao estado cacheado.

Sentindo-me muito mais revigorado, finalmente desço as escadas.

Solto um suspiro quando me viro para entrar na cozinha e vejo Milosh parado ali, despejando leite em uma tigela de flocos de farelo sob a luz fraca.

*Claro que ele gosta de flocos de farelo, eles são os cereais mais sem graça que existem.*

"Sr. Petrov, o senhor me assustou", digo, levando a mão ao peito.

"Desculpe, Srta. Green", ele diz lentamente, com a voz grave e fria, indiferente. Ele nem se mexeu quando virei a esquina. Apenas manteve os olhos na tigela enquanto continuava a servir o leite.

Enquanto caminho até a geladeira para pegar o que preciso, dou uma olhada nele. Ele ainda está usando sua calça cargo preta e uma camiseta preta de manga curta, mas seu cabelo está levemente desgrenhado e bagunçado, como se ele estivesse passando as mãos nele sem parar.

*Gostaria de saber como seria passar minhas mãos por ele?*

Sim, não. Não vamos fazer isso.

Deixando esse pensamento de lado, concentro-me em procurar os mirtilos.

'O que você está fazendo lá embaixo tão tarde?' Eu pergunto, meu ofegante quando ele vem atrás de mim para devolver o leite para a geladeira.

"Não consegui dormir, então pensei que seria uma boa hora para dar uma olhada nos documentos que a Sra. Harris me deu", diz ele, com o braço roçando no meu enquanto se estica para pegar uma maçã. Tão perto, só consigo sentir o cheiro dele.

E é inebriante.

Qualquer fragrância que ele esteja usando é a mistura perfeita de frescor e masculinidade pura, sem esforço algum.

'Por que você não conseguiu dormir? Tem algo errado com a cama?'

— Não. Simplesmente não consegui dormir — ele afirma enquanto retorna à pilha de documentos espalhados no balcão da ilha, com uma maçã na mão.

'Ah, tá. Que bom.' Fecho a geladeira, pego uma tigela e começo a separar os mirtilos. 'Seu trabalho costuma te manter acordado à noite?', pergunto, tentando manter a conversa.

"Depende", é sua resposta de uma palavra.

'Depende de quê?'

'Não importa se estou trabalhando no exército ou... na iniciativa privada.'

"Qual você prefere?", pergunto, indo até a pia para lavar minhas frutas.

'Ambos têm prós e contras, mas parece haver muito mais vantagens em se tornar privado.' Eu me viro para olhá-lo só para descobrir que seus olhos já estavam em mim.

— Ah. — Pigarreei, sentindo de repente uma onda de calor percorrer meu corpo enquanto o fantasma de um sorriso irônico enfeitava seus lábios enquanto ele olhava novamente para a papelada à sua frente.

"Por que você estava chorando?", pergunta Milosh depois de alguns instantes.

'Perdão?'

"Por. Que. Você. Estava. Chorando?"

— Ah, hum... Meu pai e eu tivemos um pequeno desentendimento, só isso. — Sorrio tristemente.

"Ele te fez chorar?"

"Não, a situação me fez chorar", corrijo, tentando manter a expressão suave. Prefiro não estar falando sobre isso agora. Muito menos com um cara que conheci ontem.

'Por que?'

"Por quê?", pergunto, tentando manter o tom de voz calmo, mas falhando quando ouço um toque de exasperação.

'Por que a situação fez você chorar?'

Paro por um momento, tentando pensar na melhor maneira de responder àquela pergunta, sem deixar de retratar meu pai de forma positiva. "Bem, às vezes falar sobre minha mãe pode trazer à tona emoções bastante desagradáveis para meu pai."

Seus olhos me absorvem enquanto ele processa minha resposta. Viro as costas para ele e vou até o armário para pegar um vidro, apenas para descobrir que todos foram colocados na prateleira mais alta.

Claro que sim.

Tentando me erguer, estendo a mão, mas eles ainda estão bem fora do meu alcance. Tudo o que eu queria era pegar alguns mirtilos, água e voltar para a cama. Por que estou sendo punido?

'Senhorita Green, o que a senhora está fazendo?'

Eu bufo. "Estou tentando pegar um copo."

"Pare com isso, você vai se machucar." Seu tom entediado contrastava completamente com suas palavras preocupadas.

Viro-me para olhá-lo, e seu rosto de repente me irrita. "Sr. Petrov, se eu pudesse magicamente crescer um centímetro, eu cresceria, mas não posso, portanto não crescerei." Viro-me novamente para

encarar o armário e, depois de tentar novamente, decido pegar uma caneca da prateleira de baixo. Vai ter que servir.

Ao pegá-lo, sinto um calor me envolver e aquele aroma distinto, limpo e masculino invadindo meu nariz. Meu Deus, ele cheira bem.

Tão bom.

Mantenho o olhar fixo à frente enquanto Milosh se aproxima com facilidade, e minha respiração fica ofegante ao sentir seu peito roçando minhas costas enquanto ele pega o copo que eu estava pegando. Ele o coloca no balcão, mas não se move. Ele permanece com o rosto ainda roçando minhas costas enquanto seus braços me prendem.

— Não deixe ninguém falar com você desse jeito de novo. Sim? — ele ordena, em voz baixa e autoritária. Um arrepio indesejado percorre minha pele quando sinto sua respiração soprar em meu pescoço, minhas pálpebras se fechando enquanto me deleito com sua proximidade.

'Desculpe, do que você está falando?', pergunto depois de um momento, com a mente confusa.

"Não me importa se ele é seu pai, não deixe ninguém gritar com você. Você me entendeu?" Tudo o que posso fazer é concordar com a cabeça.

"Ótimo." Ele abaixa os braços e vai embora como se nada tivesse acontecido, enquanto eu tento me recompor, juntar minhas coisas e dar sentido a tudo isso.

'B-boá noite, Sr. Petrov', digo depois de encher meu copo e ir em direção à porta.

"Mmm", ele cantarola em resposta, sem tirar os olhos dos documentos.

Ao sair da cozinha em direção à escada, ouço um som arrastado vindo do escritório do papai. "*Por que todos estão acordados tão tarde esta noite?*", penso, parando perto da porta. Mas, quando estendo a mão para a maçaneta, a porta se abre, revelando um homem alto vestido de preto da cabeça aos pés.

"Oi, princesa", diz o homem, com um sorriso sinistro se espalhando pelo rosto.

'Sinto muito, quem é você e o que você estava fazendo em "O escritório do meu pai?"', pergunto, olhando ao redor em busca de uma saída rápida, se necessário. Tenho certeza de que ele é um novo membro da equipe que Amelia ainda não me apresentou, mas há algo estranhamente familiar nele, e simplesmente não consigo me livrar da sensação incômoda de que algo não está certo.

"Sou o novo guarda noturno", ele diz, enfiando as mãos enluvadas de couro nos bolsos.

Não há novos guardas noturnos. O único segurança novo é o Milosh. Então, por que eu o reconheço?

Então faz sentido.

O corte rente ao rosto. O porte alto. A barba curta e cheia. As mãos enluvadas.

Ele é o homem das imagens do circuito interno de TV.

Ele é o homem que invadiu o escritório do meu pai no trabalho.

Meu coração dispara quando ele inclina a cabeça e solta uma risadinha.

"Você me entendeu, né, princesa?", tento correr, mas ele me agarra pela cintura antes que eu consiga chegar a algum lugar. "Não podemos deixar você sair correndo para ligar para o papai agora, podemos?", ele diz, me puxando para perto.

O impacto do meu corpo contra o dele me faz derrubar a caneca e a tigela. Elas se espatifam, espalhando frutas vermelhas, cacos de vidro e cerâmica pelo chão agora molhado.

'Agora, por que você teve que ir e fazer isso?' ele zomba, tirando um braço da minha cintura e me agarrando pela pescoço, prendendo minha cabeça em seu aperto firme.

"Por favor", eu ofego, a palavra quase inaudível. Ele envolve seu outro braço gigante e sufocante em volta da minha nuca, me segurando enquanto tento coçar seus olhos.

"Você pode tentar o quanto quiser, princesa, isso não vai mudar nada", ele sibila.

Minha visão começa a ficar turva quando abro a boca para gritar, mas vai desaparecendo até que tudo o que vejo é escuridão.

## MILOSH

O primeiro sinal de que algo estava errado foi quando não consegui ouvir os passos da Daphne na escada, mas não pensei muito nisso porque a casa é enorme. Mas, quando ouço o que presumo ser a tigela dela caindo e quebrando, levanto-me para ajudá-la a limpar a bagunça, apenas para encontrá-la sendo estrangulada por um cara com o dobro do tamanho dela.

Uma raiva incandescente percorre minha espinha ao ver Daphne em uma posição tão vulnerável, mas eu a contenho rapidamente. Não é hora de perder o controle.

Por causa de onde estou, nenhum deles consegue me ver, o que me dá uma vantagem. Enquanto ela perde a consciência rapidamente, penso nas minhas opções.

Com a iluminação tão fraca, usar minha arma não seria seguro para Daphne, então está fora de cogitação. Desse ângulo, minha faca só feriria o sujeito e provavelmente o deixaria ainda mais irritado, provavelmente levando-o a descontar essa frustração nela, então está fora de cogitação também.

Examino a cozinha, pensando rapidamente no que mais poderia ser usado, e então me ocorre.

Correndo silenciosamente para os armários, abro a gaveta de panelas e frigideiras que vi Josh, o cozinheiro deles, abrir mais cedo, e pego uma grande frigideira de ferro fundido. Caminhando em direção à entrada da cozinha, paro abruptamente ao me lembrar da porta secreta que levava da cozinha direto para o escritório de George, conforme os esquemas que eu estava estudando. Olho ao redor, tentando localizá-la, antes de avistá-la no fundo da cozinha. Aproximo-me, abro a porta silenciosamente e atravesso rapidamente o cômodo para ficar logo atrás do homem.

"Sinceramente, te estrangular teria sido bem excitante em outras circunstâncias", diz o cara para Daphne, que está quase inconsciente. "Mas, quem sabe na próxima vez, né? Quando você estiver amarrada na minha..."

Infelizmente, ele não consegue terminar a frase pervertida porque eu o acerto na cabeça com a panela. Ele cai de joelhos na porta, soltando Daphne no processo.

— Se uma garota precisa ficar inconsciente para você levá-la para a cama — cuspo, batendo nele com a panela novamente —, acho que você precisa se perguntar se você é o problema. — Dou um soco em suas vias aéreas, seguido de alguns chutes em suas costas para garantir que ele esteja no chão antes de largar a panela e correr até Daphne, que está deitada entre os cacos de vidro e cerâmica quebrada no chão frio e molhado, inconsciente.

Eu me abaixo ao lado dela e começo a avaliar seus ferimentos. Colocando dois dedos na lateral do seu pescoço, sinto um pulso constante. Então, procuro por cacos de vidro que

possam ter ficado presos em sua pele, verificando se algum deles foi cravado em algum lugar letal. Confirmando que nenhum representa risco de vida, eu os afasto dela, envolvo minhas mãos em seu queixo e inclino sua cabeça para trás para sentir sua respiração. 'Daphne? Daphne, acorde.' Sentindo meu pânico crescendo, coloco uma das mãos em seu braço e a sacudo delicadamente.

"Vamos, Daphne", eu sussurro, "acorde por mim."

Ela começa a se mexer e seus olhos se abrem lentamente. "Milosh?" ela sussurra.

'Daphne? Você está bem?'

'Gu—' ela geme.

'O que?'

"Arma", ela diz, recuperando o fôlego. "Milosh, ele tem uma arma."

Eu me viro e vejo que ela está certa.

O intruso está no chão, esticando-se em direção a uma arma que deve ter caído do bolso e agora está à sua frente, fora de alcance. Tiro a faca do bolso direito e a jogo em sua mão. Ela rasga sua carne e o prende entre o assoalho e a porta do escritório, deixando-o gritando e temporariamente imobilizado. Ele está tão... alto Estou chocada que George não desce as escadas correndo imediatamente.

"Uau", Daphne suspira. Viro-me para ela e a encontro olhando em choque para o trabalho com facas que, de repente, me faz sentir muito bem. "Como você fez isso?", ela pergunta, buscando a resposta nos meus olhos.

"Treinamento, Srta. Green."

'Agh!', grita o intruso. 'Você me esfaqueou, seu idiota.'

Ignorando-o, examino Daphne. Ela está sentada agora, mas ainda parece um pouco sem fôlego. "Você consegue ficar de pé?", pergunto, afastando-me dela e indo em direção ao grande incômodo que está manchando o chão com seu sangue.

— Hum... — Ela se levanta lentamente, testando o equilíbrio, cambaleando por um segundo, mas se endireitando quase instantaneamente. — Sim, estou bem. O que você quer que eu faça?

'Vá e pegue algumas braçadeiras e fita adesiva, e eu vou prendê-lo.'

"Acho que tem um pouco na lavanderia lá embaixo", ela diz enquanto começa a caminhar em direção ao porão.

— Espere. — Balanço a cabeça. — Não desça aí; não sei se ele entrou sozinho. — Ela para abruptamente e caminha lentamente de volta para mim. Eu me agacho e desfaço o cinto, puxando-o rapidamente para fora das presilhas. Por enquanto, isso vai ter que servir.

'Vá dar uma olhada no escritório do seu pai para ver se há algo mais que eu possa usar para amarrá-lo.' Eu a instruo, mantendo-a O cara fica parado enquanto ela passa por ele. Não conheço ninguém no escritório e daqui ainda consigo vê-la.

Com meu pé calçado na bota segurando sua mão livre, inclino-me e prendo meu cinto em volta de seus pés, apertando-o um pouco mais do que o necessário. Olho de volta para o escritório para ver como está Daphne, que está vasculhando as gavetas da mesa do pai. De relance, vejo o intruso se esforçando para olhar para dentro do escritório, sorrindo ao ver Daphne.

'Aposto que ela ficaria muito bem recém-transada—'

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, levanto seu braço livre em minha direção e o torço para o lado errado, quebrando seu pulso com um estalo alto.

Ele grita de dor. "Seu desgraçado..."

"Cale a boca", eu cuspo, "ou quebro cada dedo individualmente." Eu me inclino para mais perto dele. "E isso não é uma ameaça. É uma promessa." E, como mágica, adivinha quem para de falar?

Continuo segurando seu pulso quebrado com uma das mãos, pressionando um pouquinho para desencorajá-lo de fazer qualquer besteira, e vasculho os bolsos da calça e do paletó, encontrando um celular descartável e uma carteira. Coloco o celular no chão e abro a carteira. "Stefan Mikelson, 34 anos."

"Que bom que você sabe meu nome", ele comenta.

O homem tem a ousadia de um chihuahua.

"Achei que tinha dito para você calar a boca", eu respondo, Estalando o polegar para trás, desferindo um gancho de direita em seu queixo. Inclinando-me, pego sua arma descartada, pego a ponta cega do cabo e a bato em sua têmpora, nocauteando-o antes que ele tenha a chance de fazer mais piadas irritantes. Com a cabeça virada, em uma posição bastante desconfortável, vejo uma leve tatuagem em seu pescoço. Abaixando o suéter, a tatuagem completa aparece. É uma caveira, com os olhos em formato de *D* e um cavalo de xadrez no topo.

*A tatuagem do Daveeno.*

'Está tudo bem?', Daphne chega ao meu lado, um pouco sem fôlego, antes de me oferecer a fita adesiva.

"Sim, isso pode funcionar." Largo a arma e pego a fita dela, arrancando um pedaço e cobrindo a boca dele.

"A mão dele deveria dobrar desse jeito?", ela pergunta, suas sobrancelhas delicadamente arqueadas se juntando em preocupação enquanto ela morde o lábio inferior carnudo.

'Não.'

— Hum — ela murmura, olhando para mim. — Talvez o senhor seja mesmo tão bom quanto dizem, Sr. Petrov.

"Só estou fazendo meu trabalho, Srta. Green."

Ela examina meus olhos com tanta intensidade que sinto meu sangue começar a ferver. Meu olhar recai sobre sua boca enquanto ela se abre, como se ela estivesse prestes a dizer algo, antes de sermos interrompidos pelo som da porta da frente se abrindo.

"Você acha que esse é um dos amigos dele?" Daphne sussurra, olhando nervosamente para o incômodo inconsciente à nossa frente.

— Não sei. Fique aqui. — Pego a arma de Stefan do chão à minha frente e a engatilhei rapidamente, indo lentamente em direção à porta, parando quando ouço conversas e... gemidos?

"Shh, você não quer acordar todo mundo."

É isso...?

'Todo mundo está dormindo, linda, somos só você e eu.'

*Sim.*

Viro a esquina e dou de cara com Henry empurrando Amélia contra a porta da frente enquanto eles se beijam. Coloco a trava de segurança da arma de volta e pigarreio no momento em que Henry começa a beijar o pescoço de Amélia. Seus olhos se abrem

levemente ao ouvir meu som, e a névoa os abandona rapidamente enquanto ela recupera os sentidos e empurra Henry rapidamente para longe de si.

'Milosh, meu Deus!', Amelia suspira, puxando o vestido para baixo rapidamente. 'O que você está fazendo acordada até tão tarde?' Ao ouvir a voz de Amelia, Daphne vira a esquina e, ao ver seus hematomas e as manchas de sangue no pijama, os Harris rapidamente entram no modo parental.

"O que aconteceu?", Henry pergunta, sem nenhum traço de desejo ou humor. Eu simplesmente guardo a arma no bolso e os levo até o Sr. Inconveniência para que eles mesmos vejam.

"Vou chamar a polícia", declara Amelia, observando a cena.

'Não.'

"O quê?" Ela e Daphne olham para mim como se eu tivesse contado a elas que decidi seguir carreira no tricô.

— Nada de polícia — instruo novamente. — Esse cara — dou um chutezinho nele, só porque posso — claramente queria algo aqui que não conseguiu encontrar no trabalho do George. Eu e o Henry vamos revistar a casa para garantir que ele não veio com um amigo. Depois, vamos acordar o George, interrogá -lo e partir daí. Mas, por enquanto, nada de polícia.

## MILOSH

"Você está bem?", pergunto, entrando no cantinho aconchegante onde Amélia me disse que eu encontraria Daphne. Ela está sentada no chão em frente à lareira, coberta por um cobertor branco e fofo, segurando um chocolate quente.

"Senhorita Green?" pergunto quando ela não responde.

"Hã? Ah, é, desculpa." Ela diz apressadamente. "Estou bem, obrigada." Ela me olha com um sorriso fraco.

Vou sentar ao lado dela e nós dois ficamos em silêncio por um momento, observando as chamas dançarem na nossa frente.

"Eu simplesmente não entendo", ela diz suavemente depois de um instante, se envolvendo um pouco mais. "Por que ele estava aqui? Como ele entrou? Por que ele teve que me machucar?" Uma lágrima solitária rola pelo seu rosto, e é a imagem mais linda e dolorosa que já vi. Ela até chora com compostura.

Segurando sua bochecha, viro seu rosto para que ela me olhe e enxugo a lágrima com o polegar. — Não chore por ele. Assim que ele estiver consciente, teremos as respostas que precisamos. Certo?

"Sim, tudo bem." Ela concorda.

— Ótimo. — Enxugo as últimas lágrimas dela e retiro a mão, virando-me para encarar o fogo novamente, precisando de alguma distância dela.

As pessoas choram o tempo todo, então por que sou tão afetado pelas lágrimas dela?

"Aquela coisa da faca que você fez foi muito legal", diz Daphne, com um pequeno sorriso no rosto.

'Oh sim?'

"Hum, hum." Ela concorda e morde o lábio.

"Quer que eu te ensine?" *Que diabos eu estou dizendo?*

'O que?'

"Posso te ensinar, se quiser."

"Você me ensinaria a atirar facas?" Ela me olha, seus grandes olhos castanhos cheios de ceticismo.

"Isso, e talvez como se proteger... Se é algo que você quer?" *O que estou fazendo?*

Ela pensa por um momento. "Nunca mais quero estar nessa situação, mas se estiver, quero poder me proteger."

"Tudo bem, ótimo."

"Você vai mesmo me treinar?" Ela me olha como se eu tivesse acabado de pendurar a lua, e, cara, se isso não me faz querer fazer tudo o que estiver ao meu alcance para protegê-la, que se dane a força-tarefa.

'Sim.'

'Milosh?', Henry chama enquanto abre a porta.

'Hã-hã?'

"O Stefan acordou", diz ele, com a voz fria. Ele olha para Daphne, com preocupação e culpa no rosto. "Daph, como vai, querida?" Percebo que ele se sente culpado e, de certa forma, responsável por não estar lá para impedir tudo isso, mas Daphne tenta tranquilizá-lo, dizendo que está tudo bem. Ela já disse a ele e a Amelia pelo menos duas vezes que não vivem para servi-la e que merecem um encontro de vez em quando. Acontece que o encontro deles coincidiu com o ataque daquela noite.

— Estou bem, Henry, obrigada por vir me ver. — Ela sorri sinceramente.

"Certo", ele responde, claramente não convencido. "Me liga se precisar de alguma coisa. Vou pedir para a Meelie te fazer companhia." Ele fecha a porta atrás de si, deixando Daphne e eu sozinhas novamente.

"Amanhã", digo a Daphne enquanto me levanto e vou em direção à porta. "Começaremos amanhã."

"Milosh?", ela sussurra. Paro perto da porta e me viro quando ouço meu nome, odiando o quão bom soa quando sai da sua boca.

'Sim?'

'Obrigado.'

Concordo com a cabeça e fecho a porta atrás de mim rapidamente.

Tentando me livrar do que quer que tenha acontecido lá dentro, concentro-me na tarefa em questão enquanto caminho de volta para o escritório. Meu telefone toca, então o pego para verificar o identificador de chamadas.

Major Andy Davis.

'Senhor?'

"Petrov, fizemos uma busca por Stefan Mikelson e podemos confirmar que seus movimentos estão alinhados com Daveeno", o sotaque arrastado de Davis, típico do Tennessee, ecoa em meus ouvidos.

"Quem é ele, senhor?"

"Stefan Mikelson. Trinta e quatro anos. Entrou e saiu da prisão nos últimos quinze anos por pequenos furtos, arrombamento, embriaguez e conduta desordeira, incêndio criminoso, roubo — a lista é enorme", relata Davis. "Acreditamos que ele foi recrutado para Daveeno há cinco anos, depois de cumprir sua terceira pena. Enviei alguém da Interpol e da NCA para buscá-lo para que possamos fazer um interrogatório completo."

— Tudo bem. Ele não tinha muitos pertences pessoais, mas tinha um celular descartável. Fiz uma verificação geral e não encontrei nenhum sinal de alerta imediato, mas vou repassar para a equipe para que alguém da área técnica possa dar uma olhada.

Depois de garantir que Stefan Mikelson estava seguro no escritório, eu e Henry varremos a casa. Quando confirmamos que estava tudo limpo, Amelia levou Daphne para ser examinada por Josh — que, sim, é o cozinheiro dos Greens, mas também era médico — Henry foi acordar George e eu liguei para Davis. Contei a ele o que aconteceu e enviei as imagens de segurança de Stefan entrando na casa. Foi durante a troca de turno dos

guardas noturnos, então ele entrou sem ser detectado, arrombando a fechadura da porta da frente sem esforço. Ele entrou pouco antes de eu descer, o que explica por que não o ouvi entrando.

Expliquei a Davis a tatuagem de Daveeno que reconheci e que acredito ser o mesmo homem que invadiu o escritório de George. Davis concordou que eu poderia estar certo, então foi buscar mais informações sobre Stefan e organizar um transporte discreto, dizendo que ligaria assim que tivesse mais informações.

"Entendido", responde Davis. "Enquanto a equipe estiver a caminho, quero que você pressione para obter qualquer informação que puder. Mas não apenas de Mikelson, mas também de George. Precisamos saber o que eles querem dele. É tudo coincidência ou ele também está escondendo alguma coisa?"

'Entendi.'

— Certo, me liga se tiver novidades. Ah, e o Petrov? — Ele faz uma pausa. — Como está a garota?

Meu maxilar se contrai ao lembrar de Daphne caída inconsciente no chão. "Ela está bem. Os Greens têm um cozinheiro que era médico, então ele a examinou e todos os seus cortes e hematomas devem sarar rapidamente. Vou... comece a ensiná-la autodefesa também, para que ela não se sinta tão impotente se essa situação surgir novamente."

Boa ideia. Se precisar de algum equipamento de treinamento, me avise e eu providencio. A equipe também está trazendo um sistema de segurança atualizado para a propriedade Green, para que haja mais vigilância e evidências. Veja se consegue falar com o chefe de segurança sobre a contratação de mais ajuda. Não posso disponibilizar mais homens agora, mas tenho certeza de que eles têm contatos confiáveis para isso.

"Entendido. Com que rapidez você consegue trazer o equipamento para cá?"

'Posso entregá-lo a você no final do dia de hoje.'

'Ótimo. Vou te enviar uma lista.'

"Tudo bem, falamos em breve. Bom trabalho esta noite."

"Obrigado, senhor."

Desligo e caminho o resto da distância até o escritório, onde George, Henry e Amelia estão do lado de fora.

"O Major Davis vai mandar alguém da Interpol e da NCA vir detê-lo", explico assim que os alcanço. "Está confirmado que ele trabalha para Daveeno, mas não sabemos o que ele quer."

As narinas de Henry se dilatam e George muda o peso de um pé para o outro.

"A equipe deve chegar em breve, então temos pouco tempo para fazer perguntas a ele. Depois que ele for embora, talvez eu receba algumas atualizações, mas, no geral, é mais fácil tentar arrancar dele as informações que queremos agora."

— Bem, então vou deixar vocês com isso — diz Amelia, apertando de leve a mão de Henry antes de ir embora. — Ah, e Milosh. — Ela para abruptamente, olhando para mim, com os olhos marejados. — Parabéns por esta noite. Tenho medo de pensar no que teria acontecido se você não estivesse aqui embaixo.

"Só estou fazendo meu trabalho, Sra. Harris."

— Não, ela tem razão, Milosh — acrescenta Henry. — Você realmente se destacou, e só está aqui há um dia.

"Eu simplesmente não consigo acreditar que isso aconteceu com a Daphne, logo com todas as pessoas", diz George, com a voz carregada de culpa. "Ela não merece." Ele abaixa o olhar quando as lágrimas começam a brotar. "Ela não merece nada disso."

"Senhor, o senhor precisa se concentrar", interrompi. "Não temos tempo para pensar agora. Ela está segura e é isso que importa. Antes de entrarmos, preciso perguntar: o senhor sabe o que esses caras estão procurando? Eles já o atacaram três vezes, chegando ao ponto de invadir sua casa e machucar sua filha. Eles claramente estão atrás de alguma coisa."

"O que tinha naquele diário que levaram do seu escritório no trabalho?", Henry pergunta, cruzando os braços e encostando-se na parede.

— Sinceramente, não sei — responde George. — Era um diário de trabalho antigo que eu tinha no meu escritório. Acho que havia algumas fórmulas para soros antídotos que eu costumava usar para trabalhar com o MI6. Mas não entendo o que mais eles... 'queriam. Se as fórmulas dos antídotos eram o que eles procuravam, eles as conseguiram.'

— Hum — Henry cantarola em concordância. — Sugiro que perguntemos ao Sr. Mikelson. — Ele se vira para mim. — Como você queria tocar isso?

— Fico feliz em observar enquanto você assume a liderança. — Dirijo minhas palavras a Henry. — Eu e George ficaremos em segundo plano para que ele não se envolva em dinâmicas de poder. Se necessário, eu intervenho, mas acho que você se sairá bem. Use os métodos que quiser.

Quando vejo o brilho em seus olhos, específico: "Dentro do razoável".

A verificação de antecedentes que fiz de Henry Harris mostrou que ele era ex-militar. Não estou totalmente a par dos métodos do Exército Britânico, mas, pelo que entendi, ele deveria ter recebido treinamento básico em interrogatório.

— Tudo bem, parece um plano. — George concorda.

"Ótimo. Vamos ver o que o Sr. Mikelson tem a dizer."

'Sr. Mikelson!', Henry grita, abaixando-se para arrancar a fita adesiva da boca. 'Como vai, hein?'

Stefan apenas o encara, cuspiendo um pouco de sangue no chão. Henry acompanha o movimento, com um sorriso malicioso surgindo no rosto. "Está se sentindo melhor agora?"

"Vá para o inferno."

'Não, estou bem', responde Henry, antes de desenhar um longo suspiro e me endireito. 'Tenho algumas perguntas para você, Stefan. Agora, se você me der as respostas que preciso, não teremos problema, mas se não der, vou começar quebrando seu outro pulso, depois seu ombro, depois seus joelhos. E continuarei até que não haja mais ossos inteiros em seu corpo.'

Stefan está sentado em uma velha cadeira de madeira, com as mãos amarradas atrás das costas com braçadeiras. Percebo que elas estão cortando sua pele e agitando o pulso que estalei antes. George e eu estamos parados perto da porta, encostados na parede, observando a cena se desenrolar.

Quando voltei ao escritório e dei outra olhada naquele sujeito, meu sangue ardeu de fúria. Mas minha raiva se acalmou quando vi a dor que ele sentia.

Realmente não há nada melhor do que fazer um homem adulto chorar.

— Agora, Stefan — continua Henry. — De todas as coisas estúpidas que você fez na vida, tentar estrangular aquela garota foi de longe a mais estúpida.

'Como está a princesinha?', Stefan retruca, fechando os olhos. 'Entendo por que vocês são tão protetores com ela. Esses gritos abafados e essa pele macia.' Ele solta o ruído mais perturbador e George se afasta da parede, indo em sua direção. Preciso de toda a minha força e disciplina para não me juntar a ele, mas, em vez disso, estendo a mão e agarro o pulso de George, balançando a cabeça. *Não dê a ele o que ele quer.* 'Eu faria tudo de novo se pudesse, mas vou aproveitar de verdade desta vez. Talvez eu a colocasse de joelhos e...' Ele não consegue terminar a frase porque Henry lhe dá um tapa no rosto com tanta força que um de seus dentes sai voando.

Bem, isso foi muito satisfatório.

— Vou pará-lo agora mesmo, Sr. Mikelson. — Sinto a raiva de Henry permear o ar. A cada palavra que ele diz, seu sotaque cockney fica mais claro e forte. — Viu, você acabou de cruzar a linha da zona proibida. Você também cruzou antes, e tem todos os seus ferimentos para provar. Se falar daquela garota de novo, eu te *mato*. Vai ser lento e doloroso, e eu vou adorar ver a vida se esvaindo dos seus olhos. Então, vamos voltar ao assunto em questão, certo?

Olho novamente para Stefan e vejo seu rosto pálido e doentio, qualquer traço de diversão desaparecido há muito tempo.

"Vou te perguntar isso uma vez, e apenas uma vez. Por que você está aqui?"

Stefan olha para mim, George e Henry, claramente avaliando suas opções. Eu me coloco no lugar dele por um segundo, imaginando o que ele estaria pensando. Agora há três homens altos e corpulentos olhando para ele, e de alguma forma ele conseguiu irritar cada um de nós. Vamos arrancar a informação dele de um jeito ou de outro. Se a Interpol vai matá-lo ou não, depende dele.

"Leia o bilhete na minha carteira", é tudo o que ele diz.

Henry olha para mim e George, e eu saio para pegar os pertences de Stefan. Conferi sua carteira, meus olhos pousando em um recibo amassado escondido no fundo. Pego-o e volto para o escritório, abrindo o bilhete no caminho.

*Basta nos dar o que queremos e tudo isso desaparecerá.*

D.

O D deve ser de Daveeno, mas o que eles querem? Eles já têm o diário com todas as fórmulas de antídotos. O que mais eles precisam? O que mais George não está me contando?

Bato a porta no caminho de volta para o escritório, colocando o bilhete na mão de George enquanto passo por ele para alcançar Stefan.

Estendendo a mão para trás, pego seu pulso quebrado e o contorço, pressionando o osso com o polegar.

Ele grita de dor enquanto eu calmamente me agacho. "O que Daveeno quer com George?"

"Não sei o que é Daveeno", ele grita.

"Você tem a insígnia deles no pescoço. Talvez seja melhor ser um pouco mais discreto com suas tatuagens da próxima vez."

Soltei seu pulso, levantei-me e dei um golpe rápido em seu estômago antes de me inclinar com uma mão em cada braço da cadeira.

— Agora. Vou perguntar de novo. O que Daveeno quer com George?

Ele tosse e engasga por um instante, então dou um passo para trás e espero que ele se recomponha. Depois de um minuto, ele engole em seco e olha diretamente para George.

— Você tem algo que eles querem. — Ele dá de ombros. — E eles não medirão esforços para conseguir. Inclusive machucar sua filha. Eles tiraram sua esposa de você, então não têm problema em lidar com a garota também.

"O que eles querem?", George pergunta furioso.

Stefan não responde. Ele apenas sorri. "Você não gostaria de saber?"

George passa furioso por mim e dá um soco no queixo de Stefan. "O. Que. Eles. Querem?"

Stefan sorri, com a boca cheia de sangue. "Vou deixar você descobrir sozinho."

O rádio de Henry vibra e um dos seguranças grita. "Senhor, acredito que a Interpol e a NCA chegaram."

Stefan ri. "Parece que vocês estão sem tempo, rapazes."

— Sr. Mikelson, garanto que isso foi moleza comparado ao lugar para onde você está indo. Sugiro que tire esse sorriso do rosto, porque amanhã você vai estar desejando que tivéssemos te matado.

*Dafne*

'Sr. Petrov, da maneira mais gentil possível, saia daqui.'

'Não.'

Ouç-o atravessar meu quarto e abrir as cortinas pesadas, fazendo com que suaves raios de luz penetrem pela minha máscara de dormir.

Nos últimos quarenta e cinco minutos, fui recebido pelo barulho terrível de um alarme que não possuo, me acordando às 4h30 da manhã. O alarme então disparou a cada cinco minutos até eu desligá-lo. Aí, Amelia entrou e tentou me acordar. E agora tenho um guarda-costas mal-humorado invadindo meu espaço pessoal.

— Levante-se. — Milosh diz enquanto tira minha máscara do rosto.

'Por favor, explique-me por que preciso acordar às —' Olho para meu relógio pessoal, que está programado para o horário razoável de 6h30 — 'cinco e quinze da manhã?'

"Você disse que queria aprender autodefesa."

"Sim, mas não às cinco e quinze da manhã."

"É agora ou nunca, Srta. Green", ele começa, indo em direção à porta. "Esteja lá fora em dezesseis minutos", ele termina, antes de sair prontamente do meu quarto.

"Tudo bem, Troy Bolton, acalme-se", murmuro, arrastando-me para fora da cama para vestir alguma coisa.

"O que você está vestindo?", pergunta Milosh, parecendo vagamente enojado enquanto eu saio pela porta dos fundos para o pátio, sentindo o ar fresco da manhã de verão me cumprimentar imediatamente.

"Todos os meus outros casacos estão na lavanderia", respondo, olhando para mim mesma. Entendo perfeitamente a reação dele. Está um frio anormal hoje, então, por cima da minha leggings rosa-claro com uma blusa de manga curta combinando, estou usando um longo casaco de pele marrom. Enquanto isso, Milosh está usando uma calça de moletom preta, um moletom com capuz preto e um casaco de plumas preto.

"Como exatamente você acha que vai treinar com isso?", pergunta Milosh, e, para ser sincero, essa é uma pergunta muito justa. Eu realmente não tinha pensado nisso quando vesti isso. Só sabia que estava com frio e foi tudo o que consegui encontrar rapidamente.

— Sabe de uma coisa, Sr. Petrov? Eu realmente não sei — suspiro, olhando para ele. — *O senhor* tem alguma sugestão?

Ele me encara sem expressão por um momento antes de prosseguir para tirar o casaco de plumas, jogando-o na cadeira com precisão hábil e, em seguida, tirando o moletom com um movimento rápido. Pode ter sido rápido, mas o tempo parou quando sua camiseta levantou levemente e eu avistei uma lasca de abdômen.

"Tire o casaco e vista isso", diz ele, estendendo o moletom para mim. Suas íris verdes encantadoras acompanham cada movimento meu enquanto tiro o casaco e sigo suas instruções. O moletom me envolve completamente, me envolvendo com aquele cheiro forte, limpo e masculino dele. É enorme, mas oferece muito mais mobilidade em comparação com o meu casaco.

Ele acena em aprovação antes de se virar para pegar algo na mesa do pátio. "Vou te ensinar o básico de autodefesa. Vamos estudar boxe, treinamento com armas e Muay Thai para estabelecer uma base, e depois construiremos a partir daí. Até que essa... situação com seu pai se resolva, nos encontraremos todas as manhãs e treinaremos juntos por algumas horas."

"Ok", respiro atordoada, um pouco surpresa. É quase avassalador o quão autoritário ele é, e não apenas com as palavras, mas também com sua presença e personalidade. Ele exala controle e assertividade, imponente e forte, com um contato visual tão intenso que poderia queimar minhas retinas.

Ele tira uma nova corda de pular da embalagem e me entrega rapidamente antes de se sentar na cadeira, e vestindo o casaco novamente. "Vamos começar com um aquecimento."

— Sr. Petrov, o que o senhor não vai fazer é ficar sentado nessa cadeira me vendo *pular* pelos próximos dez minutos. Se eu estou me aquecendo, o senhor também está — digo, com naturalidade, enquanto dobro a corda com cuidado e a coloco delicadamente sobre a mesa. — Agora, como só tem uma corda de pular, sugiro que façamos uma corrida leve para nos aquecermos. — Dou-lhe um sorriso educado e levemente satisfeito quando ele se levanta, mas o sorriso vai diminuindo a cada passo que ele dá em minha direção.

Sorrindo, ele lambe os lábios, parando com o rosto a poucos centímetros do meu. "Senhorita Green", ele diz, arrastando as palavras, em voz baixa, "obrigado pela preocupação, mas na hora que levou para descer, eu já me aqueci."

"Se você está esperando um biscoito, Sr. Petrov, você não vai ganhar nenhum."

— Talvez não. — Ele dá de ombros, enfiando as mãos nos bolsos. — Mas o que eu vou conseguir é ver você pulando essa corda enquanto eu. Sento. E. Observo.

Sorrio levemente, ignorando o quão áspera e infelizmente sexy aquela frase soou saindo da boca dele. "Não."

"Senhorita Green, normalmente quando eu digo que algo vai acontecer, acontece", ele diz suavemente, aqueles olhos esmeralda perfurando minha alma.

'Bem, isso é adorável, Sr. Petrov. No entanto, isso não é Vai ser uma dessas vezes.' Encontro seus olhos, meu olhar se abaixa por um instante, captando um sorriso quase imperceptível que desaparece tão rápido que quase acredito que o imaginei. 'Eu frequentemente consigo o que quero, Sr. Petrov, então, por favor, pare de tentar forçar o contrário', sussurro, dando um passo em sua direção. Estamos tão próximos agora que nossas respirações estão sincronizadas.

Ele dá uma risadinha baixa e meus olhos se fecham involuntariamente, deliciando-me com isso. "Tudo bem, Srta. Green. Sem corda. Mas não vou acompanhá-la na sua corrida." Ele se afasta, criando

uma distância muito necessária e vai se sentar naquela cadeira irritante. Pega o celular e começa a digitar algo, sem me dar a mínima importância. Acho que a conversa acabou.

Bem, posso sentir o tempo voando.

## 10

### *Dafne*

"Me dê um soco."

Hesitei. "Como?"

"Me dê um soco, me bata, me chute", responde Milosh. "Aja como se eu fosse o cara da noite passada."

Estamos em cima de dois dos meus velhos tapetes de ginástica que foram colocados para cobrir o chão de pedra dura do pátio.

Depois do meu delicioso aquecimento, tirei o moletom dele, fiquei com calor por mais de um motivo, e agora estou usando luvas de boxe rosas.

Rosa.

Luvas de boxe rosa que eu não tinha antes de hoje.

O que significa que Milosh me encomendou luvas de boxe e propositalmente comprou as rosas.

*Que... gentil... da parte dele.*

Milosh levanta a mão, estendendo-a para que eu acerte Com uma almofada de boxe presa a ela. Eu balanço, meu punho cerrado dentro da luva e minha postura aberta. Tento mais algumas vezes antes que Milosh comece a me sugerir combos diferentes. Depois de um tempo, ele começa a incluir chutes, além de socos. "Tudo bem, ótimo. Agora que estabelecemos que você consegue dar um soco nas minhas mãos, vou te ensinar o básico de autodefesa. Pelo que vi até agora, seus braços são bem fracos e sua postura está errada, mas você é rápido e suas pernas são fortes. Velocidade e agilidade serão suas melhores amigas se você estiver tentando derrubar alguém maior do que você."

Ele caminha até o galpão e pega um saco de pancadas que eu desconhecia completamente, colocando-o no tatame com facilidade. "Tire as luvas, vamos tentar o treino à mão livre agora." Ele vai até uma cadeira de vime, puxando-a para perto de onde estou, em frente ao saco de pancadas, e então se senta. "Soque da maneira que lhe parecer natural", ele instrui. Soco novamente, mas sem as luvas, meus pulsos ardem ao tocar o saco.

'A parte inferior do seu corpo precisa se mover com o balanço.' Ele se levanta da cadeira e vem em minha direção. 'Agora você está apenas movendo os braços, mas quando deixar a força do soco, do golpe ou do tapa vir das suas pernas e da rotação do quadril, você obterá um resultado muito melhor.' Ele se aproxima. até o saco de pancadas e demonstra lentamente algumas vezes. Ele começa a me explicar seus movimentos, mas o som de sua voz gradualmente desaparece, ficando mais distante a cada vez que seu braço se estende e seu bíceps se contrai. Sua mão se fecha em um punho fechado, as veias em seus antebraços saltam, ficando mais proeminentes a cada vez que seus nós dos dedos tocam o saco.

— Tudo bem, agora você tenta. — Ele dá um passo para trás para observar, enquanto eu tento me lembrar dos passos que ele acabou de me mostrar. Afasto minha postura e dou um soco no saco de pancadas, sem movê-lo nem perto da distância que ele fazia quando nem estava tentando.

"Feche o punho para mim." Ele se aproxima de mim, tão perto que eu poderia passar as mãos pelos seus cabelos se quisesse. "Deixe-me ver suas unhas." Estendo os dedos novamente para revelar minhas unhas de comprimento médio, rosa-claro. "Feche o punho novamente para mim." Milosh então pega minha mão, analisando-a como se fosse um conceito completamente estranho ter unhas bonitas e bem cuidadas. "Suas unhas estão um pouco compridas demais para fechar o punho completamente, é por isso que você não está socando direito. Segure-as assim e tente novamente. Lembre-se também de não abrir muito a mão. Suas pernas devem estar na largura dos ombros."

Pego minha mão e imito o punho dele, deixando meus dedos um pouco mais retos e colocando meu polegar em cima do meu dedo indicador, e dou outro soco.

"Melhor", ele concorda. Algo quente vibra dentro de mim em resposta ao seu elogio, mas eu rapidamente o acalmo. "Desta vez, lembre-se de girar os quadris para ter mais potência." Tento novamente, sentindo a melhora também desta vez.

"Isso foi bom, mas seus quadris ainda estão muito retos. Gire-os um pouco", diz ele, assumindo a postura e demonstrando a torção. Tento imitá-lo novamente, mas desta vez minha falta de coordenação nessa tarefa específica atrapalha.

'Não entendi. Se eu sou destro, qual pé está na frente? E meus quadris estão virados para o mesmo lado que meus ombros?', pergunto, distraidamente trocando a posição dos pés. Inspiro fundo quando sinto suas mãos quentes descenderem sobre meus quadris enquanto ele as move para o lado certo. Ele está atrás de mim, então não consigo vê-lo, mas com certeza consigo senti-lo.

"Perna esquerda para fora", ele instrui. Distraído, coloco a perna errada na frente, o que significa que Milosh precisa colocar a direita no lugar certo, movendo-a para a minha frente. Eu me inclino em sua direção, tentando recuperar o equilíbrio, sentindo sua frente firme contra minhas costas. "Melhor", é tudo o que ele diz, me endireitando antes de voltar para sua cadeira, como se o calor de suas mãos e corpo não tivesse acabado de gravar cicatrizes invisíveis nas minhas.

"Sr. Petrov, estamos aqui há três horas. Estou com calor, com fome e quero um banho. O que mais o senhor poderia me mostrar?" Antes que eu pudesse terminar a frase, o homem saca uma arma que aparentemente estava guardada casualmente em seu bolso de trás o tempo todo.

'Sr. Petrov', respiro o mais calmamente possível, exibindo um sorriso educado, 'por que há uma arma no seu bolso?'

"Não tem uma arma no meu bolso", ele responde. "Tem uma arma na minha mão."

"E o que exatamente você está planejando fazer com essa arma?"

"Entregue para você."

"E o que você espera que eu faça com isso?"

"Atire", é sua resposta tão simples.

"De jeito nenhum", respondo. "Não sou muito fã de armas de fogo."

Eu sei que disse que queria treinamento de autodefesa, mas agora eu abriria mão da minha Rose Sakura Birkin 25 só para ter a chance de ir tomar café da manhã.

"Espere aqui", ordena Milosh enquanto se afasta em direção à casa. Ele retorna três minutos depois segurando a espingarda que uso nas minhas competições de tiro ao prato. "Você quer me dizer que pode usar isso", pergunta ele, estendendo-a, "mas não *a minha* arma?" Ele olha para a espingarda em suas mãos. "Esta tem o dobro do tamanho, Daphne."

Ele só disse meu primeiro nome algumas vezes, mas Toda vez que meu nome sai da boca dele, tenho uma reação visceral. Sua voz grave, com seu sotaque americano e seu distinto toque eslavo, soa tão bem. Não me entenda mal, toda essa coisa de "Miss Green" é legal, sexy até, mas quando ele diz meu nome verdadeiro? É o som mais doce que já ouvi.

— Eu não tenho problema em atirar em discos de argila. — Aquilo — aponto para a arma dele, agora em cima da mesa — é usado para matar pessoas. Já aquilo — aponto para a minha arma, ainda em suas mãos — é usado em competições. Como você sabia que eu atiro?

'Senhorita Green, esta casa está cheia de fotos suas e dos seus hobbies. Estão por toda parte. Seria muito difícil não notar a dúzia de fotos que enfeitam as prateleiras do escritório do seu pai. Sem falar nas que estão penduradas em praticamente todas as paredes desta casa.'

Ele coloca a arma na minha mão e corre até o fundo do jardim, onde alinha diferentes alvos. Percebendo o que ele quer dizer, vou até o armário de armazenamento externo, pego alguns cartuchos de espingarda e carrego o cano. "Ok, vamos fazer um acordo", digo, assim que ele volta para o pátio. "Acerto todos os alvos e encerramos o dia. Para cada um que eu errar, são mais dez minutos que você me deixa lá fora."

'Não.'

"O que você quer dizer com não?"

Ele arranca a arma de fogo das minhas mãos. 'Eu sei "Você pode atirar com isso, senão não teria todos esses troféus. O que eu não sei é se você consegue transferir essas habilidades para uma arma diferente. Nem sempre você terá uma arma sob medida para você. Por isso é importante treinar com várias armas, para que seja mais fácil transferir suas habilidades, se necessário."

"E quando exatamente o senhor acha que vou precisar usar uma arma, Sr. Petrov?"

"O homem que invadiu sua casa tinha uma arma. Se você tivesse conseguido desarmá-lo e apontar a arma de volta para ele, teria levado vantagem. Não sei a profundidade disso tudo, nem no que seu pai se meteu. Ao contrário da maioria das minhas outras missões, sinceramente não sei o que você está enfrentando, então precisa estar preparado para tudo."

*No que meu pai se meteu?* O que ele quer dizer com isso?

Antes que eu possa questioná-lo, ele ergue minha espingarda, que é curta demais para ele, e atira nas latas vazias que colocou à distância. Ele acerta todos os alvos sem esforço, recarregando com facilidade, como se fizesse isso desde criança.

'A única razão pela qual consegui fazer isso é porque treinei em uma miríade de ambientes diferentes, usando uma variedade de armas. As melhores e as piores. Então, minhas habilidades Não dependem do meu equipamento.' Ele se vira para me olhar e abaixa a arma. 'Agora, se você conseguir acertar cada uma dessas latas com a minha arma, paramos por hoje. Se não conseguir, continuamos.'

— Certo. — Ele me entrega a arma, que é bem mais pesada do que eu esperava. Passo os dedos por toda a extensão, memorizando suas ranhuras e textura, apreciando o quanto ela é inerentemente *sua*. É preta fosca, com bordas afiadas e um centro forte. O peso é distribuído uniformemente conforme a passo de uma mão para a outra.

Gostaria de saber o que esta arma viu – ou melhor, quem viu o cano desta arma.

Segurando-a com as duas mãos, preparando-me para atirar, evoco a imagem de Milosh engatilhando-a ontem. Imitei seus movimentos até ouvir um clique satisfatório e mirei no novo alvo que Milosh preparou. Concentrando-me, deixei a respiração me ancorar como faço no tiro ao prato, com o olhar fixo apenas no alvo. Normalmente miro em objetos em movimento, então me esforço para fixar os olhos no ponto certo quando disparo o primeiro tiro. Acerto a lateral do alvo, ligeiramente fora do centro. "Isso ainda conta", digo, virando-me para Milosh com um sorriso satisfeito. Ele apenas acena com a cabeça e olha de volta para o próximo alvo.

Agora que entendi a reverberação que a arma emite, seguro meu corpo de maneira um pouco diferente, movendo-o Abaixo o braço e endireito os ombros. Disparo a próxima bala, acertando o alvo em cheio desta vez. Sem parar, viro-me para atirar nas próximas três, sem nem parar para observá-las cair, até restar apenas uma.

"Sr. Petrov, uma coisa que o senhor vai aprender sobre mim é que eu me destaco em tudo o que me dedico", digo, no momento em que disparo a última bala, acertando a lata em cheio no centro. Viro-me para olhá-lo, puxando a trava de segurança e colocando-a em suas mãos.

"Não duvido que você seja excelente na maioria das coisas", diz ele enquanto começa a engatilhar a arma. "Mas você errou dois." Nós dois nos viramos para olhar os alvos, e ele tem razão. Fui rápido demais e errei, derrubando os alvos enquanto a bala passava.

"O que você fez é impressionante", ele admite, estendendo um braço e atirando direto na lata de balas sem munição. "Conheço muitos homens que não conseguem atirar como você, mesmo depois de anos de prática." Ele olha nos meus olhos enquanto dispara a próxima bala; outro tiro certo. "Você se saiu bem, Srta. Green, mas não o suficiente. Agora, vamos começar a recarregar."

# 11

## *Dafne*

"E aí, como vão as coisas com o Milosh?", pergunta papai, antes de enfiar uma garfada de carne de veado na boca. Sempre acho engraçado como o homem que queria me mandar para a escola de aperfeiçoamento tem os modos de um peixe sem graça.

"Tudo bem", respondo sem rodeios. Mesmo tendo se passado duas semanas desde o nosso desentendimento, esta é a primeira vez que estamos realmente sozinhos. Não tenho visto muito meu pai, pois nos últimos dias ele tem estado trancado no escritório, até comendo lá, e eu tenho ido dormir mais cedo para me preparar para as minhas sessões de treinamento matinais com Milosh.

Quando o encontrei ontem, descendo as escadas, ele estava quieto e evasivo quando tentei fazer as pazes com ele e iniciar uma conversa. Sempre fui criado para ser educado e gentil, e gosto dessas características em mim, mas gosto de respeito mútuo. mais. Não gosto de ser gritado e depois ignorado por uma semana. Se não fosse pela Amelia praticamente me forçando a vir aqui hoje à noite com a promessa de que ela e o Henry se juntariam a nós, eu teria comido em outro lugar.

'Daphne, até quando você vai continuar com isso, hein?', pergunta meu pai, largando os talheres e se virando para me encarar. 'O que você quer que eu diga? Quer que eu peça desculpas?'

"Desculpa seria um começo", brinco antes de colocar uma fatia de cenoura na boca e me virar para encará-lo. "Não quero que você peça desculpas só por pedir, quero que você diga a verdade." Ele revira os olhos e zomba em resposta, assim que Amelia e Henry entram pela porta.

"Boa noite, família Green, como estamos hoje?", pergunta Henry alegremente, puxando uma cadeira para Amelia e sentando-se ao lado dela. Volto a comer, e acho que meu pai também, porque Henry não recebe resposta para sua pergunta.

— Convidei o Milosh para se juntar a nós hoje à noite — diz Amelia, calorosamente, tentando quebrar a tensão. — Achei que seria legal todos nós comermos juntos.

"Isso foi muito atencioso, Meelie, obrigada." Dou um sorrisinho e volto a me concentrar na comida. Quanto mais rápido eu comer, mais rápido essa refeição pode acabar.

'Ótima escolha para o jantar de hoje, lindo', diz Henry, focando somente em Amelia.

"Obrigada, Hen", ela responde, corando profusamente quando a mão dele desaparece debaixo da mesa.

"Quer que eu peça desculpas de verdade?", pergunta papai, sem muita convicção. Amelia, Henry e eu nos viramos para ele quando ele começa a rir. "Quer que eu me desculpe pelo seu erro?"

'Papai, do que você está falando?'

— O colar, Daphne. O colar. — Ele toma um gole de uísque e me olha sem entender. — Você pegou — não, roubou — o colar e depois o perdeu. Não era seu, mas você não se importou, pegou mesmo assim.

"Eu tinha onze anos e sentia falta da minha mãe", digo, e respiro fundo. Não precisa se preocupar com isso. Meu pai está claramente estressado e agindo como uma criança petulante.

Isso acontece com frequência? Não. Mas quando acontece, você tem que aguentar e esperar até que ele se recupere. Mas o álcool definitivamente não está ajudando.

"Não, você era uma pirralha estúpida que não conseguia manter as mãos longe de si."

"Nossa, George, isso não é necessário", Henry interrompe, com o rosto sério. "Foi um erro honesto que a Daph cometeu quando era criança. Que tal você se desculpar e a gente pode seguir em frente e aproveitar o jantar?"

"Sr. Harris, se eu precisar da sua ajuda, eu peço", responde papai. "E eu pedi ajuda? Não. Então não me dê." Ele toma outro gole da bebida e volta a comer, no momento em que Milosh entra. Ele se senta na cadeira vazia ao meu lado enquanto Josh traz seu prato.

"O que houve?", pergunta Milosh baixinho, olhando para mim.

— Nada — sussurro, oferecendo-lhe um sorriso forçado. Ele assente e pega o garfo, espetando uma cenoura e levando-a à boca.

— Escuta, Daph, vou me desculpar por ter te ofendido. Foi desnecessário — diz meu pai depois de um instante. — Mas não vou me desculpar por ter gritado com você. — Com isso, Milosh para o garfo no ar antes de pousá-lo para ouvir o insulto maravilhoso que meu pai tem para mim em seguida. — Francamente, você mereceu por ter roubado. Sabe o quanto tornou a minha vida mais difícil ao perder aquele colar?

— Não, não, porque você nunca me conta nada — digo baixinho, tentando me recompor mais uma vez enquanto arrumo meus talheres, terminada a refeição e a conversa. — Você quase não fala da mamãe, e quando fala é só quando precisa de alguma coisa. Você nunca me deixa entrar e sempre me afasta, como se isso fosse ajudar. Sinto muito por ter causado tanto transtorno para você, papai, sinto mesmo, mas nada disso torna tudo isso aceitável.

"Ah, para de história triste, Daph", ele zomba, revirando os olhos mais uma vez. "Eu grito com você se eu quiser, porque esta é a minha casa." Sinto Milosh se mexer ao meu lado antes de empurrar a cadeira e caminhar até meu pai.

"Levante-se", ele diz secamente.

"Sr. Petrov, aconselho-o a sentar-se novamente", diz meu pai, pegando seu copo de uísque.

— Só vou dizer isso mais uma vez, Sr. Green. — Milosh tira o uísque do alcance do meu pai e o encara como se ele fosse um pai e meu pai, seu filho irritado. — Levante.

"Ou o quê?", papai zomba.

"George, talvez você devesse deitar um pouco e dormir um pouco para se livrar do álcool", sugere Amélia, tentando amenizar a situação.

— Ah, cala a boca, Amélia — rosna o papai. — Este não é o momento para suas palhaçadas estúpidas de pacificador.

"Ok", Henry bufa, levantando-se. Se tem uma coisa que aprendi sobre Henry ao longo dos anos é que você pode tirar sarro dele o quanto quiser, mas assim que disser algo que não seja positivo sobre a esposa dele, vocês dois vão ter um problema. E Henry não é o tipo de cara que você quer irritar.

"É difícil", diz Milosh, agarrando o braço do papai e puxando-o para cima com facilidade. 'Sugiro que trate sua filha com um pouco mais de respeito, Sr. Green.'

"Me solta, Sr. Petrov. Estou avisando", meu pai balbucia, com o tom severo abafado pela óbvia embriaguez. Claramente, Milosh não se importa com ameaças, pois, em resposta, empurra meu pai contra a parede, prendendo-o ali com o antebraço. Amelia e eu ofegamos de horror enquanto a sala se dispersa em completo silêncio e tensão.

— Pode me ameaçar o quanto quiser, George, isso não vai mudar nada. Não. Desrespeite. Sua. Filha. É simples assim. — Milosh dá de ombros. — Agora, Henry vai te levar para cima, você vai dormir e amanhã vai descer e se desculpar com Daphne e Amelia pelo seu comportamento. Entendido?

Henry se aproxima deles e começa a guiar meu pai escada acima, deixando eu e Amelia olhando para Milosh, incrédulos. Acho que meu pai nunca foi tratado daquele jeito, muito menos por alguém que ele emprega.

Eu gostei de ver meu pai ameaçado? Não, claro que não.

No entanto, senti um aconchego no estômago ao saber que alguém o estava ameaçando por mim? Para me defender? Sim.

Sem dúvida.

"Com que frequência coisas assim acontecem?", pergunta Milosh enquanto volta a se sentar ao meu lado, pegando o garfo como se fosse uma quinta-feira comum.

— Não com frequência, só quando ele está muito estressado ou chateado — responde Amelia. — Ele não bebe muito e sabe como fica quando bebe, mas acho que só está preocupado, só isso. Tenho certeza de que amanhã ele estará pronto para se desculpar. — Amelia me lança um olhar compreensivo antes de voltar a atenção para o jantar.

Olho para Milosh e o encontro segurando o garfo com muita força. "O que você fez foi um pouco... descontrolado", começo, me mexendo um pouco para poder vê-lo melhor. "Mas, obrigada. Eu agradeço."

Ele me olha, me olha de verdade, quase como se estivesse me vendo pela primeira vez, absorvendo minha declaração. "Meu trabalho é protegê-la, Srta. Green", responde ele. "Isso inclui protegê-la de uma situação potencialmente volátil. Não importa quem ou o que seja a causa."

## MILOSH

"Senhorita Green?", pergunto depois de algumas batidas sem resposta. São 5h30 da manhã e, depois de pouco mais de duas semanas de treinamento diário, começando pontualmente às 5h15, estou surpreso que ela ainda não tenha acordado. Aquela garota é a mais rigorosa em pontualidade que já vi.

"Não." A palavra soa fracamente através da porta.

"Senhorita Green?", pergunto novamente, batendo um pouco mais forte dessa vez.

"Pare, por favor, pare", ela diz, parecendo angustiada.

"Daphne?" Pego a chave reserva do quarto dela no bolso.

"Sai daqui!" É tudo o que preciso ouvir para abrir a porta com tudo, com o coração disparado. Não faz nem um mês que estou aqui e essa garota já me causou um quase ataque cardíaco várias vezes.

Tanto para um caso simples e fácil.

Dou uma rápida olhada no quarto e nos cômodos que o conectam, mas não vejo nenhum intruso ou qualquer sinal de entrada forçada. Vou até ela e vejo que ela está tendo um pesadelo horrível. Seus lençóis estão espalhados pela cama e sua máscara de dormir e seu lenço de cabeça foram arrancados.

"Não, não, não, pare", implora Daphne, com uma lágrima escorrendo pelo rosto, ainda dormindo profundamente. Mesmo sendo apenas um sonho e ninguém a machucando, isso não alivia a pontada no meu coração ou a dor nos meus pulmões ao pensar nela sofrendo, seja ela real ou não.

*O que diabos está acontecendo comigo?*

"Daphne, acorda." Ajoelhando-me, aperto seu braço delicadamente, tentando tirá-la do sonho. Sei que não é uma boa ideia acordar alguém no meio de um pesadelo, mas não aguento mais ouvir isso, nem vê-la chorando. De novo. "Vamos, Daphne, acorda", sussurro.

Ela abre os olhos de repente e agarra meu antebraço.

"Milosh?"

"Você está bem?"

Ela pisca algumas vezes, se adaptando ao ambiente. "S-sim, foi só um pesadelo."

Pigarreio, levanto-me e assumo uma expressão de relativa indiferença. "Tudo bem, vista-se e desça. Você está atrasada e temos muito o que fazer." Saio do quarto dela sem olhar para trás e desço as escadas, precisando avaliar a situação em que me meti.

Não entendo. Estou nesta casa há menos de um mês e já quebrei muitos dos limites tácitos que estabeleço quando estou trabalhando. É verdade que isso não é uma proteção

para congressistas de meia-idade, nem uma missão militar. Mas isso não muda o fato de que estou vacilando. Ontem à noite, literalmente empurrei o George contra a parede e o ameacei, tudo porque ele estava desrespeitando a Daphne. Isso não tem nada a ver com o Daveeno, então por que me envolvi? Por mais que eu ache que nenhuma mulher deva ser desrespeitada, nunca senti necessidade de ser tão direta ao impor essa crença. De alguma forma, me envolvi um pouco demais, mas isso acaba hoje.

Para Daphne, sou apenas um funcionário.

Para mim, Daphne é um trabalho. Apenas um trabalho.

Pelo menos é isso que ela deveria ser.

Trabalho. Dela.

Funcionário. Eu.

Entrando no quintal e pegando o equipamento necessário para o dia, concentro-me novamente na tarefa em questão: ensinar Daphne a se defender. Só preciso me concentrar em treiná-la, manter limites profissionais e cuidar da minha vida, e tudo ficará bem.

"Bom dia, Sr. Petrov", ouço atrás de mim enquanto piso na base do alvo independente, fixando-o no lugar. "Que tarefa deliciosa o senhor tem para mim hoje?" Enquanto caminho de volta para o pátio, vejo Daphne mastigando um pouco de mirtilos, seus olhos percorrendo a fileira de facas que coloquei sobre a mesa. Qualquer vestígio de sua angústia anterior já se foi há muito tempo.

Seu cabelo liso e liso está preso em um rabo de cavalo impecável, e seu rosto está sem marcas de lágrimas ou inchaço. Ela está usando leggings rosa de novo, com o moletom que nunca mais peguei de volta depois do nosso primeiro dia de treinamento. Mas não estou brava. Ela o usa melhor do que eu. Ele praticamente a afoga, chegando até o meio das coxas, mas ela está com as mangas arregaçadas para ainda ter amplitude de movimento. O preto contrasta fortemente com sua variedade usual de roupas de ginástica rosa ou branca, dando a ela um visual de quem acabou de sair da cama do meu namorado e precisava de algo para vestir.

Por que eu meio que amo isso?

*Limites, Petrov. Limites.*

"Você queria aprender a atirar facas. Hoje eu vou te ensinar." Ela me olha com um sorriso inesperado no rosto, que aos poucos se transforma num sorriso largo e largo.

"Finalmente, algo divertido." Resisto à vontade de rir da sua cativante ansiedade, lembrando-me do que acabei de dizer a mim mesma sobre manter distância.

Trabalho. Dela.

Funcionário. Eu.

Desfocar os limites seria uma decisão realmente estúpida.

Pego uma faca e jogo no alvo, acertando o alvo. centro com facilidade. 'O objetivo é que você consiga fazer isso depois de algumas aulas. Mas, antes mesmo de tocar numa lâmina —', pego a faca que ela acabou de pegar das mãos dela e a coloco de volta na mesa — 'você precisa aprender o básico para não se machucar. Vamos aquecer primeiro.' Entrego a ela a corda de pular que ela passou a gostar e vou até o galpão para pegar os tapetes.

"Eu não sabia que ensinavam arremesso de facas no exército", ela diz, abrindo a corda e começando a pular.

"Eles não."

'Ah... então onde você aprendeu isso?'

"Eu estava num orfanato quando era criança. Os meninos mais velhos me ensinaram." Estremeço com as minhas palavras. Ela não precisa saber disso. Ninguém precisa, mas principalmente ela.

"Você estava sob cuidados?", ela pergunta, interrompendo abruptamente o pulo, com uma expressão preocupada em suas feições delicadas.

'Sim. Continue pulando.'

"Deve ter sido difícil para você. Sinto muito", diz ela, começando a pular de novo. Sei que não deveria olhar para ela, mas meu olhar cruza com o dela mesmo assim. A sinceridade pacífica em sua voz me dá vontade de bater na parede. Poucas pessoas sabem que eu estava no sistema, e aquelas que sabem nunca pareceram tão genuinamente atenciosas quanto ela. Algo nessa garota me faz querer sentar e contar a ela a história da minha vida. Cada detalhe. Mas eu nunca vou me submeter a isso. alguém tão pura quanto ela para algo tão escuro e sujo quanto meu passado.

— Foi ótimo. — Passo por ela e jogo os tapetes no chão, alinhando-os e acenando para eles quando estão no lugar certo. — Flexões agora.

Daphne para de pular e vai até o tatame para começar suas flexões, ainda sem fôlego de pular. "Você devia estar morando em uma área perigosa, se as crianças mais velhas estavam te ensinando a atirar facas."

"Mantenha a lombar abaixada", digo, ignorando a pergunta implícita. Agachando-me ao lado dela, empurro suavemente a base de sua coluna para baixo, corrigindo sua postura. Eu realmente não deveria estar tão perto dela.

Daqui, consigo sentir o calor irradiando do seu corpo. Consigo sentir seu aroma de marshmallow e flor de laranjeira e ouvir sua respiração rápida e superficial, levando minha mente a lugares onde ela realmente não deveria ir.

"Você não gosta de falar sobre seu tempo sob cuidados?", ela pergunta, sem fôlego.

'Não.'

"Ah, tá... bom, se precisar de alguém para conversar, estou sempre aqui para ouvir." Ela se senta e coloca a mão no meu antebraço com um sorriso suave. Depois de um instante, ela a retira e se levanta. Criando um espaço muito necessário.

Essa garota é gentil demais para o seu próprio bem.

"Obrigada, Srta. Green, mas isso não será necessário."

— Todo mundo precisa de alguém, Milosh — ela diz suavemente. — Não estou dizendo que preciso ser o seu alguém, mas posso ouvir, se você deixar. Quero ser o mesmo tipo de ajuda que você foi para mim ontem à noite. — Ela estende a mão fina e morena para mim. — Você me ajuda e eu te ajudo. Combinado?

*Eu não deveria fazer isso. Limites, Petrov. Boun...*

'Negócio.'

*Bem, isso foi estúpido.*

Envolvo a mão dela na minha e elas se moldam como o sonho de um escultor. Um calor se acumula em meu estômago com a sensação do seu toque e vejo sua boca se abrir suavemente, enquanto ela respira fundo. Olho de seus lábios macios para seus olhos quentes e cor de chocolate, tentando ler sua expressão.

Trabalho. Dafne.

Funcionário. Eu.

Saio do meu transe e solto a mão dela, dando um passo para trás só para garantir.  
"Vamos começar com sua postura."

Voltando para a cozinha para pegar água depois do treino, encontro George.

'Sr. Petrov, poderia vir ao meu escritório por um instante?', diz ele, desaparecendo pela porta da cozinha. Não o vejo desde ontem à noite e, a julgar pelo seu tom de voz, imagino que ele... quer falar sobre o que aconteceu.

Termino minha bebida rapidamente e entro em seu escritório, sentando-me em frente a onde ele agora está sentado atrás de sua mesa.

Ele não me dá atenção enquanto me sento e continua a digitar em seu computador por mais alguns minutos antes de se virar para me olhar.

'Sr. Petrov, seu comportamento ontem à noite foi inaceitável e pouco profissional.'

*Quer dizer, ele não está errado.* Não digo nada, esperando para ver exatamente onde ele quer chegar com isso. "Nunca ninguém falou comigo daquele jeito na minha própria casa." Ele faz uma pausa dramática, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Dito isso, entendo suas ações. Eu estava confusa e com raiva, e bebi demais, o que me levou a descontar minhas frustrações nas pessoas erradas. Normalmente, se algo assim tivesse acontecido, você teria sido demitida sem pensar duas vezes. No entanto, você não trabalha para mim. Você está na minha casa para me ajudar e já demonstrou que é vital para a segurança da minha filha, e eu me comportei mal ontem à noite, então não vou pedir que você saia.

*Ah, nossa!*

— Só vou dizer uma coisa: nunca mais me ameace fisicamente. E... — Faz outra pausa dramática. — Me desculpe. Me desculpe mesmo. — Ele olha para os papéis em cima da mesa, mexendo neles desajeitadamente.

"Não sou eu quem deve me desculpar, senhor", afirmo simplesmente.

— Sim, eu sei. — Ele me olha de novo com sinceridade nos olhos. — Pedi desculpas à Amelia e ao Henry hoje de manhã, e agora a você. Daphne é a última da minha lista.

"Ela deveria ter sido a primeira."

Ele olha para mim, um brilho de fogo nublando brevemente seus olhos. "Eu sei, Sr. Petrov."

"Ótimo." Levanto-me para ir embora.

"Gostaria de acrescentar mais alguma coisa, Sr. Petrov?", ele pergunta.

— Se está esperando um pedido de desculpas, senhor, não vai receber. Estou aqui para ficar de olho em qualquer movimento Daveeno e proteger sua filha. Acontece que ontem à noite a pessoa de quem ela precisava ser protegida era o senhor.

Culpa.

Culpa e vergonha são tudo o que vejo no rosto de George Green.

*Bom.*

Viro-me para ir embora, mas paro de repente na porta. — Senhor, sua filha o ama. É óbvio que ela o ama muito, mas se continuar nesse caminho, vai perdê-la. Meu conselho? Pare de mentir para ela e culpá-la por tudo. Nada disso é culpa dela. Apenas reserve um tempo e explique as coisas a ela. O senhor ficará surpreso ao ver como ela consegue ser empática.

Ele abaixa a cabeça. "Você tem razão."

Eu o observo por um momento. 'Senhor, eu sei que você nos disse que você Não sei nada sobre o que Daveeno quer de você, mas você tem mais alguma ideia do que poderia ser?' Ele não está me dizendo nada. Não sei por quê, mas toda vez que mencionei Daveeno, ele encerrou a conversa, como se não fosse o único motivo de eu estar aqui.

Ele me olha de novo, com uma emoção estranha e indecifrável atravessando seu rosto. "Tenho pensado nisso e talvez eu saiba o que eles querem."

Volto e me sento antes que ele continue.

'Há cerca de nove anos, eu estava trabalhando com o MI6 em uma fórmula de antídoto para uma toxina chamada soro 627. Eu e meu assistente de laboratório trabalhamos incansavelmente tentando criá-la, mas falhamos. Tornamos a situação ainda pior. De alguma forma, conseguimos concentrar os efeitos do soro para que ele não apenas matasse os espiões de forma dolorosa e lenta, mas também não deixasse nenhum sinal de crime. O novo soro que criamos fez parecer que o agente morreu de causas naturais, e não de veneno. Além disso, uma vez que tomassem o soro, ficariam mais suscetíveis a interrogatórios, pois ele removeria as inibições, o que significa que ninguém precisaria torturar a vítima; eles poderiam simplesmente alimentá-la com o soro, obter todas as informações necessárias e deixá-la morrer, sem que ninguém suspeitasse de nada.'

Eu levo meu tempo e processo completamente tudo o que George acabou de dizer antes de perguntar: "O que aconteceu com a fórmula?"

'Eu o destruí. Eu estava lá para fazer antídotos, não "Armas. E como o MI6 tinha um grande problema com agentes duplos, eu não podia confiar em ninguém, então me livrei delas e de todas as evidências que as acompanhavam. Não sei como, mas acho que a Daveeno descobriu o que eu criei e quer o soro para si, mas eu não o tenho."

"Todos esses anos depois? Quando você não trabalha com o MI6 há quase nove anos? Por que eles iriam querer isso agora? Como eles saberiam?" Estou me fazendo essas perguntas em voz alta, mas George responde.

"Estou me perguntando a mesma coisa. Não faz sentido, mas é a única explicação plausível para eles estarem atrás de mim."

Suspiro, meu cérebro ponderando todas as possibilidades. "Tudo bem, vou informar o Major Davis e veremos o que ele diz. Com essas informações, ele pode conseguir alguma coisa de Stefan Mikelson. Ele ainda está sob custódia depois do ataque à casa deles."

"Certo, esse é um bom plano. Obrigado, Milosh."

Concordo com a cabeça, levantando-me da cadeira e tirando o celular do bolso. "Senhor?", viro-me para a porta.

'Sim?'

"Sei que é uma situação muito estressante, mas não desconte na Daphne. Talvez você devesse contar a verdade sobre tudo isso para ela?"

'Obrigado pela sua opinião, mas lidarei com minha filha da maneira que achar melhor.'

Saio do escritório de George e encontro Daphne descendo as escadas dançando com um lindo vestido florido e uma bolsa na mão.

— Senhorita Green. — Ela se vira ao ouvir minha voz, e sua expressão antes relaxada agora se torna tensa e contraída.

"Vou às compras, Sr. Petrov", ela diz, embora eu não tenha perguntado. "Você pode vir comigo, mas eu vou, quer você queira ou não."

Oh, alegría.

## 13

### *Dafne*

'Não.'

'Sim.'

'Não.'

'Sim.'

'Não.'

'Eu realmente tenho o dia todo, Sr. Petrov', suspiro, abrindo a porta do armário e pegando as chaves do carro do gancho.

"Você não vai", ele responde, com um tom definitivo enquanto arranca as chaves da minha mão e caminha em direção à cozinha.

— Preciso de uma roupa para o baile de caridade daqui a algumas semanas, e você definitivamente precisa de um terno para provar se insiste em se juntar a mim — digo, fazendo beicinho, seguindo-o até a cozinha. — Além disso, faz séculos que não saio de casa.

Normalmente não sou de reclamar, mas, ei, tempos desesperados.

'Não me importa se você está nesta casa desde que nasceu, "Você não vai", ele diz, colocando minhas chaves no bolso de trás e indo em direção à geladeira.

— Mas por que não? Você concorda que eu vá à festa daqui a duas semanas, mas não nesta?

O Greenway Group organiza um evento beneficente anual de verão, apoiando uma causa diferente a cada ano. É um evento exclusivo para convidados e um dos destaques do meu verão. Todos se vestem com vestidos de baile e smokings extravagantes, a comida é ótima e eu encontro muitos familiares e amigos que não vejo quando estou na escola. Este ano, o Greenway Group está apoiando a Associação Britânica de Surdos.

"O evento de gala conta com segurança rigorosa e bem monitorada, uma lista de convidados exclusiva e uma equipe criteriosamente selecionada. Já o shopping tem centenas de desconhecidos, milhares de pessoas e nenhum processo de triagem."

— Bem, eu acho... — Viro-me ao ouvir a voz do papai quando ele entra na cozinha, vindo do escritório. Não nos falamos desde o jantar de ontem à noite e, instintivamente, fico tensa, pronta para encerrar o dia e voltar para o meu quarto para evitar outra discussão. — ...você deveria ir.

"Desculpe, o quê?", pergunto, sem me dar ao trabalho de esconder a surpresa na voz. Normalmente, quando meu pai e eu temos um desentendimento, temos um período de reflexão e depois voltamos ao normal. Mas o que quer que tenha acontecido recentemente fez com que esse período de reflexão se

prolongasse. Continua a... se estender a cada novo desentendimento que tivermos. E ultimamente, isso tem acontecido com frequência.

— Acho que você e o Milosh deveriam sair. Vocês passaram por muita coisa ultimamente e é justo que se divirtam um pouco. — Ele se aproxima e fica do outro lado da ilha, onde eu e o Milosh estamos. De frente para mim, mas ainda mantendo distância, com uma expressão conflituosa no rosto.

"Daphne, querida, sinto muito pela forma como tenho agido ultimamente", continua ele. "Primeiro no seu quarto, e depois ontem à noite. Essa coisa toda de invasão me causou tanto estresse, e eu realmente descontei na pessoa errada... bem, na pessoa errada. Não quero causar um abismo entre nós, especialmente em um momento como este. Você não precisa me perdoar agora, nem em momento algum, mas eu só queria desabafar." Ele olha para todos os lados, menos para mim, mexendo nas mãos como se alguém as tivesse dado a ele.

"Ah", ele acrescenta, "se ajudar, as compras são por minha conta". Ele enfia a mão no bolso, tira a carteira e me entrega seu cartão de crédito.

"Papai, as compras sempre seriam por sua conta, mas obrigada pelo gesto", digo, encontrando seus olhos e dando um sorrisinho. "E obrigada pelo seu pedido de desculpas, eu agradeço."

Ele se retira para seu escritório com um pequeno aceno hesitante, e eu volto minha atenção para Milosh, que está inclinado encostado no balcão observando silenciosamente a cena se desenrolar.

— Viu, o papai disse que a gente pode ir? — Levanto o cartão e vou até ele. — Ele até patrocinou o evento.

"Não, Daphne."

É muito difícil ficar irritada com ele quando ele diz meu nome desse jeito.

Profundo, áspero e forte.

Chego mais perto dele, apoiando a mão em seu antebraço para atrair toda a sua atenção para mim. "Por favor, Milosh, só por algumas horas?" Pisco para ele enquanto ele toma um gole de água lentamente, sem tirar os olhos dos meus.

Eu seguro seu olhar, passando minhas unhas pelo seu braço com muita delicadeza, fazendo padrões delicados em sua pele.

"Duas horas. É só isso que você tem."

Meus olhos brilham com a resposta dele e aperto seu braço de leve. "Obrigada!", tiro a garrafa das mãos dele. "Pode beber no carro, vamos."

Milosh me segue até a porta que leva à garagem. "Qual é o seu?", pergunta ele, gesticulando para a fila de carros que preenche o espaço. A maioria dos funcionários que vão de carro para o trabalho estaciona na rua particular, então os carros aqui pertencem à Amelia e ao Henry, a mim ou ao meu pai.

À nossa frente agora estão o Audi de Amelia e Henry, minha perua Greenway Motors rosa claro, inspirada em Sharpay Evans, dois carros esportivos do papai – um Greenway Motors e os outros McLaren – o Bentley que nosso motorista usa e o Rolls da família.

Sim, meu tio Jonathan dirige a Greenway Motors, parte do Greenway Group, mas isso não significa que todos os nossos carros precisam ser Greenways.

— Dê um palpite, Sr. Petrov. — Dou um sorriso irônico. Sua expressão nada impressionada me diverte enquanto ele destranca o carro e se senta no banco do motorista. Não discuto porque,

sinceramente, odeio dirigir, e me sento no banco do passageiro ao lado dele. Observo enquanto ele afivela o cinto de segurança, imitando suas ações enquanto suavizo a voz.

"A propósito, obrigada por concordar", digo com sinceridade. Ele me observa por um segundo antes de assentir brevemente e ligar o carro. "Eu realmente agradeço", termino, colocando minha mão delicadamente sobre a dele enquanto ele engata a marcha.

— Sem problemas, Srta. Green. Vamos entrar e sair rapidinho. Imagino que você queira ir ao shopping Greenway, não é? — Concordo com a cabeça e tiro a mão da dele enquanto saímos da garagem.

Meu avô, Hezekiah Green, fundou o Greenway Group quando era adolescente. Desde então, o grupo cresceu e se tornou um grande conglomerado, dividido em quatro grupos, cada um com um de seus filhos no comando. Papai administra a Greenway Discoveries, tio Leo administra a... No Greenway Hotel Group and Properties, o tio Jonathan administra a Greenway Motors e a tia Emily administra a Greenway Aviation. Recentemente, houve conversas entre os primos sobre a abertura de um quinto setor da Greenway, mas nada foi confirmado. Todos os netos – inclusive eu – foram preparados desde o nascimento para assumir os setores dos pais e, embora alguns de nós amem e anseiem por isso, outros não. Eu me enquadro nesta última categoria. Decidi seguir um caminho diferente e estudar Obstetrícia.

Esse é um ponto *realmente* delicado para meu pai, então eu falo sobre isso o mínimo possível.

Entediado com o silêncio, faço a pergunta que me incomoda desde que Milosh chegou.

"O que exatamente você é, Sr. Petrov?"

'O que?'

'De onde você é?', especifico. 'Sei que você morou nos Estados Unidos, mas sua voz e seu sobrenome sugerem que você começou em outro lugar.'

Ele me olha de relance, cruzando meu olhar, um olhar de conflito perpassando o seu por uma fração de segundo antes de responder: "Bulgária. Me mudei para a América quando tinha dez anos."

"Por que você se mudou?"

"Porque eu tive que fazer isso", ele afirma inexpressivamente. Olho para ele e considero sua resposta estranha e vaga, notando o aperto a firmeza que ele tem agora no volante. Sei que o passado dele é um assunto delicado, mas não consigo deixar de querer saber mais. Ele tem uma aparência tão dura, mas sei que há algo mais suave por baixo. Tenho visto vislumbres disso nas últimas semanas.

Luvax de boxe rosa.

Me acordando do meu pesadelo.

Enfrentando meu pai por mim.

O fato de ele não ter levantado a voz comigo agora, mesmo estando claramente desconfortável, diz muito.

"Desculpe, não queria me intrometer. Só queria saber um pouco mais sobre você", digo, quando chegamos a um sinal vermelho. Ele me olha com uma intensidade arrepiante, examinando minhas feições como se estivesse tentando memorizá-las.

"Mudei-me para os Estados Unidos para morar com minha tia depois que meus pais foram mortos. Morei com ela por um ano, aprendendo inglês aos poucos, antes de ela morrer. Depois, mudei-me para um orfanato, onde fiquei até os dezesseis anos, quando entrei para o exército."

Ah.

É por *isso* que ele não gosta de falar sobre seu passado.

"Eu pensei que era preciso ter dezessete anos para se juntar ao exército nos EUA?"

'Você sabe, mas eu salvei um menino que estava sendo espancado e descobri que ele era filho de um tenente e de um oficial de admissões, então eles me deixaram entrar mais cedo como um favor.'

"Você só entrou para o exército para fugir do orfanato?" Agora que ele está me deixando entrar, não consigo parar de fazer perguntas. Foi o máximo que ele se abriu desde que o conheci, então sim, vou perguntar até não poder mais.

"Sim e não. Eu odiava aquela casa, mas ela me ensinou lições valiosas. Entrei para o exército porque queria ajudar as pessoas."

'Foi por isso que você começou a fazer trabalho de proteção pessoal também?'

Ele fica em silêncio por um momento. Olho para ele, mas seus olhos estão focados na estrada. "Algo assim."

Não sei o que aconteceu, mas há uma mudança nítida no ar. Tentando manter o clima leve, continuo. "Obrigada por compartilhar isso comigo. Você não precisava, mas escolheu mesmo assim, e eu agradeço." Olho para ele, mas ele mantém os olhos na estrada, apenas abaixando a cabeça em sinal de reconhecimento.

"Já que você compartilhou algo, tem algo que gostaria de saber sobre mim?", sugiro, abaixando o vidro da janela e fechando os olhos enquanto me deleito com a brisa morna na pele. Milosh fica em silêncio por um momento, e presumo que ele simplesmente não queira saber mais nada sobre mim, até que me surpreende falando novamente.

— Seus pesadelos. — Percebo a hesitação em sua voz, mas mantenho os olhos fechados, esperando para ouvir aonde ele quer chegar. — Você teve um no primeiro dia em que cheguei aqui, não teve?

"É", respondo fracamente. Sei que pedi para o Milosh me perguntar qualquer coisa, mas prefiro comer meu dedão do pé esquerdo do que passar por isso com ele.

'Você come mirtilos depois de cada pesadelo?'

"É." Eu zombo levemente. Se tem uma coisa sobre Milosh Petrov, é que ele é um cara muito observador.

"Você os recebe com frequência?"

"Começaram quando eu era criança e vinham mais ou menos uma vez por semana. Pararam quando eu estava na escola, mas assim que eu voltava para casa nas férias, voltaram. Desde a invasão, pioraram, porém, vindo com mais frequência e intensidade. Mas é sempre o mesmo sonho, repetidamente. Isso nunca parece mudar."

Entramos no estacionamento do shopping e paramos em uma vaga. Desligando o motor, Milosh se vira para mim. "Obrigado por compartilhar isso comigo."

Uma coisa que aprendi a apreciar em Milosh é que, embora ele seja rude e assertivo com suas palavras, ele sempre fala comigo com respeito e relativa gentileza, esteja ele irritado comigo ou não.

'Você me ajuda, eu ajudo você.' Eu sorrio gentilmente, dando de ombros enquanto ele sai do seu lado e vem abrir a porta para mim.

Caminhamos em direção à entrada em um silêncio confortável por um momento, antes de Milosh mudar de assunto para a tarefa em questão. "Quando você vai às compras, costuma ver pessoas que conhece?"

"A maioria dos meus amigos mora em outros países, então nunca os vejo aqui, mas alguns parentes moram perto, então já os encontrei de vez em quando." Ouço a porta de um carro batendo ao longe e me encolho, soltando um suspiro agudo. Milosh me olha com uma expressão confusa enquanto aperta o botão para chamar o elevador.

"Estou um pouco nervoso desde o arrombamento", explico.

O eufemismo do século.

Não só fiquei nervoso, como também paranoico. Desde o arrombamento, não consegui descer à noite e fiquei com medo até do vento batendo de leve na janela do meu quarto enquanto me arrumava esta manhã.

Depois do arrombamento, tudo o que Henry me disse foi que o homem estava procurando algo para fazer com o trabalho do papai e me machucou para poder escapar sem problemas. Mas eu simplesmente não entendo no que ele poderia estar trabalhando de tão importante a ponto de alguém me estrangular para pôr as mãos nisso. Nada tem sido normal desde que voltei da escola, então preciso fazer essas compras. Contagem. Porque até que peguem o homem para quem aquele sujeito trabalhava, eu ainda corro risco.

— Se por acaso virmos alguém que você conhece — diz Milosh, me tirando dos meus pensamentos e me trazendo de volta à conversa —, o ideal é que eles não saibam que sou seu... guarda-costas.

'Por que?'

"Porque normalmente, quando você conta a alguém que você — uma pessoa normal — tem um guarda-costas, as pessoas começam a se preocupar e a fazer perguntas. Perguntas que nenhum de nós quer responder. Então é mais fácil se você me apresentar como seu amigo ou algo assim."

"Sr. Petrov", olho para ele. "Digo isso da maneira mais gentil possível. Ninguém acreditaria que você e eu somos amigos." Não é que eu não tenha amigos homens. É que não tenho amigos homens que se pareçam ou ajam remotamente como ele. Enquanto Milosh Petrov é astuto, rude e direto, meus amigos homens são preppy, estudiosos e nada atléticos.

'Tudo bem, então me apresente como seu namorado.' Ele suspira.

— Certo, se ninguém acreditaria que você é meu amigo, por que acreditariam que você é meu namorado? Já viu como se veste, Sr. Petrov? — Ele me olha com a expressão mais entediada que alguém poderia ter enquanto entramos no elevador.

Dou um passo para trás e tento encará-lo objetivamente, como se eu fosse um dos meus amigos o vendo pela primeira vez. Observo as botas estilo combate, as calças cargo pretas e a camiseta preta. O cabelo escuro e os traços faciais bem definidos. Ele se posiciona com autoridade e domínio, ocupando física e metaforicamente o espaço em que entra. "Você é literalmente um mural ambulante do Pinterest para a estética de guarda-costas. Essa coisa toda de pirralho de militar não é o visual que eu tradicionalmente procuro."

"E o que é? Malhas trançadas e calças de ganga?" A diversão dança nos seus olhos enquanto ele aperta o botão para o primeiro andar.

"Não, eu sou mais do tipo que usa colete e zíper." Tento imaginá-lo com a roupa de um homem que eu normalmente escolheria.

*definitivamente* posso trabalhar com isso.

'Certo, então se realmente vamos vender isso, vamos precisar comprar roupas novas para você.'

"De jeito nenhum."

— Sr. Petrov, o senhor disse que eu não deveria contar às pessoas que o senhor é meu guarda-costas, mas não preciso se estiver usando isso. — Aponto para o traje dele. — Então, se você vai interpretar o papel de namorado, precisa ter a aparência adequada.

"Acredite em mim, Srta. Green." Ele abaixa a cabeça até que sua boca esteja pairando sobre o lóbulo da minha orelha. "Se eu estiver interpretando o papel do *namorado*, não são as roupas que vão convencê-los.' Eu me afasto do arrepio involuntário que percorre meu corpo e me concentro. 'Mas é seu dia de compras, então vou te dar uma forcinha. Para onde vamos primeiro?'

*Dafne*

'Nossa, não. Tira.' Tomo um gole de água e olho ao redor da loja novamente, esperando que algo mais me chame a atenção enquanto Milosh volta para o provador. 'Quantas blusas temos agora?', pergunto à vendedora ao meu lado.

'Até agora temos quatro blusas, duas calças e um suéter.'

"Obrigado", respondo com um sorriso. "Só precisamos de um casaco de zíper e um colete, e aí estamos prontos", digo a Milosh.

Ele aparece um minuto depois vestindo jeans escuro, um suéter azul-marinho com zíper, um colete azul-marinho por cima e mocassins.

Ele parece bem. Muito bem.

— Muito melhor. — Sorrio, caminhando até ele para poder dar uma olhada mais de perto. — E tudo lhe cai muito bem. Bem!' Fiquei um pouco preocupada que teríamos dificuldade em encontrar algo que se ajustasse aos seus ombros largos e que fosse longo o suficiente, mas este suéter se molda perfeitamente ao seu corpo. 'Você tem esta roupa, mas na cor preta?', perguntei à vendedora.

"Deixe-me ir verificar." Ela vai embora, deixando Milosh e eu sozinhos.

"Então, o que você acha?", pergunto. Pelo que vi, ele só se olhou uma vez desde que saiu do vestiário, e mesmo assim foi às pressas.

"Está tudo bem", ele afirma simplesmente, aproximando-se de mim. "Se é isso que você quer, então vamos lá."

— Certo. Quer usar isso fora da loja? — Prendo a respiração quando ele coloca alguns fios de cabelo soltos atrás da minha orelha delicadamente, demorando a mão por um instante.

— Não, vou estar com muito calor. Deixa eu ir trocar de roupa e vestir algo mais apropriado para o clima. — Abro a boca para responder, mas ele se adianta, abaixando-se para sussurrar no meu ouvido. — Não se preocupe, ainda será aprovado pela Daphne Green.

Ele sai no momento em que a vendedora volta com a versão preta da roupa dele. "Obrigado. Você poderia adicionar isso à pilha de 'sim', por favor, e embrulhar tudo?"

"Claro, senhora", ela responde, indo embora, mas parando no meio do caminho até o caixa e se virando. "Eu só tenho "Para dizer a verdade, você e seu parceiro formam um casal tão lindo! Gostaria que alguém me olhasse do jeito que ele olha para você e gostaria de poder olhar para alguém com o mesmo amor que está nos seus olhos."

— Ah... obrigada... obrigada — consigo dizer com um sorriso forçado. — Que gentileza!

O jeito que ele olha para mim?

Amor nos meus olhos?

Desculpe, perdi alguma coisa?

Ainda nem começamos oficialmente essa coisa de namorado de mentira, mas estou feliz em saber que estamos realmente vendendo.

"Ah, sem problema nenhum", continua a vendedora. É até cativante. "Eu só acho que você é tão bonita e ele é tão charmoso. E ele fala com você tão gentilmente. É como um lindo conto de fadas que ganha vida!", ela completa, virando-se e seguindo em direção ao caixa.

Huh.

Ela comprou.

Eu e Milosh.

Milosh e eu.

Daphne e Mi... "Que jeito de vender", Milosh interrompe meus pensamentos, saindo do provador. Meus olhos percorrem seu corpo enquanto observo sua escolha de roupa.

Um polo de malha preta com calças chino pretas, combinado com uma faixa preta com detalhes dourados e mocassins pretos.

Ainda é ele, mas com um toque a mais... eu.

A mistura perfeita.

"Do que você está falando?", respondo, assim que minha mente finalmente registra o que ele acabou de dizer.

"Você é a pessoa mais séria que já conheci." Ele sorri, com diversão dançando em seus olhos.

"Não, não sou", é minha resposta muito razoável.

"Daphne, ela nos elogiou como casal e você congelou. Precisa relaxar."

"Diz o senhor, Sr. Desço em cinco minutos e eu só dou respostas de duas palavras porque sou o Milosh." Uso meu melhor sotaque búlgaro para realmente enfatizar o ponto.

Ele franze a testa, mas aquele sorriso idiota permanece no rosto. "Desculpa, era para ser eu?"

"Não deveria ser", digo enquanto começo a caminhar em direção ao caixa. "Sabe de uma coisa? Vamos fazer um pequeno teste." Viro-me para encará-lo. "Vamos ver quem consegue ser o menos rígido. Se você quer uma namorada falsa, então vai ter a melhor namorada falsa que um homem poderia desejar."

Ele me estuda por um momento antes de dar um passo à frente e levantar a mão para passar dois dedos pelo meu queixo.

"Claro", ele murmura em meu ouvido. Sou envolvida por aquele aroma limpo e quente dele antes que ele se afaste rápido demais, continuando a caminhar até o caixa.

"Vamos levar essas roupas também, por favor", informo à vendedora. Ela acena e sorri, me entregando uma tesoura para cortar as etiquetas e, depois de terminar, segurando o leitor de cartão. Dou uma olhada sem me dar ao trabalho de olhar o preço, enquanto Milosh pega as sacolas.

"Para onde vamos agora?", pergunta Milosh enquanto começamos a sair da loja.

— Bem, ainda precisamos comprar um smoking, um vestido e sapatos para mim. Vamos começar com o smoking e depois seguiremos adiante — decido, levando-o em direção à nossa próxima parada. — O ideal seria levá-lo à Savile Row, mas a etiqueta roxa terá que servir. Se não encontrarmos nada lá, iremos à Cucinelli, já que...

"Daphne!", alguém grita. Eu me viro e vejo Isabella vindo em nossa direção, com as bolsas e o namorado nas mãos.

"Bella, oi!", sorrio, acenando para ela. Paramos de andar e esperamos que eles nos alcancem. "A prima Isabella, da mesma idade, basicamente cresceu junto com minha outra prima, Camilla", sussurro para Milosh.

"Eu sei quem ela é."

Sinto uma pontada nauseante, parecida com ciúmes, quando ele olha para ela.

Injustificado e desequilibrado? Com certeza. Mas eu e o bom senso estamos em conflito agora.

'Como você está?', pergunto quando ela nos alcança, olhando brevemente até o namorado e sorrindo calorosamente. 'Oi, Eddie.'

"Ei, Daph." Ele acena de volta.

'Daphne, meu Deus, faz uma eternidade que não te vejo!', Isabella fala lentamente.

'É, você me viu na formatura algumas semanas atrás.' Eu rio.

"Cinco semanas atrás, Daphne. Cinco semanas. Isso é uma eternidade para mim", ela responde, mesmo com a atenção agora em outro lugar. "Você não vai me apresentar?", ela pergunta, olhando Milosh de cima a baixo, como se Eddie não estivesse ali.

'Ai, meu Deus, sim, desculpe. Milosh, estes são minha prima Isabella e o namorado dela, Edward. Eddie, Isabella, este é Milosh, meu cor-'

"Namorado", ele interrompe. Sinto uma das mãos de Milosh envolver minha cintura enquanto ele larga as sacolas, usando a outra para apertar as de Eddie.

Ah, ele é bom nisso.

Entrelaço meus dedos nos dele na altura da minha cintura e levo minha outra mão para descansar em seu peito.

— Sim, desculpe. Meu namorado. — Dou uma risada seca. — Eu simplesmente não consigo me acostumar a dizer isso!

"Namorado? Daph, você nunca me disse que estava interessada em alguém, muito menos em namorar." Isabella franze a testa.

'Eu ia te contar, mas queríamos manter isso bem claro. discreto', explico, sentindo-me péssimo por mentir para meu melhor amigo.

— Certo... Claro. — Ela me olha com desconfiança antes de olhar novamente para Milosh e dar de ombros. — Bom, você com certeza se saiu bem, Daph. *Com certeza* se saiu bem.

"Você se saiu bem, mas eu me saí melhor", diz Milosh, olhando para mim. Seus olhos pousam nos meus lábios por um momento antes de eu sentir sua mão se mover para o meu quadril, apertando suavemente.

— Ah, bom para vocês dois. — Isabella sorri. — Como vocês se conheceram?

"Grande Prêmio de Mônaco no ano passado", responde Milosh enquanto tento esconder meu choque. Como ele sabia que eu estava no Grande Prêmio no ano passado? "Nos conhecemos quando eu estava em um tour pelo cockpit da Greenway Motors."

'Ah, então você é um cara da Fórmula 1?', pergunta Isabella, parecendo mais do que impressionada.

"Algo assim", ele responde, movendo a mão para acariciar suavemente a parte inferior das minhas costas. Minha pele começa a esquentar sob seu toque e minha respiração fica involuntariamente superficial.

"Para onde vocês estão indo agora?", pergunto, tentando me controlar.

"Estávamos prestes a ir à Ralph Lauren para ver se conseguíamos um smoking para o Eddie, porque todos os dele ainda estão na Suíça", ela responde, revirando os olhos.

Eddie e Isabella se conheceram na escola e formam o típico casal que se repete e se desfaz há três anos. Se Eddie dependesse dele, ela já teria um anel de noivado enorme no dedo, mas percebi que ambos têm ideias muito diferentes sobre como o relacionamento deles deveria ser. Isabella se entedia rapidamente – daí o vai e volta –, enquanto Eddie é um cara comprometido com relacionamentos até a medula.

"Nós também estávamos indo para lá! Vamos juntos", sugiro. Preciso de um pouco de distância do Milosh, e se isso significa usar meu primo como um amortecedor humano, que seja. Nem me dou ao trabalho de olhar para ele, porque sei qual será sua expressão. Nada impressionada e desinteressada.

"Daph, não acredito que você escondeu isso de mim", sussurra Isabella enquanto entramos na loja. "Achei que a gente tinha contado tudo uma para a outra."

Que jeito de fazer uma garota se sentir péssima.

'Eu sei, me desculpe, era tudo tão novo e eu queria ficar em nossa pequena bolha ininterrupta um pouco mais de tempo.'

Isabella suspira, apertando minha mão daquele jeito reconfortante de quando éramos crianças. "Tudo bem. Contanto que eu seja a primeira a saber, acho que não importa."

'Meninas', Eddie interrompe, olhando os smokings em exposição, 'precisamos de fraque ou não?'

"Sem rabo", Isabella e eu dizemos ao mesmo tempo.

"Tudo bem", diz Isabella, me arrastando para o lado, "conte-me tudo!"

— Não há muito o que contar, Bella — digo, ciente de que Milosh ainda consegue nos ouvir. — Eu o conheci, começamos a conversar, ele me chamou para sair e agora estamos aqui.

— Certo, mas me diga, como ele é? Eu meio que esperava te ver com alguém um pouco mais... — Ela para de falar, lançando outro olhar furtivo para Milosh.

"Como o Eddie?", termino para ela.

"Bem... é, mais ou menos." Nós dois olhamos para Eddie e Milosh, comparando-os silenciosamente. Eles têm mais ou menos a mesma altura, com Milosh sendo uns dois centímetros mais alto, se vestindo de forma bem parecida e ambos brancos. É aí que as semelhanças terminam. Enquanto Milosh é obviamente muito musculoso, Eddie é mais magro. Pense no Flash e no Capitão América. Ambos fortes, mas de maneiras completamente diferentes. Eddie tem uma aparência muito doce, gentil, de garoto comum, com cabelos loiros e fofos e olhos azuis, enquanto Milosh parece o cara de quem sua mãe te avisaria para ficar longe. Cabelo escuro e feições marcantes. Ele está a uma manga de tatuagem de distância de um híbrido de motociclista e Bruce Wayne.

"Ele parece prestes a sofrer uma decepção amorosa, Daph."

'Eu sei como parece, Bella, eu realmente sei, mas ele não é Assim. Ele é gentil, protetor e gentil comigo. É só isso que realmente importa.'

"O que os pais dele fazem?" Ou seja, ele tem dinheiro?

"Eles atuam no ramo imobiliário comercial", minto.

— Tudo bem, então. — Bella olha para ele com ceticismo por um momento antes de se virar para mim. — Estou feliz por você. Só tome cuidado, ok?

'Claro.'

"Tudo bem", interrompe Eddie enquanto ele e Milosh se aproximam de nós, ternos nas mãos. "Estes são os que vamos usar para começar. São bons?" Ele levanta o smoking para mostrar a Isabella e Milosh faz o mesmo, levantando o seu para me mostrar. Ele escolheu um smoking tradicional de lã preta, abotoado de um botão, com linhas elegantes, acabamento impecável e lapelas de seda, enquanto o smoking de Eddie é um paletó creme abotoado de dois botões e calça preta.

"Parece uma boa escolha", digo a Milosh. "A sua também, Eddie. Por que vocês não vão experimentar e a gente procura uns lenços de bolso?"

"Não estou usando um lenço de bolso, Srta. Green", afirma Milosh.

— Correção — sussurro, virando-me para ele e ficando na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido, meus lábios roçando seu lóbulo. — Você vai usar o que eu quiser, *namorado*.

"É mesmo?", ele responde, erguendo levemente a sobrancelha enquanto se vira para me olhar, com íris verdes queimando através de mim.

*É assim mesmo?*

Como três palavrinhas podem soar tão... carregadas... está além da minha compreensão. Mas, mesmo assim, aqui estamos.

Quando não respondo, Milosh se abaixa novamente, inclinando-se de modo que seus lábios mal roçam meu lóbulo.

Nossa, é como um jogo de gato e rato, mas não sei quem é quem neste momento.

— Vou usar o que a senhora quiser, Srta. Green, mas não um lenço de bolso. Certo?

"Tudo bem." Expiro. Por que ele está tão obcecado por um lenço de bolso? Para ser sincera, eu realmente não me importo, ele pode se obcecar pelo que quiser, desde que sussurre no meu ouvido assim de novo.

"Ótimo", ele diz, com um leve sorriso antes de desviar o olhar de mim e olhar para Eddie e Isabella, que nos encaram com a mesma expressão estranha. "Estão prontos?", pergunta Milosh a Eddie, que assente com a cabeça, antes de caminhar com Milosh em direção aos vestiários.

Enquanto eles desaparecem, olho novamente para Isabella e não consigo evitar rir ao ver a expressão que ela está exibindo.

"O quê?", pergunto em meio à risada.

"Daphne, como vocês duas conseguiram conversar sobre um lenço de bolso tão..." Ela caminha até a área de estar em frente ao vestiário, ainda tentando encontrar a palavra certa. Sinceramente, eu também. "Suja?", ela se acomoda.

"Do que você está falando?" Solto uma risada, esperando parecer indiferente.

'Daph, a tensão nos olhares que vocês dois trocavam era uma coisa, mas os sussurros? Os olhares? Até eu e o Eddie estávamos começando a ficar excitados.'

— Não sei o que você quer dizer, Bella. — Suspiro, virando o rosto para esconder o sorriso. Uma coisa sobre Milosh e eu é que definitivamente podemos dar um bom show.

Porque é isso que tudo isso é. Uma atuação. Um espetáculo.

Certo?

## MILOSH

"Ok, esta é a última, prometo." Daphne sorri, entrando em mais uma loja. Não lembro o nome desta ao entrar, mas eles claramente são especializados em sapatos desnecessariamente caros e extravagantes. Daphne caminha até uma vitrine e observa um par de saltos com uma tira estilo gladiador com borboletas e um solado prateado brilhante.

Eles parecem desagradáveis.

"Não são deslumbrantes?", Daphne me olha radiante. Vou ser sincera: detesto fazer compras de roupas, mas ver o rosto dela se iluminar toda vez que vê algo de que gosta é como uma recompensa.

— Com licença. — Daphne pega uma versão dourada, sem borboleta, do sapato que acabou de me mostrar e dá um tapinha de leve no braço da vendedora que passa. — Você tem esse tamanho 38?

A vendedora para por um momento, olhando para Daphne como se estivesse tentando reencontrar um amigo há muito perdido, antes de sorrir para ela e olhando para o sapato em questão. 'Claro! Deixa eu ir pegar para você.'

"Obrigada!", Daphne sorri antes de se sentar em uma cadeira macia cor de creme. Continuo em pé, mas me aproximo dela, garantindo que seu rosto fique fora da vista de quem está do lado de fora da loja.

A vendedora volta, caixa na mão, com um sorriso radiante no rosto. "Me avise se precisar de mais alguma coisa", diz ela, entregando a caixa para Daphne e se afastando de nós, mas sem sumir de vista.

"Ok, você acha que estas combinam com rosa?", ela pergunta, esticando o pé brilhante para mim. Ela deve ter me confundido com sua prima tagarela.

"Não tenho a mínima ideia."

"Argh! Rapazes", diz o vendedor irritantemente animado. "Eles simplesmente não entendem, não é mesmo?"

"Não, não." Daphne ri, dissipando um pouco da minha irritação. Não sei o que há com ela, mas mesmo estando em alerta máximo o tempo todo, com a ameaça Daveeno ainda tão real, quando estou perto dela ela me traz de volta à calma e à paz que eu sentia quando criança. Não quando eu estava sob cuidados ou morando com minha tia, mas quando meus pais estavam vivos. Há algo no jeito como ela anda, fala, age e cheira que te atrai.

'Que bolsa você está usando com isso?', pergunta a vendedora, aproximando-se e sentando-se ao lado de Daphne.

Eu os ignoro enquanto falam sem parar sobre coisas que não me interessam e aproveito para me lembrar das saídas de emergência. Eu já conhecia o layout do shopping por ter estudado as plantas quando consegui este emprego, sabendo de alguma forma que acabaria sendo arrastado para cá. Mas nunca estive aqui pessoalmente e há um limite para o que se pode aprender com plantas e fotos. Tenho estado bastante vigilante desde que chegamos, atento a potenciais ameaças, e tudo estava bem até entrarmos nesta loja. Não sei o que há de especial neste lugar, mas isso fez meu corpo vibrar de expectativa.

Olho em volta e vejo quatro câmeras de segurança, três outros funcionários e a Pequena Senhorita Peppy. Algo nela me incomoda.

Ela é muito... ansiosa.

— Certo, está combinado. Vou levar os dois! — Viro-me para Daphne e vejo que ela tem um par de sapatos brilhantes em uma mão e um par de sapatos brancos de sola vermelha na outra.

'Ótimo, vamos levá-lo ao caixa!'

Ando logo atrás de Daphne, realmente brincando de namorado enquanto carrego todas as sacolas que acumulamos até o balcão. Ela se encosta em mim enquanto a garota embrulha os sapatos, acariciando meu braço lentamente, sem pensar, como se fosse assim que nos posicionamos diariamente. O peso do seu corpo misturado à sua feminilidade e doçura... O cheiro me implora para fechar os olhos e saborear esse momento, mas preciso me concentrar.

Isso tudo é uma encenação, não a vida real.

Só preciso sair desta loja, levá-la para casa e criar alguma distância entre nós.

Ela ergue a cabeça, fazendo com que seus olhos castanhos pareçam maiores, e suaviza a voz, com um sorriso delicado nos lábios. "Milo, tem certeza de que não quer comprar outro par de sapatos? Nunca é demais."

Tudo o que consigo fazer é balançar a cabeça rigidamente, olhando para tudo menos para ela, depois que o nome *Milo* saiu de seus lábios delicados. Já tentaram encurtar meu nome antes, e sempre soou forçado. Mas, claro, assim que Daphne Green o faz, ele se torna meu novo som favorito.

"Você gostaria do recibo na sacola?", a garota tagarela, me trazendo de volta ao presente.

'Sim, por favor.' Daphne sorri brilhantemente.

"Só preciso dizer que adorei sua roupa! Onde você comprou?", pergunta a vendedora, com uma expressão estranha no rosto, o que me deixa em alerta máximo. Ela ainda não fez nada que justifique um alerta vermelho, mas seus movimentos inquietos e olhar penetrante sugerem que ela não é tão inocente quanto gostaria de parecer.

'Ah, obrigada!', Daphne quase se emociona. 'É da Zimmerman. Comprei ano passado, mas acho que ainda tem. em estoque e os sapatos são os slides de verão Loro Piana!'

'Você se importaria se eu tirasse uma foto, só para lembrar o que estou procurando quando estiver pesquisando online mais tarde?'

"Ah, hum..." Ela hesita por um momento. "Claro, ok."

Enquanto a vendedora sorri e se abaixa para pegar o telefone debaixo do caixa, noto o início de uma tatuagem logo abaixo de sua clavícula.

É isso...?

Então me dei conta. Me atingiu como uma tonelada de tijolos.

"Você não precisa de foto, só precisa do nome", afirmo, olhando para Daphne, que agora está com uma expressão confusa. "Você lembra o nome, querida?" Continuo a conversa, tentando não levantar suspeitas enquanto olho discretamente para todas as saídas novamente, planejando nossa rota.

"Hum, sim, é o mini com botões ilustrados", ela diz lentamente, ainda confusa, mas seguindo meu exemplo mesmo assim.

"Aí está", digo à vendedora. "Anote isso e você não precisará de foto." Seu rosto se fecha, transformando-se numa carranca por uma fração de segundo antes de ela esboçar um sorriso forçado.

"Obrigada, isso é super útil. Tenha um ótimo dia."

'Isso foi estranho, né?' Daphne pergunta enquanto nos movemos em direção à porta, mas eu não estou prestando atenção nela, estou observando a vendedora com o canto do olho. Assim que finalizamos a compra, ela saiu do caixa, mesmo com uma fila enorme atrás de nós.

Agora ela está com o celular no ouvido e de costas para nós. Diminuo o passo, me esforçando para ver se consigo ouvir alguma coisa.

'É, acabei de vê-la, juro... é... vestido florido rosa e sandálias rosas... cabelo preso num rabo de cavalo... eu sei, eu sei.' Então a garota começa a rir como uma adolescente enlouquecida. 'Mas cuidado, ela está com o namorado... toda de preto... é, pode ser, sei lá.'

'Milosh?' A voz de Daphne me traz de volta e eu rapidamente crio um plano.

"É, desculpe, me distraí", digo quando a vendedora se vira e nos vê. "Vamos." Guio Daphne para fora da loja e começo a bolar um plano.

'Milosh, o que foi isso?', pergunta Daphne, aumentando a velocidade para acompanhar a minha.

"Você conhece o cara que invadiu sua casa na outra noite?"

'Sim?'

"Ele tem uma amiga. E foi ela quem tentou tirar uma foto sua."

'Espera aí, o quê?', Daphne me olha em choque, diminuindo o passo por um instante antes de retomar quase instantaneamente. Eu a guio escada rolante abaixo enquanto procuro por alguém que parece um pouco interessado demais em nós.

"Precisamos trocar de roupa", afirmo, notando um grupo de crianças reunidas na entrada de uma loja no térreo.

'Milosh, espere, como você sabe que ela e aquele cara estão trabalhando juntos?'

— Os dois têm a mesma tatuagem com a insígnia da organização. — Chegamos ao pé da escada rolante no momento em que avisto o vendedor com um sujeito corpulento no andar de cima. — Explico tudo isso depois, mas por enquanto você precisa confiar em mim, ok?

'Sim, ó-tá.'

Eu a guio pelo grupo de crianças até a loja, pegando rapidamente uma camisa branca dos cabideiros e procurando por uma calça. Daphne me vence e pega uma calça cinza, apontando para uma placa: *Roupas Femininas, Piso Inferior*. Concordo com a cabeça, um pouco surpreso com a rapidez com que ela se adaptou a tudo isso, e a levo para o andar de baixo. Encontro uma blusa verde enquanto ela pega uma calça de moletom preta e olha para mim. "E agora?" Olho ao redor e vejo vestiários do outro lado do salão.

"Baixem a cabeça e deixem as malas aqui." Caminhamos até o vestiário e eu pego dois óculos de leitura e uma bolsa enquanto entramos. Por sorte, não tem funcionários, então passamos direto e entramos em uma cabine. Fecho a cortina e me viro para olhar para Daphne, que agora está visivelmente tremendo.

"Que línguas você sabe?", pergunto, tirando todas as roupas dos cabides, tentando distraí-la.

'O que?'

'Idiomas, você fala algum fluentemente?'

"Ah, francês, BSL, mandarim e russo."

'Ok, de agora em diante só podemos falar um com o outro em russo. Não use meu nome verdadeiro, nem apelidos ou nomes falsos. Tanto faz, só não use meu nome verdadeiro. *Khorosho* ?'

"*Khorosho*."

Entrego as roupas novas para ela e começo a tirar a camisa, falando em russo novamente: "Troque-se e vista isso." Entrego os óculos. "Coloque suas roupas velhas na sacola quando terminar."

Assim que lhe entrego os itens, viro-me e encaro a parede para lhe dar um pouco de privacidade. Estive tão ocupada a pensar no que fazer a seguir que nem pensei que teríamos de nos trocar tão perto.

Junto.

*Apenas mantenha o profissionalismo.*

Mantenha. O. Profissionalismo.

*Dafne*

Já assisti Capitão América, Superman e todos esses filmes, mas fico feliz em dizer que eles não se comparam em nada ao homem que está diante de mim. Quando ele tira a camisa, olho para o seu rosto no espelho, esquecendo a situação atual. Seu abdômen forte e definido, combinado com seu bronzeado leve, lhe dá a aparência de um deus mítico. Pense em Hércules.

Meus olhos percorrem seu braço e me levam até seus ombros largos, observando-os subir e descer suavemente enquanto sua respiração se estabiliza. Quando ele começa a afrouxar o cinto, recupero os sentidos e me viro, vestindo a calça de moletom por baixo do vestido.

"Tem certeza?", ouço fracamente. Não reconheço a voz, mas acelero, tirando o vestido rapidamente e puxando a blusa verde justa pela cabeça. Viro-me e enfio o vestido na bolsa no momento em que Milosh dá de ombros. na camisa dele. Ele enfia as roupas velhas dele em cima das minhas e tira um par de óculos que eu nem percebi que ele pegou. Quando ele os coloca no rosto, meu peito se contrai.

O homem é um Clark Kent moderno.

"Sim, tenho certeza de que foram por aqui", ouço a vendedora dizer, um pouco mais perto dessa vez. Olho para Milosh enquanto ele para em um botão de camisa. Ele me olha, com uma emoção indecifrável nos olhos.

"Tudo bem, você dá uma volta pela loja e eu vou dar uma olhada nos provadores. Lembre-se, só precisamos da garota. E não a machuque, eles a querem viva", diz uma voz masculina grave. Sinto meu corpo começar a parar de funcionar enquanto tremores cada vez mais intensos tomam conta. Em segundos, Milosh está a apenas milímetros de mim. Ele puxa meu elástico delicadamente, deixando-o cair do rabo de cavalo e cair em cascata pelas minhas costas.

"Você confia em mim?" Demoro um instante para entender o que ele está dizendo, até me lembrar de toda aquela coisa de falar apenas em russo.

"O quê?" Viro-me para olhar a cortina enquanto ouço os passos pesados do que parece ser o meu fim se aproximando.

"Você confia em mim?", ele sussurra novamente, segurando meu rosto e virando meu corpo para que o dele proteja o meu, o conflito crescendo em seus olhos esmeralda.

Eu os procuro antes de responder "Sim".

'Bom.'

Ele se inclina, tão perto que nossas respirações se entrelaçam e sincronizam. Meus sentidos se aguçam e tudo o que consigo sentir é o cheiro dele, tudo o que consigo ver é ele e tudo o que consigo ouvir é o rugido em meus ouvidos enquanto ele roça os lábios hesitantemente nos meus. Ele para por

um segundo, interrompendo o beijo para me fitar nos olhos. Um pequeno sorriso surge em seus lábios antes que ele me puxe novamente, com mais firmeza desta vez, suas mãos se movendo para agarrar minha cintura e me puxar para mais perto até que eu esteja colada a ele.

Abro meus lábios e um gemido inesperado escapa da minha boca, convidando-o a entrar.

E, *meu Deus*, ele aceitou o convite.

Ele começa com movimentos leves, torturantes e sem pressa, explorando minha boca, mas assim que puxo sua língua, faminta por mais, a atmosfera muda ao nosso redor, o beijo fica mais profundo, mais forte e mais desesperado.

Um calor me invade o peito enquanto ergo as mãos e as enfio em seus cabelos, puxando-os levemente, e um pequeno gemido escapa de sua boca ao fazê-lo. Suas mãos começam a explorar meu corpo, uma subindo para acariciar meu braço, a outra descendo, traçando possessivamente minhas curvas suaves.

"Ai, meu Deus, desculpa, cara", diz a mesma voz grave de antes, enquanto ouço a cortina abrir e fechar instantaneamente. Minhas mãos deixam o cabelo de Milosh e me vêm para segurar seu rosto, enquanto suas mãos repousam em meus quadris. Milosh continua a me beijar por mais um momento antes de se afastar lentamente.

"Acontece que as pessoas odeiam demonstrações públicas de afeto", ele sussurra suavemente contra minha boca, russo esquecido. "Bom trabalho, querida."

Nós nos separamos e ele pega o polegar e o passa pelos meus lábios, seus olhos escurecendo enquanto ele acompanha o movimento.

Algo no jeito como ele diz "*bebê*", com seu sotaque búlgaro carregado e sexy, me faz puxá-lo para perto novamente, esmagando meus lábios contra os dele em desespero e pressa, minhas mãos explorando seu peito desta vez. "Ainda consigo ouvi-lo", deito em sua boca. Não sei se algum dia vou beijar esse homem de novo, então é melhor fazer durar.

Ele me entende rapidamente, levando as mãos ao meu rosto, acariciando minha bochecha com delicadeza, em desacordo com sua língua dominadora e autoritária. Logo desacelero e me afasto, sentindo instantaneamente uma sensação de vazio.

Nossas respirações estão pesadas e entrecortadas enquanto nos encaramos, absorvendo o que acabou de acontecer agora que a névoa está se dissipando. "Precisamos sair daqui", diz Milosh, voltando ao russo, seus olhos escuros enquanto me absorvem. Eu me mexo sob seu olhar enquanto o mesmo calor começa a subir novamente para o meu estômago. Ele pega o celular e envia uma mensagem antes de guardá-lo novamente. "Há três emergências..." saídas nesta parte do shopping, mas precisamos sair pela frente desta loja para chegar a qualquer uma delas.' Ele volta ao modo guarda-costas com facilidade, verificando seu telefone novamente quando ele vibra.

'Henry vai nos encontrar do lado de fora da saída de emergência e alguém virá buscar seu carro mais tarde. Abaixar a cabeça, siga-me e fique quieto. Só russo e sem nomes verdadeiros.'

"Ok", é tudo o que consigo responder enquanto minha mente trabalha a mil por hora para processar o que ele está dizendo.

— Daphne, isso é importante. Preciso que você me escute, ok? — Ele segura minha cabeça com as mãos, trazendo minha atenção de volta para ele. — Olhe para baixo, segure minha mão e ande rápido. Nada de inglês e nada de nomes. Sim?

— Sim... Sim, tudo bem. — Pigarreio e me concentro. Eu preferiria sair viva deste shopping, então definitivamente não é hora de perder o foco. Ele arranca as etiquetas de segurança das roupas, antes de juntá-las e colocá-las na sacola no chão, para que o alarme não dispare. — Espera, e as nossas roupas e todas as coisas que comprei antes?

"Precisamos deixá-los aqui."

"Ah, tá." Não sei bem por que estou triste. Sei que o papai vai comprá-los de volta para mim, mas é uma pena.

'Vamos recuperar tudo, ok?' A voz de Milosh é estranhamente reconfortante e começo a me sentir à vontade, dando-lhe um pequeno aceno de cabeça. 'Tudo bem, vamos.' Ele olha novamente para o celular. 'Henry está a cinco minutos de distância.' Ele pega minha mão e me guia pela loja, saindo pela seção infantil, só por segurança. Com nós dois usando óculos, nossas roupas novas e meu cabelo solto, somos bem difíceis de reconhecer. Tirando o fato de que somos uma combinação bem distinta de cara branco volumoso e garota negra delicada. E o fato de eu ainda estar com minhas sandálias bem rosa com minha roupa bem sem graça e roubada não ajuda. Acompanhar os passos largos de Milosh é bom no começo, mas quanto mais rápido ele se move, mais eu tenho que me esforçar para sustentar seu ritmo.

'Mi...' Paro, lembrando-me do que ele me disse sobre nomes. ' *Rodnoj* ', digo em vez disso, ganhando a atenção imediata de Milosh. ' *Slishkom bystro* '. Sorrio fracamente enquanto ele diminui um pouco o ritmo, ainda caminhando com determinação, mas em uma velocidade mais administrável. ' *Spasibo* '. Ele se vira para me olhar e me dá um pequeno sorriso torto, e acho que é a primeira vez que o vejo sorrir de verdade. Nunca usei o apelido "querido" em russo antes, mas se resultar em sorrisos assim, eu repetiria com prazer várias vezes. Preciso de mais. O jeito como seus lábios se erguem, leves rugas se formando ao redor dos olhos, me dá vontade de me esticar e beijá-lo novamente.

Uau.

Não.

Não vou fazer isso.

Aquele beijo foi uma encenação. Não foi real, foi só uma distração, mas, nossa, foi um espetáculo e tanto. Afasto meus pensamentos e me concentro, mas, no momento em que o faço, alguém esbarra em mim. Se não fosse o Milosh me agarrando rapidamente, eu teria caído no chão.

"Desculpe, senhorita", diz o culpado, mas não está olhando para mim. Está olhando para os meus pés. Minhas sandálias, para ser mais exato. Milosh e eu parecemos perceber isso ao mesmo tempo, porque, depois de um rápido aceno de cabeça, começamos a acelerar novamente.

"Ele está nos seguindo", Milosh diz calmamente, avistando o reflexo do cara na vitrine de uma loja.

"Precisamos despistá-lo rapidamente", ele continua, me puxando por outra loja e saindo pelo outro lado, despistando momentaneamente o homem atrás de nós. Ele me arrasta para uma pequena sala de manutenção ao lado da loja, deixando a luz apagada. Ficamos em completo silêncio por um instante, o único som vindo do subir e descer de nossos peitos enquanto recuperávamos o fôlego.

'A saída de emergência fica a uns trinta segundos daqui.' Tão perto, consigo sentir seu hálito quente acariciando minha pele, me trazendo de volta ao beijo que aconteceu há poucos instantes, mas que de alguma forma parece ter acontecido há uma vida inteira. Tanta coisa aconteceu desde que entramos no

shopping, meu cérebro está trabalhando horas extras tentando se lembrar de tudo. 'Vamos esperar "Espere um momento e depois vamos correr. E eu preciso que você corra de verdade, tá, meu amor?"

"Hum, hum."

Ele agarra minha mão. "Boa menina."

Não tenho tempo para processar o que acabou de sair da boca dele, porque ele imediatamente abre a porta com um puxão, a luz lá fora quase me cegando com seu brilho, e começa a correr. Bem, é mais como uma corrida para ele, mas eu estou correndo – e isso não é fácil de sandálias. Chegamos à saída e saímos em um corredor, fechando a porta atrás de nós. Milosh olha ao redor e encontra um cano de construção descartado no chão, enfiando-o entre as maçanetas para trancar a porta.

Risco de incêndio? Sim.

Ele se importa? Nem um pouco, aparentemente.

Ele pega minha mão novamente, ao mesmo tempo em que pega o celular, antes de me guiar pelo corredor que leva à rua. Aceleramos o passo novamente ao chegarmos à rua, onde o carro de Henry agora está à vista.

"Vamos", diz Milosh, abrindo a porta do banco de trás para mim, antes de sentar ao meu lado.

'Daphne, querida, por que não consigo te deixar sozinha um segundo sem que algo aconteça?', pergunta Henry da frente, enquanto faz uma rápida inversão de marcha, dirigindo na direção totalmente oposta à da casa.

"Sinceramente, Henry, não sei", é tudo o que consigo dizer antes de desligar quando Milosh começa a explicar o que acabou de acontecer. Sinto minha adrenalina subindo enquanto fecho os olhos e tento controlar a respiração. A combinação da voz grave, quase melódica, de Milosh com o zumbido suave do motor me embala para dormir antes que eu consiga resistir.

*Dafne*

Começa sempre do mesmo jeito.

Desço correndo as escadas para o porão, tentando não ser pega depois da hora de dormir. Vou até a despensa da cozinha de preparação em busca do meu lanche noturno favorito: azeitonas Manzanilla com pimenta-do-reino moída e salgadinhos de sal marinho.

Arrasto-me até um banquinho, sentindo-me estranhamente baixo, e estendo a mão para pegar o pote. Assim que o seguro, vou em direção aos salgadinhos, mas, ao pegá-los com a mão esquerda e as azeitonas com a direita, sou interrompido abruptamente por um baque alto que ecoa pela sala de preparo.

Segurando o jarro contra o peito, espero ansiosamente que o dono daquelas pegadas me encontre.

Depois de alguns instantes, com o peito ainda arfando, ouço outro baque, mais forte, porém mais distante desta vez. Pulando do banco, coloco as azeitonas no balcão. e vou me esconder atrás da porta. Não sei quanto tempo fico ali, mas assim que parece que a situação está tranquila, abro a porta lentamente e sigo em direção à escada. A equipe de reforma esteve aqui mais cedo, eu acho. Talvez tenham sido algumas das ferramentas deles que caíram, causando o barulho?

Antes de chegar à escada, ouço um gemido suave e abafado vindo da futura sala de natação. Com a curiosidade e a confiança do personagem que morre primeiro em um filme de terror, aproximo-me do som e paro ao ver um homem amarrado de joelhos, com sangue escorrendo do rosto e pescoço, os braços nus machucados e sangrando.

"Interessante como um homem tão forte e orgulhoso pode acabar em situações tão precárias", ouço uma voz feminina dizer enquanto ela caminha em sua direção. Com a iluminação tão fraca e suas costas voltadas para mim, não consigo distinguir nenhum de seus traços, mas noto algo metálico em sua mão esquerda, brilhando à luz da lua que entrava pelo visor do corredor.

"Olha só você", ela diz, com desdém transbordando da voz. Ela usa o objeto de metal para levantar o queixo dele enquanto ele continua fungando. "Pobre homem, nojento e vergonhoso." Ela bate o metal no rosto dele, fazendo-o cair de lado.

Um suspiro silencioso sai da minha boca.

É uma arma.

Ela tem uma arma.

Uma pessoa tem uma arma no meu porão e está torturando alguém.

— Malcolm, deveríamos fazer isso juntos, você e eu. — Sua voz é chocantemente sincera enquanto ela se agacha. — Você não deveria ser o curinga. Você deveria ser a pessoa em quem eu poderia confiar.

Mas agora, só porque está com medo, quer jogar a toalha? Infelizmente para você, querido, isso não é uma opção. Vou te dar uma última chance de me contar a verdade. O que você descobriu?

De onde estou, não consigo ver a expressão em seu rosto, mas ouço a determinação em sua voz. "Não vou te contar nada. Não mais. Então, faça o seu pior."

"Malcolm", lamenta a mulher, "por favor, não me diga que tudo isso é por causa da criança".

*Uma criança? Que criança? E quem é Malcolm?*

"Não, não é. Só estou escolhendo fazer a coisa certa pela primeira vez na vida."

— Isso é admirável, é mesmo. Mas também é bastante decepcionante, Malcolm, e, francamente, bastante constrangedor — diz ela, com uma falsa compaixão impregnando sua voz. Ela passa delicadamente a mão livre pelo rosto ensanguentado e agora inchado dele, antes de soltar um suspiro pesado, batendo nele com a mesma mão com que o acalmava. — Bem. — Ela se anima. — Eu não preciso... "Para te lembrar o que acontece com as decepções, não é?" Eu praticamente consigo ouvir o sorriso em sua voz. Ela se levanta e coloca a arma no chão, fora do alcance de Malcolm, antes de pegar uma faca do bolso de trás, girando-a descuidadamente nas mãos.

Ela se abaixa novamente e reposiciona Malcolm para que ele fique ajoelhado ereto.

Eu não deveria estar aqui.

Eu não deveria ver isso.

Viro-me para ir embora, mas paro quando ouço um suspiro. Olho para trás e encontro Malcolm me encarando enquanto a mulher enfia a faca em seu peito. Ele cai sem vida no chão, com os olhos ainda abertos.

Tudo o que ouço é um ruído branco enquanto tropeço nos meus pés subindo as escadas. Não paro de correr até subir o próximo lance de escadas e estar em segurança na minha cama.

Mal recuperei o fôlego quando ouço passos subindo as escadas. Eles se aproximam cada vez mais e não param até chegarem à porta do meu quarto.

Enterro a cabeça no travesseiro, tremendo violentamente quando a porta se abre e ouço passos entrando no quarto.

"Dafne?"

Meus olhos se arregalaram ao som de uma batida forte. Olho em volta e percebo que estou deitada na cama, ainda usando as roupas descombinadas da nossa agitada ida às compras. A porta do meu quarto se abre com um rangido e meu pai entra timidamente, sorrindo gentilmente quando vê que estou acordada.

"Oi, querida, só vim ver como você está." Ele vem se sentar na ponta da minha cama, ainda hesitante.

"Oi, papai", sussurro enquanto começo a me adaptar.

*Foi só um pesadelo. Não era real.* Sentada na cama, olho para ele. "Como cheguei lá em cima?"

"Bem, o Henry estava dirigindo sem rumo depois que veio buscar você e o Milosh, só para ter certeza de que ninguém estava seguindo vocês, e vocês acabaram dormindo no carro. O Milosh carregou vocês para cima e vocês dormiram por umas", ele para para olhar o relógio, "seis horas."

*Seis horas? O Milosh me carregou escada acima?*

Olho para o relógio ao meu lado e, chocada, vejo que marca 20h40. Penso na viagem de carro e, sinceramente, não consigo me lembrar de nada.

Huh.

Milosh me carregou para cima.

Minha mente involuntariamente me leva de volta à sensação de seus braços fortes e quentes em volta de mim quando nos beijamos, notando que aqueles mesmos braços fortes e quentes me carregaram inconsciente para fora do carro, pela casa, escada acima e até minha cama, tudo isso sem me acordar.

Esqueça a habilidade com que ele nos tirou do shopping, esse foi o feito realmente impressionante.

"Daphne, sinto muito", papai suspira, estourando meu balão de pensamento.

'O que você está falando?'

— Eu te disse para ir. Eu te disse para ir às compras, e agora olha só. Você quase foi atacada – sequestrada até. Se alguma coisa acontecesse com você, eu não saberia o que fazer comigo mesma...

— Mas não aconteceu — interrompo, descendo da cama para colocar minha mão sobre a dele. Ele me olha em choque, provavelmente porque é a primeira vez que chego perto dele em semanas. — Tirando o meu vestido favorito e algumas peças novas que ainda estão no shopping, nada aconteceu, papai. O Milosh nos tirou de lá antes que qualquer coisa acontecesse.

— Sim, mas poderia ter acontecido, Daph. É esse o ponto. Eu não estava pensando direito quando sugeri que você fosse. Milosh avisou para não ir, mas eu ouvi? Não.

"Pare de se culpar", exijo. "Realisticamente, eu ia às compras, independentemente de você aprovar ou não, então não é culpa sua. E, pensando bem, foi você quem contratou o Milosh. Então, tecnicamente, você me salvou com sua visão de futuro." Dou de ombros.

Eu o observo enquanto ele olha para as mãos e balança a cabeça.

'Papai.' Eu paro, pensando se realmente quero fazer esta pergunta. Chegamos a um ponto bom, eu realmente quero causar outra discussão por causa da cautela do meu pai sempre que faço uma pergunta a ele?

"Sim, querida?", ele pergunta quando não continuo.

*Arranca logo o Band-Aid, Daphne.* 'Por que isso está acontecendo?', pergunto, olhando para ele cautelosamente em busca de uma resposta. Quando não recebo nenhuma, todos os meus pensamentos sem filtro começam a vazar. 'Quer dizer, simplesmente não faz sentido. Essas pessoas invadem os escritórios e laboratórios seus e dos seus colegas de trabalho, mas, que eu saiba, só arrombam a nossa casa. Depois, vasculham o seu escritório, mas acabam tentando me estrangular. Aí, inocentemente, vou às compras e alguém tenta me sequestrar. O que eles querem comigo? Eu nem sei quem são.'

Meu pai me olha sem expressão por um instante, tão sem expressão que começo a achar que ele nem estava ouvindo, até que a vida começa a inundar seu rosto. Com tanta intensidade emocional que quase me assusta.

Ele começa a balançar a cabeça lentamente, mais uma vez recusando contato visual. "Daphne, eu..."

"Por favor", eu o interrompo, "por favor, me diga a verdade. E, por favor, não fique bravo comigo por fazer essas perguntas. Tenho o direito de saber o que está acontecendo, principalmente porque pareço ser o mais afetado."

'Não, você está certo, você merece a verdade.' Depois de um breve Expira, como se estivesse se preparando para a história que está prestes a contar, e começa: "Essas pessoas estão atrás do nosso dinheiro."

'O que você quer dizer?'

No trabalho, as pessoas recebiam esses bilhetes, meio ameaçadores, exigindo dinheiro ou que alguém que amam se machucaria, mas nenhum de nós ouvia. Quando você está em uma determinada faixa de imposto de renda, se acostuma com as ameaças vazias que sempre parecem chegar à sua mesa. Mas essas ameaças eram tudo menos vazias. Existe uma organização chamada Daveeno que tem um estranho complexo de Robin Hood, em que querem roubar dos ricos e dar apenas para si mesmos. Essas são as pessoas que saquearam meu escritório e invadiram nossa casa. Quando eu não dei a eles o que queriam, eles decidiram resolver as coisas com as próprias mãos e me assustaram até me submeter. Mas chega. Tenho conversado com a polícia e eles vêm construindo um caso contra eles há algum tempo. Só temos que ficar quietos e esperar que a polícia faça o seu trabalho, mas enquanto isso, Henry e eu contratamos mais alguns homens para proteger a casa. Desculpe, mas por enquanto você não pode sair de casa. Você poderá ir ao evento beneficente em algumas semanas, porque a segurança será reforçada de qualquer maneira. Mas, fora isso, nada. Só até isso ser resolvido.

'Ok, obrigado por compartilhar isso comigo. Eu realmente 'Agradeço.' Ele me oferece um pequeno sorriso antes de se levantar da cama, preparando-se para sair.

"Sério, papai." Levanto-me da cama e dou a volta nela, ficando bem na frente dele. "Obrigada pela sua honestidade." Envolver meus braços em volta da cintura dele e nos abraçamos pela primeira vez em semanas.

Gosto que estejamos bem agora.

Eu odeio discutir com meu pai, mas se ele realmente aceitar essa questão da honestidade, sei que podemos superar tudo isso.

Eu o solto e ele caminha em direção à porta em silêncio, parando enquanto sua mão gira a maçaneta. "Daphne, tudo o que eu faço, fiz e farei é por você. Eu te amo, querida, e não importa o que aconteça, isso nunca mudará." Ele sai rapidamente, sem me dar chance de responder, fechando a porta com um baque suave atrás dele.

Entro no meu camarim e abro a gaveta com as coisas da minha mãe. "Nossa, queria que você estivesse aqui", sussurro enquanto me abaixo para pegar o colar dela. "Você saberia o que fazer."

Coloco o colar em volta do meu pescoço, fechando o fecho, antes de ir escolher um traje de banho.

Depois de hoje, e da notícia que meu pai acabou de me contar, preciso estar em qualquer lugar, menos na minha própria cabeça, e nadar sempre pareceu ajudar com isso. Você pensaria que Eu odiaria nadar, dado o que aconteceu com minha mãe, mas a primeira e provavelmente melhor coisa que meu pai fez depois que ela se afogou foi me obrigar a fazer aulas de natação para fortalecer minha técnica e habilidade.

No começo eu odiei, não entendia por que tinha que fazer aquilo, mas realmente acredito que se ele não tivesse feito isso eu teria crescido com medo de água.

Mas eu adoro. É tão libertador e relaxante e, estranhamente, me ajuda a me sentir mais perto da minha mãe.

Sei que ela não gostaria que eu crescesse com medo daquilo que ela mais amava, então escolhi aproveitar. Por ela.

Visto um maiô branco, coloco meu robe de seda rosa por cima para esconder o colar e sigo para o porão. Meu pai raramente usa a piscina, então sei que ele não estará lá para ver o medalhão.

"Oi, Daph", diz Amelia quando entro na cozinha para pegar mirtilos e água para levar para o andar de baixo. Olho para o fundo da cozinha, onde Amelia e Henry estão sentados no cantinho do café da manhã, jantando. "Eu não sabia que você estava acordada. Quer jantar? Acho que o Josh deixou um prato para você."

"Estou bem por enquanto, mas obrigada pela oferta", respondo, pegando as frutas da geladeira e indo até uma tigela.

"Como você está se sentindo, querida?", pergunta Henry.

— Estou bem, Henry — digo com sinceridade, virando-me para dar-lhes toda a minha atenção. — Obrigada por terem vindo nos buscar hoje. Agradeço muito.

'Daph, parte do meu trabalho é garantir a sua segurança. Você estava em perigo, então eu fiz a minha parte. Milosh fez todo o trabalho pesado.'

É, não posso discordar dele nesse ponto. Sem o Milosh, eu definitivamente não teria voltado para casa.

"Ei, pergunta aleatória", Henry começa, com um sorriso malicioso nos lábios. "Como ele te tirou daquele provador? Eu sei que você entrou lá para trocar de roupa, mas não tinha um daqueles caras te seguindo? Como você saiu? Eu não estava prestando muita atenção no carro."

— Ah. — Pigarreio, e a lembrança do que aconteceu naquele vestiário me inunda de repente. — Hum, bem, n-nós apenas o distraímos e depois fomos embora.

Volto meu foco para os mirtilos e começo a escolher os mais bonitos para colocar na minha tigela.

"E como você o distraiu mesmo?", pergunta Amelia inocentemente, mas sei que se eu olhar para cima agora, verei um sorriso irritante no rosto dela, e outro no de Henry.

— Acabamos de fazer isso. — Dou de ombros, ainda mantendo os olhos grudados nos mirtilos como se fossem a fruta mais fascinante que existe.

'Certo', Henry questiona, 'mas pinte um quadro para nós, quero sentir como se eu estivesse lá.'

*Não, você realmente não sabe.*

"Fingimos que éramos um casal para deixar o cara desconfortável e ir embora sem olhar direito para a gente", desabafo. Eles vão ouvir a história de qualquer jeito, então é melhor eu contar logo.

— Hum — diz Henry, e eu praticamente consigo ouvir o sorriso em sua voz enquanto vou até a pia para lavar os mirtilos. — E como exatamente você fingiu que estava em um relacionamento, Daph?

Finalmente olho para encará-los e nunca vi ninguém mais fascinado. Ambos exibem os sorrisos mais ridículos, enquanto ainda tentam fingir inocência.

"Acabamos de fazer isso, ok?"

— Daph — Amelia diz, arrastando meu nome —, você beijou Milosh?

Nem sei como chamar o que fizemos. Sim, tecnicamente seria classificado como beijo, mas pareceu muito mais que isso.

Parecia mais profundo, mais significativo e íntimo.

Mesmo sendo falso, não parecia nada disso.

Quando não respondo, Amelia solta uma risadinha satisfeita. 'Vou aceitar essa massagem agora, junto com meus trinta libras.' Olho para eles e vejo Henry balançando a cabeça e pegando a carteira enquanto Amelia se gaba.

'Vocês dois apostaram em mim?'

'Não, apostamos em você e Milosh', corrige Amelia.

— É literalmente a mesma coisa — respondi, impassível. — Qual foi a aposta?

"Meels tinha certeza de que vocês dois ficariam juntos em dois meses, enquanto eu disse que levaria três", explica Henry.

'Milosh e eu não estamos juntos, só tivemos que desempenhar um papel para ficarmos seguros.' Suspiro.

— Certo, então deixa eu te perguntar uma coisa — diz Amelia. — Você gostou?

Olho para as minhas frutas vermelhas, desejando estar em qualquer outro lugar, menos ali. "Foi só encenação. Não havia nada para aproveitar."

*Mentira.*

"Ah, qual é, Daph. Você realmente espera que a gente acredite nisso?", brinca Henry. "Ele é um cara bonito, e você é uma garota bonita. Vocês dois têm mais química do que eu e a Amelia, e eu sinceramente nem imaginei que isso fosse possível."

— Não é — confirmo. — E não queremos. Estávamos apenas tentando sair de uma situação precária, que por acaso resultou em um beijinho. Só isso. Nada mais. Então, Meelie, você pode devolver o dinheiro ao Henry e... acabe com essa aposta porque isso não vai acontecer.'

Quem diabos eu estou tentando enganar?

Eles? Porque isso com certeza não está funcionando.

Eu? Isso também não está funcionando.

Minha experiência com beijos na vida é bem limitada, mas esse definitivamente superou todos. Seja sob coação ou não.

"Você ouviu a mulher? Devolva meu dinheiro", Henry brinca enquanto começo a sair da cozinha.

"Desculpe, Hen, não posso", responde Amelia, colocando o dinheiro no bolso de trás antes de se levantar com os pratos do jantar prontos nas mãos.

"Bem, se você não vai me dar, eu vou ter que ir aí e tirar de você." Ele se levanta devagar e vai até ela, dando tempo para ela largar os pratos antes de pegá-la no colo, o que faz com que ela grite e eu acelere o passo.

A situação entre Milosh e eu é claramente esquecida assim que ele põe as mãos nela, mas para mim está tudo bem.

Se tivessem me questionado sobre aquele beijo mais uma vez, eu poderia ter contado a eles como realmente me senti.

E não podemos permitir isso.

Sinceramente, nem sei como me sinto sobre isso, só sei que quero fazer isso de novo.

## MILOSH

Termino mais uma volta na piscina e nado até a borda, lembrando os eventos do dia. Hoje foi uma bagunça total em todos os sentidos. Aquele beijo foi o mais bagunçado de todos.

*"Bom trabalho, querida."* Por que diabos eu disse isso?

No começo da viagem, quando concordamos sobre toda essa coisa de relacionamento falso, ela estava mais dura que uma tábua, mas ao longo do dia ela realmente relaxou, o que me fez duvidar se alguma coisa daquilo era real.

E então houve aquele beijo.

Seus lábios eram mais macios do que eu jamais poderia imaginar, e seu sabor? Uma mistura delicada de menta e açúcar. Aquele pequeno gemido que ela soltou quando suas mãos se enterraram no meu cabelo me fez reprimir um grunhido de satisfação e me deixou com vontade de mais. Nós dois sabíamos que aquele cara tinha ido embora, mas quando ela me puxou de volta para aquele beijo, tudo se dissipou, toda a nossa situação foi esquecida. Era só eu, ela, e nossas mãos errantes.

Sinceramente, não sei como me contive. Tudo nela me atrai. Sua voz doce, sua pele macia e castanha, seu coração bondoso, seu rosto majestoso com aqueles lábios carnudos... sinceramente, eu poderia continuar falando sobre isso para sempre. Quer dizer, nem me fale da sensação do corpo dela sob meu toque.

Ela também é uma atriz e tanto, porque o jeito que ela me olhava me fez acreditar que era real, e me deixou pronto para arriscar tudo, que se dane o trabalho. Mas eu precisava retomar o controle rapidamente para nos tirar daquela situação em segurança. Como alguém poderia querer machucá-la está além da minha compreensão. Mas eles queriam, e eu precisava tirá-la de lá.

Enquanto eu contava a Henry o que tinha acontecido, omitindo alguns detalhes, ela adormeceu. Sua cabeça descansou suavemente na janela e seu peito subia e descia com firmeza. Ela até dorme com tranquilidade.

Quando a peguei no carro, ela imediatamente se aninhou em mim, com uma das mãos pousada no meu peito. Senti uma necessidade imensa de dar um beijo carinhoso em sua cabeça, mas quando olhei para ela e vi Henry nos olhando com um sorriso bobo no rosto, decidi não fazer isso.

Trabalho. Dela.

Funcionário. Eu.

Confunda os limites e você terá uma decisão estúpida prestes a acontecer.

Mergulhei a cabeça na água, prendendo a respiração, tentando clarear a mente. Borrei os limites com tanta violência hoje, e agora realmente não sei onde estamos ou como me sinto. Mas o que sei é que minhas ações mantiveram Daphne segura, então, no fim das contas, não estou muito preocupada.

"Ah, Sr. Petrov, eu não sabia que o senhor estava aqui embaixo." Ouço palavras abafadas vindas de cima de mim. Volto à superfície e olho para cima, encontrando Daphne parada ali, de robe, o cabelo liso preso num rabo de cavalo elegante, segurando uma tigela de mirtilos.

Ela deve ter tido outro pesadelo.

"Eu estava terminando", digo enquanto saio da piscina.

'Por favor, não saia por minha causa, a piscina é grande o suficiente para nós dois.'

"Você teve outro pesadelo?", pergunto, mudando de assunto e caminhando em sua direção.

Ela me olha, confusa por um segundo, antes de olhar para a tigela em suas mãos, uma onda de compreensão a inundando. "É... Sim, sim."

"Você quer conversar sobre isso?"

É, Milosh, ótima ideia. Fazê-la se abrir ainda mais com certeza ajudará a suavizar os limites já tênues.

Cara inteligente. Sério, eu deveria me dar um prêmio ou algo assim.

Ela balança a cabeça enquanto eu silenciosamente solto um suspiro de alívio. suspiro. 'Obrigada, de verdade.' Ela me dá aquele sorrisinho doce, antes de abaixar a cabeça novamente. 'Mas não, eu só quero tirar a cabeça de tudo.' Não percebo como seus olhos examinam meu peito nu, meu corpo esquentando enquanto seus olhos passam por mim.

"Ok", respondo e passo por ela para pegar uma toalha. O Greens tem um mini spa e academia totalmente funcional aqui embaixo, com sauna seca e a vapor, piscina aquecida e aparelhos de ginástica, com comodidades melhores do que qualquer academia que já visitei.

Uma minigeladeira está abastecida com panos úmidos e frescos com aroma de óleos essenciais. Ao lado, há um armário cheio de toalhas brancas, quentes e fofas, de tamanhos variados, com petiscos e uma variedade de bebidas dispostas no canto da sala.

É tudo absolutamente desnecessário, mas não estou reclamando. Passar de instalações básicas de treinamento militar para isso destaca o quão diferentes são o meu mundo e o da Daphne.

Ouço-a entrar na piscina atrás de mim enquanto pego uma toalha no armário. Volto para a cadeira onde deixei meus pertences, uso a toalha para secar meu cabelo úmido e olho para a piscina onde Daphne está nadando.

Ela tem uma técnica limpa e concisa, nadando com convicção e garra. Ela veste um maiô branco, e o contraste do branco puro com sua pele morena é tão incrivelmente linda. Embora, neste momento, eu não tenha certeza se existe uma cor que ela não combinaria.

Sento-me, pego meu celular e deslizo a tela para verificar se o Major Davis me respondeu com alguma informação sobre os dois membros do Daveeno no shopping. Ao começar a ler sua resposta, os sons antes calmos e consistentes de Daphne se movendo na água se tornam apressados e esporádicos. Levanto-me do assento em alerta máximo ao ver Daphne cambaleando caoticamente pela piscina, sem nadar, mas também sem andar. Uma mistura meio estranha dos dois.

"Senhorita Green", digo em voz alta para que ela possa me ouvir em meio a todo aquele barulho. "Senhorita Green", tento de novo, um pouco mais alto dessa vez. "Senhorita Green, o que a senhora está fazendo?" Ela me olha, com a expressão tomada pelo pânico.

"Meu colar", ela gagueja, espirrando água para todo lado. "O colar que eu estava usando caiu e não consigo encontrá-lo."

"Saia da piscina", eu digo calmamente.

'O que?'

"Saia da piscina para ter uma visão mais clara." Ela me encara por um momento, considerando se há alguma validade no que estou dizendo. Evidentemente, ela decide que sim, enquanto caminha até a borda da piscina e se iça para fora. Desvio o olhar, porque agora, sem água como barreira, cada parte do seu corpo perfeito está à mostra. Não quero que ela... me sinto desconfortável – ela claramente pensou que ficaria sozinha ali – e eu nunca a vi com tão pouca roupa, então volto meus olhos para a piscina, observando atentamente a água se acomodar.

'Como é o seu colar?'

"É de ouro, com um medalhão", responde Daphne, aproximando-se de mim. De alguma forma, mesmo depois de estar na piscina, ainda consigo sentir aquele cheiro doce e inatamente feminino dela.

"Você deveria tirá-lo da próxima vez."

"Que observação astuta, obrigada, Sr. Petrov", diz Daphne com rispidez. Eu seguro o riso porque, sim, gosto do seu lado princesinha e arrumada, mas quando ela tem um pouco de fogo, com aquele sarcasmo seco...?

É aí que ela fica perigosa.

Vejo uma corrente de ouro brilhando na água e, sem pensar duas vezes, mergulho para recuperá-la. Meus olhos demoram um pouco para se acostumar, mas quando se acostumam, pego o colar e volto à superfície, chocada ao ver que Daphne também está de volta à piscina.

"É só isso?", pergunto, estendendo o colar enquanto ela nada para mais perto de mim, assentindo aliviada.

"Nunca caiu antes quando estive na piscina. Não devo ter prendido direito."

"Vire-se", eu ordeno. Ela hesita, mas faz o que eu peço, deixando-me olhando para seu rabo de cavalo agora extremamente cacheado. "Pegue seu cabelo para mim", eu digo suavemente, e ela o faz, revelando seu pescoço fino e delicado.

Enlaço meus braços nos dela para encaixar o colar. Tão perto, consigo ver a delicada subida e descida do seu peito e ouvir sua respiração ofegante enquanto fecho. Puxo-o delicadamente, certificando-me de que está firme, e o abaixo com cuidado, meus dedos roçando a base do seu pescoço.

"Pronto", digo quando termino.

"Obrigada", ela sussurra, virando-se para olhar para mim, suas mãos serpenteando em volta do pescoço para verificar o fecho.

Fico um momento admirando-a, deleitando-me com o fato de ser uma das poucas pessoas que a vê assim. Seu rabo de cavalo, antes reto e apertado, se soltou com a força da água, dando lugar a um rabo de cavalo solto que segura seus cachos agora firmes, com alguns fios soltos emoldurando seu rosto. As gotas d'água que realçam seu rosto levam

meu olhar até suas clavículas definidas. Mas não deixo meus olhos baixarem mais. Só o rosto dela é tudo o que consigo suportar agora.

"Gostei do seu cabelo", murmuro antes que eu possa me conter.

'Perdão?'

"Gosto do seu cabelo assim."

Ela parece confusa e surpresa por um segundo antes de responder: "Você gosta do meu cabelo bagunçado e molhado?"

'Gosto do seu cabelo cacheado', corrijo enquanto estendo a mão e coloco uma mecha espiralada atrás da orelha dela, sentindo-a estremecer suavemente. como eu. "Parece bonito." *Você está bonita.*

Seus olhos quentes e cor de mogno encontram os meus e sua boca se abre levemente.

"Posso te fazer uma pergunta?", sua voz é hesitante enquanto seu lado tímido volta a aparecer.

"Hum, hum."

"Você disse que é búlgaro. Como consegue falar russo tão bem?"

'Havia um garotinho no meu antigo orfanato que só falava russo, então, enquanto eu lhe ensinava inglês, inconscientemente comecei a aprender russo com ele, o que foi bem fácil porque russo e búlgaro são línguas muito parecidas.'

Daphne assente, com um sorriso caloroso nos lábios. "Gostaria de saber mais sobre você", ela sussurra, tão baixinho que tenho vontade de me inclinar e ter certeza de que ouvi direito.

Não respondo à sua declaração, optando por voltar o foco para ela. "Como você sabe tantos idiomas?"

"Bem, eu aprendi francês e mandarim na escola. Minha prima, Camilla, é surda, então a maioria da minha família sabe língua de sinais, e eu estudei em uma escola particular internacional, então uma das minhas melhores amigas é russa. Ela me ensinou tudo o que eu sei." Ela dá de ombros, como se falar cinco línguas não fosse nada impressionante.

"Obrigada novamente por hoje." Ela olha para as próprias mãos. 'Sabe, para tudo quando estávamos fazendo compras e para depois... quando eu estava dormindo.'

'Senhorita Green, você não precisa me agradecer por fazer meu trabalho.'

"Eu faço quando você continua se esforçando ao máximo por mim", ela responde, mordendo o lábio inferior. Meus olhos involuntariamente se fixam ali, acompanhando o movimento.

— Sério, Milo. — Meus olhos se voltam para os dela quando a ouço repetir o apelido. — Eu realmente agradeço. Nem quero saber o que teria acontecido se você não estivesse lá.

— Mas eu estava, então não precisa se preocupar. Você está segura e de volta em casa, Srta. Green.

"É", ela sussurra. "Acho que sim."

Mais do que tudo, quero trazer a boca dela para a minha e beijá-la para afastar a preocupação, mas lembro a mim mesma de restabelecer alguns limites.

Beijá-la foi algo que só se pode fazer duas vezes, e isso não pode e não vai acontecer de novo.

Ela é a missão. Mantenha-a segura e vá embora.

Meus olhos retornam para o colar dela e não consigo evitar de estender a mão e levantar o metal da pele dela, esfregando-o entre meus dedos.

"É bonito", murmuro, tentando descobrir se já a vi usando isso antes. Parece vagamente familiar.

"Obrigada", Daphne responde, um pouco ríspida demais.

"Seu pai comprou para você?"

"Sim, ele fez isso", ela responde rapidamente. Deixo o lenço cair suavemente de volta em sua pele.

"Hmm", cantarolo. Ela está cautelosa, mas não tenho tempo para entender o porquê. A falta de sono finalmente está começando a me afetar. "Vou descansar um pouco", informo enquanto começo a me afastar. "Você vai ficar bem aqui embaixo?"

Quando ela me disse mais cedo que estava nervosa desde o arrombamento, percebi que eu não tinha pensado em nada disso da perspectiva dela. Ser atacada em sua própria casa, seu lugar de conforto e segurança, deve ser horrível. Já passei por várias situações em que tive que dormir com um olho aberto, sempre em guarda, mas Daphne não. Este é um território completamente novo para ela e, mesmo que haja mais segurança em casa, eu entenderia perfeitamente se ela ainda se sentisse insegura.

— Sim, vou ficar bem — responde Daphne. — Só vou dar mais algumas voltas e depois subo.

Concordo com a cabeça, nadando até a borda da piscina e concluindo que ficarei de olho nela através das câmeras de segurança até que ela volte para o quarto.

"Milosh?", Daphne começa quando pego minha toalha e a jogo sobre meus ombros. Viro-me para encará-la, para ouvir o resto da pergunta, mas ela balança a cabeça e me oferece um sorrisinho.

"Boa noite, Sr. Petrov."

"Boa noite, Srta. Green."

*Dafne*

"Vamos, Srta. Green", Milosh me provoca, prendendo-me com os braços de cada lado do meu rosto.

Seus olhos percorrem meu corpo enquanto ele sorri. "Você consegue fazer melhor que isso." Bufo enquanto envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, empurrando seu braço até que ele ceda, usando esse impulso para nos virar, deixando-o de costas comigo agora em cima dele, pernas de cada lado.

Sorrio, imitando um golpe na cabeça dele, batendo levemente em vez de socar para não machucá-lo. "Foi bom, né?"

"Foi melhor", concorda Milosh enquanto vou tirar a perna dele, mas antes que eu o faça, ele agarra minha coxa com uma mão e meu quadril com a outra, me prendendo no lugar. "Mas se aquele soco não funcionasse, eles poderiam usar as mãos livres para te segurar no lugar, e você não quer isso." Eu o ignoro momentaneamente, tentando equilibrar minha respiração. Com a sensação de suas mãos queimando meu corpo, tornei-me muito consciente de nossa posição atual.

Estou montada nele. Estou montada em Milosh Petrov, prendendo-o com meu corpo, enquanto suas mãos cravam em minha carne.

Isso é inapropriado. Sim, já tive interesses românticos antes, mas nunca passei dos beijos, e esta posição sugere muito mais do que isso. Mas, sendo o corpo firme e quente dele embaixo do meu, me sinto um pouco mais segura. Ele não vai se aproveitar de mim nem da situação em que estamos. Na verdade, tenho noventa e nove por cento de certeza de que ele não tem a mínima noção da nossa posição. Ele está em modo de treinamento, e se tem uma coisa que aprendi sobre o Milosh é que ele é um profissional.

"Você precisa desativá-los de todas as maneiras e o mais rápido possível", ele continua, afrouxando o aperto em mim e fazendo sinal para que eu me levante.

Viu? Profissional.

"Restrinja os braços e as pernas deles para impedir seus movimentos e dar tempo para você fugir. Vamos tentar de novo com alguns cenários diferentes." Ele caminha até a mesa com armas variadas, pega uma réplica de borracha de uma faca e a enfia no cós da calça cargo.

"O que eu quero que você faça é correr para cima e para baixo no quintal. Em algum momento eu vou te atacar e você vai ter que me desarmar e fugir. Desta vez, vamos fingir que, assim que você me tiver onde quer e me "nocautear", eu desmaio, dando a você tempo suficiente para fugir. Tentaremos cenários diferentes várias vezes para que você possa entender melhor como se comportar em diferentes situações.

Depois do aquecimento de hoje, Milosh me disse para vestir roupas normais para que eu saiba como é lutar com alguém se eu for pega de surpresa, então estou usando um vestido rosa claro e fluido com meu cabelo preso em um rabo de cavalo encaracolado e ele está usando sua combinação usual de camiseta preta e calça cargo.

— Certo — concordo. — Estou pronto.

Ele acena de volta e eu corro em direção ao fundo do jardim. Nosso quintal é vasto, com árvores ladeando a parte inferior com vista para uma área densamente arborizada, mas uma cerca alta separa essa parte do nosso gramado bem cuidado. Levo alguns minutos para chegar ao fundo, mas antes que eu possa me virar para correr de volta, um braço me envolve, me prendendo e puxando minhas costas para perto da frente do agressor.

Inspirando, sinto-me imediatamente à vontade, reconhecendo Milosh pelo seu aroma limpo e acolhedor. Sei que ele não me fará mal algum, mas isso não o impede de envolver meu pescoço com o braço. Começo a entrar em pânico, lembrando-me do último vez que estive nessa posição, mas descongelo quando lembro que é apenas Milosh.

Antes que ele coloque os braços em volta do meu pescoço, levo as mãos, com as palmas voltadas para fora, até a garganta, para garantir que ele não possa cortar meu suprimento de oxigênio.

Eu me esforço para tentar me soltar do braço dele, mas isso se mostra inútil, porque ele é forte demais. *Braços e pernas*. Lembro-me do que Milosh me ensinou sobre restringir os movimentos e rapidamente enrolo minha perna na parte inferior da dele, puxando-o para a frente, fazendo-o perder o equilíbrio por um segundo, o que resulta em uma pegada mais solta em volta do meu pescoço.

Eu me solto e me viro para encará-lo. Milosh se recuperou rapidamente do pequeno desequilíbrio e agora segura a faca de borracha.

"Bom trabalho, Daphne." A mistura de elogios e o fato de ele usar meu primeiro nome me dá o incentivo que eu não sabia que precisava enquanto ele se aproximava lentamente. "Agora, você precisa tirar essa faca de mim e acalmar a situação."

Ele ataca primeiro, mas uso minha velocidade e coordenação para me esquivar, ou pelo menos é o que penso, até que a faca espeta a lateral da minha cintura antes de se achatar logo abaixo das minhas costelas. "Isso não teria sido letal, então continue, mas diminua a velocidade dos movimentos, porque se isso fosse real, você seria prejudicado pela dor."

Concordo com a cabeça, ajustando minha velocidade enquanto ainda tento fugir a faca. Ele mira no meu flanco novamente, mas eu me aproximo e seguro sua mão no meu braço, torcendo-a até a faca cair. Chuto a fenda atrás do joelho dele, o que o faz se contorcer, mas não o suficiente para cair. Quando vou tentar novamente, ele me vence, golpeando com a outra perna, me derrubando no chão. Caio com um baque, olhando para cima e vendo um lampejo de desconforto em seus olhos enquanto me encolho de dor. Sei que ele teria me apoiado na queda se eu não tivesse pedido para não fazer isso no início do treino de hoje.

Se isso fosse real, meu agressor não se importaria com a minha segurança, então preciso me preparar para isso, não ser mimado.

Milosh pega a faca do chão e se aproxima de mim. — Quem quer que você esteja enfrentando determinará o que acontecerá em seguida. Muitos homens são estúpidos e vão demorar para chegar até você, provocando-o o máximo que puderem. As mulheres geralmente são muito mais espertas e jogam

a faca à distância ou usam a velocidade para cortar sua garganta rapidamente. Vamos analisar todos os cenários mais tarde, mas por enquanto vamos entrar nessa coisa de cara convencido.

Ele se agacha e passa a faca no meu rosto. "Você tem um rosto muito bonito, Daphne", murmura, deslizando a faca de leve pelo meu pescoço. Estendo a mão e agarro seus pés, puxando-os para a frente, fazendo-o cair no chão com um baque.

Eu me levanto e tiro a faca de suas mãos, chutando ainda mais longe. Antes que ele possa se mover, eu monto nele novamente, prendendo-o, meus joelhos pressionados firmemente contra seus oblíquos.

"Meus braços ainda estão livres, Srta. Green. Faça alguma coisa a respeito."

Empurro seus braços acima da cabeça e os pressiono contra o chão, prendendo-o pelos pulsos. Meu corpo agora está completamente colado ao dele, mais uma vez, só que desta vez sua boca está a poucos centímetros da minha.

'É...', ele sussurra, olhando dos meus olhos para a minha boca, com o maxilar cerrado. 'Não faça isso.'

Sentindo-me ousada, abaixo os lábios para roçar o lóbulo da sua orelha. "O senhor me disse para fazer algo a respeito, Sr. Petrov, e eu fiz exatamente isso." Solto seus pulsos com força e deslizo meus dedos por seus braços languidamente, mas não consigo ir muito longe porque ele se senta abruptamente, fazendo-me cair em seu colo. Seu braço forte agarra minha cintura para me firmar.

"Parece que vamos ter que repassar como restringir os braços", ele diz enquanto eu rolo para longe dele e me levanto, tentando, sem sucesso, conter o riso. Ele se levanta e caminha para pegar a faca.

"Não sei do que você está falando." Pisco inocentemente. "Acho que fiz um ótimo trabalho."

Ele se vira para me olhar, seu olhar escurecendo. "Ah, você fez um bom trabalho, Srta. Green." Ele diminui a distância. entre nós e levanta meu queixo com um dedo para me olhar diretamente nos olhos.

Pisco novamente, perturbada, enquanto sinto meu coração acelerar quando ele aproxima a boca da minha orelha, o lábio roçando a pele sensível. "Você fez um ótimo trabalho, na verdade. Mas não seja tão leviano com os dedos." Sua mão começa a percorrer todo o meu braço com um toque extremamente leve. "Que bonitinho. Lindo demais. Gentil demais." Seu toque começa a ficar mais áspero, firme, descendo pelo meu braço, parando no meu pulso enquanto ele o coloca atrás das minhas costas com uma das mãos. Firme e no controle. "Preciso que você seja mais firme. Mais exigente", ele murmura. "Mais áspera." Minha outra mão voa para o peito dele em busca de estabilidade enquanto ele me empurra para que fiquemos novamente colados um ao outro. Ele levanta a cabeça da minha orelha para cravar aquelas íris verdes nas minhas. "Pode fazer isso por mim, Srta. Green?"

Tudo o que posso fazer é concordar, enquanto ele sorri. "Ótimo." Ele imediatamente solta minhas mãos e se afasta, voltando para o topo do jardim, onde fica a mesa de armas. "Vamos para o próximo cenário."

Abro a porta do meu camarim, pronta para pegar minhas coisas para o banho, apenas para ser recebida por duas mulheres e uma arara de vestidos rosa, branco e creme que não reconheço.

'Você deve ser Daphne!', diz a garota loira à direita com um sotaque americano alegre.

'Sim... posso ajudar?'

"Estamos aqui para a prova do vestido", responde a bela asiática parada ao lado do cabideiro. Ela também é americana, mas seu sotaque soa muito mais refinado.

"Desculpe, que prova de vestido?" Eu não organizei uma prova de vestido.

"Você não conseguiu comprar um vestido, então eu trouxe os vestidos para você." Viro-me ao ouvir a voz de Milosh atrás de mim. Ele está encostado no batente da porta, parecendo irritantemente imperturbável.

"Você organizou isso para mim?", ando em direção a ele, as moças no fundo completamente esquecidas.

"Mm hmm", é sua resposta simples antes de olhar para as duas garotas atrás de mim. "Daphne, estas são Averie Lee e Hallie Valentine. Hallie estava no mesmo orfanato que eu. Ela e Averie têm um negócio de estilo pessoal em Connecticut, mas estão aqui visitando um cliente internacional, então perguntei se elas poderiam passar por aqui."

"Nossa!", viro-me para Averie e Hallie, com um sorriso sincero. 'Isso é incrível, muito obrigada!'

"Claro", responde Hallie. "Qualquer coisa pelo Milosh!" Olho de um para o outro enquanto um gosto amargo me invade a boca. Hallie é deslumbrante, com longos cabelos loiro-areia caindo em cascata sobre o rosto. De volta, com ondas bagunçadas, mas sensuais. Ela está usando uma regata preta simples e uma calça jeans preta justa combinando, mas, de alguma forma, ela faz com que pareça a roupa mais fashion que eu já vi. Seu bronzado, unhas vermelhas curtas e maquiagem minimalista a ajudam a parecer sexy e descolada sem esforço, mas ainda profissional.

Se eu tivesse que escolher uma garota que combinaria bem com o Milosh, seria ela. Eles ficariam *ótimos* juntos.

Portanto, não sou fã. Principalmente pelo jeito que ela está olhando para ele agora.

"Pronta para começar, Daphne?" Averie diz animadamente, atraindo minha atenção de volta para o presente.

— Hum... sim, claro. — Olho de novo para Milosh, que já está me encarando. — Você quer ficar para me dar sua opinião sobre os vestidos?

"Quer que eu fique?" Ele franze a testa e de repente sinto que posso ter cruzado uma linha invisível que eu não sabia que existia, mas, ei, é tarde demais para voltar atrás agora.

— Hum, hum — cantarolo. — Ah, e você poderia chamar a Amélia? Acho que ela também pode querer vê-los.

"Vou buscá-la."

— Obrigada. — Dou-lhe um sorriso suave enquanto coloco a mão em seu antebraço, apertando-o de leve antes que ele assente brevemente e saia do quarto, fechando a porta suavemente atrás de si. Viro-me para Averie e Hallie e as encontro sorrindo imensamente.

"Ah, agora entendi direitinho." Hallie sorri para mim.

Soltando uma risada extremamente forçada, pergunto: 'Do que você está falando?'

"Você e Milosh! Vocês são literalmente o casal mais fofo de todos!"

Certo, veja, agora estou confuso. Ela está sendo condescendente? Não, acho que não, o tom dela era genuíno demais.

"Não estamos juntos", esclareço, caminhando em direção à prateleira onde eles estão.

"É, claro que não", diz Averie, revirando os olhos de brincadeira, tirando o cabelo preto do rosto. Ela tem um jeito tão Hollywoodiano de se mover, falar e se vestir. Ela definitivamente vem de uma família rica e é absolutamente deslumbrante.

"Desculpe, mas o que te fez pensar que estávamos juntos?", pergunto, genuinamente curiosa.

Averie e Hallie trocam o mesmo olhar cúmplice que Amelia e Henry trocaram ontem à noite quando perguntaram sobre o beijo. "O quê?" Solto uma risada, um pouco apreensiva com o que elas podem dizer.

"Daphne", Hallie começa. "Só o fato de Milosh ter sido honesto com você sobre como me conheceu já me diz tudo o que preciso saber. Ele te disse que estava sob cuidados. Ele não compartilha isso com ninguém, muito menos com os clientes."

— E — Averie acrescenta suavemente — você viu como aquele homem olha para você? E vice-versa? Daphne, sinto muito que você é evidentemente o último a saber, mas vocês claramente gostam um do outro.'

"Quer dizer, eu o conheço desde os doze anos, e nunca o vi olhar para uma garota do jeito que ele olhava para você. Mas não por falta de esforço de muitas garotas", Hallie ri. "Eu tinha quatorze anos quando ele chegou ao orfanato e era tão engraçado ver as meninas mais novas se atrapalhando para chamar a atenção dele. Depois, quando ele entrou na escola, foi ainda pior. Todas as garotas da série dele, e até das acima, queriam uma chance com ele, mas ele não ligava para elas. Quando ele ficou mais velho e nós duas saímos de casa, ele manteve contato comigo, então sei que ele teve alguns casos, mas nada como este."

"E o que é "isto" exatamente?", questiono.

— Isto. — Hallie gesticula entre a porta e eu. — Você, ele, como quiser chamar. Você pode ser cliente dele, mas o jeito que ele olha para você não tem nada de profissional. O jeito como vocês dois conversam sozinhos é absolutamente carregado de tensão. — Hallie suspira melancolicamente.

"Que tal voltarmos aos vestidos?", Averie sugere, e eu agradeço silenciosamente com os olhos enquanto todas olhamos para o cabideiro portátil.

Há cerca de dez vestidos. Alguns vi recentemente na passarela, enquanto outros são completamente novos para mim.

"Esses vestidos são exatamente o meu estilo. Nossa, vocês são ótimas no que fazem!", elogio.

"Daphne, não fomos nós que escolhemos estas. Foi o Milosh", diz Hallie com o mesmo olhar de quem sabe. "Enviamos a ele umas cinquenta opções. Todas de cores e estilos diferentes, mas ele insistiu que estas eram mais a sua cara."

Olho para os vestidos com uma nova perspectiva. São todos rosa-claro, brancos ou creme, com linhas femininas clássicas, e são suaves, leves e femininos, em vez de excessivamente sensuais ou sedutores. Esse é o meu estilo, completamente.

'Milosh escolheu cada um individualmente?', pergunto, com a voz baixa enquanto sinto os tecidos sob meus dedos.

"Mm hmm", responde Averie. "E, a julgar pelo seu guarda-roupa fantástico, parece que ele acertou em cheio."

Hum. Você olhou para isso?

Eu e Milosh.

Milosh e eu.

Sr. Petrov e Srta. Green

Dafne e Milosh.

Não importa como eu interprete isso, sempre chego à mesma conclusão.

Nós tocamos muito bem juntos.

## MILOSH

"Você foi muito gentil, Milosh", diz Amelia, enquanto entramos no quarto de Daphne. Eu apenas aceno com a cabeça e vou me sentar no sofá perto da janela, deixando Amelia sentada na ponta da cama de Daphne.

Eu não deveria estar aqui.

Sinceramente, eu não deveria ter chamado a Hallie para trazer os vestidos para ela. Isso tudo está ficando pesado demais, rápido demais, e parece que estou sempre esquecendo que não passo de uma funcionária para a Daphne, e ela não passa de um emprego para mim.

Bem, pelo menos deveria ser.

Nunca fui tão pouco profissional antes. É verdade que nenhuma das minhas funções era proteger um jovem prestes a completar dezoito anos, cujo rosto é como uma pintura da qual você nunca quer desviar o olhar. Uma pintura que as pessoas viajariam quilômetros para ver, mesmo que por um instante.

Mas ainda assim.

Tudo isso é inapropriado. O que aconteceu esta manhã era compreensível, porque estávamos treinando. Éramos obrigados a acabar em cima um do outro em algum momento. Mas ligar para uma amiga para ver se ela estava por perto para ajudar, organizar viagens e acomodações para ela e escolher vestidos que eu acho que ela gostaria era passar dos limites.

Eu deveria estar protegendo ela do Daveeno, não bancando o namorado.

Ela é o trabalho. Nada mais. Nada menos.

Mantenha-a segura e vá embora.

"Então", Amelia pergunta, me tirando dos meus pensamentos, "como está indo o treinamento?"

'Ótimo. A Srta. Green está progredindo bem.'

— Hum — Amelia cantarola, balançando a cabeça. Mantenho o rosto impassível enquanto ela me observa. — Então, que tipo de coisas você está ensinando a ela?

"Por quê?", pergunto, em vez de responder à pergunta dela. Ela está com uma expressão estranha no rosto, e eu realmente não quero descobrir o porquê, porque sei que a resposta com certeza vai me irritar.

— Ah, sabe, só estou curiosa. — Ela dá de ombros. — Às vezes vejo vocês dois lá fora de manhã e fico pensando no que estão aprontando. — Ela me olha, fingindo inocência.

"Veja esta manhã, por exemplo. Acordei cedo e vi vocês lá fora... treinando." Ela arrasta a última palavra. "Quer dizer, enquanto eu olhava pela janela, pensei comigo mesma: o que

diabos esses dois estão fazendo? Então... é por isso que eu pergunto." Ela agora está sorrindo para mim. O mesmo sorriso que ela tinha quando passei por ela com a Daphne nos braços, depois do incidente no shopping.

É irritante e irritante, e se ela não significasse tanto para Daphne, e seu marido não fosse um completo psicopata por ela, eu provavelmente tiraria aquele sorriso do rosto dela.

Com uma arma de paintball, no entanto. Não sou um monstro.

Lembro-me de mais cedo hoje e entendo perfeitamente por que ela está falando assim. Daphne estava em cima de mim várias vezes. A lembrança de uma delas agora se repete na minha mente em um loop constante.

Suas mãos percorrendo meus braços, sua respiração leve tocando meu ouvido enquanto ela sussurrava nele, a sensação de seu coração batendo tão perto do meu, seus lábios a poucos centímetros da minha boca.

Tão gordinha. Tão beijável. Tão pronta.

Se ela não fosse uma cliente, não sei o que teria feito.

Na verdade.

Esqueça isso.

Eu sei *exatamente* o que teria feito.

Eu sei o que teria feito com minhas mãos, com seus lábios... com seu corpo.

Mas um de nós teve que recobrar o juízo, então me levantei e segui em frente antes de fazer algo que eu realmente gostasse, mas que no fim das contas me arrependeria.

"Estávamos trabalhando em diferentes cenários em que ela teria que me dominar, me derrubar e me desarmar", explico a Amelia rigidamente.

"Ah, ela estava desarmando alguma coisa, tudo bem", ela murmura baixinho enquanto a porta do camarim se abre, revelando Hallie, Averie e Daphne.

"Ok, primeiro vestido", canta Hallie, enquanto ela e Averie se sentam ao lado de Amelia na cama. Daphne sai usando um vestido creme longo. É mais justo na parte de cima, com um decote baixo, porém modesto, e ligeiramente bufante na cintura.

'Ooooooh, Daph', Amelia murmura, 'isso é lindo! Que tipo de penteado você está pensando?'

'Estou pensando em cachos suaves estilo anos 50, talvez?'

'Ah, sim!', Averie concorda entusiasmada. 'Com joias de ouro, com certeza.'

"Que joias você estava planejando?", Hallie dirige suas palavras a Daphne.

— Bom, eu tenho algumas peças do Graff. Vou buscá-las para mostrar a você. — Ela desaparece no camarim novamente enquanto Hallie suspira.

"Um dia terei minha própria coleção Graff casualmente guardada no meu closet."

'Sim', Averie concorda, 'nós dois vamos'.

— Ah, cala a boca, Av. — Hallie revira os olhos. — Seu irmão é rico, pede um pouco de Natal.

Averie apenas ri em resposta antes de voltar sua atenção para mim. "Então, Milosh." Amelia e Hallie se viram para me olhar também, ambas com aquele sorriso bobo no rosto. "O que você achou do vestido que escolheu para a Daphne? Ficou do jeito que você imaginou?"

Assim que Averie termina a frase, Daphne sai com cinco estojos de joias nas mãos.

*Boa hora, querida.*

"Ok, então eu tenho um colar de diamantes brancos e amarelos e um colar de diamantes esmeraldas da coleção de alta joalheria deles, e algumas peças menores da linha regular deles, mas acho que quero usar o colar de diamantes brancos neste evento." Ela abre a caixa e ouço um suspiro coletivo das meninas enquanto se abaixam para olhar.

"O que isso estava inventando, de novo?", Amelia pergunta a Daphne.

"Quando o papai esqueceu meu aniversário e passou a noite trabalhando", responde Daphne, e sinto uma pontada de raiva. Como o pai dela, logo ela, pôde esquecer o aniversário dela e comprar um colar para ela achando que isso vai compensar? Daphne tira o colar da caixa delicadamente e vem até mim.

'Milosh, você pode me ajudar a vestir isso, por favor?'

Eu aceno e me levanto, ignorando completamente os olhares de do outro lado da sala, e me concentro no colar. Tenho o cuidado de prendê-lo com firmeza e segurança, sabendo muito bem que esta única joia vale mais do que qualquer coisa que já fiz em um ano.

"Linda", murmuro baixo o suficiente para que só ela possa me ouvir, permitindo que meus dedos roçassem suas costas por uma fração de segundo, antes de dar um passo para trás. Daphne se vira para mostrar aos outros.

Hallie fica boquiaberta. "Perfeito. Sem anotações."

"Eu concordo com ela", Amelia interrompe.

— Eu também. — Averie sorri suavemente. — E o melhor deste colar é que ele definitivamente vai combinar com todos os vestidos que Milosh escolheu.

Ao ouvir meu nome, as quatro mulheres olham para mim como se tivessem acabado de se lembrar de que ainda estou aqui. "O que você acha?", pergunta Daphne, com os olhos arregalados e puros.

"Você está linda", é tudo o que posso dizer, porque se eu dissesse a ela como realmente me sinto... Isso seria inapropriado e provavelmente me levaria a expulsar todo mundo do quarto dela, jogá-la na cama e...

OK.

Isso é um pouco demais para agora.

Ou provavelmente nunca. Então, eu só digo: "Você está linda", para me manter segura.

'Certo! Foi um bom começo. Vamos experimentar você de rosa agora!' Hallie fala animadamente enquanto os três voltam para o camarim dela, deixando Amelia e eu sozinhas novamente.

"Sabe", diz Amelia, quebrando o silêncio depois de alguns minutos, "quando Henry e eu nos conhecemos, a razão pela qual demoramos tanto para ficarmos juntos foi por causa da luta interna que ambos sentíamos sobre o fato de que seria inapropriado."

'O que você está falando?'

'Milosh, seus olhos dizem o que sua boca não consegue dizer. E agora mesmo seus olhos estão falando mil palavras.'

"Sra. Harris, estou apenas fazendo o meu trabalho. É isso."

'É esse o trabalho que exige que você a beije? O trabalho que exige que você a proteja do mau humor do pai dela? O trabalho que exige que ela fique em cima de você, e você nela, sob o pretexto de treinamento?', Amelia ri. 'Sabe, Henry e eu costumávamos inventar os motivos mais ridículos para nos vermos, ficarmos perto um do outro, nos tocarmos. Negamos nossos sentimentos por tanto tempo que quase perdemos a chance de ficarmos juntos.'

"O que exatamente a senhora está insinuando, Sra. Harris?"

"Que você gosta dela", ela sussurra, sem hesitar. "Você gosta dela, e pelo visto, esse sentimento é muito mútuo."

"Daphne é só um trabalho, Sra. Harris. Só isso."

— É. — Ela concorda sarcasticamente. — Porque você mandaria Hallie e Averie para qualquer trabalho, certo?

Antes que Amelia tivesse a chance de dizer mais alguma coisa, a porta se abre novamente e Daphne sai usando o mesmo enorme colar de diamantes, mas desta vez em um vestido rosa bebê sem alças com uma fenda que vai da parte inferior da coxa até o chão.

Ela está linda. Graciosa, elegante... e gostosa.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, ouvimos um grito abafado vindo do andar de baixo. Atravesso a sala num instante e abro a porta para ver se consigo ouvir melhor.

"George!", chama uma voz masculina irreconhecível.

"Teddy?", Daphne sussurra, franzindo a testa enquanto passa apressada por mim, chamando o nome novamente enquanto desce as escadas.

"Senhorita Green", grito para ela, pronto para sair antes de me virar para encarar Hallie e Averie. "Vocês duas fiquem aqui." Meu tom não deixa espaço para discussão, então ambas concordam quando Amelia vem se juntar a mim.

"Quem diabos é Teddy?", pergunto a Amelia, descendo as escadas correndo atrás de Daphne. Mas antes que ela possa responder, Daphne reaparece com George ao seu lado enquanto eles se dirigem a um cara de cabelo cacheado parado na porta da frente. Seu rosto está meio coberto, mas assim que ele se vira, ouço dois suspiros.

"Teddy?", George suspira.

'Meu Deus, Teddy, o que aconteceu com você?', pergunta Daphne, com a voz carregada de preocupação enquanto levanta a mão para mover delicadamente o rosto dele e ver a extensão dos ferimentos. O cara está com o lábio arrebentado e um olho roxo horrível. Ele está completamente encharcado, mesmo com o sol lá fora.

— Desculpe, George — Teddy suspira pesadamente, deixando cair uma pequena mochila no chão. — Eu não sabia para onde ir.

## MILOSH

"Tire a mão da coxa dela, Teddy", Henry me instrui friamente enquanto entro no sofá. Olho ao redor e vejo Teddy e Daphne no sofá, sentados muito próximos um do outro para o meu gosto.

Ela segura uma toalha na mão e está quase cara a cara com ele. Amelia e Henry estão sentados em frente um do outro no sofá, com uma carranca estampada no rosto de Henry enquanto ele os observa.

A mão de Teddy ainda está pousada na perna de Daphne, então eu pigarreio, deixando que minha presença seja notada, e é quase cômico o quão rápido o Sr. Urso-Construtor se encolhe.

*Quase sendo a palavra-chave.*

Tudo nesse cara me irrita.

Do cabelo loiro cacheado à combinação de camisa polo e suéter, ele esbanja charme. Os óculos emolduram o rosto, apesar do olho roxo, e o ajudam a se adaptar ao visual de Príncipe Encantado, que tenho certeza que funciona muito bem. com a vibe feminina de princesa da Daphne.

Fisicamente, ele se parece muito com Eddie, o namorado da prima de Daphne. Mas a grande diferença é que Eddie parecia um cara decente.

Teddy é simplesmente um babaca.

Depois que Teddy apareceu, George o levou para trocar de roupa, colocando roupas secas, enquanto Amelia foi buscar Henry. Daphne trocou de roupa e vestiu suas roupas normais, e eu ajudei Hallie e Averie a fazer as malas e ir embora. Sei que, antes de saírem, combinaram um vestido para Daphne, mas não sei qual era.

"Pare de se mexer", Daphne suspira, passando a toalha no canto da boca de Teddy, enquanto a outra mão segura delicadamente o queixo dele no lugar.

"Desculpe, desculpe", Teddy diz, sorrindo para ela e então fazendo uma careta de dor.

Bom.

— Então, Teddy — digo, e de repente quatro cabeças se viram para mim. Encosto-me na parede, enfiando as mãos nos bolsos enquanto o encaro. — Como exatamente você conhece a Daphne e o pai dela?

Meus olhos involuntariamente se voltam para Daphne enquanto ela começa a morder o lábio nervosamente.

'Bem', Teddy começa, 'eu conheço os Greens desde criança. Passei muitos Natais aqui. Nossos pais "São amigos próximos." Ele gesticula entre ele e Daphne, sorrindo. "E eu comecei a trabalhar com George este ano como uma espécie de aprendiz."

Como se fosse uma deixa, George entra pela porta segurando uma bebida quente.

— Aqui está, Teddy. — Não percebo o leve tremor nas mãos de George enquanto ele coloca o objeto na mesa de centro e se senta ao lado de Henry. — Certo, agora estamos todos aqui, Teddy, conte-nos o que aconteceu.

"Bem, quando voltei para casa depois do treino, tudo estava destruído. Meu apartamento tinha sido completamente revirado, com livros rasgados, mesas viradas, cacos de vidro — tudo. Corri para o meu quarto para verificar o que mais havia sido danificado, mas quando abri a porta, havia dois homens enormes me esperando. Tentei correr, mas eles eram rápidos e me alcançaram." Teddy faz uma pausa dramática. Olho para Daphne e vejo suas sobrancelhas franzidas de preocupação e empatia. Amelia e George têm expressões semelhantes. Henry, no entanto, está sentado ali, parecendo completamente indiferente, como se aquela fosse a história mais mundana que ele já tivesse ouvido.

"Eles começaram a me socar e bater", continua Teddy, "e eu sinceramente não sabia por quê. Achei que fosse uma invasão de domicílio e que eles estavam atrás das minhas coisas, então por que não as pegaram e foram embora?" Enquanto Teddy falava, uma nova A crosta em seu lábio estoura, fazendo com que o sangue comece a escorrer pelo seu rosto. Daphne rapidamente a limpa com a toalha, segurando-a firmemente contra o rosto dele enquanto a outra mão repousa em seu ombro.

"Obrigado, Daph." Ele se dirige a ela com um pequeno sorriso contra a toalha antes de continuar. "De qualquer forma, eles claramente me nocautearam porque acordei amarrado a uma cadeira com eles jogando água na minha cabeça." Ele pigarreia, evitando qualquer contato visual e olhando para o chão. "Eles começaram a me questionar sobre... você, George, e estavam perguntando sobre seu antigo emprego. Eu não sabia nenhuma das respostas para as perguntas deles, mas eles continuaram me batendo até que finalmente perceberam que eu não seria de nenhuma ajuda para eles."

Ele pisca violentamente, como se estivesse tentando não chorar. "E-eles foram embora, me deixando preso à cadeira, então me inclinei para quebrá-la e consegui me desamarrar. Já que estavam perguntando de você, achei melhor pegar algumas roupas e vir direto para te avisar. Não quero que nada aconteça com você nem com a Daphne." Ele olha para ela e os olhos dela se suavizam.

"Deve ter sido muito assustador para você. Sinto muito."

"Obrigado, Daph, mas não é sua culpa", ele responde, colocando a mão no joelho dela.

"Fique com as mãos longe de você, Ted", eu simplesmente aviso.

Ele os remove instantaneamente enquanto Henry tenta se conter para não rir.

"Como eram esses homens?", pergunto, tentando voltar ao assunto. Quanto mais rápido isso for resolvido, mais cedo a Build-A-Bear poderá ir embora.

"Eram dois caras brancos. Pareciam que poderiam se passar por fisiculturistas e ambos usavam luvas de couro. Além disso, quando tiraram os suéteres, vi tatuagens iguais em seus pescoços."

"Como eram essas tatuagens?", pergunta George.

"Não consegui ver muito bem, mas acho que era uma caveira com uma peça de xadrez em cima."

"É a mesma tatuagem que o cara que invadiu a casa tinha?", pergunta Daphne baixinho, olhando para mim. Eu concordo, enquanto Teddy fica boquiaberto.

'Alguém invadiu sua casa?'

"Sim", sussurra Daphne.

"Esta casa?", Teddy insiste, olhando apenas para Daphne.

"Sim, Teddy, eles fizeram isso, agora siga em frente", Henry responde.

George se levanta, parecendo inquieto, e começa a andar de um lado para o outro da sala. "A culpa é toda minha." Ele começa a roer as unhas.

— Não entendo — Daphne se pronuncia. — Você disse que eles querem o seu dinheiro, mas por que machucariam o Teddy para chegar até você? Se queriam dinheiro, por que não pediram ao Teddy? Ou os pais dele? E por que eles querem saber sobre o seu antigo emprego? Que antigo emprego? Você só trabalhou na Greenway.

— Daphne, por favor, pare com as perguntas. — A agitação permeia o tom de George enquanto ele continua a andar de um lado para o outro.

— Ei — interrompi rapidamente, balançando a cabeça.

Ele me olha por um momento antes de respirar fundo. "Desculpe, Daphne, fui rude."

— Senhor, o senhor precisa contar a verdade à sua filha. Agora. — Com isso, ele para de andar completamente.

Cabe a mim decidir isso por ele? Não.

Eu deveria ter dito isso? Provavelmente não.

Estou bravo por ter feito isso? Absolutamente, sem dúvida nenhuma, não.

Desde o começo, não gostei de mentir para a Daphne enquanto todo mundo sabe o que está acontecendo. Ela tem dezessete anos, não dez. Mas não cabe a mim contar a história toda.

Bem. Até agora, não. Este caso Daveeno a afetou mais do que a qualquer outra pessoa e ela ainda não sabe por quê? Isso é absolutamente ridículo, na minha opinião.

George me encara friamente, como se quisesse me assustar.

'Como assim, a verdade?', questiona Daphne antes de olhar para o pai, tomada de consciência. 'A explicação que você me deu no meu quarto era mentira. Não era?'

Ele não diz nada.

"Não foi?", ela pergunta novamente, elevando um pouco a voz.

"Sim", George responde fracamente.

Ela assente lentamente, respirando fundo algumas vezes antes de levantar a cabeça, com uma mistura de raiva e determinação no rosto. "Certo", ela começa, "alguém vai me contar a verdade sobre o que está acontecendo aqui, e vai me contar agora. Cansei de ser enganada."

"Daphne, eu menti para você para te proteger", implora George.

"Bem, muita coisa boa foi feita", ela zomba, revirando os olhos.

Nossa, ela fica sexy quando está brava.

"Daphne, isso não é justo."

'Isso não é justo?', ela repete em choque, com os ombros tensos. 'Não, o que não é justo é que a casa do Teddy foi saqueada só porque ele é ligado a você. O que não é justo é que eu fui sufocada e quase sequestrada por sua causa. Você não tem o direito nenhum de me dizer o que é justo e o que não é. Agora, alguém, me diga. A. Verdade.'

"Existe uma organização chamada Daveeno", começo.

'Milosh, não—' George tenta interromper, mas eu não deixo.

"Eles são uma organização internacional de inteligência corrupta que trabalha com os piores dos piores, fornecendo-lhes armas, informações e poder. São particularmente conhecidos por plantar espiões."

— Espiões? — Daphne fica boquiaberta. — Tipo, Alex Rider?

"Quem diabos é Alex Rider?"

Daphne me ignora completamente e olha para George, boquiaberta. "Você é um espião? Para ser sincero, isso responderia muita coisa."

"Não, Daph", responde George. "Bem, na verdade não."

"Ah, ótimo, aqui vamos nós", murmura Daphne.

"Eu trabalhava para o MI6 como autônomo, produzindo fórmulas de antídotos. Eu gostava muito e era uma pausa da minha vida mundana. Eu era bom nisso e ajudava as pessoas." Ele olha para Daphne. "Na verdade, foi lá que conheci sua mãe." Ele sorri.

Observo Daphne enquanto a notícia se assimila, sua expressão mudando de confusão para mágoa. "Mamãe trabalhava no MI6?"

— Sim. — Ele solta uma risada. — Na verdade, ela era chefe da inteligência.

"Eu realmente não sei nada sobre você, sei?", ela sussurra em resposta. A dor evidente em sua voz me arrasa.

"D-Daph, vamos lá, não é bem assim", diz George.

"Não, está tudo bem, é só para esclarecer", ela diz baixinho, com um sorriso de cortar o coração. Todo aquele fogo em seus olhos se apagou. "De qualquer forma, por favor, continue."

"Hum, tá. Muitos anos atrás, eu estava trabalhando em um antídoto para uma toxina chamada soro 627. Misturei os ingredientes errados, e, em vez de criar um antídoto, piorei a toxina. Era poderosa e mortal, podendo tirar a vida de alguém sem deixar vestígios. Também reduzia a inibição durante o interrogatório. Eu sabia que, se isso caísse nas mãos erradas, as consequências seriam terríveis, e na época o MI6 tinha um problema com agentes duplos Daveeno, então eu não podia confiar em ninguém. Criei um antídoto para a toxina, só por precaução, e destruí qualquer evidência de que ela tivesse sido criada. Guardei uma cópia escrita de ambos trancada e me esqueci completamente.

*Ele guardou uma cópia da toxina e da fórmula do antídoto?*

Até recentemente. De alguma forma, Daveeno descobriu a toxina e a quer para si. Foi por isso que invadiram meu escritório e aqui, mas não conseguiram encontrá-la. Eles claramente pensaram que, se sequestrassem você, eu a entregaria, mas Milosh tirou você do shopping antes que eles tivessem chance. E agora, com a segurança reforçada em casa, ninguém entra ou sai sem que saibamos.

Olho para Daphne para ver como ela está reagindo a tudo isso, mas não consigo interpretá-la. Seu rosto está inexpressivo. "Por que você não entregou a eles?", ela pergunta.

"Porque eu não tenho mais a fórmula. E mesmo se tivesse, não conseguiria. Essas pessoas provavelmente venderiam para o maior lance e quem sabe para que usariam. Eu nem sei como descobriram que eu fiz isso."

"Então, qual é o seu plano? Ficar escondido em casa pelo resto da vida?"

— Não, é aí que o Milosh entra. — Sinto cinco pares de olhos pousando em mim enquanto mantenho o rosto impassível. — O Milosh não é um agente de proteção pessoal qualificado. Sim, todos os seus elogios são reais, mas depois da missão de operações

especiais, ele se juntou a uma força-tarefa focada em dismantelar a Daveeno. Quando meu escritório foi invadido, eles me procuraram porque suspeitaram que tinha algo a ver com a Daveeno. Eu precisava de proteção para você, Daphne, então sugeriram que o Milosh viesse aqui e se passasse por seu agente de proteção pessoal, mantendo você segura e, ao mesmo tempo, vigiando a casa.

Daphne apenas acena, sem olhar para nada além do chão.

*O que você está pensando, Daphne?*

Eu deveria estar me concentrando no que George está dizendo, mas só consigo pensar em como menti para ela. Eu poderia ter dito inúmeras vezes por que eu estava ali. A verdade não estava tão longe do que ela acreditava, mas ainda assim. Como ela poderia confiar em mim, ou em qualquer pessoa, se as pessoas estão sempre mentindo para ela – inclusive eu?

"O Major responsável pela força-tarefa foi mantido informado sobre a situação por meio de Milosh", continua George. "Trabalhando com a Interpol, o FBI e a NCA, eles têm "Estamos construindo um caso contra Daveeno e aguardando as últimas peças que faltam antes de agir. Com a minha ajuda e todas as informações que possuo, eles acham que podem acabar com isso. Só precisamos ser pacientes."

A sala fica em silêncio quando George termina de falar. Daphne e Teddy eram os únicos que não sabiam de nada.

"Certo", ela responde claramente antes de se virar para Teddy. "Teddy, você deveria ficar aqui por enquanto. Estará muito mais seguro."

"Ela tem razão, Teddy. Por favor, fique", George reforça.

"Ok, obrigado, eu realmente aprecio isso." Ele sorri sinceramente.

"Vou avisar a equipe que temos outra pessoa hospedada conosco", Amelia interrompe, levantando-se.

— Tudo bem — responde George, caminhando até a porta antes de olhar para Daphne.

— Daph, você se importa em mostrar um dos quartos de hóspedes para o Teddy?

"Claro", ela responde, olhando para Teddy. "Onde estão suas coisas?"

"Logo lá fora."

"Ok, vamos lá."

Ele abre a porta para Daphne e ela sai primeiro, mas quando ele passa por mim eu agarro seu bíceps, mantendo-o no lugar.

— Cuidado, Ted. Não toque nele — aviso, com a voz baixa e comedida.

Ele engole em seco, reajustando os óculos antes de concordar e sair.

A porta se fecha suavemente e eu me viro para um Henry sorridente. "Que bom ver que tem outro odiador do Teddy aqui em casa. Bem-vindo ao clube, Petrov."

"Você não gosta dele?", pergunto a Henry, sentindo uma onda calorosa de satisfação percorrer meu corpo.

Ele balança a cabeça, recostando-se no sofá. "Não, desde que eu o vi tentando tirar fotos da Amélia toda vez que ela se abaixava para pegar alguma coisa. Peguei o celular dele para apagar as fotos e ele tinha centenas delas, com algumas da Daphne também. Na piscina. Então, quebrei o celular dele e depois quebrei a mão dele."

"Ótimo", eu digo.

— É. — Ele concorda pensativo. — Tem alguma coisa estranha com aquele garoto, só não sei o quê.



## 22

### *Dafne*

'Então... Milosh', diz Teddy, enquanto subimos as escadas.

'Sim, e ele?'

"Ele é meio intenso, não acha? Sem contar que ele é absolutamente assustador com toda essa coisa de força-tarefa militar."

"Ele não é *tão* ruim assim." Tento rir quando Teddy revira os olhos dramaticamente, mas só consigo pensar no que acabei de descobrir.

Sinto que deveria estar mais triste do que estou agora.

O Milosh não é guarda-costas. Tá, isso é compreensível. Não estou muito feliz por não saber disso, mas não faz muita diferença para como as coisas estão indo ou já foram. E ele foi a pessoa no aconchego que começou a me contar a verdade. Ele tem sido quem me mantém segura, e tenho quase certeza de que o papai pediu para ele não contar nada.

Papai mentiu para mim. De novo.

Sinceramente, isso é meio que esperado. Estou aos poucos me tornando insensível a ele e às suas mentiras, e pelo menos agora sei a verdade.

Minha mãe trabalhava para o MI6 e meu pai também.

Meus pais são basicamente Peggy Carter e Howard Stark.

"É, ele não é tão ruim assim. Ele gosta de mim tanto quanto o Henry", brinca Teddy, sarcasticamente. "Nunca vou entender o que fiz para irritar aquele homem."

— Eu também não. Mas você tem toda razão, ele te despreza. É meio engraçado, na verdade.

— Ah, você já deve ter pensado isso, não é, Daph? — Eu simplesmente aceno e dou um sorriso inocente.

— A propósito, estou feliz que você esteja aqui. — Paro na porta do quarto de hóspedes ao lado do do Milosh. — E sinto muito que isso tenha acontecido com você. — Esfrego a mão em seu antebraço.

"Ah, tudo bem", ele diz, agarrando minha mão e sorrindo. "Pelo menos me deu uma desculpa para te ver de novo."

'É mesmo?'; eu rio, abaixando a mão e abrindo a porta.

'Então o que exatamente está acontecendo entre você e Milosh?'

'O que você quer dizer?'

'Bem, o jeito que ele olhou para mim quando toquei em você sugere que vocês dormiram juntos ou algo assim.'

Revirei os olhos. "Nós não dormimos juntos, Teddy."

— Bem, então o que é? Porque preciso saber se devo pisar com cuidado.

"Nós..." Minha voz se perde. Realmente não sei mais como descrever o que está acontecendo entre mim e Milosh. Tecnicamente, sim, ele é simplesmente meu guarda-costas. Mas dizer isso parece errado. Ele parece ser muito mais do que isso, mas nada, ao mesmo tempo. É confuso e eu odeio isso.

Mas eu também adoro isso.

— Espere — paro. — Como assim, pisar com cuidado?

Ele entra no quarto, coloca a mochila na ponta da cama e se vira para me olhar com ar de quem sabe. "Ah, qual é, Daph?", ele caminha em minha direção, com passos lentos. "Quer dizer que esqueceu o que aconteceu entre nós?"

Teddy foi o primeiro cara com quem fiz alguma coisa. Eu tinha quinze anos e ele dezoito, e a família dele estava passando o Natal com a nossa.

Era depois do jantar e estávamos sentados no sofá assistindo a um filme enquanto nossos pais ainda estavam na sala de jantar quando ele se inclinou e me beijou.

"Sou obcecado por esses lábios há muito tempo e queria saber se eles eram tão bons quanto pareciam", ele me disse.

'Bem, e eles fazem isso?', questionei, completamente perturbada. Não era como se eu nunca tivesse recebido atenção masculina antes, era que eu normalmente não ligava para isso. Mas não era isso. O caso do Teddy. Eu o conhecia desde sempre, e desde que me lembro, nossas famílias conversavam sobre como iríamos crescer e nos casar. E eu nunca fui contra, porque para mim o Teddy era aquele cara mais velho e gostoso, claro que eu gostava dele. O fato de ele gostar de mim retribuiu o carinho me deu arrepios.

"Sim", ele sussurrou em resposta, aproximando-se de mim. Ele me beijou novamente e, depois de alguns minutos, me colocou no colo dele.

Suas mãos começaram a explorar meu corpo, mas assim que ouvimos a maçaneta tremer, ele praticamente me jogou de cima dele, fingindo que nada tinha acontecido.

'Que tal uma releitura, com um pouco mais de conteúdo *adulto*?' Agora ele desliza as mãos nas minhas e começa a andar para trás, nos arrastando em direção à cama.

— Teddy — suspiro. — Não.

"Ah, qual é, Daph. Por que não?", ele faz beicinho, sentando-se na cama e me puxando para entre suas pernas abertas. "Só quero me distrair do que aconteceu hoje." Ele esfrega as mãos para cima e para baixo na parte de trás das minhas coxas, acrescentando num tom choroso: "Por favor", quando não respondo.

Tudo nisso parece errado.

As mãos dele na minha pele, a nossa proximidade, a sua natureza chorona de menino. Sinto-me desconfortável e, sinceramente, queria que o Henry estivesse aqui a fazer o seu papel de pai helicóptero. Agora, ou Milosh estava lançando a ele um daqueles olhares ameaçadores. Mas eles não estão aqui, então eu tenho que sair dessa.

"Que tal darmos uma volta pelo terreno depois do jantar?", sugiro, mantendo meu sorriso leve e arejado.

"Uma corrida?" ele ecoa com ceticismo.

'É! Uma corrida vai te ajudar a esquecer tudo e talvez a gente possa fazer um treino ao ar livre também. Afinal, quem precisa da academia lá embaixo quando tem ar fresco!', brinco.

Ele me olha por alguns segundos e vejo a ideia girando em sua cabeça. "É por causa do Milosh?", ele pergunta.

"O quê?" Como chegamos até Milosh?

"Você e ele estão juntos? É por isso que você não quer que a gente se case?"

'Hum...' Eu paro de falar.

É por causa do Milosh? Sei que uma parte de mim desejava que fossem as mãos dele explorando meu corpo em vez das do Teddy, mas acho que não é isso. Gosto do Teddy, só não sinto mais nada romântico por ele. E não ajuda que ele seja tão insistente nessas coisas. O que aconteceria se eu mandasse ele parar, se eu mudasse de ideia? Ele me ouviria?

'Espere, não. Não é isso.' Teddy começa a balançar a cabeça incrédula. "Você ainda é virgem, não é?"

— Sim — admito. Não é segredo, mas me sinto mal falando sobre isso com ele.

— Ah, entendi. — Teddy sorri, me girando e me puxando para a cama ao mesmo tempo, me deixando deitada ao lado dele. — Você está se guardando para mim, não é?

"O quê?", fico boquiaberta. Mas ele não responde porque está ocupado demais estudando o colar que acabou de cair da minha blusa.

"É um colar lindo", ele diz baixinho, como se quisesse me acalmar, uma emoção indecifrável passando por seu rosto enquanto ele se abaixa para tocá-lo.

Quando troquei rapidamente o vestido de gala mais cedo, devolvendo o colar Graff à caixa, meu pescoço ficou exposto. Então, o substituí pelo colar da minha mãe, prendendo-o sob a blusa para evitar perguntas do meu pai. Ele havia permanecido lá, escondido com sucesso, até agora.

'Hum...' Pigarreio, levantando-me da cama e ficando de pé, guardando o colar de volta sob a blusa. 'Obrigada.'

Ele simplesmente acena com a cabeça e senta-se na cama, com as mãos entre as pernas. Parece pensativo por um momento, então me viro para sair. Paro na porta quando ele diz meu nome novamente. "Daphne?" Viro-me para encará-lo, com a mão ainda na maçaneta. "Acho que um treino seria ótimo." Ele abre aquele sorriso infantil e eu me sinto imediatamente à vontade. Este é o Gosto do Teddy. Divertido, doce e nada agressivo.

'Ótimo! O jantar é às sete e meia, então podemos malhar depois.'

"Estou ansioso por isso."

Quando fecho a porta do quarto dele, vejo Amelia subindo as escadas. "Ei, você quer se juntar a mim e ao Teddy para malhar depois do jantar?" Ela me alcança e caminhamos juntas em direção ao escritório dela no final do corredor.

— Claro. — Ela sorri. — O Henry vai odiar isso, e eu não o irrita há séculos, então já estamos bem atrasados. — Ela ri enquanto abre a porta do escritório e contorna a mesa para se sentar.

"Ele fica realmente irritado quando está bravo", acrescento.

— Daphne! — Amelia suspira. — Você não tem permissão para dizer isso.

— Meelie, só porque o cara me conhece desde os meus cinco anos não significa que eu não tenha olhos. Seu marido é gato. — Dou de ombros. — Lide com isso.

Henry tem uma aspereza que grita sensualidade, com sua constituição alta e forte e seu braço coberto de tatuagens. Seu cabelo castanho e fofo é a única parte macia dele. Bem, tirando sua contraparte deliciosamente gentil.

'Mmm, você não está errada', concorda Amelia, ligando o computador. 'Mas ele não é o único cara bonito aqui em casa agora, é?' Ela me olha com a expressão inocente mais nada convincente. 'Quer dizer, eu pessoalmente... "Acredite quando um cara te defende constantemente, fica um pouco protetor quando outro começa a te tocar e, ah, sei lá, te conta a verdade quando ninguém mais fala..." Ela dá um suspiro satisfeito. "Não sei, só acho isso bem atraente."

'Sério?', eu respondo, impassível. 'Que inesperado da sua parte.'

'Daphne, quando você vai admitir que acha Milosh atraente?', ela diz, soltando um suspiro exasperado.

"Eu nunca disse que ele não era atraente." Dou de ombros.

— Bom, é bom saber. — Uma voz baixa e arrastada ecoa atrás de mim. Ignorando o sorriso de Amelia, viro-me e vejo Milosh parado perto da porta que deixei aberta.

— Senhor Petrov — abro meu sorriso mais confiante. — O senhor está aqui para falar com a Meelie?

'Não, eu queria falar com você.'

"Huh", brinca Amelia. "Quem imaginaria?"

Soltando um suspiro pesado, faço sinal para Milosh se virar para que possamos conversar no corredor.

'Como posso ajudá-lo, Sr. Petrov?', pergunto assim que fecho a porta.

— Queria ter certeza de que você estava bem depois de tudo o que ouviu lá embaixo. — Olho para ele, estudando seu rosto.

— Sim. — Sorrio, começando a caminhar em direção ao meu quarto. — Estou bem, obrigada.

'Tem certeza?' Algo sobre a preocupação que permeava seu O tom me faz parar de andar e ficar na ponta dos pés para abraçá-lo. Meus braços envolvem seu pescoço enquanto ele fica ali, tenso e rígido. Solto uma risada enquanto abaixo meus braços para encontrar os dele e os trago para as costas.

"Obrigada por ser a única a me dizer a verdade", eu sussurro.

"Você merecia saber."

Sorrio contra seu peito enquanto sinto seus braços apertando minha cintura, me puxando para mais perto dele e de seu corpo firme e quente. Nossa, como ele cheira bem.

Com seus braços fortes em volta de mim e suas mãos pressionadas contra minhas costas, sinto-me estranhamente à vontade, a proximidade misturada com seu cheiro muito familiar é reconfortante.

É estranho: há menos de meia hora eu ouvia como minha vida desmoronou completamente, o medo dominando minha mente e a preocupação subindo pela minha espinha. Mas agora, aqui, tudo o que sinto é paz.

Em meio a toda a turbulência e incerteza, Milosh tem sido a calma na tempestade. Sempre sabendo o que fazer, encontrando soluções para os nossos problemas e me protegendo.

Sei que é o trabalho dele, mas uma pontada no meu coração me diz que pode ser outra coisa.

Algo... mais.

'Milosh?', sussurro, começando a me desfazer do abraço para poder olhar para ele.

"Hmm?" Sua voz baixa ressoa enquanto seu olhar penetra o meu.

'EU-'

— Ah — interrompe Teddy. Ele está parado sem jeito na porta do quarto do meu pai. — Desculpe, não sabia que vocês dois estariam aqui.

— Teddy, o que você estava fazendo no quarto do meu pai? — Começo a me afastar de Milosh, mas ele me segura ali, com as mãos firmes na minha cintura, enquanto olha para Teddy com um olhar tão frio e calculista que Teddy começa a se mexer, desconfortável.

— Ah, bom. — Ele começa a rir, olhando para todos os lados, menos para o meu rosto. — Eu estava olhando para ver... se ele tinha uma escova de banheiro.

"Tem uma escova de vaso sanitário no banheiro do quarto de hóspedes. Por que você estava procurando outra?"

O rosto dele começa a esquentar. "É um pouco constrangedor, não quero me aprofundar muito nisso."

"Responda à pergunta dela, Teddy", avisa Milosh friamente. A frieza do seu tom contrasta com seu toque gentil, porém firme.

'B-bem, eu... ugh... fiz uma pequena bagunça.'

"Uma bagunça tão grande que faz você escorregar e cair no banheiro de outro homem?", questiona Milosh.

"Sim?" Teddy parece estar se questionando.

— Ah, bom, vou ligar para a Charlotte para resolver isso. Dependendo do tamanho do problema, ela pode precisar ligar. "Um encanador", respondo. Milosh mantém o rosto impassível, mas consigo ouvi-lo soltar uma risada.

O rosto de Teddy fica vermelho de dar inveja a um tomate maduro. "Não, não. Nossa, não. E-está tudo bem." Ele começa a mexer nas mãos sem escova. "Eu resolvo tudo, não precisa se preocupar!", grita, entrando prontamente em seu quarto e fechando a porta.

"Isso foi estranho, né?", pergunto, virando-me para olhar para Milosh, saindo do seu abraço.

— Sim, foi. — Milosh me observa por um momento, enfiando as mãos nos bolsos. — Seu pai guarda algo valioso no quarto?

— Não tenho certeza. — Franzo a testa. — Por quê? Você acha que o Teddy estava atrás de alguma coisa?

'Talvez.'

— Ah, acho que não. Sim, o Teddy tem certas... excentricidades, mas ele não é de roubar.

— Hum — cantarola Milosh, me observando em silêncio. — Sei que não cabe a mim perguntar, mas você e o Teddy alguma vez...

— Uma vez — termino por ele. — Nos beijamos uma vez, alguns anos atrás.

Seu maxilar treme, mas ele permanece impassível, assentindo brevemente.

'Por que você pergunta?'

Ele dá de ombros. "Curioso."

"Sério?" Ele está curioso sobre meu passado romântico?

"Aparentemente sim", ele resmunga.

Nós nos encaramos em silêncio, seus olhos esquentando e seu maxilar cerrado.

Baixo o olhar para sua boca. "Sei que ele quer fazer ou ser mais, mas não estou interessada." Sinto minha temperatura corporal subindo enquanto olho para ele. "Nele, pelo menos", acrescento num sussurro.

Uma expressão indecifrável passa por seu rosto por uma fração de segundo. "Bom saber."

"É mesmo?", pergunto eu.

"É sim, Srta. Green."

## 23

### *Dafne*

Olho-me no espelho, escondendo novamente o colar.

Estou usando o mesmo conjunto de ginástica rosa-bebê com a jaqueta justa combinando. Se eu continuar com a jaqueta e fechar o zíper até o topo, o colar ficará escondido. Saio do meu quarto e dou de cara com Amélia subindo as escadas.

"Você e o Teddy podem começar. Eu só tenho umas coisas para fazer, depois troco de roupa e encontro vocês lá fora. Como foi o jantar?"

Uma hora depois de termos comido, o sol já havia se posto há muito tempo e a temperatura começava a cair. Com o papai fazendo sua refeição no escritório, fiquei jantando com Milosh, Henry e Teddy.

Isso aconteceu tão bem quanto quando eu disse ao meu pai que queria estudar Obstetrícia na universidade em vez de Administração ou Química. Desajeitado, doloroso e exaustivo.

Amélia estava trabalhando e não pôde se juntar a nós para quebrar a tensão, então coube a mim manter a paz e dar continuidade à conversa.

— Ah, o jantar foi ótimo. — Minha voz transborda sarcasmo. — Henry e Milosh realmente gostaram do Teddy, e no final do jantar estavam de mãos dadas cantando "Kumbaya".

'Nossa, quem diria que todos os garotos se dariam tão bem?', brinca Amélia, voltando para seu escritório.

Dou um sorriso falso enquanto desço as escadas. "Eu não!"

Entro na cozinha e vejo meu pai com a cabeça na geladeira, procurando alguma coisa. "Você acabou de jantar, como ainda está com fome?", pergunto, e então vou me sentar no cantinho do café da manhã para calçar meus tênis.

"Estou experimentando uma coisa nova", responde papai, olhando para cima e sorrindo gentilmente ao ouvir minha voz. "Chama-se comer por estresse."

Termino de amarrar os cadarços antes de olhar para ele novamente. "É, eu não recomendaria isso."

Ele ri antes de me absorver completamente. "Você vai malhar?"

— É. Eu, o Teddy e a Amélia vamos correr algumas voltas no jardim e talvez fazer um pouco de musculação. Quer participar? Pode te ajudar a esquecer um pouco as coisas — sugiro.

"Não", ele ri baixinho. "Tenho muito trabalho para fazer, mas divirta-se e corra uma volta para mim."

"Então, por onde devemos começar?", pergunta Teddy, ajustando os óculos enquanto sai pela porta do jardim. Eu me viro para olhá-lo e rio. Sinto-me como o Milosh provavelmente se sentiu quando saí para o nosso primeiro treino com meu casaco de pele.

Teddy claramente não trouxe nenhuma roupa de ginástica, já que está vestindo um suéter azul-marinho de tricô, uma calça de pijama xadrez e mocassins creme. "Escolha de roupa interessante", brinco.

"Era tudo o que eu tinha." Teddy dá de ombros, sorrindo.

'Eu iria pedir algumas roupas emprestadas ao Milosh, mas acho que elas não serviriam.'

Enquanto Teddy é esbelto e tonificado, Milosh é largo e musculoso.

Enquanto eu colocaria Teddy com 1,80 m, Milosh tem pelo menos 1,90 m.

Parece que se você sentasse no colo dele, ele ficaria firme, forte e seguro, enquanto Teddy, Deus o abençoe, parece que se você sentasse no colo dele, ele pediria para você se levantar de vez em quando para dar um descanso às pernas dele.

Teddy ainda é forte e magro, não me entenda mal, mas contra Milosh, ou mesmo Henry, ele não teria a menor chance. No entanto, o que lhe falta em músculos, ele compensa em aparência.

Teddy é a definição de um garoto bonito. Com seu cabelo loiro cacheado e olhos azuis protegidos pelos óculos, ele é o garoto-propaganda de *"Leve-me para casa para conhecer os pais. Eu trago flores e vinho branco"*. E é para isso que tenho me atraído nos últimos quase dezoito anos.

Mas aí vem Milosh. Com seus cabelos escuros, feições marcantes e rosto impressionantemente marcante, ele consegue dominar uma sala simplesmente com sua presença, com seu domínio silencioso transbordando por todos os poros.

"Mesmo que as roupas dele servissem em mim", diz Teddy, me tirando abruptamente dos meus pensamentos, "acho que eu seria a última pessoa que ele ajudaria. Tenho quase certeza de que, se eu estivesse preso em um prédio em chamas, ele me deixaria lá."

"Ah... isso não é verdade." *Mentira descarada.*

— É, claro — responde Teddy, sarcasticamente. — Enfim, vamos começar com uma corrida de aquecimento até o fundo do jardim?

'Claro.'

"Você tem alguma entrada ou saída secreta no seu jardim?", pergunta Teddy quando começamos.

'O que você quer dizer?'

"Bem, sabe, eu quero ter certeza de que esta casa está devidamente protegida e que não há como ninguém entrar ou sair." Ele começa a procurar no jardim por portas ou cercas quebradas.

'Ah, bem, nesse caso, você está completamente seguro. Há uma saída por — aponto para o fundo do jardim — ali, mas é trancada e com portão, e durante o dia há um segurança posicionado lá. Papai até disse que contratou alguém para ficar de guarda lá à noite também. Ele começa amanhã, eu acho.

"Então ele não está lá agora?"

'Não, mas não se preocupe, você está completamente segura.' Eu sorrio.

'Ah... sim, ótimo. Isso mesmo, obrigada.'

Chegamos ao fundo do jardim e paramos. 'Por que não fazemos nosso treino aqui hoje?', pergunta Teddy, olhando ao redor.

"Certo, claro. Vamos alongar primeiro." Começamos com os braços, esticando um na frente do peito e mantendo-o ali por um segundo antes de mudar para o outro. Continuamos alongando os braços e as costas antes de passar para uma flexão para a frente em pé. Quando me inclino, meu colar cai, balançando na frente do meu rosto por um segundo antes de eu guardá-lo de volta na jaqueta e fechá-lo completamente.

"Então, esse colar que você está usando, onde você comprou?", pergunta Teddy inocentemente, mas eu fico tensa na hora. Não é a pergunta, é mais o colar em si. Não sei por quê, mas sempre pareço ficar um pouco cautelosa quando alguém pergunta.

"Minha mãe costumava usá-lo", respondo. Teddy sabia minha mãe; ele tinha doze anos quando ela morreu e sua família praticamente se mudou para lá por um mês para ajudar a trazer vida de volta à casa.

"Ah, é por isso que me lembro", ele conta lentamente. "A Elizabeth costumava usá-lo o tempo todo." Estremeço involuntariamente ao ouvir o nome da minha mãe. Não consigo me lembrar da última vez que ouvi esse nome em voz alta, e uma onda de tristeza me invade enquanto uma série de memórias me invadem a mente.

"É", respondo, com a voz baixa e distante enquanto começo a me levantar lentamente da maca. Teddy me olha de relance e se aproxima, me abraçando calorosamente.

"Desculpa, Daph, fui um pouco descuidado", ele murmura no meu cabelo. Ele esfrega minhas costas, mas suas mãos pousam perto do meu pescoço. Ele começa a acariciá-lo e sinto seus dedos roçando a parte de trás do meu colar.

Eu me afasto bruscamente e seu rosto fica quente enquanto suas mãos descem. "O que você está fazendo?"

— Eu só estava verificando se o fecho estava firme. — Ele olha para o meu peito. — Está sim.

Antes que eu tivesse a chance de responder, ouvimos passos vindos do topo do jardim.

"Amelia!", grita Teddy, entusiasmado demais. "Você está aqui. Não sabia que você ia participar do nosso treinozinho noturno."

Amelia ri levemente enquanto puxa o cabelo para cima em um rabo de cavalo. 'É, pensei que era melhor fazer isso, agora que todo o meu trabalho está feito.'

"Ótimo!", exclama Teddy. Eu o observo por um instante, tentando entender o que está acontecendo. Gotas de suor se formam em sua testa, mesmo que mal tenhamos começado o treino. Ele também está um pouco nervoso. Além disso, ele está apalpando meu pescoço de forma aleatória. Sinais de alarme suaves estão soando. Algo está errado... mas o quê?

"Oi, Amélia. Acabei de perceber que nenhum de nós tem água aqui. Você se importaria de pegar umas garrafas para nós, por favor? Quero repassar um dos alongamentos que eu e a Daphne acabamos de fazer mais uma vez."

"Claro", responde Amelia, voltando para casa.

"Eu vou com você", digo, antes que ela vá embora. O Teddy está estranho e eu prefiro ter outras pessoas por perto do que ficar sozinha com ele agora.

'Não, preciso que você demonstre o alongamento, está tudo bem?', objeta Teddy.

"Certo, Daph, fique aqui. Volto já", Amelia finaliza enquanto se afasta. Fico olhando para ela por um instante antes de voltar a olhar para Teddy.

"Qual era o alongamento que você queria que eu demonstrasse?", pergunto, mas ele não está prestando atenção em mim. Ele ainda observa Amélia. Assim que ela desaparece na cozinha, ele se vira para mim, com pânico nos olhos.

"Desculpe, Daphne, mas preciso daquele colar."

'O que?'

Ele se aproxima, com o olhar fixo no meu peito, onde está o pingente. "Preciso desse colar, Daphne. E vou aceitá-lo de uma forma ou de outra, então, por favor, me dê."

"Teddy, do que você está falando? Se isso é alguma brincadeira estranha, por favor, pare, porque você está começando a me assustar." Eu me afasto dele, mas ele se aproxima um passo.

— Sinto muito, Daphne. Sinto mesmo.

— Por quê? Teddy, o que está acontecendo... — Não tenho chance de terminar a frase antes que ele agarre a frente da minha jaqueta e me puxe para perto dele.

"Teddy, para", eu ofego, com a respiração ofegante. O impacto do puxão faz o colar saltar para fora e, assim que Teddy o vê, ele o agarra, tentando arrancá-lo do meu pescoço.

O fecho segura, mas a dor do puxão queima minha pele.

Ele não solta o colar, sua respiração ficando mais pesada e ofegante. Tento puxar sua mão, mas ele a segura com muita força. Então, faço a segunda melhor coisa a fazer.

Eu chuto ele na virilha.

Ele grita de agonia, curvando-se e afrouxando o aperto no colar. Eu me afasto e piso em seu pé para garantir, fazendo-o cambalear para trás.

— Só preciso do colar, Daphne. Me dá. — Sua voz é sombria, firme e desesperada. Mas seu corpo está tremendo.

Ele está assustado.

Eu tropeço para trás, pronta para perguntar o que ele está fazendo, mas antes que eu possa falar, Amelia corre até nós, com garrafas na mão.

"Teddy, você está bem?", pergunta Amelia, preocupada.

Antes que eu possa mandá-la correr, Teddy se levanta, pegando algo do cós da calça ao mesmo tempo. É tarde demais para eu detê-lo, pois ele aponta a coronha de uma arma para a cabeça de Amelia, atingindo-a com força.

"Amelia!", eu grito, enquanto ela cai no chão.

Sem vida.

Corro, mas paro abruptamente quando Teddy aponta a arma para mim.

Nossas respirações irregulares se entrelaçam enquanto encaro o cano de uma arma.

Uma arma de verdade.

Uma arma de verdade está apontada para mim. Por Teddy.

Suas mãos tremem enquanto sua respiração acelera. Seu rosto está todo coberto de suor.

"Tire o colar, Daphne", ele diz.

"Teddy, por favor, abaixe a arma." *O que o Milosh me ensinou? O que o Milosh me ensinou? Como posso desarmá-lo?*

"Não posso fazer isso, Daphne", ele começa, com o rosto tomado pelo medo. "Eu não queria fazer isso, mas você não desistiu."

Ele está... chorando?

Ele começa a solçar silenciosamente, apontando a arma para meu rosto com as mãos trêmulas.

Ele nunca fez isso antes.

Ele é inexperiente.

Ele nem está segurando a arma corretamente.

Se eu desse alguns passos à frente, conseguiria desarmá-lo, mas só consegui fazer isso com o Milosh e uma arma falsa. Realmente não acho que seja uma boa hora para jogar com a Viúva Negra, mas não tenho escolha.

Amélia está no chão, inconsciente, e estamos sozinhos. Ninguém virá nos resgatar. É para isso que Milosh vem me treinando.

"Teddy, me escuta", digo o mais suavemente que posso, dando um pequeno passo em sua direção. "Não sei o que está acontecendo, mas deixe-me te ajudar." Dou mais um passo, mas paro quando ele aperta a arma com mais força. Levanto as mãos.

"Fique para trás, Daphne. Eu atiro em você."

"Eu sei, eu se-senho", respondo, hesitante.

"Você não acredita em mim, não é?"

"O quê?", pergunto, apavorada. Não quero morrer. Muito menos nas mãos do *Teddy*.

"Esta é uma arma de verdade."

"Eu sei, Teddy."

Mas aparentemente minhas palavras não são suficientes. Ele dispara um Um tiro de advertência que corta meu braço. A adrenalina da situação retarda qualquer dor.

Tudo o que preciso é de mais um passo e posso desarmá-lo.

"Teddy, por favor, pare. Vou te dar o colar, ok? Vou até você e te entrego."

Ele acena uma vez, ainda segurando a arma no meu rosto enquanto dou mais um passo.

Movendo-me rapidamente, como Milosh me ensinou, alcanço a arma antes que Teddy possa reagir, afastando-a do meu rosto. Agarro-a, girando-a até que o gatilho esteja fora de seu alcance, e a levanto. Devido à diferença de altura, é difícil me soltar, então, em vez de a arma acabar nas minhas mãos, ela cai no chão. Tento pegá-la, mas antes que eu tenha tempo de pegá-la, sinto um sapato atingir meu estômago, me jogando no chão.

Então eu sinto isso de novo.

E de novo.

Teddy me chuta repetidamente até que eu não consigo me mover.

Não consigo falar.

Não consigo gritar.

A dor é lancinante.

Mas depois para.

Começo a tossir incontrolavelmente, meu corpo exausto em espasmos. Levo um momento para perceber que alguém está chamando meu nome.

"Daphne", chama uma voz grave. "Daphne, levanta!" Ela chama novamente. Mais alto dessa vez.

Eu me viro e encontro Milosh desferindo um soco no queixo de Teddy antes de acertá-lo com uma joelhada na barriga. Teddy se dobra, dando a Milosh a vantagem de poder prendê-lo numa chave de pescoço. Um braço envolve seu pescoço e o outro atrás dele, restringindo seu ar.

"Daphne, querida, olha para mim", Milosh praticamente grita. Olho para ele e encontro seus olhos tão cheios de poder e escuridão que me chocam por um momento. "Daphne, preciso que você corra para dentro e chame o Henry."

"Mas a arma!", eu digo ofegante.

"Esqueça a arma, vá buscar Henry e seu pai."

'Mas—'

"Agora, Daphne."

Eu me levanto, tropeçando quando sou lembrado agressivamente da dor no meu estômago, mas conseguindo começar a correr.

"Henry, papai!", grito enquanto corro de volta para casa.

'Henry! Papai, por favor!'

Henry e meu pai correm para a cozinha ao mesmo tempo, em pânico. "Daph, o que houve? Que barulho foi esse?", pergunta Henry, me preparando quando quase esbarro nele.

Eu grito quando suas mãos agarram meu braço onde Teddy me atingiu com uma bala, trazendo sua atenção para mim. manga encharcada de sangue.

'Daphne, seu braço, o que aconteceu?', pergunta meu pai, com os olhos arregalados de horror.

'Milosh... Teddy... Amélia...' Tento recuperar o fôlego e falar claramente, mas não consigo. 'Teddy me atacou e Amélia, Milosh me salvou, mas ele...'

"Fique aqui", Henry exige, interrompendo-me quando já ouviu o suficiente. Ele e meu pai passam correndo por mim em direção ao jardim.

"Ele tem uma arma", grito para eles, pouco antes de ouvir um estrondo.

A arma.

A arma disparou.

"Não", sussurro para mim mesma, imaginando o pior. O terror toma conta do meu corpo, envolvendo minha dor. Sem me importar com as consequências, corro de volta para o jardim para verificar o que aconteceu.

Vejo um corpo caído no fundo, mas não sei de quem é.

Papai continua correndo, mas Henry para assim que alcança Amélia. Ele a pega no colo e a carrega de volta para casa, com os olhos negros de raiva.

"Daphne, volte para dentro", ele instrui. "*Agora*, Daphne", ele continua quando eu não me movo.

"Mas preciso verificar se Milosh está bem", imploro, caminhando em direção a eles.

"Ele está bem. Agora volte para dentro."

Seu tom não deixa espaço para discussão.

Atravessamos a cozinha em passos rápidos e entramos no aconchego. Henry coloca Amélia em um dos sofás grandes, dando-lhe um beijo leve na cabeça antes de afastar os fios de cabelo do rosto para avaliar a barriga crescente. Ele a examina de corpo inteiro antes de se virar para mim.

"Você está bem?", ele pergunta, com preocupação emanando dele. Meu lábio treme enquanto a adrenalina passa e começo a processar o que acabou de acontecer. A dor queima meu braço e minha barriga ao mesmo tempo.

Teddy me atacou.

Teddy, o garoto que conheço a vida toda, acabou de me ameaçar com uma arma e atirou em mim.

"Não", sussurro enquanto a primeira lágrima cai. Henry olha para Amelia antes de vir até mim para analisar meus ferimentos. Ele me ajuda a tirar a jaqueta e a blusa de ginástica, então fico apenas de top e leggings, e seus olhos escurecem enquanto ele avalia meu braço, minha barriga e meu pescoço.

— Fique aqui, vou buscar o Josh. — Sua voz está letalmente calma, então não ousa fazer nada além do que ele me disse enquanto saía da sala.

Josh foi médico por dez anos até que um dia percebeu que simplesmente não tinha mais vontade de fazer isso. Então, ele desistiu e foi para a escola de culinária, trabalhando em vários Restaurantes com estrelas Michelin por vários anos, onde ele conheceu sua atual esposa Bethany, tudo isso antes de ambos virem trabalhar aqui como nossos chefs particulares.

Quando ouço a porta se abrir, olho para ela esperando ver Henry voltando com Josh, mas fico chocada quando meus olhos encontram um mar verde. Milosh fecha a porta delicadamente e caminha até mim, com o maxilar tenso enquanto observa meus ferimentos.

Novas lágrimas brotam em meus olhos, e a lembrança do que aconteceu volta em flashes.

— Não chore — ordena Milosh. — Ele não merece suas lágrimas. — Sua mão sobe para segurar meu rosto e enxugá-las.

"O que aconteceu quando a arma disparou?", pergunto entre respirações trêmulas.

"Eu atirei no pé dele", explica Milosh calmamente.

"Eu não sabia se algo tinha acontecido com você", eu sussurro.

"Estou bem, querida, não chore por mim." Sua voz é gentil e reconfortante enquanto ele continua a enxugar as lágrimas dos meus olhos.

"Onde ele está agora?", pergunto.

"Eu o nocauteei e ele está amarrado no escritório do seu pai. Estamos só esperando ele acordar."

'OK.'

'Onde exatamente você está sofrendo?'

"Meu braço, minha barriga e meu pescoço, onde ele puxou meu colar. Mas o Henry foi buscar o Josh, então ele vai me ajudar."

Ele acena em resposta e aponta para o colar que ainda está no meu peito. "É isso que ele queria?"

Eu aceno.

Por fora, Milosh parece calmo e sereno. Não há um único arranhão, mas algo sombrio e ligeiramente perturbador está em seus olhos.

A porta do aconchego se abre novamente, mas com Milosh parado na minha frente, não consigo ver quem é.

"Vou cuidar do Teddy; vou conseguir algumas respostas para você", ele diz, com a voz baixa e íntima. "Você vai ficar bem?"

Concordo com a cabeça, oferecendo-lhe um pequeno sorriso. 'Você poderia levar o colar para o meu pai?'

Ele assente, tirando a mão da minha bochecha lentamente. "Vire-se."

Eu obedeço, meus lábios se abrindo em uma inspiração silenciosa enquanto sinto suas mãos quentes na minha nuca. Minha pele se arrepia ao seu toque. Ele é gentil com seus movimentos, tentando não agitar o hematoma que escurece. Tenho certeza de que ele consegue ouvir as batidas erráticas do meu coração.

"Pronto", ele murmura enquanto sinto o colar se erguer da minha pele.

— Obrigada. — Viro-me para encará-lo, seus olhos poderosos penetrando os meus. Ele acena uma vez e se vira para ir embora, antes que eu o impeça. — Milosh? — sussurro, agarrando sua mão para detê-lo. Nós dois olhamos para onde nossos dedos se encontram por um momento antes de nos olharmos novamente.

'Sim?'

"Não pegue leve com ele."

Ele sorri maliciosamente. "Como quiser, Srta. Green."

Ele se demora por um instante, seus olhos se fixando na minha boca e, em seguida, voltando preguiçosamente, sustentando meu olhar ardente por um instante, antes que alguém perto da porta pigarreie. Deixo as mãos caírem ao lado do corpo enquanto Milosh solta uma risadinha.

"Vejo você em breve, Srta. Green", ele diz, antes de se virar e sair, ignorando o olhar de Henry ao sair.

"Totalmente platônico, minha bunda", é tudo o que Henry consegue murmurar antes de Amelia se mexer atrás de mim.

Henry corre até o sofá e se agacha.

"Oi, linda", Henry sussurra para ela, sorrindo para disfarçar a preocupação. Amélia se assusta ao se recuperar completamente, mas assim que vê o rosto de Henry, ela o abraça, se fundindo a ele e sussurrando algo inaudível de onde estou. Henry sussurra de volta e começa a fazer círculos em suas costas de uma forma íntima e familiar.

Eu amo o amor deles. O amor deles me dá esperança. O amor deles me faz ansiar pelo dia em que alguém me olhará como Henry olha para Amélia.

Eu quero me importar tanto com alguém. Quero que alguém me ame, que cuide de mim, que me proteja. Que deixe todo mundo para trás por mim, sem se importar com as consequências, desde que eu esteja bem.

É coisa de ficção. Mas se Henry encontrou Amélia, quem garante que eu não posso encontrar o meu Henry?

*Milosh pode ser o seu Henry*. Uma vozinha ecoa na minha cabeça.

Hum. Talvez eu precise adicionar uma possível disfunção cerebral à minha lista de lesões.

"Sua cabeça está doendo?", Henry pergunta quando eles se separam.

"Um pouco, mas está tudo bem", ela diz enquanto começa a procurar pelo quarto. Seus olhos pousam em mim e ela suspira aliviada. "Daphne, você está bem?"

— Estou bem, Meelie. — Vou até ela enquanto Henry se afasta para que eu tenha espaço para abraçá-la.

"Meu Deus, Daph, seu braço", ela suspira, cobrindo a boca com a mão. "E seu pescoço", acrescenta. Seus olhos se arregalam ao ver minha barriga. "O que ele fez com você?", sussurra.

'Josh está apenas juntando suas coisas para dar uma olhada nela — Agora — Henry interrompe. — Você também, Meels.

"Ótimo." Amelia concorda. Ela balança as pernas e coloca os pés no chão, pronta para se levantar, mas assim que levanta a parte superior do corpo começa a cambalear, perdendo o equilíbrio. Henry corre para ampará-la, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

"Você está bem?"

"Eu me levantei rápido demais, só isso, Hen", ela responde suavemente, acariciando o queixo dele. Seu olhar se volta para mim novamente quando me levanto, apertando a barriga. "Como você conseguiu escapar do Teddy?"

— Milosh — admito. — Ainda bem que ele saiu naquela hora, senão... não sei o que teria acontecido.

— É — concorda Henry. — O Milosh provavelmente é a melhor contratação que seu pai já fez. E ele se importa com você, Daph. — Ele se afasta um pouco para poder me olhar nos olhos. — Ele realmente se importa com você. Quase tanto quanto eu me importo com a Amélia.

"Ninguém se importa com ninguém tanto quanto você se importa com Amelia, Henry", eu digo com um pequeno sorriso.

"Antes de Milosh, eu teria concordado com você", admite Henry, "mas agora não tenho tanta certeza".

Felizmente, não preciso responder a isso, porque Josh escolhe o momento perfeito para entrar com sua maleta médica e Bethany a tiracolo. Assim que me veem, seus rostos se fecham e eles soltam suspiros de horror.

'Ah, Daphne, o que ele fez com você?', pergunta Josh, antes de ver Amelia com uma aparência um pouco pior. 'Não, você também não, Amelia?'

Ela faz uma careta e acena com a cabeça enquanto eles fecham a porta atrás deles e vão até o sofá.

"Daphne, você parece precisar de atenção mais imediata, então vou começar por você", afirma Josh. "Bethany, você poderia se sentar com Amelia, por favor? Henry vai precisar ir ajudar com o interrogatório, e ela parece precisar de apoio."

Bethany vai até Meelie enquanto Henry se levanta.

"Henry, o que vai acontecer com o Teddy?", pergunto.

— Ah. — Henry sorri. E é a expressão mais enervante que já vi em seu rosto. — Bom, agora que vocês dois estão com Josh e Bethany, vou bater um papo *com* ele, se vocês concordarem, meninas?

Amélia lhe dá um sorriso meio assustador. "Sugiro que você o faça desejar nunca ter nascido."

— Pode deixar, linda. — Os olhos de Henry ardem por um instante enquanto ele encara Amelia, antes de esfriarem ao olhar para mim. — E você, Daph? Tudo bem se eu tiver uma conversinha com ele?

Se Henry conseguir o que quer, Teddy sairá de casa num saco para cadáveres.

"Faça o que for preciso", respondo. Sinto-me completamente entorpecida. Não sei por que Teddy fez isso e, sinceramente, não me importo. Ele apontou uma arma para o meu rosto.

*Mas e se ele estivesse sendo ameaçado?* Aquela vozinha na minha cabeça questiona, e é um ponto válido. Isso é completamente atípico para o Teddy, então deve haver um motivo — não que o Milosh, o Henry ou o papai queiram ouvir — mas tem que haver. Ele não faria algo tão drástico a menos que

estivesse sendo chantageado ou algo assim. No entanto, chantagem ou não, ele ainda atirou e me atacou.

Ele *atirou* em mim. Isso não está certo.

Olho de novo para Henry. "Só não o mate", acrescento, revirando os olhos. "Embora eu tenha quase certeza de que Milosh pode ter chegado antes de você."

Henry ri. Tipo, uma gargalhada de verdade. "É. Acho que você tem razão." Ele dá um beijo casto nos lábios de Amelia antes de ir em direção à porta. "Vou ter sorte se sobrar algum Teddy." Ele abre a porta ainda rindo sozinho. "Isso vai ser divertido."

## MILOSH

Teddy solta outro grito de dor quando eu bato meu punho em seu queixo pela décima vez. Desde que o amarrei a uma velha cadeira de madeira no escritório de George, quebrei seu nariz, seus pulsos e todos os seus dedos. Ele já desmaiou duas vezes de dor, mas agora que se recuperou, estou trabalhando para reorganizar sua mandíbula.

Deixarei os joelhos dele para Henry.

Eu sou atencioso assim.

"Por favor, pare", Teddy soluça, espirrando sangue no chão de madeira.

— Você escolheu machucar Daphne — afirmo, com a voz vazia de emoção. — Agora eu escolho machucar você.

"Eu não queria!" ele lamenta.

— Ei, Ted — interrompi. — Você está se envergonhando. Pare com isso.

Sei que preciso mantê-lo consciente até o interrogarmos, mas o rosto dele é tão punível que o golpeio novamente. Depois de ouvir aquele estalo delicioso, ganho um pouco de sangue tão necessário. contenção e dê um passo para trás, deixando-o recuperar o fôlego no momento em que Henry entra.

"Você começou sem mim, pelo que vejo." Ele sorri ao notar o estado do Sr. Urso-Contrutor. O rosto de Teddy empalidece vários tons quando ele ergue o olhar com o único olho sem inchaço para ver a expressão no rosto de Henry.

'Henr—'

— Não. — Henry interrompe Teddy abruptamente, caminhando até ele e se abaixando até que fiquem cara a cara. — Tem certas pessoas que você simplesmente não quer irritar, Teddy. Mas você conseguiu irritar todas elas. É realmente impressionante. — Teddy parou de chorar, mas quando o sorriso frio e enervante volta a aparecer no rosto de Henry, o lábio de Teddy começa a tremer, o que me faz revirar os olhos automaticamente.

— Para sua sorte, Milosh tem autocontrole e demonstrou graça. — Henry se levanta, pisando no pé ferido de Teddy. Mesmo enfaixado para não sangrar, ele grita com a dor crescente, e isso é música para os meus ouvidos.

— Mas o Milosh trabalha para o exército — continua Henry —, então ele precisa ter um certo controle. Eu, por outro lado, não. — Henry rosna, com aquele sotaque arrogante se intensificando. — Normalmente, se alguém toca na minha esposa, perde as mãos. Mas você? Você não fez isso. — Sua voz está estranhamente calma.

"Você a machucou. Você deixou *minha esposa* inconsciente. Então Você atirou na Daphne. Mas você não só atirou na Daphne, como também a espancou. Aquela garota agora tem marcas e hematomas por todo o corpo por *sua causa*. Minha esposa pode ter

uma concussão por *sua causa*. Sabe o que isso significa, Teddy? Ele se afasta e fica ao meu lado.

"Você não só tem que lidar com o Sr. Negação-dos-sentimentos aqui." Dick. "Você também tem que lidar comigo. E você magoou minha esposa." Ele ri, balançando a cabeça. "Você é o mais burro que existe, Teddy. Realmente, incrivelmente burro."

"Eu não tive escolha", Teddy reclama.

"É aí que você se engana, Ted", eu digo. "Você sempre tem uma escolha."

A porta se abre e George entra furioso. "Ah, que bom, ele acordou." Quando fui ver como estava Daphne, George foi procurar nas coisas de Teddy para ver se havia algo que nos levasse à verdade, mas pela expressão dele, ele claramente não teve sucesso.

Aparentemente, tudo o que Teddy precisava era de uma arma, audácia e estupidez para passar o dia.

"Pronta para começar?", pergunto. Só quero terminar este interrogatório para poder ir ver como está a Daphne de novo. A ideia de vê-la ali, sentada, sofrendo com todos aqueles ferimentos, me traz uma nova onda de raiva.

'Teddy, conta a verdade. Por que você fez isso?', pergunta George. Seu tom é comedido e neutro, mas seus olhos revelam uma história diferente. Enquanto eu e Henry sentimos raiva, George se sente magoado. Um garoto que ele considerava um filho acaba de atacar seu único filho sem nenhuma explicação.

"A-a maior parte da minha história era verdade, George", ele gagueja. "Cheguei em casa e minha casa estava revirada. Dois homens me nocautearam e me acordaram com água gelada." Ele para de tossir, ofegante de dor, antes de continuar. "A única diferença é que me instruíram a completar uma tarefa... me dando uma charada... e uma arma." Ele ainda está fungando, com ranho e sangue escorrendo pelo rosto. Ele parece o desastre que está.

"Eles me disseram que eu precisava completar o enigma e entregar o item mencionado nele em dois dias."

"Ou o quê?", Henry pergunta.

Ele hesita por um momento. "Ou então enviariam uma denúncia anônima à polícia, contando sobre os acordos secretos que meus pais fizeram com vários juízes para manter meu nome limpo."

"Manter seu nome livre de quê?", pergunta George.

"Dirigir embriagado, agressão, espancamento. Não sei, houve muitos incidentes."

— Entendo. — A angústia paira nos olhos de George enquanto ele caminha lentamente até sua mesa para se sentar.

"Qual era o enigma, Ted?", pergunto, para voltarmos ao assunto.

"Disseram-me para encontrar o que está perto do coração dela. Eu não "Sei o que isso significava, então pensei em vir aqui e dar uma olhada nas coisas do George depois que todos tivessem ido dormir. Mas quando a Daphne estava deitada na minha cama, o colar dela caiu e foi parar bem em cima do coração dela, me fazendo pensar que poderia ser ele."

— Espera — interrompo, com o sangue gelando. — O que Daphne estava fazendo deitada na sua cama?

'B-bem', gagueja Teddy, 'estávamos conversando e eu sugeri que repetíssemos algo que fizemos alguns anos atrás'.

— E o que foi que você fez alguns anos atrás, Ted? Para que ela estivesse na sua cama?  
— pergunto, rangendo os dentes, perdendo lenta mas seguramente qualquer controle que ainda tivesse.

"Nós nos beijamos", ele diz baixinho. "No sofá", acrescenta rapidamente. "Nada aconteceu há alguns anos, além disso, só que desta vez eu sugeri que nós...", ele se perde.

"Nós o quê?" Henry pergunta.

"Vamos m-passar para algo um pouco mais adulto", ele praticamente sussurra.

George fecha os olhos e respira fundo algumas vezes. "Você forçou minha filha, Theodore?"

— Não! Não, claro que não, George. Eu posso ter... provocado ela. Mas nunca insisti.

'Viu, por que eu não acredito em você, Ted?' Eu me afasto da parede em que estou encostada e vou até ele. 'Só vou perguntar "Você vai fazer isso de novo." Eu me agacho. "Como ela foi parar na sua cama?" Consigo ouvir meu sotaque balcânico engrossar enquanto tento manter a calma o máximo possível.

"Eu a virei na cama, mas nada aconteceu, eu juro."

"Suas promessas significam muito pouco para mim, Teddy", afirmo.

Sua respiração acelera e ele parece prestes a perder o último resquício de compostura.

"Calma, eu não vou te matar", digo friamente. "Só vou te levar por um evento que parece a morte."

Os olhos de Teddy se arregalam de horror, enquanto Henry ri atrás de mim.

"Um o quê?"

"Aqui, deixe-me mostrar a você."

"Por favor, não. Acho que meu corpo não aguenta mais." A expressão em seu olho sem inchaço é de pânico e ele está tremendo.

— Isso parece ser um problema *seu*, Ted. — Pego a faca do bolso de trás e a cravo na coxa dele. De propósito, não acerto nenhuma artéria ou vaso sanguíneo porque ele precisa terminar de responder às perguntas, mas sinto uma onda de satisfação quando ele grita de dor. Deixo a faca na perna dele e me levanto, indo embora.

"E para quem foi tudo isso mesmo?", Henry pergunta para mim, com os olhos brilhando de alegria.

"Não tenho problema algum em arrancar esse sorriso da sua cara", eu o aviso.

"Certo, certo, certo, certo", Henry concorda antes de murmurar, "porque isso respondeu à minha pergunta."

— Certo, vamos voltar para esta noite — diz George enquanto se levanta e contorna a mesa. — Você viu um colar no pescoço da Daphne?

— Sim — responde Teddy entre gemidos. — Abriu a charada na minha cabeça, mas fui verificar seu quarto também para ter certeza de que não havia nenhuma pista lá. Quando não consegui encontrar nada e Daphne me disse que o colar costumava ser da Elizabeth, eu soube que tinha que ser ele.

'O colar da Elizabeth?', pergunta George. 'A Daphne estava usando o colar da Elizabeth?'

"Sim, ela estava. Eu a reconheci quando estava verificando os ferimentos", Henry confirma.

Isso explica por que reconheci aquele colar na piscina. Todas as fotos que me mostraram da mãe da Daphne antes de eu vir para cá a mostravam usando aquele colar. O mesmo acontece nas poucas fotos restantes dela espalhadas pela casa.

"Ela me disse que perdeu o controle."

— Bem, ela mentiu. Imagino que tenha aprendido isso com você — respondo, tirando o colar do bolso e entregando a ele. Ele o encara por um momento, imóvel, mas como se... alguém apertou *Play*, de repente ele voltou à vida, pegando o colar da minha mão estendida.

— Então, qual era exatamente o seu plano, Teddy? — pergunta Henry. — Você pensou em arrancar o colar e seguir seu caminho?

"Pensei que se conseguisse tirá-lo do pescoço dela, poderia pular a cerca dos fundos e trazê-lo de volta para o meu apartamento, onde me mandaram deixá-lo." Ele se move levemente, mas com a faca ainda cravada na coxa, solta um grunhido de dor, o lábio trêmulo. "Eu juro, eu não queria machucar a Daphne, mas ela simplesmente não quis me entregar o colar."

'Ah, então agora você está me dizendo que isso é culpa da Daphne?', George retruca.

— Não! N-não. É completamente meu, é s-só... — Ele não consegue completar a frase porque Henry arranca a faca da sua coxa, deixando-a cair no chão.

— Já terminamos de interrogá-lo, certo? — Ele olha para mim e para George, e quando George dá de ombros e eu concordo, ele sorri sadicamente.

"Ótimo." Ele começa a socar Teddy. Golpe após golpe. Até Teddy desmaiar pela terceira vez de dor.

— Chega por enquanto. — Henry suspira, recuando. — O que vamos fazer com ele?

Pego meu telefone e mando uma mensagem rápida para Davis. 'O Major Davis vai querer interrogá-lo, então algumas pessoas "Se vierem buscá-lo, não sei o que vai acontecer com ele. O mais provável é que ele seja limpo, enfrente as consequências das acusações que admitiu e vá para a cadeia. Além de conspirar, ele vai ficar preso por um tempo."

"Então não posso matá-lo?" Henry fica boquiaberto.

'Não.'

— Bom, isso é muito irritante. — Ele olha para Teddy e dá um último soco. — Acho que vai ter que servir.

"Você sabe alguma coisa sobre esse enigma?", pergunto a George, me concentrando novamente.

— Sim — ele sussurra, olhando para mim. — Foi tirado do livro que foi roubado do meu escritório.

'Seu diário?'

'Malcolm, meu antigo assistente de laboratório no MI6, era o único que sabia o que eu tinha feito. Ele me disse para não contar a ninguém e destruir todas as evidências. Mas eu não conseguia me livrar de todo o meu trabalho duro, então escondi a fórmula da toxina junto com o antídoto — sim, eu praticamente tinha a fórmula decorada, mas era bom ter uma reserva, só por precaução. Ele me disse para não contar onde eu a escondi, mas para esconder o local em uma charada para que não pudesse ser facilmente decifrada.'

'E onde você colocou a fórmula?'

Ele olha para mim, cansado, e depois para Teddy, que está tão desmaiado que penso em verificar seu pulso.

'No colar da minha falecida esposa. Ela nunca costumava tirá-lo, Então, quando ela estava dormindo, removi as fotos dela e da Daphne e escrevi a fórmula da toxina de um lado e o antídoto do outro antes de colocá-las de volta. Foi estúpido, mas funcionou. Ninguém jamais olharia atrás das fotos ou sequer suspeitaria que ela tinha as fórmulas, nem mesmo ela.'

"Então Daph anda por aí com as fórmulas de toxina e antídoto penduradas no pescoço há anos?", questiona Henry.

— Sim. — George concorda. — Ela não devia saber, mas sim. — Ele acaricia o colar por um momento antes de caminhar em direção à porta.

— George, isso é uma prova — eu digo. — Preciso entregá-la.

'Não.'

"George, quanto mais tempo isso ficar em sua posse, mais tempo você colocará Daphne e você em perigo." No momento, este acordo com a força-tarefa é mutuamente benéfico: ele obtém proteção para a filha e a força-tarefa obtém acesso à casa dele. Mas George pode solicitar que eu saia a qualquer momento. Seria ridiculamente estúpido, mas às vezes George não é o mais crítico. Não posso tomar o colar à força, mas sei que George também não o dará para mim.

"Não, não será seguro com sua equipe", ele decide, abrindo a porta do escritório.

'Onde você está indo?'

— Para escondê-lo. — Ele se vira para me olhar. — Para escondê-lo em algum lugar que ninguém jamais encontrará.

## 25

### *Dafne*

Saio do aconchego e viro a esquina.

Depois que Josh tratou meus ferimentos da melhor forma possível, fiquei no aconchego para não ter que ficar sozinha com meus pensamentos, mas ficou um pouco demais quando Josh e Bethany continuaram fazendo perguntas.

*Por que Teddy fez isso?*

*Você acha que ele está trabalhando com esse grupo?*

*Você e ele não deveriam... você sabe...?*

*Por que você simplesmente não deu o colar a ele?*

Todas essas eram perguntas válidas, eu só não tinha coragem de respondê-las, então, quando Meelie convenientemente se sentiu tonta de novo e eles correram para cuidar dela, aproveitei a chance para escapar.

Viro a esquina apenas para dar de cara com meu pai.

'Você está bem—'

'Sinto muito—'

Nós falamos ao mesmo tempo.

"Você está bem?", papai pergunta novamente.

Concordo com a cabeça. "Josh me curou, então estou bem."

— Não estou falando de fisicamente, Daph. Estou falando de todo o resto. Você e Teddy eram próximos. Isso não deve ser fácil para você.

"Não está", admito. "Mas, neste momento, acho que meu cérebro não está me permitindo processar nada completamente, então talvez me ligue de novo amanhã de manhã." Solto uma risadinha, mas ela sai sem graça. Quero saber o que descobriram quando interrogaram Teddy, mas meu cérebro já está sobrecarregado e cansado, e perguntar sobre Teddy só aumentaria o barulho que eu tanto quero silenciar na minha cabeça.

Estou exausto e entorpecido e, honestamente, só quero dormir.

— Tudo bem, então é melhor eu ir. Acho que preciso guardar isso em algum lugar seguro. — Ele estende o medalhão.

'Papai, sinto muito por ter mentido sobre perdê-lo.'

— Eu entendo perfeitamente por que você fez isso. — Ele dá de ombros. — Não tenho sido um bom exemplo ou pai para você ultimamente, Daphne. Com todas essas mentiras, segredos e tudo mais.

Mas eu quero mudar isso. E desta vez estou falando sério. Quero que tenhamos conversas abertas e honestas, sobre tudo e qualquer coisa.

"Eu também gostaria disso."

— Então está bem. — Meu pai sorri. — Está combinado. Boa noite, querida.

"Boa noite, papai."

Observo-o subir as escadas e espero ouvir o som fraco da porta do seu quarto se fechando para me mover novamente. Meus movimentos são lentos e rígidos, e preciso parar a cada dois segundos quando uma nova pontada de dor me percorre o corpo.

Começo a subir as escadas, mas paro no meio do caminho e me sento em um dos degraus para me recompor. Deixo a cabeça cair entre os joelhos e tento equilibrar a respiração.

Não sei quanto tempo se passou, mas depois de um tempo ouço alguém subindo as escadas e parando ao chegar perto de mim. Sei que é Milosh apenas pelos passos, mas confirmo quando ele se senta ao meu lado, com seu aroma puro invadindo minhas narinas. Ficamos sentados em um silêncio confortável por alguns minutos, ouvindo apenas o tique-taque suave do relógio no hall de entrada.

Levanto a cabeça dos joelhos e a coloco em seu ombro. "Como você sabia que tinha que vir aqui fora?"

"Ouvi um tiro vindo do meu quarto e, quando olhei pela janela, vi um pontinho rosa. Eu não sabia o que você estava fazendo, nem sabia que o Teddy estava com você, só sabia que você estava lá, então fui verificar."

*Tique, taque, tique, taque.*

— Bem, obrigada — digo, com a voz quase num sussurro. — Por salvar minha vida. De novo.

"Eu não gostava muito do Build-A-Bear, então foi uma situação vantajosa para todos."

Solto uma risada, e acho que é a minha primeira risada genuína da noite. "Construa um Urso?"

"Acho que soa bem. De qualquer forma, é melhor que *Teddy*."

"Você não está errado sobre isso."

*Tique, taque, tique, taque.*

"Não acredito que machuquei a Amelia."

'O que você está falando?'

"Se eu tivesse dito ao papai que tinha o colar e dado a ele, tudo isso poderia ter sido evitado."

"Ei, olha pra mim", diz Milosh, com a voz séria. Levanto a cabeça do seu ombro e viro o rosto para ele. "Isso não é culpa sua, de jeito nenhum."

— Sim, é — enfatizo. — A única culpada por tudo isso sou eu. Na primeira noite em que você veio aqui, meu pai perguntou se eu tinha visto o colar, e eu disse que não. Se eu tivesse parado de ser hipócrita por um segundo e simplesmente dito a verdade, Amélia não estaria sentada no sofá com uma leve concussão e eu não teria levado um tiro e sido espancada.

"Você queria ficar com aquele colar para se sentir mais perto da sua mãe. Você não sabia o que realmente tinha dentro."

— Lá dentro, mesmo? — FRANZO a testa. — Do que você está falando?

Seu maxilar se contrai. "A toxina e as fórmulas de antídoto que seu pai fez estão escritas no verso das imagens dentro do pingente."

Meu queixo cai. "Sabe de uma coisa? Claro que sim. Por que estou surpresa?"

Nem entro no fato de que a escrita provavelmente está ilegível devido à quantidade de vezes que usei o colar na água, ou ao fato de que, sem saber, carreguei essas fórmulas comigo há anos. Hoje foi um longo dia.

Eu só preciso dormir.

O celular de Milosh vibra no bolso, mas quando ele o tira, tudo o que noto é o estado dos nós dos dedos dele. "Milosh, suas mãos", digo, ofegante. Ele olha para elas e dá de ombros.

"Valeu a pena."

Os nós dos dedos dele estão ensanguentados e ásperos. Não consigo dizer se é sangue dele ou do Teddy, então pego uma das mãos para uma inspeção mais aprofundada. "Isso precisa ser limpo", decido. Começo a me levantar do degrau, mas uma pontada aguda e dolorosa me faz agarrar a barriga e a mão de Milosh serpenteia pelas minhas costas para me firmar.

"Precisa de ajuda?", ele diz em voz baixa e arrastada.

"Qual foi sua primeira pista?"

Ele ri baixinho, balançando a cabeça. "Levante-se, seu espertinho."

Tento ignorar o arrepio que sinto quando ele me chama assim e como meu coração vibra quando ouço sua risada sensual, mas não consigo. Percebi que está cada vez mais difícil ignorar todas as pequenas coisas que Milosh diz ou faz que me fazem rir, sorrir ou ficar nervosa.

Mas, repito, é tarde demais para pensar nisso agora. Vou deixar que isso seja problema de amanhã.

Suas mãos seguram minha cintura com firmeza e me puxam lentamente até que eu fique em pé. Ele sobe o resto da escada no meu ritmo e chega ao meu quarto, abrindo a porta com facilidade, mas ainda me mantendo segura. Assim que entramos no meu quarto, suas mãos começam a se soltar, mas eu as seguro, mantendo-as no lugar.

"Só porque estou com dor não significa que não posso te limpar." Minha dor de estômago diminuiu desde que subimos as escadas, então agora posso andar, só que num ritmo mais lento.

'Daphne, você está com dor. Eu consigo cuidar das minhas próprias mãos, está tudo bem.'

— Não, não é. Você salvou minha vida, o mínimo que posso fazer é te curar. Vamos.

Entramos no meu banheiro e paramos perto da pia. Começo a me abaixar, mas Milosh me impede.

"Diga o que você precisa e eu pego para você." Ele me gira delicadamente e me coloca no balcão. "Você fica aqui."

Eu o indico para pegar uma flanela extra e um pequeno kit de primeiros socorros no armário, e ele os encontra com facilidade antes de ficar entre minhas pernas e entregá-los para mim.

"O-obrigada", é tudo o que consigo dizer quando ele coloca as mãos nos meus joelhos.

"Onde você me quer?", ele pergunta em tom inocente, mas seus olhos o traem. Estão focados em mim, o calor aumentando a cada segundo.

'Eu... hum, b-bem...'

— Use suas palavras, Srta. Green. — A tensão inegável crepita no ar ao nosso redor enquanto ele levanta as mãos levemente, apertando suavemente a parte inferior da minha coxa. — Onde você me quer?

Nossos olhares se encontram e minha respiração fica mais lenta. Como se estivesse em câmera lenta, sua língua se move lentamente, molhando seu lábio inferior, enquanto seus olhos permanecem grudados nos meus.

Tão... tão... sexy.

De alguma forma, saí do meu transe, pigarreei e peguei o kit de primeiros socorros.

"Você poderia pegar um antisséptico, gaze e um curativo leve, por favor?" Ele pega o kit, nossos dedos se roçando brevemente antes de eu soltar, pegar a flanela e me inclinar para abrir a torneira, molhando-a com água morna.

Depois de torcê-lo, inclino-me para trás e percebo que Milosh alinhou tudo o que pedi ao meu lado. 'Mãos.'

Ele as traz para eu analisar novamente. Coloco delicadamente a flanela esquerda de volta na minha coxa, optando por começar a limpar cuidadosamente a direita primeiro. Sou meticulosa, tomando meu tempo para ser delicada, mas cuidadosa. Depois de terminar de usar a flanela, coloco-a de volta no chão e aplico antisséptico na área antes de assoar a mão dele.

"Desculpe, eu sei que isso deve doer", respondo com empatia. Quando não ouço uma resposta dele, levanto os olhos e encontro Milosh me observando com um sorrisinho. "O quê?"

Ele dá de ombros. "Você fica bonitinha quando está concentrada."

Sem saber muito bem como responder a isso, decido que é minha vez de ignorá-lo, então me inclino sobre a pia novamente e umedeço a flanela novamente antes de começar na outra mão dele.

— Pronto — murmuro quando termino, levando suas mãos aos meus lábios e depositando um beijo leve como uma pena em cada uma delas. — Está tudo bem.

Ele desvia lentamente o olhar do meu, olhando para as mãos, com um sorriso gentil e torto no rosto. "Obrigado, Srta. Green."

"De nada, Sr. Petrov."

Ele joga a flanela no cesto de roupa suja atrás da porta e limpa as superfícies, guardando o kit de primeiros socorros. Em seguida, me levanta do balcão e me coloca de pé, restaurando nossa diferença de altura habitual.

"Bem, eu deveria ir para a cama", digo, quebrando o silêncio.

"Hmm", ele cantarola. "Precisa que eu chame alguém para te ajudar a vestir o pijama?" Uma leve preocupação toma conta de seu rosto enquanto ele olha para meu ombro enfaixado.

Balanço a cabeça. "Não, ficarei bem se demorar, mas obrigada mesmo assim."

Ele sustenta meu olhar por mais um momento antes de concordar e se virar para a porta, parando para se virar quando já estava no meio do caminho.

"Boa noite, Srta. Green."

"Boa noite, Sr. Petrov."

Ele fecha a porta do banheiro atrás de si e eu espero até ouvir a porta principal fechar antes de soltar um suspiro que eu nem sabia que estava prendendo.

Entro no meu camarim e começo a tirar minhas roupas.

*Você fica fofa quando está concentrada.* Ele quis dizer fofa como em "Aww, olha só que bebê" ou fofa como em Gabriella Montez, delicada e doce? O jeito que ele me olhava não sugeria a primeira opção, ou estou apenas interpretando isso?

Gemo, tentando sair da minha própria cabeça, mas não consigo. Não quando ouço sua voz grave com sotaque búlgaro-americano ecoando sem parar na minha cabeça.

Milosh conseguiu infiltrar-se na minha mente e eu não sei como tirá-lo de lá. Para ser sincera, acho que não quero. Mas se é assim que me sinto agora, o que acontecerá se ele encontrar o caminho para o meu coração?

## MILOSH

"Tem certeza de que não quer que a gente fique?", Amelia pergunta a Daphne pela décima sétima vez.

— Não. Não estou. É a semana do seu aniversário, você deveria estar em qualquer lugar, menos aqui — ela responde antes de levar outra garfada de café da manhã à boca.

"Veja", Henry diz animadamente, olhando para Amelia, que está sentada bem ao seu lado. "Ela vai ficar bem, Meels, e Milosh estará aqui se algo acontecer, mesmo que nada aconteça."

Já faz uma semana desde o incidente com Teddy e tudo está bem quieto.

A concussão de Amelia diminuiu e Daphne está andando em sua velocidade normal agora, com a barriga se recuperando. A cicatriz no pescoço mal está visível e o braço, que Josh enfaixava regularmente, agora está no estágio de um grande curativo. Não fizemos nenhuma sessão de treinamento desde o Teddy, para que ela pudesse descansar, e como ela está no quarto ou no aconchego, não tenho tido muitos motivos para... falo com ela, então fiquei bem reservada até agora.

Com Amelia e Henry prontos para partir para sua viagem de aniversário de duas semanas para a Itália, Amelia perguntou se ela, Henry, Daphne e eu poderíamos tomar café da manhã juntos antes de eles irem.

"E ela vai à gala hoje à noite", Henry continua, "então ela nem vai precisar de nós."

"Na verdade", interrompe Daphne, "acho que não vou hoje à noite."

Todos nós paramos e olhamos para ela coletivamente enquanto ela toma seu suco de laranja casualmente.

"Como assim, você não vai?", Amelia fica boquiaberta, e para ser sincera, consigo entender a reação dela. Daphne já está falando sobre essa festa há semanas, provavelmente meses, então, o fato de ela de repente não querer ir me dá um alarme.

"Quer dizer, eu não vou." Ela dá de ombros. "Simplesmente não parece mais certo."

"Daph, você tem que ir", Amelia quase implora. "Você tem a roupa, tem o encontro", ela aponta para mim, "e vai ter bastante segurança, literalmente nada de ruim pode acontecer. E você vai poder ver seus amigos e primos, que não vê há algum tempo."

"Eu sei, eu sei, simplesmente perdi a vontade de ir. Só isso."

"Você está se sentindo bem? É o seu estômago?", pergunta Henry. Sinceramente, seu rosto se contorceu de preocupação enquanto ele se virava para Amelia. "Talvez devêssemos ficar em casa."

— Não, não — responde Daphne apressadamente. — Não é nada disso, estou bem. Por favor, não fique aqui por minha causa.

"Não sei", diz Amelia, "você parece um pouco pálido."

'O quê?', Daphne quase grita. 'Não, não estou.' Ela se vira para me olhar. 'Pareço cinza para você?'

"Ah, não pergunte ao Milosh, isso é trapaça." Amelia revira os olhos. "É como eu perguntar ao Henry se estou feia."

Daphne a ignora completamente enquanto me encara, esperando uma resposta.

"Você parece bem."

Quase instantaneamente, Henry começa a rir, enquanto Amelia parece que quer cortar minha cabeça.

'Certo, bem, se você não está grisalho, não vejo razão para você não ir hoje à noite', responde Amelia.

Daphne geme e então se vira para mim. "O que você acha?"

"Acho que você deveria ir", respondo, em voz baixa.

Estou dizendo que ela deveria ir só para eu poder vê-la com o vestido que ela escolheu? Não.

Estou dizendo que ela deveria ir porque vou poder passar um tempo com ela? De jeito nenhum.

Estou dizendo que ela deveria ir, na remota hipótese de termos que fazer aquela coisa de namorada-namorado falso e eu poder beijá-la? E tocá-la como eu fiz quando fomos às compras? Isso é absolutamente ridículo, claro que não.

Mas eu sei que essas coisas podem acontecer se ela for? Com certeza.

Ela me estuda por um momento, ignorando completamente a zombaria de Amelia e Henry.

"Acho que você deveria ir", Henry me imita.

'Não, ele é mais rude, assim. *Acho que você deveria ir*', tenta Amelia.

"Como assim, ele é mais rude? Eu sou o mais rude que existe."

"Hen, parece que ele tem ligações com a máfia, você parece alguém do *Kingsman* ou *The Gentlemen*."

"Certo? Então como isso não é rude?"

"É sexy, não rude. O dele é sexy e rude."

"Do que você está falando agora? Eu sou literalmente a definição de sexy e rude."

— Claro que sim, querido — Amelia o acalma, acariciando o braço dele com a mãozinha. A diferença de tamanho é quase cômica. — Claro que sim.

Eles continuam discutindo, mas eu os ignoro assim que Daphne diz: "Ok, eu vou". Ela diz isso baixinho para que só eu possa ouvi-la, e, cara, se isso não me faz sentir especial.

'Bom', eu respondo, tentando abafar um sorriso irônico quando ela fica tímida e nervosa sob meu olhar, estendendo a mão para ela. suco de laranja como se fosse uma tábua de salvação.

Depois de um gole, ela a coloca na mesa e começa a se levantar da cadeira. "Encontre-me no meu quarto em meia hora", sussurra em meu ouvido, tão perto que seus lábios roçam a pele. Ela sai da sala de jantar sem nem se despedir, e eu preciso me recompor antes de me levantar, então volto a me concentrar na conversa de Henry e Amelia.

"Eu sou literalmente a pessoa mais fofa e princesa que você já conheceu."

'Não, Daphne é fofa e princesinha, você é como uma dama de companhia sexy, se é que isso existe.'

"Ugh, eu não quero ser uma dama de companhia."

"Bom, que azar, linda, é isso que você é. Na verdade, não, você é mais uma bibliotecária gostosa."

"O quê?" Amelia fica boquiaberta.

— É, eu definitivamente entendo isso. — Henry se recosta na cadeira, os olhos percorrendo Amelia e a voz baixa. — Você é toda profissional e gostosa... e sexy, e gostosa e...

Ok, sim, é a minha deixa para ir embora. Nossa, eles precisam mesmo de férias.

Puxo minha cadeira e me levanto, e só então eles interrompem a conversa cada vez mais desconfortável. Quer dizer, eu entendo, eles são duas pessoas muito atraentes. Com a pele bronzeada de Amelia, cabelo castanho-claro e olhos castanho-claros, combinando com o porte grande de Henry, a tatuagem no braço e as feições simétricas, Eles são um casal muito bonito. Mas só porque combinam bem não significa que eu precise dos detalhes do casamento deles.

"Para onde foi Daphne?", pergunta Henry, olhando ao redor da sala como se ela fosse surgir do nada.

"Ela foi embora."

"Isso foi realmente informativo, obrigado, Milosh."

Dou de ombros e saio antes que ele possa dizer mais alguma coisa, e vou para o meu quarto pegar meu short de banho. Daphne disse para encontrá-la no quarto dela em meia hora, para que eu tenha tempo suficiente para dar umas braçadas.

"Entre", ouço Daphne chamar atrás da porta do quarto. Entro no quarto dela e sou recebida por uma Daphne recém-tomada de banho, vestida com o que descobri recentemente ser chamado de conjunto de roupa de dormir.

Seu cabelo está liso novamente e cai delicadamente pelas costas. E seu rosto está completamente nu. Ela brinca com as mãos enquanto fecho a porta e, em seguida, diminuo a distância entre nós, encontrando-a no meio do quarto.

— Certo, então, agora que sei que definitivamente vamos à festa hoje à noite, precisamos resolver algumas coisas. — Ela se senta na ponta da cama, então vou me sentar na cadeira de leitura dela. — Primeiro, você vai precisar interpretar meu namorado de novo, se não tiver problema. Isabella estará lá e... A garota não consegue ficar de boca fechada, então seria estranho se não agíssemos como um casal.'

'OK.'

"Certo, sim?" Ela me olha com ceticismo.

'Certo, sim, Srta. Green. Continue.'

— Tudo bem. — Ela me olha com um olhar estranho antes de continuar. — Segundo, se vamos ter essa coisa de relacionamento, precisamos estabelecer limites em relação ao toque.

"Isso parece sensato."

'Ok, vamos nos ater a dar as mãos e a toques simples e fofos, mas sem beijos, a menos que seja absolutamente necessário. Beijos na bochecha ou na testa também servem. Tudo bem para você?'

Meu maxilar treme, mas eu apenas aceno em resposta.

— Certo, e última coisa. Se você for meu namorado, é bem provável que saiba dançar. O senhor sabe dançar, Sr. Petrov?

'Por que alguém me veria dançando?'

"É uma festa de gala. Vai ter dança. Coisas bem tradicionais, tipo valsa."

— Ah. — Faço uma pausa. Em meus vinte anos de vida, nunca precisei da dança de salão como habilidade. Consigo desmontar uma bomba, conheço os pontos de pressão no corpo que causam mais dor e falo cinco idiomas. Eu ficava de fora de todos os bailes militares porque não havia ninguém em quem eu pudesse... queria dançar. Mas nada disso me ajuda agora. 'Não. Eu não sei dançar.'

Em resposta à minha resposta, o rosto dessa garota se ilumina como eu nunca vi. Você pensaria que acabei de resolver a fome no mundo, pelo jeito como ela me encara.

'Ótimo! Vou te ensinar.'

Nossa!

Ela sai da cama e vai até a mesa de cabeceira, pega o celular e o conecta aos alto-falantes. Uma música lenta e familiar começa e Daphne caminha em minha direção, estendendo a mão para eu segurar.

"Foi essa música que me levou ao baile de salão quando eu era mais jovem. Ela literalmente te leva pelos passos de uma valsa." Ela sorri quando me levanto e pego sua mão. É suave na minha quando ela me detém, se movendo para ficar na frente, mas ainda mantendo nossas mãos entrelaçadas.

"Acho que já ouvi isso antes", eu digo.

'Sério? Bom, o nome é "Can I Have This Dance", do *High School Musical*.'

"Hallie costumava tocar essa música o tempo todo no orfanato", explico.

'Ah, então ela tem bom gosto.' Ela sorri. 'Ok, então este braço vai ficar bem aqui.' Ela puxa minha mão para a parte superior das costas, mantendo meu cotovelo estendido. 'E esta mão fica na minha. Agora, normalmente o homem deveria... liderar, mas terei que lhe ensinar os passos antes de fazermos isso.'

"Ok." Aquela carinha fofa de concentração aparece enquanto ela me ensina os passos básicos e testa meu ritmo e passo. Tento me concentrar nos movimentos, mas só consigo pensar em quão perto ela está e em como ela cheira bem. Isso me lembra da semana passada, quando ela estava limpando e enfaixando minhas mãos. Ela era tão fofa e atenciosa que me deu uma dor no coração.

É assim que é ter alguém se importando com você?

Se for assim, então me inscreva porque eu quero que ela me mime todos os dias da semana.

Praticamos dança por duas horas antes de encerrarmos. Ela pareceu bem impressionada consigo mesma, e comigo, então acho que vou ficar bem esta noite.

São sete horas quando ouço a voz doce de Daphne me convidando para seu quarto mais uma vez.

Assim que abro a porta, fico surpreso.

"Lindo", murmuro, fechando a porta atrás de mim.

Seu cabelo está diferente agora, com cachos vintage descendo pelas costas, e seu rosto está levemente maquiado. Seu pescoço está nu, segurando a caixa de colares nas mãos, e há também seu vestido.

O vestido que ela escolheu é de um rosa claro sedoso – quase branco – que vai até a cintura e se abre apenas em leque. ligeiramente quando chega ao meio da coxa e depois desce até o chão. A parte de cima do vestido é tomara que caia, cobrindo o Band-Aid e esculpindo perfeitamente a parte superior do corpo.

"É Alexander McQueen." Ela me olha radiante.

"Mmm", eu resmungo. "Que legal, mas eu não estava falando do vestido." Não me importa quem o fez. A única coisa que me importa é como ela fica nele. E ela parece uma obra de arte.

Como arte majestosa, graciosa e elegante. Quase impressionante demais para ser tocada.

*Quase.*

Tudo o que ela precisa é de uma tiara e você poderia facilmente me convencer de que ela é da realeza.

— Ah. — Ela está nervosa, olhando para os pés. — Obrigada. — Ela olha para mim e franze a testa levemente. — Por que sua gravata borboleta está desfeita?

"Eu esperava que você pudesse me ajudar com isso", eu digo lentamente, diminuindo a distância entre nós e ficando na frente dela.

Ela assente, colocando a caixa de colares na cama antes de se esticar para cuidar da minha gravata, seus dedos delicados trabalhando com a precisão de um atirador de elite. Eu sei exatamente como dar um nó em gravata borboleta de todos os bailes militares em que estive, mas eu só queria ver aquela cara de concentração de novo, e eu sempre parecia deixá-las tortas quando fazia as minhas.

'Ali', ela sorri. 'Agora, afaste-se, eu quero olhar você corretamente.' Dou dois passos para trás e aguardo seu veredito.

"De onde você tirou isso? Combina perfeitamente com você." Seus olhos percorrem meu corpo languidamente, seu olhar viajando dos sapatos sociais de couro preto para o smoking feito sob medida e depois para o meu cabelo.

"Quando Hallie e Averie vieram, elas também me trouxeram um terno que tinham feito por um amigo estilista delas. Não sei dizer o nome do estilista, só sei que me pediram para enviar minhas medidas, então enviei."

"Uau", Daphne suspira, sentindo o tecido entre os dedos e examinando o corte mais de perto. "Você vai precisar me mandar os números deles para eu descobrir de quem é."

"Claro." Meu corpo fica tenso quando suas mãos roçam meu pescoço enquanto ela avalia as lapelas do paletó e novamente quando analisa os botões. Aproximando-me para ver melhor.

"Nossa, você cheira bem", ela murmura, tão baixo que quase não ouço. Ignoro as palavras porque acho que ela não quis dizer em voz alta, e espero até que ela dê um passo para trás para finalmente respirar. Ainda estamos próximos, só que não mais pressionados um contra o outro.

'Bem, Sr. Petrov, acho que você está muito bonito.'

'É assim mesmo?'

"Hmmm. Tipo um cara para namorar."

Olho para ela por um momento e me lembro da falta de joias no pescoço. 'Você gostaria que eu a ajudasse a colocar seu colar?'

Ela assente, pega a caixa de volta e me entrega, virando-se enquanto eu cuidadosamente retiro o colar de diamantes absurdamente caro, jogando a caixa de volta na cama.

"Prenda seu cabelo para mim", peço, colocando a joia em volta do pescoço dela. "Pronto." Ela se vira e solta o cabelo.

"Você está linda, Srta. Green."

"Obrigado, Sr. Petrov."

Percebo um fio de cabelo solto, então o coloco atrás da orelha dela, mantendo seu olhar fixo enquanto faço isso.

Uma batida na porta nos separa quando George entra.

— Ah, Milosh, não percebi que você estava aqui. — Ele franze a testa brevemente antes de se recuperar e se concentrar em Daphne.

"Daphne, querida, eu só queria... Eu tenho um pequeno... bom, isto é para você", diz ele finalmente, entrando no quarto e entregando a ela uma caixa rosa embrulhada em um laço dourado. "É um presente de aniversário adiantado."

— Ah. — Daphne olha para ele com uma mistura de surpresa e alegria, e é a expressão mais doce que já vi em seu rosto. — Obrigada, papai. — Ela abre delicadamente, removendo o laço com cuidado antes de retirar o papel de embrulho.

'É apenas pequeno, e há mais presentes por vir', George prefácios, parecendo apreensivo. "Isto é algo que pensei que você gostaria para esta noite."

Daphne levanta a tampa da caixa e revela uma garrafa.

'Ah, é perfume, obrigada!'

"Na verdade, é o perfume antigo da sua mãe. Sei que saiu de linha há muitos anos, mas comprei este feito especialmente para você."

Seus lábios se abrem enquanto ela assimila o que ele diz. Ela tira o perfume da caixa e o borrifa em um dos cobertores na ponta da cama, levando-o ao nariz quando ele se acomoda.

"Tem o mesmo cheiro dela", ela sussurra, com os olhos marejados. "Obrigada, papai, muito obrigada." Ela me entrega o perfume e vai até George, que a envolve num abraço.

— Tudo bem, querida. Achei que você ia querer usá-lo hoje à noite, a menos que já esteja usando perfume.

"Já coloquei o meu para a noite, mas a partir de amanhã vou usar este!" Ela sorri enquanto se afasta dele. Ela pega o perfume da minha mão e entra no camarim, deixando George e eu no quarto principal.

"Bem, ótimo, fico feliz", ele grita, balançando-se desajeitadamente sobre os calcanhares. "Também queria te avisar que tenho um pouco de trabalho para fazer hoje à noite, então vou, só chego um pouco mais tarde que você. O ideal é que eu chegue por volta das dez."

A porta bate novamente e dessa vez Amelia e Henry entram.

— Estamos indo agora, mas só queríamos nos despedir — anuncia Henry, olhando ao redor da sala. — Cadê a Daphne?

Como se fosse uma deixa, ela sai flutuando do camarim parecendo a princesa que é.

'Uau, Daph, você está linda!', Amelia diz, efusiva.

"Ela está certa, como sempre, querida, você está linda", acrescenta Henry.

'Obrigada!', responde Daphne, praticamente radiante.

"Tudo bem, precisamos ir agora, então divirtam-se", diz Henry, olhando entre mim e Daphne, com George claramente esquecido nessa equação.

"Ei, Daph, você poderia ficar do lado do Milosh? Quero ver como vocês dois ficam juntos."

Suspiro de agitação, porque sei exatamente onde isso vai dar.

"Uau!", brinca Henry. "Vocês dois parecem o casal perfeito." George vai até Henry e Amelia e começa a balançar a cabeça.

'Uau, você está certo, eu realmente consigo ver isso.'

— Tudo bem, já chega. — Olho para Daphne. — Você está pronta para ir?

"Só preciso pegar minha bolsa", ela diz, indo embora de volta ao camarim. Observo-a enquanto ela se afasta, só para encontrar três pares de olhos me observando quando me viro.

"Ah, meu Deus", George geme, "é como Henry e Amelia de novo."

Henry começa a rir, Amelia parece horrorizada e eu reviro os olhos, tudo a tempo de Daphne sair, sacola na mão, completamente alheia a tudo.

"O quê?", pergunta Daphne, impaciente.

— Nada. Literalmente, nada mesmo — respondo, impassível. — Está pronto?

"Hum, hum."

"Tudo bem, vamos lá."

"Vocês levem o meu carro", diz George. "Eu levo o motorista para poder trabalhar atrás."

"Ok, tchau, papai." Ela dá um beijo na bochecha dele antes de se despedir de Amelia e Henry e sai na minha frente.

— Ei — Henry me para na porta, com uma expressão séria. — Mantenha-a segura, está bem?

'Claro.'

Essa garota significa muito para ele. Mas percebi que ela significa ainda mais para mim. E não há nada que eu não faria para protegê-la.

*Dafne*

O baile beneficente anual do Greenway Group é sempre um evento deslumbrante. Este ano, há lustres pendurados no teto alto e decorado do local, mesas iluminadas por velas e uma banda de jazz tocando "The Way You Look Tonight", de Frank Sinatra. Todos estão impecavelmente vestidos, dos garçons aos convidados, e tudo o que consigo sentir é uma mistura de fragrâncias de nicho, todas competindo em uma competição de projeção imaginária.

Milosh me guia até o mapa de assentos, com a mão na parte inferior das minhas costas, o polegar esfregando lânguidamente o tecido do meu vestido. Eu me inclino em seu toque enquanto procuro preguiçosamente nossos nomes, sem me esforçar muito para prolongar a conversa o máximo possível.

Dirigimos até aqui em silêncio, com uma leve música jazz preenchendo o ambiente. A tensão pairava no ar, antecipando o que estávamos prestes a fazer. E foi preciso todo o meu autocontrole para não tocá-lo nem brincar com seu cabelo. Mas agora que estamos aqui, posso brincar com ele o quanto quiser.

Assim que Milosh entregou as chaves do carro ao manobrista, suas mãos encontraram as minhas e não saíram mais do meu corpo desde então. Não que eu esteja reclamando.

"Dafne!"

Quando ouço a voz tão familiar de Isabella, viro-me e abro um sorriso. Não é que eu não esteja feliz em vê-la; estou. É só que ela interrompeu um momento perfeito que não sei se algum dia recuperarei.

"Bella, oi!" Dou-lhe um abraço rápido e um beijo na bochecha quando ela vem se juntar a mim e a Milosh.

— Já verifiquei em que mesa você está: mesa sete, ao meu lado, e Eddie na mesa oito. — Seus olhos encontram Milosh e seu sorriso se torna sedutor demais para o meu gosto. — Oi, Milosh, que bom te ver de novo.

"Sim", é tudo o que ele diz enquanto coloca as mãos nos bolsos.

Isabella me lança um olhar que sugere que quer falar comigo a sós, então, depois de um acesso de raiva, viro-me para Milosh. "Você se importaria de me servir uma bebida, por favor? Sem álcool?"

Ele olha entre mim e Bella antes de concordar. "Claro."

Ele vai embora e nos deixa olhando para ele.

"Daph, ele parece bem", é a primeira coisa que ela me diz. "Tipo, muito bom. Tipo, se eu pudesse, trocaria o Eddie por ele num piscar de olhos."

'Isabella, você ama o Eddie.'

'Sim, eu tenho, então isso deve te dizer tudo o que você precisa saber sobre a aparência do seu namorado.'

Eu o observo enquanto ele pede uma bebida para mim no bar enquanto uma morena pequena tenta falar com ele.

"Eca." Isabella e eu fazemos uma careta em uníssono quando ela começa a acariciar o braço dele com força, depois passa para o peito antes que ele a interrompa. Ele agarra o braço dela e o segura firmemente antes de dizer algo inaudível para ela, e então praticamente dá um tapa na mão dela.

— Argh, ele até é leal — geme Isabella. — Tem alguma coisa que ele não consiga fazer?

"Na verdade, não." O engraçado é que isso nem é mentira. Lembro-me de quando eu estava ensinando a ele uma valsa básica e da rapidez com que ele aprendeu. Ele soube quase imediatamente como me conduzir na dança, por puro instinto, e conseguiu aprender os passos sem a menor dificuldade.

'Como vão vocês dois?' Bella se vira para olhar para mim.

"Está indo bem", sorrio. "Muito bem."

'Você vai fazer alguma coisa com ele no seu aniversário?'

"Não sei. Quer dizer, não tenho nada planejado "Mas talvez ele saiba", minto. "Faz alguns dias que não contei ao Milosh que é meu aniversário, simplesmente porque não importa e ele tem problemas muito mais urgentes para resolver. E não é como se estivéssemos namorando de verdade, então não precisa que ele saiba."

"Ah, ele com certeza vai te surpreender, de uma forma ou de outra." Ela olha para ele com um sorriso cúmplice.

"Onde estão as mesas?", pergunto, precisando desesperadamente de um novo tópico.

No começo, quando contei ao Milosh que precisaríamos de um encontro de mentira hoje à noite, fiquei bem animada. Posso viver a fantasia relativamente nova de estarmos juntos sem consequências ou conversas constrangedoras. Mas agora que estamos aqui, tudo o que isso fez foi me fazer perceber o quão solitária minha vida realmente é. Sim, estou sempre cercada de pessoas, mas ainda sinto aquele vazio no coração. Aquela saudade de algo mais.

Serei eternamente grata ao meu pai, aos meus amigos e aos meus empregados domésticos, que se tornaram uma espécie de segunda família para mim, mas quero mais. Quero carinho não platônico. Quero alguém para quem chamar de meu namorado e que seja de verdade. Quero surpresas de aniversário e presentinhos "só porque sim". Quero a oportunidade de aprender a linguagem do amor de alguém e, por meio disso, mostrar a essa pessoa o quanto ela significa para mim.

Fingir tem suas vantagens, mas, no fim das contas, é só isso. Falso.

Observo Milosh receber nossas bebidas e voltar para nós, com os olhos fixos em mim. Quando ele me observa daquele jeito, meu coração se aquece. Me faz acreditar que ele também pode sentir alguma coisa. No pouco tempo que estou no baile, percebi que não quero apenas *alguém* para chamar de namorado, quero que seja o Milosh.

"Ah, eles estão do outro lado do corredor", Bella anuncia sem muita convicção ao reconhecer alguém do outro lado da sala.

— Vá falar com eles — sugiro. — O Milosh e eu vamos encontrar uma mesa e conversamos mais com você depois.

"Ok, ótimo", ela diz, me ignorando completamente e indo embora. Eu rio depois dela, mas meu riso morre quando uma presença grande e calorosa invade meu espaço pessoal.

"Ela é uma delícia", diz Milosh, me entregando uma taça de champanhe. "É a sem álcool."

— Obrigada — respondo baixinho. — E ela não é tão ruim assim, só às vezes é um pouco alheia aos sinais sociais.

"Ela tem a capacidade de atenção de um mosquito."

Quase engasgo com a bebida quando uma gargalhada estranhamente forte tenta sair da minha boca.

'Sr. Petrov, há algumas coisas que simplesmente não dizemos em voz alta.' Ainda estou lutando contra os resquícios de uma risada enquanto ele olha para mim com aquela expressão entediada no rosto. 'Não importa o quão verdadeiras elas sejam.'

"Hmm", ele cantarola, ignorando completamente tudo o que acabei de dizer. "Vamos sentar?"

'Claro.'

Começamos a caminhar em direção à nossa mesa, mas somos parados antes de chegar lá.

"Daphne?", ouço uma voz masculina me chamando atrás de mim.

Eu me viro e vejo minha prima Camilla e seu noivo acenando e caminhando em nossa direção.

'Oi!', digo e assino, depois de passar minha bebida para Milosh. 'Milosh, estes são minha prima Camilla e seu noivo, Oscar Huang. Oscar e Camilla, este é meu namorado, Milosh.'

*Um namorado, Daph? Bella me disse que você tinha um, mas eu não esperava que ele fosse assim*, Camilla sinaliza, com as sobranceiras arqueadas. Ela dá uma olhada rápida em Milosh. *Para ser justa, eu entendo, ele é lindo.*

*Quer dizer, olha os braços, eu não tive escolha*, eu sinalizo de volta, mas não repito essa parte em voz alta. Ela ri e volta toda a sua atenção para Milosh, acenando um oi.

"Oi", diz Milosh para Camilla e Oscar, apertando a mão estendida de Oscar com um aperto de mão rápido. "Desculpe, não sei linguagem de sinais, mas é um prazer conhecê-los."

"Sinceramente, eu também não sabia até conhecer a Cam", responde Oscar verbalmente e em sinais. "Mas ela é muito boa em leitura labial, então é só pronunciar as palavras e pronto." Diante disso, Camilla acena com a cabeça, sorrindo antes de olhar novamente para Milosh.

*Então, Milosh, me diga, quais são exatamente suas intenções em relação à minha prima?* Oscar começa a traduzir enquanto ela sinaliza.

Ele me olha por um instante, com o maxilar tenso e os olhos se movendo da minha boca para os meus olhos, antes de se virar para Camilla e dar de ombros. "Amá-la do jeito que ela merece ser amada."

Bom, essa foi uma afirmação e tanto.

## MILOSH

"Então, Daphne", pergunta uma mulher mais velha, de aparência formal, arrastando as palavras. "Quais são seus planos agora que terminou a faculdade?" Meu braço está em volta da cadeira de Daphne e, assim que a mulher termina a pergunta, sinto Daphne tensa na cadeira enquanto ela estampa um sorriso educado no rosto.

'Vou estudar Obstetrícia, começando em outubro.'

— Ah, que nobreza! — A mulher tem a audácia de parecer enojada. — E o que seu pai pensa sobre isso? Com certeza ele achou que você deveria cursar Administração, não é?

Levanto levemente o braço do encosto da cadeira de Daphne e toco de leve o ombro dela, movendo a mão em pequenos movimentos lentos. Acho que ela não percebe que se inclina um pouco para trás, afundando-se no meu toque enquanto se prepara para explicar suas escolhas para aquela mulher aleatória.

Quero intervir e dizer para ela cuidar da própria vida, mas decido não fazer isso. Este é o mundo da Daphne, tem sido assim por toda a vida, então ela é mais do que capaz de lidar com pessoas assim.

"Ele sabe que não sou muito interessada em negócios e acha que a parteira é uma ótima opção para mim, mas, olha, sou muito jovem, então tenho bastante tempo se mudar de ideia!" Ela mantém o tom leve e doce, mas sei que ela está louca para fazer um comentário sarcástico.

"Você não acha que é um pouco...", a mulher mais velha se interrompe, provavelmente procurando por palavras politicamente corretas. "Abaixo de você?", ela completa.

Os olhos de Daphne se estreitam levemente. "Como exatamente a assistência médica está abaixo de mim?"

"Bem, para começar, seu pai é George Green", diz a mulher, como se a declaração fosse autoexplicativa.

Sei que os Verdes têm dinheiro, mas acho que não tinha noção de quanto até chegar aqui. Isabella, Camilla e Daphne são as únicas Verdes presentes no momento, e parece que todo mundo quer um pedaço delas. Mas não para conversar com elas e conhecê-las, mas sim para falar *sobre* seus pais. Daphne não passou uma única conversa sem que alguém perguntasse onde está seu pai ou como ele e os negócios estão indo.

"Acho que ser parteira é legal", diz alegremente um negro bonito que parece ter mais ou menos a minha idade, sentando-se entre Daphne e a mulher mais velha, sem antes dar um beijo na bochecha de Daphne. "Faz tempo, Daphne." Ele sorri enquanto pousa a bebida e me estende a mão. "Oi, eu sou o Jake."

"Milosh."

Assim que Jake se senta, sinto Daphne relaxar, e sei que deveria estar feliz com isso, mas não estou. Por que ela se sente melhor agora que ele apareceu? Quem diabos é ele?

'Jacob, olá!', a senhora sorri. 'Como vai, querido?'

"Bem, eu era ótimo até ouvir você desrespeitando os profissionais de saúde", ele diz, aparentemente sem se importar com a voz ou com quem o ouve.

— Ah, bem... — A mulher mais velha fica nervosa, ficando profundamente vermelha. — Eu não estava desrespeitando-os, só estava apontando que Daphne é uma Verde. Ela não deveria se preocupar com coisas assim. Quer dizer, você certamente entendeu?

"Entendo o que você está dizendo", responde Jake diplomaticamente, "mas acho que você está errado. Só porque Daphne vem de uma certa família não significa que ela tenha que seguir o que eles fazem. Acontece que estou seguindo os passos do meu pai porque gosto. Não porque sou obrigado." Ele se vira para Daphne. "Faça o que te faz feliz, Daph. O resto se resolverá."

Ela sorri para ele e parece relativamente satisfeita quando a mulher mais velha pede licença para "se refrescar".

"Obrigada", Daphne suspira quando ela sai. "Se eu tivesse que explicar a mais uma pessoa por que estou escolhendo a obstetrícia por trabalhar com meu pai eu teria sido acusado de assassinato."

Jake ri levemente. "Não se preocupe, eu entendo."

Eles continuam conversando, mas eu desligo.

Só recentemente aceitei que tenho sentimentos por Daphne e, desde então, venho pensando em como isso poderia funcionar. Mas, desde que entreguei as chaves ao manobrista esta noite, essa ideia ficou em suspenso. Depois de ver e ouvir Daphne falar sobre o dinheiro que essas pessoas têm, tudo ficou em perspectiva. Ela se encaixa neste mundo como uma luva, como deveria, acostumada a esse tipo de estilo de vida. Um estilo de vida que eu não posso proporcionar.

Sim, eu sei que somos jovens, mas eu não estava mentindo quando disse à Camilla que quero amá-la do jeito que ela merece ser amada. Ela merece ser inundada de presentes, morar numa casa grande e ter tudo o que o coração dela deseja. Mas com um salário militar eu não posso fazer isso.

Sério, ela combina com alguém como o Jake. Bonito, inteligente, rico. Eles até ficam perfeitos sentados um ao lado do outro. É fácil imaginá-los casados, com filhos, uma casa grande e uma vida ótima. Mas não preciso aceitar isso.

Não preciso ser um daqueles caras que reclamam da situação e não fazem nada a respeito. Posso construir uma vida para mim e para a Daphne. Uma vida que ela merece, se ela estiver disposta.

Farei tudo o que for preciso para que isso funcione.

E tem o fato de que ela não é qualquer pessoa, ela é literalmente um trabalho.

Sempre me mantive profissional, mas desde o momento em que entrei na casa dos Green e me sentei ao lado dela, soube que isso seria um problema. O que acontecerá quando eu terminar o projeto da força-tarefa? Poderei vê-la? A única razão pela qual estou neste país é por causa de um emprego, mas assim que terminar, voltarei para os Estados Unidos.

Detesto pensar nisso, mas precisa ser feito. Não consigo entrar em um relacionamento sério com ela sem um plano. Mas agora não é hora de ter conversas profundas e

significativas comigo mesmo, então, com um esforço de vontade, volto a me concentrar na conversa entre Jake e Daphne. Posso pensar em tudo isso mais tarde.

"A propósito, você está linda", afirma Jake, olhando-a respeitosamente. "Milosh, você é um homem de sorte e acho que vou precisar do seu cartão de jogo, porque você foi o primeiro a prendê-la."

"Ah, por favor", zomba Daphne. "Você teve sua chance, mas a desperdiçou."

"Foi por isso que pedi o cartão de jogo do Milosh. Ele definitivamente não estragou nada."

Tudo bem. Chega de Jake por hoje.

"Acho que está na hora de dançar", digo enquanto me levanto e estendo a mão para Daphne. A refeição já está pronta há muito tempo. servido e comido, e agora as pessoas estão indo de mesa em mesa, conversando ou dançando a música lenta que a banda está tocando.

Daphne parece um pouco assustada com minha grosseria, mas isso desaparece rapidamente e ela pega minha mão, pedindo licença para Jake.

Ela envolve os dedos em volta do meu antebraço e entramos na multidão de casais abraçados.

"Me explica uma coisa", digo enquanto a giro para perto de mim, enquanto a banda de jazz faz a transição para "That Old Feeling", de Frank Sinatra. Ela abaixa a cabeça e descansa no meu peito enquanto nos movemos juntos. Devagar e ritmicamente. "Por que você quer ser parteira?"

Ela não responde por um instante, deixando a música flutuar ao nosso redor. "Quero ajudar as pessoas, especialmente as mulheres." Ela se funde ainda mais em mim e, de repente, todas as minhas preocupações com o futuro desaparecem enquanto a seguro firmemente contra mim, uma mão em suas costas e a outra envolvendo as dela. "O parto é uma coisa assustadora, mas maravilhosa, e eu quero ser a pessoa que ajuda as famílias a superar isso. Quero que cada mulher e bebê que sai dos meus cuidados tenha uma história de parto positiva. O mais calmo e tranquilo possível, cercado por uma equipe amorosa."

"Bem, não tenho dúvidas de que você será uma parteira fantástica", murmuro em seu cabelo. "Você é a pessoa mais atenciosa e amorosa que existe." Eu a conheci e sei que você dará a essas mães o melhor atendimento que elas poderiam receber.' Ela levanta a cabeça do meu peito, seus hipnotizantes olhos chocolate fixos nos meus.

"Você realmente acha isso?"

Soltei a mão dela e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha dela, meus dedos demorando-se em seu pescoço por uma fração de segundo antes de olhar em seus olhos e concordar. "Sim."

Trazendo minha mão de volta para a dela, continuamos dançando, nossos corpos se movendo juntos em perfeita harmonia enquanto eu assumo a liderança.

"Milosh?"

'Hum?'

Ela levanta a cabeça e eu abaixo a minha para que ela possa falar no meu ouvido. "Eu realmente gosto de fingir ser sua namorada."

Os cantos dos meus lábios se erguem levemente ao ouvir sua confissão. Abaixei a cabeça e agora sou eu quem está com a boca no ouvido dela. "Eu também gosto de ser seu namorado."

Deixo de lado propositalmente a palavra "fingir" para ver como ela reage. Ela se afasta um pouco, examinando meus olhos atentamente. Seu olhar desce para meus lábios antes de ela estender a mão e colocá-la na minha nuca, me puxando lentamente. Assim que ela inclina a cabeça para cima, seus lábios se preparando para encontrar os meus, uma garganta pigarreia atrás dela.

Eu olho para cima e ela se vira, e vemos um homem negro parecido com George nos encarando. "Tio Leo, oi!" Daphne respira, tirando a mão do meu pescoço e criando alguma distância.

"Oi, Daph, desculpe interromper." Ele faz questão de olhar entre nós antes de continuar: "Mas onde está seu pai? Eu queria apresentá-lo a alguém, mas não o encontrei em lugar nenhum."

"Ah", diz Daphne, pegando minha mão e saindo da pista de dança em direção à nossa mesa. "Ele disse que estaria aqui às dez porque tinha trabalho para fazer."

"Você não veio com ele?"

'Não, ele disse para mim e Milosh irmos sozinhos e que ele se juntaria a nós mais tarde.'

Leo olha para o relógio antes de franzir a testa. "São quase onze e quarenta e cinco."

"Deixe-me ligar para ele para ver onde ele está", sugere Daphne, estendendo a mão para pegar o telefone no assento.

"Então você é o namorado?", Leo dirige as palavras a mim.

'Sim, senhor.'

"Achei que ela estava com aquele garoto Teddy."

Meu maxilar estala. "Não, senhor."

Ele me observa por mais um instante. "Bem, tudo bem então, contanto que você a faça feliz." Ele se vira para Daphne. "Daph, você já conseguiu falar com ele?"

Ela se aproxima de nós balançando a cabeça. "Não, ainda não. Desculpe, tio Leo."

— Tudo bem. — Ele lhe dá um beijo na cabeça. — Me avise quando chegar. — Ele vai embora, deixando eu e Daphne sozinhas novamente, mas a tensão que havia antes de Leo chegar desapareceu, substituída por preocupação.

'O que está errado?'

"Tentei ligar para o meu pai quatro vezes e ele não atendeu. Normalmente, ele atende imediatamente." Pego o celular e percebo que há uma chamada perdida de Josh, o cozinheiro dos Greens. Aperto o botão de retorno, levo o telefone ao ouvido, mas depois de um longo toque, cai na caixa postal. Tento falar com George duas vezes e cai na caixa postal nas duas. Mantenho a expressão mais calma possível e olho para Daphne.

"Pegue sua mala e diga adeus aos seus primos."

"Você acha que aconteceu alguma coisa?"

"Não sei, mas vamos descobrir."

*Dafne*

Meu sangue gela quando entramos na garagem da casa e vemos a porta aberta, sem sinal dos seguranças.

Milosh desliga o motor e olha para mim. 'Não sei por que não tem ninguém aqui ou por que a porta está aberta, mas preciso dar uma olhada. Não quero que você fique aqui sozinha, então venha comigo. Não saia do meu lado, ok? Não posso deixar que nada aconteça com você.'

"Ok", é tudo o que consigo dizer. Estou com medo. Com muito medo do que quer que esteja escondido atrás daquela porta, figurativa e literalmente.

Ele contorna o carro e abre a porta, agarrando minha mão assim que saio. Desta vez, não há nenhum tom romântico. O Milosh sedutor foi substituído pelo Milosh profissional.

Um trabalho um pouco assustador, rude e autoritário, Milosh.

Entramos na casa, entrando e saindo de todos os cômodos rapidamente e encontrando todos vazios e completamente destruídos.

No aconchego, todos os sofás foram desfeitos, os tapetes levantados e todas as obras de arte arrancadas das paredes. Na cozinha, todos os armários de alimentos estão abertos e itens não perecíveis estão espalhados pelos azulejos. Alguns pratos estão quebrados e uma das torneiras está aberta. No escritório do papai, é difícil distinguir o chão através de todos os livros e obras de arte rasgados. Seu computador está completamente destruído e sua papelada está por toda parte.

Meu lábio treme enquanto passamos pela casa estranhamente silenciosa que não parece mais um lar. Mas então chegamos ao meu quarto.

Quando Milosh abre minha porta, eu fico sem fôlego.

Tudo está arruinado, do meu colchão aos espelhos do banheiro. Quem fez isso não poupou esforços. Entramos no meu camarim e encontramos a maioria das minhas roupas no chão, amassadas e sujas, com pegadas incrustadas nelas.

— Sei que é difícil de olhar, mas preciso que você se concentre agora. — Milosh puxa meu braço, chamando minha atenção para ele. — Preciso que você tranque a porta do seu quarto quando eu entrar e faça uma mala com roupas que não estejam estragadas. Vou dar uma olhada no resto da casa e fazer uma mala eu mesmo. Volto em cinco minutos e vou bater quatro vezes. Se você não ouvir nenhuma batida depois de seis minutos, quero que chame a polícia e fique aqui até eles chegarem. Você consegue fazer tudo isso?

"Sim", eu digo, engasgada. Minha tristeza agora é substituída por raiva enquanto penso no que eles fizeram.

"Estou trabalhando para baixar o feed de segurança, mas isso vai demorar um pouco. Então, não sabemos quem fez isso, onde todos estão ou por que isso aconteceu. No momento, estamos completamente cegos, então precisamos sair e ir embora o mais rápido possível."

Ele me dá um beijo casto no rosto e sai. Sigo suas instruções, trancando a porta e arrumando uma mala. Tiro calcinhas e meias de uma semana das gavetas e as coloco, junto com alguns sutiãs. Encontro um conjunto de ginástica rosa limpo, três vestidos ainda nos cabides, uma calça de linho com a blusa combinando e um par de mocassins. Vou fechar a mala, mas meus olhos se voltam para a cômoda onde guardo minha maquiagem e perfume. Pego minha nécessaire e o primeiro perfume que encontro e os enfio na mochila, depois vou para o banheiro. Reúno os itens essenciais de higiene e os coloco na mala também, bem a tempo de ouvir quatro batidas fortes na porta. Abro a porta, com a bagagem na mão, e assim que Milosh vê a mochila, ele a pega e me agarra, nos levando escada abaixo e para fora de casa às pressas.

O vento uiva ao nosso redor enquanto entramos no carro e ele joga as malas no porta-malas enquanto espera os portões abrirem.

"Precisamos nos livrar deste veículo o mais rápido possível, então já vou avisando: vou roubar um carro. Não é o ideal, mas precisa ser feito."

"Tudo bem." Roubar um carro é a menor das minhas preocupações agora.

"Quando fui ao último andar, não havia ninguém lá", continua Milosh. "Meu palpite é que levaram seu pai e toda a equipe. Ora, não tenho muita certeza, mas pelo visto eles não foram por vontade própria."

"Como você sabe que ele não estava disposto?"

'Havia manchas de sangue no chão do quarto de Charlotte e no escritório do seu pai.'

Sinto-me entorpecido.

Sinto-me doente.

Sinto muitas emoções e nada ao mesmo tempo.

Papai se foi.

Assim como Josh, Bethany, Charlotte e o resto da equipe.

Toda a minha família.

"Precisamos contar para Amelia e Henry."

'Sim, mas não agora.'

'O que você quer dizer?'

"Agora eles estão seguros e em sua própria bolha. Ninguém sabe exatamente para onde estão indo na Itália, porque Henry queria que fosse uma surpresa para Amélia, para que ninguém pudesse rastreá-los. Eles estão seguros onde estão."

*Henry e Amelia estão seguros.*

*Papai vai ficar bem.*

*Tudo vai ficar bem.*

Paramos num sinal vermelho e eu abro a porta, vomitando na rua. Assim que termino, fecho-a e tiro um lenço de papel do porta-luvas. Milosh esfrega minhas costas enquanto inclino a cabeça sobre os joelhos.

"Para onde vamos agora?", tusso depois de alguns minutos.

"Entrei em contato com seu piloto, então vamos encontrá-lo e voar para a Provença. Sei que você e seu pai têm uma pequena casa lá, então é lá que ficaremos até eu decidir qual será o próximo passo."

Concordo com a cabeça e me endireito, abaixando o vidro da janela para tomar um pouco de ar fresco. Nunca fui tão grata à Greenway Aviation na minha vida.

"Preciso que você anote esses números neste pedaço de papel para mim." Ele me entrega o celular, um pedaço de papel e uma caneta. "Sei que deve ser muito difícil para você, mas você está se saindo muito bem com tudo isso."

Olho para ele por um momento, mas ele está observando a estrada. "Obrigado", digo antes de me concentrar novamente na transferência do número.

— Pronto — digo, tampando a caneta e devolvendo o telefone para Milosh.

— Bom trabalho, Srta. Green. Pode me emprestar seu telefone um minuto, por favor? — Entrego meu telefone a ele, desbloqueando-o, mas ele claramente não precisava desbloqueá-lo, pois o tranca imediatamente, abaixa o vidro e o joga para fora, junto com o seu.

"Por que você fez isso?", pergunto.

"É fácil para as pessoas rastrearem você pelo seu celular. Já temos que publicar um plano de voo, e eu realmente não quero facilitar para que nos encontrem. Os números que pedi para você anotar são tudo o que precisamos."

Em uma estrada tranquila, Milosh para na frente de um carro da família.

"Fique aqui."

Ele sai do carro e sinto uma segunda onda de náusea. Inclino a cabeça entre as coxas novamente e fecho os olhos, tentando me concentrar na respiração enquanto percebo que ele está, de fato, roubando um carro. No geral, não é tão ruim assim, mas a ideia de uma família inocente acordar de manhã e descobrir que seu veículo desapareceu me deixa tão miserável que é quase insuportável.

A porta traseira do carro abre e fecha, o que eu presumo é Milosh tirando nossas malas, e então meu lado se abre.

'Vamos.'

Saio do carro e entro na frente. As duas cadeirinhas infantis atrás me dão uma nova pontada de culpa.

"Como você destrancou sem soar o alarme?"

"O orfanato ficava numa área bem perigosa, então peguei algumas coisas quando estive lá. Eu nunca roubei um carro, mas os meninos mais velhos me ensinaram."

"Sinto muito que você tenha tido a infância que teve."

Ele dá de ombros. "Foi útil esta noite."

Chegamos à pista de pouso particular vinte minutos depois, a escuridão da noite e o frio no ar em perfeita harmonia com meu humor. Milosh tira as duas mochilas do porta-malas e sai, vindo ao meu lado para abrir a porta. Ele tira o paletó Tuxedo e me envolve com ele, pegando as mochilas de volta num movimento rápido, carregando-as em uma mão e segurando minha mão trêmula com a outra.

Sua jaqueta praticamente me engole por inteiro e seu cheiro me envolve, me oferecendo um pouco de conforto enquanto caminhamos em direção às escadas do avião.

"Boa noite, Sr. Petrov e Srta. Green", cumprimenta-nos o comissário de bordo. Milosh acena em resposta, mas tudo o que tenho em mim há um sorriso fraco quando passo por ela.

Assim que decolamos, tiro o cinto de segurança e vou para o banheiro na parte de trás do avião. Tranco a porta e abro um pacote contendo uma escova de dentes descartável e um pequeno tubo de pasta de dente antes de escovar os dentes rapidamente.

Olho-me no espelho e rio sem humor.

Estou ótima. Parece que meu mundo não desmoronou e que estou fazendo uma viagem improvisada com meu namorado, depois de participar de um evento que parece saído de um filme do James Bond.

Termino no banheiro e saio, onde Milosh está assistindo algo no celular.

"De quem é esse telefone?", pergunto enquanto vou me sentar na cadeira em frente ao dele.

"Da comissária de bordo. Enviei para mim mesma as imagens do circuito interno de TV da sua casa por e-mail, então entrei no meu e-mail pelo celular dela para conferir."

'Já carregou?'

Ele concorda.

'Entendo?'

"Não sei se é uma boa ideia."

'Por favor, Milosh, meu cérebro não consegue imaginar cenários piores.'

Ele me estuda por um momento, com desconforto em seus olhos. Antes de assentir e me entregar o telefone, ele enviou para si mesmo vários vídeos de diferentes ângulos da casa por e-mail. Clico no primeiro e aparece uma imagem granulada da entrada da garagem, os portões se abrindo e cinco SUVs pretas chegando. Um dos seguranças da frente da casa se aproxima do primeiro carro, falando com os passageiros por um momento antes de um par de mãos se esticar e torcer seu pescoço, fazendo-o cair no chão.

Solto um suspiro, tapando a boca, e observo o outro segurança sacar o rádio, mas não consegue ir muito longe porque três homens grandalhões, vestidos de preto da cabeça aos pés, saem do carro e o arrancam da mão dele. O vídeo para, então passo para o próximo clipe. Este é curto e mostra seis desses homens entrando na casa e se separando para revistar cômodos diferentes.

Passo para o próximo clipe da cozinha, onde Josh e Bethany estão limpando a louça depois do jantar. Josh está perto da pia e Bethany está de pé ao lado dele, arrumando a máquina de lavar louça. Ela levanta a cabeça e deixa cair o prato na mão. O estrondo chama a atenção de Josh, que se vira e é recebido com uma arma apontada para si. Meu coração se parte quando os dois levantam as mãos em sinal de rendição e seguem as instruções que recebem, saindo da cozinha.

Não há câmeras nos quartos, nos banheiros ou o escritório do meu pai, então não consigo ver o que aconteceu lá, mas há outro clipe mostrando o corredor do primeiro andar enquanto os homens mascarados entram e saem dos cômodos.

Desligo o telefone e o devolvo para Milosh, sem dizer nada. Olho para as minhas mãos, sem saber bem o que fazer.

"O que você acha que eles queriam?"

"Acho que eles queriam assustar o George para que ele lhes desse a fórmula. A câmera parou de funcionar depois daquele último vídeo, então não sei quantas pessoas estavam na casa, mas sei que eles não vão machucá-lo até conseguirem o que querem. Pelo que eles sabem, o George é o único que sabe onde está, então matá-lo não seria benéfico."

Fico em silêncio, absorvendo o que acabei de ouvir.

Ele está vivo.

Ele tem que estar vivo.

E eles não machucaram ninguém na câmara, então há uma boa chance de que eles também estejam vivos.

*Havia manchas de sangue no chão do quarto de Charlotte e no escritório do seu pai.* A voz de Milosh ecoa até mim.

Eles podem estar feridos, mas estão bem.

Elas têm que ser.

Quero que minhas lágrimas não caiam, mas eles não ouvem. Então eu choro.

Eu choro pelo meu pai.

Eu choro pela minha casa.

Eu choro pela minha família.

"Vem cá", diz Milosh, então eu me levanto e ele me puxa para o seu colo. Ele fica em silêncio e me deixa soluçar em seu peito, esfregando minhas costas metodicamente. "Vai ficar tudo bem, nós vamos encontrá-los."

Temos que.

*Dafne*

São 3 da manhã quando o táxi nos deixa na casa de campo. Pego a chave reserva num pequeno nicho ao lado da janela e abro a porta. O corredor está escuro, frio e pouco convidativo quando entramos, e uma onda inesperada de nostalgia me invade quando Milosh acende as luzes. Não venho aqui há anos.

Meu pai comprou esta casa de campo como presente de Natal para minha mãe quando eu tinha seis anos. Ela vivia dizendo a ele que precisávamos de um refúgio pequeno e aconchegante, longe de todo o barulho e das pessoas, porque, ao contrário de mim e do meu pai, minha mãe não cresceu com dinheiro. Quando ela se casou com ele, levou um tempo para se acostumar com uma casa cheia de funcionários. Então, meu pai comprou esta pequena casa de dois quartos no meio do interior da França, com vigas de madeira no teto e uma lareira enfeitando os quartos e a sala de estar. Minha mãe adorou e não deixou ninguém usar. mas nós. Durante três anos, passamos todos os feriados possíveis aqui, até mesmo alguns fins de semana, e minha mãe tinha uma regra rígida de não usar o telefone do trabalho, para que ela e meu pai estivessem presentes no momento.

"Vou só dar uma olhada rápida na casa", diz Milosh, abrindo a porta da sala e deixando nossas malas lá. Entro na cozinha, acendo as luzes e olho nos armários para ver o que temos. Faz uns cinco anos que meu pai e eu não nos visitamos, então não é um choque quando abro uma geladeira e armários vazios, exceto por um pacote de macarrão. Pego a embalagem e verifico a data de validade. É. Estragou há dois anos.

"A casa está limpa", afirma Milosh enquanto entra na cozinha e olha ao redor. "Vou buscar alguma coisa para comer amanhã."

Concordo com a cabeça e fecho todos os armários novamente, tremendo levemente quando sinto uma rajada de ar frio.

"Acendi a lareira na sala de estar e no que presumi ser o seu quarto, então deve esquentar daqui a pouco." Seus olhos são suaves quando encontram os meus. Enrolo-me mais forte na jaqueta de Milosh antes de subir as escadas. Meu quarto é a primeira porta, então, felizmente, não preciso passar pela dos meus pais, mas quando entro, sou tomada por uma pontada de saudade.

Saudades de um tempo diferente.

Ansiando por circunstâncias diferentes.

O quarto está decorado como se espera de uma criança de oito anos. As paredes são pintadas com uma tinta rosa brilhante e a cama está coberta com almofadas de princesas da Disney. De um lado, há uma estante com todos os meus livros favoritos da infância, e do outro, minha coleção de Barbies. Da última vez que visitei, não consegui dormir aqui e dormi no quarto do meu pai enquanto ele ficou com

o sofá, mas não consigo pensar em nada pior do que passar a noite no quarto do meu pai, então volto para o andar de baixo.

Quando entro na sala de estar, Milosh está agachado folheando todos os nossos DVDs antigos com um pequeno sorriso no rosto.

"Encontrou algo que gostou?"

Ele olha para mim, segurando *A Nova Cinderela*, *Mais uma Nova Cinderela* e *Tá Chovendo Hambúrguer*. "Acho que todos esses filmes foram escolhidos por você?"

Dou uma risada leve enquanto me jogo no sofá, deixando escapar um bocejo. "Você poderia pensar, mas não. *Ratatouille* e *Tá Chovendo de Novo* foram o papai, e a franquia Cinderela foi a minha mãe. Mas todo o resto? É, foi tudo eu."

O chalé é tão remoto que não tem wi-fi muito bom. Quando vínhamos aqui, só tínhamos um aparelho de DVD, alguns jogos de tabuleiro e livros para usar, então acumulamos uma coleção e tanto.

Não querendo falar sobre como dormir, opto por um assunto leve. "Quer assistir a um filme?"

"Claro", responde Milosh, levantando-se em toda a sua altura. "Que filme?"

"Não me importo, você escolhe."

O fogo crepita ao fundo enquanto ele percorre as opções, finalmente escolhendo uma. Depois de colocar o disco no aparelho de DVD, ele vem sentar-se ao meu lado. Nossas coxas se roçam, enviando meu próprio crepitar de fogo pela minha perna.

Fecho os olhos por um momento e levo a mão ao pescoço, tentando massagear o nó, quando ouço a familiar abertura de *Aladdin* preenchendo o ar.

— Boa escolha. — Olho para ele, mas fico chocada ao perceber que seus olhos já estão em mim, ou, mais precisamente, no meu pescoço, enquanto tento aliviar a tensão.

"Quer ajuda?", pergunta Milosh, com os olhos escurecendo.

Eu quero que ele massageie meu pescoço?

'Sim, por favor.'

Hum. Acontece que sim.

'Inversão de marcha.'

Eu me movo para sentar de lado no sofá e abaixo minha mão, assistindo ao filme com o canto do olho.

Sinto o assento afundar quando Milosh se aproxima e respiro fundo quando ele puxa meu cabelo delicadamente para o lado. O ar está carregada de antecipação enquanto a tensão percorre meu corpo.

Seu toque começa suave no início, mas fica mais firme quando ele encontra o nó e o aperta. Solto um gemido involuntário enquanto suas mãos quentes massageiam minha carne e minha respiração fica ofegante. *Aladdin* toca ao fundo, mas não consigo mais ouvi-lo. Não por causa do rugido em meus ouvidos.

— Pronto — diz Milosh, com a voz rouca. — Está melhor?

Eu me viro para encará-lo, levando minha mão de volta ao pescoço, testando-o.

"Muito melhor, obrigado."

Ele observa meus dedos. "Ótimo."

Deixei minha mão deslizar por todo o meu pescoço antes de deixá-la cair no meu colo. Milosh acompanha o movimento atentamente.

Observo seus olhos percorrerem meu corpo novamente, pousando em meus lábios entreabertos.

Sei que não é o momento certo para fazer isso, mas ele é uma distração bem-vinda, então me inclino e o beijo.

É hesitante e incerto no início, mas à medida que movo minha mão para segurar seu rosto, puxando-o para mais perto, o beijo começa a se intensificar. Sua mão encontra minha cintura e aperta, fazendo com que o beijo ganhe velocidade.

— Daphne, não deveríamos. — Ele respira fundo contra meus lábios, afastando-se para poder me ver.

'Então pare de me olhar desse jeito.'

Um gemido irrompe do fundo do seu peito. "Você sabe que eu não consigo fazer isso."

— Pois bem, parece que chegamos a um impasse — sussurro, mordendo o lábio inferior. — Mas não se preocupe, Sr. Petrov, acho que sei como resolver isso. — Minha boca se choca contra a dele enquanto seus dedos percorrem meu cabelo, puxando delicadamente para colocar minha cabeça em uma posição melhor. Ele interrompe o beijo, uma das mãos descendo pelo meu pescoço, enquanto a outra repousa na lombar.

"Você cheira tão bem", ele sussurra em minha garganta.

Não respondo. Estou em um estado de torpor ofegante, o ar pesado e denso ao nosso redor. Ele me levanta para cima dele, ajeitando um pouco o vestido para que eu fique mais confortável, e eu tiro o casaco, deixando-o cair desordenadamente no chão.

Puxo sua boca de volta para a minha, mordiscando levemente seu lábio inferior, sorrindo contra sua boca quando ele solta um gemido.

"Você vai me deixar louco, Daphne Green." Sua voz é calorosa e seu sotaque balcânico é forte.

Borboletas voam em meu estômago.

Enfie minhas mãos em seus cabelos macios, brincando com eles. "Esse é o plano, Sr. Petrov."

Ele ri profundamente enquanto abaixa a boca novamente, acariciando preguiçosamente sua língua na minha, suas mãos segurando meu queixo.

Eu me afasto, olhando-o fixamente nos olhos. "Pare de ser tão doce comigo, Milosh."

"Sem problemas", ele rosna.

De repente, ele levanta uma das mãos e puxa meu cabelo, enquanto a outra agarra meu quadril. Com força.

Ele me puxa pelos cabelos para onde ele quer e domina minha boca. No começo, eu controlava o beijo, mas agora ele dita o ritmo.

Sua língua é agressiva e gananciosa, ocupando espaço na minha boca, enquanto sua mão se move do meu cabelo para minha espinha, passando pelo meu quadril, até minha coxa, me marcando.

É muito e pouco ao mesmo tempo.

Preciso de mais.

Eu preciso dele.

"Milo", eu choramingo. Acariciando seus braços fortes com minhas mãos.

Ele geme no meu ouvido, a outra mão apertando meu quadril. "Diga isso de novo."

'Qual é o seu nome?'

Ele cantarola em resposta. "Adoro quando você diz isso."

— Qual deles? — sussurro, apoiando as mãos no peito dele. — Milo, Milosh ou Sr. Petrov?

'Tudo o que precede.'

Sorrio enquanto levo minha boca até seu pescoço, beijando e mordiscando preguiçosamente. "A gente devia parar e dormir um pouco."

"Sim", ele concorda.

Suas mãos percorrem minhas coxas e minha respiração fica ofegante. Eu me empurro contra ele, instintivamente, começando a mover os quadris, mas ele me impede, com as mãos firmes na minha coxa.

'Não, como você disse, agora não. Eu quero fazer isso direito.'

"O que você quer dizer?", respiro contra seu pescoço.

'Daphne...' Ele faz uma pausa, inclinando o pescoço para trás e me fazendo olhar para ele. 'Eu quero fazer isso dar certo. Você e eu. De verdade. A longo prazo.'

'Sério?', sussurro, com um sorriso lutando para emergir.

— É. — Ele me olha nos olhos. — É algo que você gostaria?

Revirei os olhos. "Você não pode estar falando sério ao me fazer essa pergunta."

— Claro que posso. Viemos de mundos separados, Daphne, e não sei como vou conseguir sustentar você. Sim, sei que somos jovens, mas quero um futuro com você, então farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser o homem que você precisa que eu seja.

"Você faria isso? Por mim?"

— Percebi que faria qualquer coisa por você, Daphne Green. — Ele segura meu rosto e me dá um beijo carinhoso nos lábios. — Qualquer coisa.

*Dafne*

"Daphne?" Sinto um beijo suave na minha testa enquanto abro os olhos lentamente.

"Daphne, acorda, querida." Sorrio quando Milosh aparece.

"Vou buscar comida e alguns celulares descartáveis. Precisa de mais alguma coisa?" Balanço a cabeça, ainda um pouco distraída, enquanto ele acena com a cabeça e calça os sapatos. Ele tirou o smoking e está com sua combinação habitual de camiseta preta e calça cargo. Parece que acabou de tomar banho.

'Não vou demorar muito e vou levar a chave comigo, está bem?'

'OK.'

Ele fica mais um momento antes de me beijar na testa novamente e desaparecer porta afora.

Sento-me e me reaclimato. Ontem, tanta coisa aconteceu que preciso de um momento para repassar os eventos.

*Você vai me deixar louca, Daphne Green.* Sorrio ao lembrar de tudo o que Milosh disse e fez neste sofá, mas então entendo por que estamos aqui.

Gala.

Casa destruída.

Sequestro.

Escapar.

França.

Depois da nossa conversa, desci do Milosh e terminamos de assistir ao filme. Acabei dormindo no ombro dele, mas em algum momento, entre aquele momento e aquele momento, ele deve ter se levantado e me deitando no sofá para ir tomar um banho.

Ainda bem que o Milosh nos impediu quando fez isso. Eu não estava com a cabeça no lugar para prosseguir. Sempre soube que queria me guardar para alguém especial, potencialmente até o casamento, mas esse ideal não apareceu ontem à noite. Eu estava pronta para dar tudo a ele.

No meu sofá de férias de infância.

Sim... Não é o melhor visual.

Quero que seja especial e, de preferência, não logo depois de descobrir que minha vida virou de cabeça para baixo.

*Não sei como vou conseguir sustentar você. Sim, sei que somos jovens, mas quero um futuro com você, então farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser o homem que você precisa que eu seja.* Sorrio ao lembrar do que ele disse ontem à noite. Meu pai sempre teve dinheiro, então isso nunca foi um problema no relacionamento dos meus pais, e eu nunca pensei em como isso poderia afetar o meu.

Cresci num círculo onde todos tinham dinheiro, então dificuldades financeiras nunca me passaram pela cabeça. Acho que é por isso que me sinto tão bem em me tornar parteira. Sempre terei meu fundo fiduciário para me apoiar e sempre presumi que me casaria com alguém como o Teddy, que um dia herdaria a empresa da família.

Mas quando Milosh expôs suas preocupações ontem, o assunto ganhou nova luz. Posso trocar a vida a que estou acostumado? De jeito nenhum. E não acho que haja nada de errado nisso, mas também não quero uma vida sem Milosh, e ele trabalha para o exército americano.

Mas há algo a ser dito sobre sua determinação e motivação.

Ele tem disciplina, determinação e uma grande queda por mim. É por isso que sei que isso pode funcionar. Ele não quer ficar onde está, está disposto a lutar por uma vida melhor.

Para mim. Para nós.

E ele é generoso.

Generoso com suas palavras, generoso com suas ações e um dia não tenho dúvidas de que ele também será generoso com sua carteira.

Eu escolheria um homem generoso em vez de um homem rico a qualquer momento.

Dinheiro não é sinônimo de generosidade.

Mas um homem generoso agora sempre será, não importa quanto dinheiro ele ganhe.

*Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser o homem que você precisa que eu seja.*

Acredito nisso de todo o coração.

Levanto-me e vou até minha mochila, pegando todos os produtos de higiene que preciso e um dos vestidos que levei na mala ontem à noite. Vasculho tudo em busca de roupas íntimas, mas paro quando percebo o perfume que trouxe comigo.

Tiro-o da bolsa e levo ao nariz o perfume que meu pai me deu de presente ontem. Ainda estou um pouco confusa sobre como ele conseguiu que o perfume ficasse tão parecido com o dela, se o que eu recriei há muito tempo nem chegava perto.

Sentir aquele perfume enquanto estou no lugar favorito da minha mãe traz lembranças à tona.

Ela sentada no sofá enquanto eu estava sentada no chão enquanto ela trançava meu cabelo. Eu, ela e o papai jogando jogo de tabuleiro atrás de jogo, e eles sempre me deixando ganhar. Nós no mesmo sofá onde quase me contaminei ontem à noite, assistindo a filmes de Natal com uma tigela de pipoca, biscoitos de boneco de neve e uma xícara de chocolate quente com mini marshmallows.

O cheiro dela me faz sentir como se ela fizesse parte da minha vida novamente, de uma forma estranha e reconfortante.

Pego minhas coisas, entro no chuveiro e coloco meus produtos de higiene pessoal ao lado dos de Milosh, sorrindo ao perceber o quão domésticos nossos sabonetes líquidos parecem quando colocados um ao lado do outro.

Entro e saio do chuveiro em dez minutos e, enquanto começo a passar hidratante no corpo, ouço a porta se fechar lá embaixo. "Que rápido", murmuro para mim mesma, terminando e vestindo meu vestido.

"Milosh?", chamo, descendo as escadas com a roupa da noite passada dobrada na mão. "Você não comprou bacon, por acaso? Estou morrendo de vontade." Entro na sala, colocando meu vestido cuidadosamente no chão, ao lado da minha bolsa, mas não ouço resposta.

A cautela me arrepiava, intensificando o silêncio a cada segundo. Pego o atizador da lareira e caminho cautelosamente até a porta, abrindo-a lentamente e entrando no corredor escuro, espiando cautelosamente a cozinha.

Meu sangue gela.

Há um homem.

Um homem que não é Milosh.

Há um homem que não é Milosh, e ele está parado na minha cozinha olhando pela janela.

Minha mente gira, cheia de perguntas nas quais não tenho tempo para pensar.

Preciso de um plano.

Preciso de um plano e preciso agora, porque tenho pouco tempo antes que esse homem mude de ideia.

Agora, ele está de costas para mim e não sabe que estou de olho nele, então tenho uma vantagem. Penso em todas as situações pelas quais Milosh passou comigo até que a perfeita me vem à mente.

Só preciso chegar a uma panela para poder fazer Rapunzel nele e deixá-lo inconsciente.

Respirando fundo e silenciosamente, eu me recomponho e corro para a cozinha a toda velocidade e o acerto na parte de trás dos joelhos com o atizador.

Ele uiva de agonia quando eu o golpeio novamente, desta vez acertando a frente dos seus joelhos. Continuo batendo até ouvir um estalo satisfatório. Ele está no chão agora, rolando e agarrando as pernas.

Ainda segurando o atizador, vasculho as gavetas e armários procurando uma panela de metal, de costas para ele.

Faz tanto tempo que não entro nesta cozinha que já esqueci onde tudo está. Finalmente encontro o que estou procurando e vou tirá-lo, mas uma mão agarra minha barriga e me puxa antes que eu consiga. Embora meus hematomas estejam praticamente curados, eles ainda latejam quando ele os puxa com força. Estou um pouco sem fôlego enquanto minhas costas batem contra seu peito.

"Eu gosto de um desafio", murmura o sujeito nojentão, seu hálito ruim passando pelo meu nariz.

Eu dou uma cotovelada forte em suas costelas antes de enfiar o atizador em seu pé calçado com tênis, o que faz com que ele dê um grito infantil e tenha a chance de escapar.

Deixando o atizador cair, corro até a gaveta enquanto ele manca segurando o pé e pego a panela.

Movendo-me com velocidade, miro em sua têmpora e o golpeio com precisão aguda.

Ele cai no chão com um baque surdo, inconsciente. Mas nunca se pode ter certeza, então eu o espanco de novo. E de novo. Pegando o atizador de novo, miro em seus joelhos novamente, batendo até ouvir um estalo mais convincente. Claramente, o primeiro não foi bom o suficiente se ele conseguia andar. Procuro algo para amarrá-lo, mas não encontro nada na cozinha, então vou para a sala de estar. Vendo os prendedores da cortina, eu os arranco e corro de volta para a cozinha, amarrando seus pés primeiro, depois suas mãos.

"O que você estava dizendo sobre um desafio?", pergunto inocentemente, dando uma olhada nele. Encontro uma carteira e a tiro, depois procuro uma tatuagem. Ele está usando uma camisa polo preta e, quando a abaixo para verificar sua clavícula, a vejo.

Que tipo de site de emprego Daveeno usa para sempre atrair os idiotas mais mal-encarados?

"Que homenzinho triste."



## MILOSH

Abro a porta, com uma sacola de compras na mão, e sou recebida por uma Daphne com cara de Rapunzel.

"Uau." Ela balança a panela na mão e eu me abaixo bem a tempo de errar, quando ela percebe.

'Meu Deus, Milo! Me desculpe, eu bati em você?'

'Não, você errou por pouco. Por que está com uma panela na mão?' Mas não preciso que ela responda, porque assim que entro na cozinha já tenho a resposta.

"O que aconteceu?" Eu me viro e ela está com a expressão mais entediada e nada impressionada no rosto.

"Ele entrou enquanto eu estava no chuveiro, então não consegui ouvi-lo. Quando descí, percebi que ele estava ali e o ataquei. Ele tentou me machucar, mas não me causou muitos danos."

'Você está bem?'

"Estou bem, só estava esperando você para que pudéssemos interrogá-lo juntos."

Eu jogo a sacola de compras no balcão e vou até lá. para o intruso, que está deitado no chão, amarrado e ensanguentado, com um lado do rosto inchado.

"Você fez isso?", viro-me para olhar para Daphne, que começa a assentir com um sorriso satisfeito no rosto. Solto uma risada, balançando a cabeça. "Muito bem, querida, bom trabalho."

'Obrigado!'

"Você verificou a identidade dele?"

— É, assim que eu amarrei ele. — Ela sai do quarto e volta segundos depois com uma carteira na mão. — O nome dele é Ryan Moore. Ah, e... — Ela passa por mim, vai até Ryan e abaixa a gola polo dele.

Vejo a tatuagem familiar do Daveeno e aceno com a cabeça. Puxo uma das cadeiras perto da mesa de jantar e o puxo para cima, ajeitando os prendedores da cortina para que ele também fique preso à cadeira, sem que ele tenha para onde ir quando acordar.

Levanto-me e viro-me para Daphne, que ainda segura a panela na mão. "Foi isso que você usou nele?"

— Isso e o aticador, sim. — Seus olhos se abaixam sensualmente enquanto ela caminha até mim. — Acontece que aquelas sessões de treinamento realmente valeram a pena. O senhor é um bom professor, Sr. Petrov.

— Não, querida, foi tudo você. — Usando o indicador e o polegar, seguro seu queixo e levanto seu rosto para perto do meu, dando um beijo demorado em sua boca. — E, pelo visto, violência combina com você, porque você está linda hoje, aliás.

Seus lábios se erguem. "Obrigada, Milo... eu acho."

— Hum. — Passo o polegar pelo seu lábio inferior, aproveitando o momento por mais um segundo antes de me concentrar na tarefa em questão. — Já que você bateu nele, quer interrogá-lo?

— Claro. Mas você ainda vai ficar aqui?

'Claro.'

Eu hesitantemente me afasto dela e vou pescar um aquário.

Depois de encontrar um, encho-o com água fria, adiciono alguns cubos de gelo, levo-o para Ryan e inclino-o sobre sua cabeça.

"Acorde, seu babaca", eu digo friamente, com um tom seco.

Ele acorda quase instantaneamente e começa a lutar contra as amarras. Quando percebe que não vai a lugar nenhum, se acalma um pouco e eu pego uma cadeira e me sento.

Pego minha faca e brinco com ela preguiçosamente enquanto olho para Daphne.

"Vá em frente, Srta. Green."

Ela sorri para Ryan, aproximando-se lentamente. "Oi, Ryan. Eu me apresentaria, mas tenho a impressão de que você já sabe quem eu sou, então vamos direto ao ponto, certo?"

Ela lhe dá um momento para responder, mas quando ele não responde, ela continua.

"Por que está aqui, Sr. Moore? O que o senhor quer?"

"Eu quero você, Daphne." Ele sorri.

— Resposta errada. — Ela pisa no pé dele e ele grita de dor. — Agora, vamos tentar de novo, certo? Como você sabia que estávamos aqui?

"Dei um palpite bem fundamentado", ele responde.

Daphne cerra o maxilar enquanto suas narinas se dilatam levemente antes de olhar para mim. "Me passa sua faca, por favor."

'Bebê.'

"Me dá a faca, Milosh."

Acho que essa pode ser a coisa mais sexy que já saiu da boca dela.

Entrego a faca a ela sem pensar duas vezes e me sento, extremamente excitado por esse lado dela.

'Ryan, querido, vou te fazer algumas perguntas e você vai respondê-las. Se não fizer isso, vou te machucar ainda mais. Se você continuar me escondendo as respostas, terei que envolver meu namorado. E eu lhe asseguro, Sr. Moore... você *realmente* não quer isso.'

Eu sei que deveria estar focado agora, mas quando ela me chamou de namorado, uma onda quente percorreu meu corpo.

É a primeira vez que ela me chama assim sem ser falso, e não consigo evitar um sorriso. Ryan simplesmente olha para mim neste exato momento e seu rosto fica com uma cor cinza-esverdeada feia.

Percebo que ele pensa que estou sorrindo diante da possibilidade de machucá-lo e não porque a garota mais doce acabou de me nomear seu namorado, então provavelmente pareço um completo psicopata para ele.

Bom.

"Como você entrou na casa?", pergunta Daphne.

"Com uma chave."

"Onde você conseguiu a chave?"

"Na sua outra casa."

Ela se detém. "Você foi um dos homens que saquearam minha casa?"

Ele lhe dá um sorriso assustador. "É, aquela sua faxineira tem uma língua feia. Mas não se preocupe, eu a calo do meu jeito."

Daphne parece horrorizada antes de tirar o sorriso do rosto dele com um forte soco no queixo.

'Ai, ai, ai!', ela aperta a mão. 'Eu nunca fiz isso sem uma luva de boxe antes.'

"Você está bem?", pergunto.

"Hmm, tirando a dor, na verdade foi muito bom."

*Tão, tão sexy.*

'Isso doeu, sua vadia—'

— Sugiro que você não termine essa frase, Ryan — eu digo bruscamente.

Ela se vira para encará-lo. "O que você queria desta casa?"

Ele fica em silêncio por um momento, então Daphne pega minha faca e começa a traçar levemente a ponta em sua perna. Ele continua em silêncio, então ela aumenta a pressão até ver gotas de coleta de sangue. 'O que você queria?', ela repete. Novamente ele fica em silêncio, então ela adota uma abordagem mais ríspida.

Movendo-se para o braço dele, ela passa a faca por ele, do ombro ao dedo, cortando. Não tão fundo a ponto de sangrar, mas fundo o suficiente para deixar uma cicatriz.

Ryan uiva. Uiva literalmente, como um lobo. É realmente perturbador.

"O que você queria?" ela repete, elevando um pouco a voz.

"O colar", ele cospe. "Vim pegar o colar."

"Do que você está falando? Eu não tenho um colar."

"O colar com o medalhão. Sabemos que ele contém a fórmula, mas não sabemos onde está. Reviramos sua casa completamente e ainda não conseguimos encontrá-lo, então concluímos que você deve tê-lo."

"Você destruiu minha casa por causa do colar?"

'Sim, agora você pode, por favor, parar de me machucar?'

— Não. — Ela olha para mim e depois para Ryan. — Por que levaram todos os funcionários e meu pai?

— Como garantia. Você era a peça que faltava no quebra-cabeça, mas sabíamos que não conseguiríamos chegar até você por causa do seu cão de guarda aqui. — Ele inclina a cabeça na minha direção.

"O que você quer dizer com 'eu era a peça que faltava'?"

"Seu pai se importa com seus funcionários, mas não tanto quanto com você. Mesmo quando ameaçamos machucá-los, ele não revelaria a localização do colar, mas se a gente pegasse você e ameaçasse te machucar, ele revelaria.'

'Então você veio aqui procurando por mim ou pelo colar?'

"Uma coisa ou outra. O ideal seria tirar o colar de você e ir embora, mas se você não o tivesse, eu te levaria e ameaçaríamos seu pai te machucando."

"Mas eu não tenho o colar, nem sei onde ele está."

'Bem, isso é uma pena, porque George não está nos contando a fórmula e se a gerência não tiver a fórmula em três dias, eles vão matá-lo e todos os outros amigos da casa.'

Daphne recua e deixa a faca cair na mesa.

"Onde todos eles estão presos?", interrompo, tentando aliviar a pressão sobre ela.

"Não sei a localização atual. Eles estavam prestes a movê-los quando eu estava saindo."

"Quem está no conselho de administração?"

"Não sou uma daquelas pessoas que conhece sua identidade."

'Se você ganhasse Daphne ou o colar, para onde você os levaria quando voltasse?'

"Na casa dela. Vai ter uma equipe me esperando em alguns dias para levar ela ou o colar."

Não tenho mais perguntas e Daphne parece que está a um segundo de vomitar, então me levanto, tirando a panela do balcão e caminhando em direção a Ryan.

"Obrigado pela sua honestidade." Bato a panela no lado menos inchado do seu rosto e, em segundos, ele desmaia.

Viro-me e encaro Daphne. "Seu pai está vivo, então preciso que você encare essa conversa como uma vitória."

'Como posso considerar isso uma vitória se eles vão matá-lo em dois dias se não pegarem o colar?'

'Você lembra como é o colar?'

'Claro.'

'Se eu conseguisse que um cara desenhasse, você acha que conseguiria explicar bem para ele?'

'Sim...?'

'Certo, ótimo, então eu tenho um plano. Vou ligar para o Major Davis, que está no comando desta força-tarefa, e explicar a situação para ele. Ele vai mandar uma equipe para cuidar dele.' Aponto para Ryan. 'Eles ignoram a polícia, então você não precisa fazer nenhum interrogatório desnecessário. Só preciso dar a eles um relatório do que aconteceu.'

"Mas estamos na França?"

"Eu estava nos Estados Unidos quando fui chamado para isso. Trabalhamos com a Interpol."

'Oh, tudo bem.'

"Quando alguém vier buscá-lo, pedirei também um desenhista e você descreverá o colar para ele. "Meu major mandará fazer uma réplica e, em poucos dias, enviará alguém à sua casa para entregar o 'colar'. Eles rastrearão os homens e os seguirão até onde quer que estejam os reféns, farão uma avaliação de como proceder e partiremos daí."

Daphne me olha sem expressão enquanto processa meu plano, antes de concordar um segundo depois.

"Ok, essa é uma boa ideia."

'Sim?'

— Sim, meu pai vai ficar bem. Todos vão ficar bem e tudo isso vai acabar logo. — Ela me dá um sorrisinho. — É uma boa ideia. Vai dar certo.

Ela continua repetindo essas palavras baixinho enquanto caminha até a pia e começa a esfregar as mãos. Eu me aproximo por trás dela e a abraço pela cintura.

"Todos ficarão bem e tudo isso vai acabar logo", repito, tentando tranquilizá-la. Ela se derrete em mim.

— A propósito, isso foi muito quente — digo arrastando as palavras contra seu pescoço.  
— Você está com essa faca?

"Milosh!" Ela fecha a torneira e se vira para mim, com os olhos arregalados. "Sinto como se você estivesse tentando me transformar em uma psicopata."

— Bom, depende. — Chego mais perto. — Está funcionando?

"Um pouquinho, sim."

'Oh sim?'

Ela solta uma risada abafada e acena duas vezes.

Meus olhos pousam em sua boca entreaberta e eu seguro seu queixo com a mão, passando o polegar em seu lábio inferior. "Ótimo", respondo suavemente.

"Sabe, acho que estou começando a gostar do meu namorado Milo."

"Ótimo, porque ele veio para ficar."

Afasto-me e tiro do bolso o telefone descartável que acabei de comprar, o número para o qual preciso ligar já memorizado. Mas antes de chegar à porta, viro-me, um último pensamento precisando ser dito. "Vamos assistir *Enrolados* hoje à noite."

*Dafne*

O sol brilha forte nos meus olhos enquanto acordo, sentindo o peito de Milosh subindo e descendo abaixo de mim. Ontem, exatamente como Milosh disse, dois homens apareceram na casa de campo. Um era um desenhista e o outro era da Interpol, que estava aqui para levar Ryan para mais interrogatórios. O desenhista era extraordinariamente talentoso e conseguiu desenhar o colar de forma que ficasse quase exatamente como eu o descrevi, então estou me sentindo muito bem com o plano. Milosh me explicou que, depois que encontrarem o local onde minha família está sendo mantida, uma unidade de comando especializada em armas de fogo entrará em ação.

Quando Milosh falou com seu major, ele providenciou um esconderijo para ficarmos até que tudo isso acabasse. Davis também nos disse que enviaria um carro para nos levar, junto com o desenhista e a equipe da Interpol, até o esconderijo. Depois que a equipe foi embora, arrumamos nossas coisas e pegamos o carro, dirigindo de volta para a Inglaterra, onde fica o esconderijo.

Chegamos tarde ontem à noite e nos jogamos no sofá, assistindo a um dos DVDs que trouxemos do chalé antes de cairmos no sono. Agora só nos resta sentar e esperar que tudo se ajeite e, com sorte, verei todos vocês em breve.

Agora, sento-me em cima de Milosh e começo a massagear a curva do meu pescoço. Depois de alguns minutos, ouço Milosh começar a se mexer.

"Bom dia." Sorrio, olhando para ele.

Ele retribui com um sorriso doce e despreocupado antes de falar, com a voz grave devido ao sono. "Bom dia, Srta. Green." Ele se senta e estica o pescoço, e eu praticamente consigo ver a tensão em seus deltóides.

Inclinando-me para trás, levo as mãos aos seus ombros e começo a massageá-los. Trabalho nos nós até que se desfçam, depois passo para as costas, deslizando os dedos languidamente para cima e para baixo.

"Sente-se melhor?", pergunto depois de cinco minutos.

'É uma sensação incrível, querida, mesmo que eu devesse ter feito isso com você, já que é seu aniversário e tudo mais.'

Faço uma pausa. 'Como você sabia que era meu aniversário?'

— É meu trabalho saber tudo sobre você, Srta. Green. — Ele se levanta e vai até sua mochila, pegando algo.

"Aqui." Ele coloca uma caixinha na minha mão e volta a se sentar.

"Você me comprou um presente?"

"É só pequeno", ele diz rispidamente.

Meu coração se enche de alegria quando abro cuidadosamente a caixa e revelo um relógio de bolso rosa claro.

"Para quando você começar a usar uniforme cirúrgico", ele explica.

Mordo o lábio inferior e luto contra as lágrimas que ameaçam invadir meu rosto. Não tem como ele ter comprado isso ontem; o que significa que ele deve ter comprado antes mesmo de oficializarmos tudo, antes mesmo de falarmos sobre minhas escolhas de carreira no baile, e propositalmente guardado na bolsa quando estávamos saindo correndo de casa em meio a todo o estresse e preocupação.

— Acho... Acho que vou conseguir tirar bom proveito disso. — Envolver meus braços em volta do pescoço dele e ele envolve os braços em volta da minha cintura.

"Obrigada", sussurro em seu pescoço, a primeira lágrima caindo silenciosamente. "Muito obrigada, Milo. Isso significa mais para mim do que você jamais poderia imaginar."

'Fico feliz. Feliz aniversário, Daphne.'

Ficamos assim por um momento enquanto começo a soluçar baixinho. Quando Milosh percebe o que está acontecendo, ele se afasta para me olhar, com preocupação estampada no rosto.

"Ei, o que houve?", ele coloca o polegar na minha bochecha, secando minhas lágrimas.

'Nada, eu só... acho que isso vai dar certo. Você e eu.'

Ele sorri abertamente e é absolutamente devastador. "Eu também acho."

Minha língua se estica para lambe meu lábio inferior e seu olhar escurece enquanto ele acompanha o movimento. "Quer que eu faça bacon e panquecas para você?"

'Sim, por favor', eu respondo. 'Vou tomar um banho rápido enquanto você faz isso.'

'OK.'

Nenhum de nós se move.

Os olhos de Milosh ainda estão fixos nos meus lábios com um olhar faminto. Um olhar que acho que nem bacon e panquecas conseguiriam curar.

'Você vai me beijar, Sr. Petrov, ou vai ficar me encarando o dia todo?'

"Que boca suja!" Ele ri, colando os lábios nos meus. Uma de suas mãos segura minha nuca, inclinando minha cabeça, enquanto a outra pressiona meu quadril. Sua língua me castiga enquanto domina minha boca, tanto que preciso agarrar seus ombros para me equilibrar.

— Sim, mas eu sou seu sabichão — sussurro contra seus lábios, minha respiração um pouco ofegante.

Ele se afasta um pouco. "Acho que sim."

Minhas mãos percorrem a largura de seus ombros enquanto eu levar minha boca até seu queixo e começar a distribuir beijos ao longo dele.

'Então, eu estava pensando...' Ele faz uma pausa por um momento quando mordisco seu lóbulo da orelha, seu suspiro inebriante enchendo o quarto.

'Hum?'

'Eu estava... pensando se você poderia me ensinar um pouco de linguagem de sinais?'

Paro em seu pescoço. 'Você quer que eu faça o quê?' Levanto a cabeça para encará-lo.

— Quero que você me ensine a língua de sinais. — Sua mão relaxa no meu quadril enquanto seu polegar traça círculos preguiçosos nele. — Foi lindo ver você usando sinais no baile, mas também me

fez perceber que tem um grupo inteiro de pessoas com quem não consigo me comunicar, uma delas sendo alguém que significa muito para você, então eu quero aprender. Bem, isso e o fato de que falar sem falar é muito legal.

Olho para ele por um momento, completamente sem palavras. "Você quer aprender a língua de sinais para poder falar melhor com meu primo?"

"Se é importante para você, é importante para mim."

— Então está bem — sorrio. — Vamos começar com o alfabeto. Depois que você aprender isso, se alguma vez ficar preso em alguma palavra, pode simplesmente soletrá-la.

Durante a próxima hora, ensino-lhe o alfabeto e as palavras básicas, esquecendo completamente das panquecas, até que meu estômago começa a roncar.

"Deixe-me fazer um café da manhã para você", sugere Milosh.

'Certo, vou tomar um banho e depois posso começar a te ensinar os dias da semana.'

Ele me dá um beijo carinhoso na bochecha e sai do quarto.

Pego todos os meus itens de banho da bolsa, junto com outro vestido limpo e algumas roupas íntimas, e vou para o banheiro, sorrindo para mim mesma. Ele me comprou um relógio para o meu uniforme hospitalar e pediu para aprender a língua de sinais para poder conversar melhor com meu primo. Ele está riscando todas as linguagens do amor mais rápido do que eu imaginava.

Meu banho é rápido e, enquanto me hidrato, sinto um delicioso aroma de bacon, o que me estimula a me arrumar mais rápido para poder comer. Solto o cabelo, deixando-o cair em cascata pelas costas, e pego meu perfume às pressas para me dar algumas borrifadas.

Paro quando ouço um leve tilintar. Levanto a garrafa novamente, viro-a de cabeça para baixo e olho de soslaio para ver se algo se move. O líquido é bem escuro e a garrafa tem um leve tom, mas consigo distinguir um objeto flutuando.

Vou até a janela e seguro o colar contra a luz, e com certeza o colar da minha mãe está dentro do meu novo frasco de perfume.

Claro que sim.

Porque é um lugar fantástico para esconder alguma coisa.

Penso em como os garotos Daveeno destruíram completamente meu quarto e em quantas vezes eles devem ter passado sem perceber pela coisa que eles destruíram toda a minha casa para encontrar.

E agora eu tenho isso.

Eu tenho exatamente aquilo que faz as pessoas se sacrificarem para ter.

Sinto-me doente.

Mas também um pouco poderoso.

Eu sei algo que eles não sabem.

Coloco minhas roupas e desço correndo as escadas, com uma garrafa na mão.

'Sim, vou mantê-lo atualizado... Tudo bem... mm hmm... tchau.'

Entro na cozinha no momento em que Milosh deixa o telefone cair do ouvido e se vira ao ouvir passos.

"Era o Henry. Conte tudo para ele desde depois do baile até agora. Ele e a Amélia vão ficar na Itália porque é o lugar mais seguro para eles agora, mas assim que isso acabar, eles vão voltar de avião."

— Certo, mas eles estão bem, não é? Ninguém veio procurá-los?

Ele balança a cabeça. "Não, estão tudo bem." Seus olhos pousam na minha mão. "Por que você está segurando isso?"

'Oh.' Como consegui esquecer algo tão grande coisa no espaço de dois minutos?

Vou até ele e seguro o perfume contra a luz.

"Você vê isso?"

'O que?'

"Olhe dentro do perfume." Levanto um pouco mais a mão e a inclino lentamente.

'É isso...?'

'Sim.'

'Huh.'

"Bem, o que fazemos?"

— Por enquanto, nada. Guarde de volta na sua bolsa e esqueça. Eles vão ter a réplica pronta e a caminho da sua casa até o final do dia, então vamos esperar para ver o que acontece. Depois que a operação terminar e todos os que representam uma ameaça estiverem presos, avisaremos o Major Davis. Mas, por enquanto, vamos esperar.

Ele pega a garrafa das minhas mãos e a segura na altura dos olhos, movendo-a para ver o medalhão. "Como o George colocou isso aí?", ele murmura para si mesmo.

Eu zombo. "Aparentemente, meu pai tem uma habilidade estranha de exceder as leis da física."

Ele me devolve. "Bem. Bom trabalho, George, eu acho."

*Dafne*

Já é mais tarde quando acordo no sofá, ofegante, agarrando o peito e sentando-me ereta. Reacostumo-me ao ambiente.

O cheiro distinto de espagete à bolonhesa vem da cozinha enquanto tiro o cabelo do rosto.

Depois do café da manhã, eu e o Milosh passamos o tempo estudando Língua Inglesa e assistindo a um filme. Foi quando eu estava aconchegada nos braços quentinhos do Milosh, assistindo a *Os Vingadores*, que adormeci. Não sei há quanto tempo dormi, mas a julgar pelo sol escaldante que entrava pela janela e pelo cheiro de comida, diria que são umas 14h.

Inclinando-me e colocando a cabeça entre os joelhos, comecei a tentar acalmar a respiração. De alguma forma, durante meu breve cochilo, tive outro pesadelo.

O mesmo, mas muito mais vívido.

Preciso de mirtilos.

Preciso de mirtilos e um copo de água agora mesmo.

Levanto-me e vou até a cozinha, onde sou recebida por um Milosh sexy e cozinheiro. Não sei onde o homem aprendeu a cozinhar, mas fico feliz que ele tenha aprendido, porque eu certamente não sei. Queimo água.

— Ah, você acordou — diz Milosh, vindo beijar o topo da minha cabeça. — Como você dormiu?

Abro a geladeira e começo a procurar mirtilos. "Tive outro pesadelo."

Milosh resmunga. "Acho que não tem mirtilos na geladeira."

"Ah, tudo bem."

Não, não é.

Não, realmente não é.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas começo a entrar em pânico.

Entrando em pânico por causa de mirtilos idiotas.

Fecho a geladeira e sento em uma das cadeiras da mesa de jantar enquanto meus pulmões começam a se contrair.

Dentro e fora.

Apenas inspire e expire.

Não sei quando os mirtilos começaram a me proporcionar uma estranha sensação de conforto depois dos meus pesadelos. Talvez seja porque eram o que minha mãe costumava me dar quando eu estava triste, e eu os associo a ela. Não sei. Mas o que... O que eu sei é que nunca deixei de comer mirtilos depois de um pesadelo e isso está começando a me estressar.

"Ei, ei, Daphne, tudo bem. Vou comprar. Vou comprar agora mesmo." Milosh está agachado na minha frente, com as mãos apoiadas nos meus joelhos, acariciando-os delicadamente. Ele olha para o relógio. "Vou ao mercado agora."

'Tem certeza?'

— Sim, Daphne, está tudo bem. Vou agora mesmo. Só preciso que você respire por mim.

Agora que sei que os mirtilos estão chegando, minha respiração começa a se normalizar. Então, aceno para ele e ele se levanta, desliga o fogão e entra rapidamente na sala, antes de voltar para a cozinha.

— Isto é para você. — Ele me entrega um telefone. — Só tem o número do meu aparelho descartável, que está salvo como M. Também coloquei esse número na discagem rápida, então se precisar entrar em contato comigo, sobre qualquer coisa, pode.

Ele estende a mão e eu a seguro, seguindo-o até a sala. "Quer assistir a um filme ou algo assim para te ajudar a esquecer as coisas?"

'Sim, por favor.'

Enquanto ele folheia os DVDs que trouxemos conosco, suas palavras de algumas noites atrás ecoam em mim.

*Não sei como vou conseguir sustentar você. Sim, eu sei que somos jovens, mas quero um futuro com você, então farei isso. tudo ao meu alcance para ser o homem que você precisa que eu seja.*

Ele não precisa tentar.

Ele já é o homem que preciso que ele seja.

Quando ele levanta duas opções de filme, aponto para *Operação Cupido* e ele o coloca. Com outro beijo na cabeça, ele liga o filme e sai.

Envolvo-me com a manta e aconchego-me no sofá. O filme é a distração perfeita. É engraçado, reconfortante e me tira dos meus pensamentos; eu não poderia ter escolhido opção melhor.

Cerca de vinte minutos depois, a porta se destranca e passos pesados soam no corredor.

Nossa, por que o Milosh ficou tão pesado de repente?

"Eu lembro o quanto você amava esse filme."

Eu congelo.

Aquela voz.

A voz que ecoa em minhas memórias.

A voz que ecoa nos meus pesadelos.

Viro a cabeça para a porta e meu sangue gela.

'Mãe?'

"Olá, Daphne."

## MILOSH

Estou procurando mirtilos orgânicos quando meu fogão toca.

Major Davis.

"Senhor", eu respondo.

"Petrov, acabamos de receber algumas informações", ele começa. "Conseguimos hackear uma das câmeras de campainha das casas em frente à casa de campo na França no dia da invasão. Depois de confirmar com Ryan Moore, sabemos que ele não estava sozinho naquele dia."

Meu sangue gela.

"Ele tinha um parceiro que esperou do lado de fora e se escondeu pouco antes de você voltar para casa. Ele ficou na lateral de uma casa vizinha. Quando a Interpol e o desenhista apareceram, ele esperou até que eles estivessem lá dentro antes de sair do esconderijo e colocar um rastreador embaixo dos carros. Um deles você levou para o esconderijo. Você precisa sair agora, pegar outro veículo e ir para um lugar seguro."

Dafne.

Ela está em casa.

Sozinho.

"Senhor, preciso retornar a ligação." Encerro a ligação sem esperar pela resposta e saio da loja, ligando para o número descartável da Daphne.

Tento três vezes, sem resposta. Acelerando, começo a correr no momento em que vejo duas SUVs pretas entrando na estrada do esconderijo.

Correndo pela rua, paro e me escondo atrás de um carro enquanto observo quatro homens e uma mulher com armas de fogo visíveis no coldre saindo dos carros e caminhando em direção à casa.

Eles esperam na porta por um segundo antes de entrar, provavelmente enquanto arrombam a fechadura.

Pego meu telefone e ligo de volta para Davis. Ele atende depois de apenas um toque.

"Anotar estas placas", digo em voz baixa, listando-as uma após a outra. Quando termino, saio do carro atrás do qual estou escondido e corro para ter uma visão melhor.

Vou para o outro lado da rua, caminho pela entrada da casa em frente à de Daphne e me escondo atrás de um arbusto muito convenientemente posicionado.

Mantenho a voz baixa enquanto levo o telefone de volta ao ouvido. "Senhor, o senhor ainda está aí?"

"Sim, anotei as placas. Elas precisam ser verificadas?"

"É", eu digo, com a raiva crescendo em minhas veias. Preciso me concentrar. Só assim terei certeza de que Daphne está bem. Seguir o protocolo e seguir meu treinamento.

"Eu estava na loja quando você me ligou, então, assim que me contou o que aconteceu, corri de volta", começo a explicar, observando a casa atentamente para ver se havia algum movimento. "Mas antes que eu pudesse voltar, vi duas SUVs grandes estacionadas do lado de fora. Quatro homens armados e uma mulher arrombaram e entraram."

Odeio tê-la deixado sozinha. Eu não deveria ter feito isso, mas não sabia mais o que fazer. Não quando ela começou a entrar em pânico ao perceber que não havia mirtilos. "Não consigo ver o interior da casa, mas estou escondida na frente dela, então saberei quando houver movimento. Não sei se há mais pessoas nos carros, mas tenho quase certeza de que são os mesmos veículos dirigidos por quem saqueou a casa dos Greens alguns dias atrás", eu digo.

Eu quero entrar lá.

Quero ir até lá e resolver isso. Mas sei que é uma ideia extremamente estúpida.

Sou eu e pelo menos cinco deles.

Quatro deles com armas.

Sendo realista, sei que eles não vão machucar a Daphne. Eles querem usá-la como garantia, e ela não serve para nada morta. Mas isso não impede o rugido em meus ouvidos e como meu coração afunda ao pensar no fato de que ela é praticamente indefesa contra eles.

"Acabei de verificar as placas e todas estão registradas na mesma empresa falsa", relata Davis. "Quando eles começarem a se mover, vamos rastreá-los. Isso deve nos levar a uma base em Daveeno."

'Ok...' Antes que eu possa terminar, a porta do esconderijo se abre e uma mulher que se parece muito com Daphne sai.

Espere.

Não.

'Senhor. A mãe de Daphne está viva.'

'O que?'

"Ela acabou de sair de casa, definitivamente é ela."

"Bem, isso explica muita coisa."

'O que?'

"Suspeitávamos que ela fosse uma agente da Daveeno e tivesse fingido a própria morte, mas não tínhamos provas suficientes para ter certeza. Se ela está lá, então a Daveeno deve estar ficando desesperada. Eles precisam dessa fórmula mais do que pensávamos, se estão fazendo de tudo, trazendo pessoas de volta à vida, só pela chance de descobrir a localização."

Espere. A fórmula.

O colar ainda está dentro do frasco de perfume de Daphne, mas eles o encontraram?

Meu raciocínio falha quando a porta se abre novamente e os homens saem, um após o outro.

Três deles não carregam nada.

Um homem está segurando Daphne.

Uma Daphne muito inconsciente.

Minha visão fica turva enquanto meu coração despenca e minhas palmas suam.

— Eles estão com a Daphne. — Minha voz está estranhamente calma. Tão calma que está me assustando.

O quarto homem a coloca no carro, contorna a traseira e entra pelo outro lado enquanto os outros também entram. Dois motores ganham vida instantaneamente e partem.

— Vou começar a rastreá-los agora — diz Davis, enquanto corro de volta para dentro de casa. — Assim que os carros se acomodarem em algum lugar, mobilizarei uma unidade e faremos uma incursão. Quero você com eles. Você conhece esta família melhor do que qualquer um de nós.

Corro para a sala e encontro nossas malas praticamente rasgadas, roupas espalhadas por todo lado. Um peso frio se instala em meu coração ao pensar em um daqueles homens imundos remexendo em suas peças íntimas. A repulsa se instala em minha pele, mas eu a acalmo, me forçando a pensar.

O perfume.

Preciso encontrar o perfume.

Eu rasgo o caos das minhas roupas e das de Daphne, alívio me percorrendo quando vejo o frasco de perfume ainda intacto.

Entro na cozinha, pego uma tigela de plástico e a jogo no chão. Com força, jogo o frasco na tigela, que se quebra com o impacto. O aroma do perfume invade meu nariz enquanto me abaixo e pego o colar. Não sei por que Daphne gosta tanto desse perfume. O dela é muito melhor.

Este é demais, fica preso na garganta e ataca seu nariz, enquanto o de Daphne envolve você, a mistura de flor de laranjeira e marshmallow acalma seus sentidos.

Pegando um pano, seco o colar e o abro. A foto desgastada de Daphne e sua mãe me encara enquanto a retiro. Virando a foto, vejo uma pequena folha de papel laminado, com símbolos de química rabiscados sobre ela.

'Senhor, acredito que estou de olho nas fórmulas do antídoto e da toxina.'

— Ótimo. Mantenha-as seguras e em hipótese alguma as perca de vista. Não me importa se é entre a vida da garota ou o colar. Você escolhe o colar.

Sim, isso não vai acontecer, mas não vou começar a discutir hipóteses agora.

"Vou lhe enviar o ponto de encontro da unidade. Junte-se a eles e aguarde novas instruções." Ele desliga abruptamente, e fico em silêncio.

Para todo aquele pessoal da Daveeno vir buscá-la, algo deve ter dado errado com a entrega falsa que deveria ter acontecido esta manhã. Volto para a sala antes de sair, só para verificar se esqueci alguma coisa, e meus olhos pousam em um pequeno objeto rosa no chão.

Abaixando-me, pego o presente de aniversário que dei para Daphne esta manhã e verifico as horas antes de guardá-lo no bolso. Preciso ir. Preciso chegar ao ponto de encontro, e não tenho carro.

Parece que estou voltando para minha curta vida de crime.

São 16h32 quando chego ao ponto de encontro. Chego a um armazém, digito o código na porta e entro.

Atiradores de elite, rifles de assalto, pistolas, granadas, coletes à prova de balas, máscaras de gás e câmeras corporais decoram as longas mesas que se estendem por todo o espaço. O cheiro de munição e o ar abafado, somados à terrível iluminação artificial, me remetem à época em que eu estava em serviço ativo.

"Agente Especial Petrov?", pergunta uma mulher baixa e loira enquanto fecho a porta atrás de mim.

Concordo com a cabeça e aperto rapidamente sua mão estendida. "Milosh."

"Lucy Peterson. Sou a comandante e vou supervisionar esta invasão. Vamos preparar você e te informar."

Depois de proteger meu colete e câmera corporal e escolher Com outra arma e alguns cartuchos extras, sigo Peterson até uma sala separada, onde cerca de quinze homens estão sentados, equipados e prontos para partir. Sento-me na cadeira vazia, olhando para o quadro na frente, que exibe plantas de uma casa.

— Certo, ouçam. Para quem não me conhece, sou Lucy Peterson e serei sua comandante esta noite. Estamos tentando eliminar a cabeça de Daveeno, que agora sabemos que está neste local. — Ela aponta para a tela enquanto a apresentação de slides muda e mostra uma estrada a menos de vinte minutos da casa dos Green.

"Conseguimos hackear as imagens das câmeras de segurança e localizamos sete reféns. São nove reféns no total, então, enquanto prosseguimos, tenham cuidado com os civis."

Os dois mantidos separadamente devem ser Daphne e George.

O slide muda para fotos dos sete funcionários que foram tirados, bem como uma foto de George e Daphne.

Lucy analisa todos no quadro, dando uma descrição básica.

Meu maxilar fica tenso enquanto penso no que pode estar acontecendo com Daphne agora e o que ela deve estar sentindo sabendo que sua mãe está viva.

Como uma mãe pôde fazer tudo isso com o próprio filho está além da minha compreensão, mas não consigo pensar nisso agora. Preciso me concentrar.

Lucy recita as estações, o plano de ataque e o que cada um está fazendo. Depois que a primeira equipe de extração e o esquadrão de entorno externo foram alocados, ouço meu nome.

Petrov, Cooper e Scott formarão a segunda equipe de resgate. Dirijam-se aos outros dois reféns. Provavelmente haverá uma segurança reforçada ao redor deles, então sejam cautelosos. Alguma pergunta?

Todos balançam a cabeça.

"Certo, pessoal. Vamos andando."

*Dafne*

Minha cabeça pesa quando a batida de uma porta me traz de volta à consciência.

'Ah, que bom, você acordou.'

Meu coração acelera enquanto meu cérebro se esforça para registrar a voz fria que acabou de falar. Tento levantar a mão para esfregar os olhos, mas ela está sendo pressionada. Tento movê-la novamente, mas não consigo. Tentando mover as pernas em seguida, luto ao sentir algo me segurando no lugar. Com os olhos baixos, abro-os completamente apenas para ver que meus tornozelos estão amarrados às pernas da cadeira e meus braços estão amarrados atrás de mim.

Gemo enquanto levanto a cabeça, uma dor aguda ecoando pelas costas. No instante em que encontro o olhar da minha mãe, a dor diminui.

Minha mãe muito viva.

Ela está impecável em um vestido lápis preto justo e sapatos Louboutin, com o corte mais perfeito do mundo. Sua pele escura está imaculada e brilha com uma radiância quase etérea.

Aparentemente a morte lhe cai bem.

Quando a vi parada ali no esconderijo, com quatro homens enormes a ladeando, quase vomitei. Foi como se o tempo tivesse parado enquanto eu a encarava, incrédulo.

"M-mas você está morto", eu disse, congelado no sofá com o filme ainda passando ao fundo.

"Morto para o mundo, mas ainda muito vivo."

Ela parecia exatamente a mesma, mas completamente diferente, estranha e poderosa. Todo o seu calor havia desaparecido, deixando uma assustadora ausência de emoção.

'Daphne, querida, onde está meu colar antigo?'

Fiquei olhando para ela.

— O colar — ela disse bruscamente. — Onde ele está?

Continuei olhando boquiaberto para ela.

Minha mãe estava viva.

Minha mãe, que eu pensava estar morta há nove anos, estava viva.

Vivo.

Como se não estivesse morto.

"Não entendo. Como você está vivo?"

Ela sorriu. Não um sorriso caloroso como o que eu lembrava. Um sorriso frio e desconcertante. Mais ou menos como o da mulher do meu pesadelo.

Oh meu Deus.

O pesadelo.

Não foi um pesadelo. Foi uma lembrança.

Minha mãe matou alguém no nosso porão.

A bile sobe na minha boca e eu começo a engasgar, enquanto minha mãe fica parada ali, parecendo completamente impassível, como se ela retornasse dos mortos regularmente e frequentemente tivesse essa reação.

Para ser justo, isso provavelmente está correto.

"É algo parecido com prestidigitação, querido", ela respondeu. "Agora, eu adoraria conversar com você, mas você tem algo meu. Algo que eu gostaria de ter de volta."

'O que você está falando?'

"O colar, Daphne. Preciso do colar."

"Não tenho", eu disse, balançando a cabeça.

"Procurem pelo quarto", ela instruiu seus lacaios. "Sabem, seu pai disse a mesma coisa quando perguntei a ele." Ela caminhou até o sofá e se inclinou na minha direção. "Tal pai, tal filha, eu acho."

Ela acenou para alguém atrás de mim, mas antes que eu pudesse me virar, senti uma pancada forte na parte de trás da minha cabeça e tudo ficou escuro.

Agora, observando o ambiente, percebo que estamos em um escritório muito parecido com o do papai, com móveis de mogno escuro e uma grande estante de livros ocupando a parede lateral. Viro-me para observar melhor o ambiente, mas fico boquiaberta ao ver o papai em um canto, jogado contra uma cadeira. Seu rosto está completamente inchado a ponto de começar a mudar de forma, e ele está sangrando. De onde, não sei, mas há uma poça de sangue perto dos pés dele, então é mais do que provável que seja dele.

"Não se preocupe, ele está bem", suspira minha mãe, indo até sua mesa e se encostando na frente, seguida por seus subordinados. "Ele tomou um sedativo forte, então não adianta tentar acordá-lo."

Lágrimas brotam em meus olhos e eu as enxugo.

Se minha mãe consegue sentir frio, eu também consigo.

Eu penso.

"Por que você está fazendo isso? Eu não entendo."

"Seu pai tinha uma coisa, e eu queria. É simples assim."

"Você está falando da fórmula?"

Ela inclina a cabeça. "Sim. Sou eu. O que você sabe sobre a fórmula da toxina?"

"Eu sei que Daveeno quer, mas eles não conseguem encontrar."

"Isso, infelizmente, está correto."

Balanço a cabeça, ainda confusa pelo simples fato de minha mãe estar viva, sem falar no fato de ela ter me sequestrado. "Não entendi. Você trabalha para o Daveeno?"

'Daphne, eu sou Daveeno.'

Meu sangue gela e meu coração dispara.

"Como assim, você é o Daveeno?", pergunto, ríspida. Sinto a raiva borbulhando sob a minha pele.

"Quer dizer, seu bisavô fundou a organização. E a passou para mim."

Minha mente trabalha horas extras tentando ligar os pontos. "Você era um agente duplo no MI6, não era?"

Ela sorri. "Garota esperta."

— Você fingiu a própria morte — continuo lentamente. — Você fingiu a própria morte para que o MI6 não suspeitasse que você é um agente duplo.

"Muito inteligente." O fato de ela parecer genuinamente impressionada me dá vontade de pular de um penhasco.

— Mas por quê? Certo, então você era um agente duplo, mas por que envolver o papai nisso? Por que me envolver?

Porque meu disfarce não funcionaria de outra forma. Antes de herdar a Daveeno, meu avô me explicou a arte da enganação. Para administrar a organização, eu precisava provar meu valor; não bastava ser bom de sangue. Então, me mandaram para o MI6. Meu trabalho era coletar o máximo de informações possível, recrutar o máximo de pessoas possível para a Daveeno e tê-las como agentes secretos no MI6. Mas, para isso, eu precisava parecer discreto. E foi aí que George entrou. Nos conhecemos no meu segundo ano, quando houve um surto de toxina mortal. George não era um membro ativo do MI6, mas foi contratado como agente independente. "Contratei um empreiteiro para ajudar a desenvolver o antídoto. Ele fez um trabalho tão bom que o mantiveram. Como George não era membro do MI6, ele tinha que passar por um teste de detector de mentiras toda vez que ia trabalhar, então, enquanto ele não soubesse minha verdadeira identidade, toda vez que fizesse um teste de detector de mentiras, ele estaria inadvertidamente mantendo meu disfarce, então me casei com ele. E para manter as aparências, engravidei de você."

Eu rio.

Uma risada seca e sem humor.

"Então tudo isso era mentira? Todas essas lembranças que tenho de nós como família, de mim e você, você estava só fingindo?"

— Não. — Ela dá de ombros. — Mesmo sem querer, eu te amava, Daphne. Até me apeguei um pouco ao seu pai. Você me fez sentir humana. Você me fez sentir amor. — Seus olhos se suavizam, e é como se ela se transformasse em uma pessoa completamente diferente. O calor que eu lembrava volta ao seu rosto; até sua postura relaxa.

Ela me parece familiar. Parece minha mãe de novo.

"Eu estava quase imobilizada pela culpa quando pensei em como minha decisão de fingir minha morte impactaria você. Mas eu não tinha escolha. Eu te acompanhei ao longo dos anos, te observei de longe em suas competições e até fui à Suíça para sua formatura. E antes de 'me afogar' — ela faz aspas no ar — "eu te deixei meu colar. Não percebi na época o quanto isso seria doloroso mais tarde, mas eu só queria que você tivesse algo meu.

Isso explica muita coisa. Minha mãe nunca tirava o colar. Nem na piscina, nem no chuveiro, nem mesmo quando não combinava com a roupa. Ela o usava todos os dias, então eu tinha certeza absoluta de que ela também tinha se afogado nele.

"Se você está procurando empatia, mãe, não vai conseguir de mim. Para mim, minha mãe se afogou quando eu tinha nove anos e ponto final."

Ela tem a audácia de parecer magoada.

Há.

Ferir.

Que irônico.

"Eu chorei por você", eu cuspo. "Eu chorei por você aos nove anos de idade e continuei chorando pelos nove anos seguintes, e o tempo todo você se debatendo, vivendo a vida que realmente queria. E você está errada. Você não precisava fingir a própria morte. Você *sempre* tem uma escolha."

'Mas é isso. Eu não fiz isso. Era fingir a minha própria morte ou participar da minha morte real. Nove anos atrás, o MI6 teve um grande problema com agentes duplos, então eles estavam tentando pegá-los. As verificações de segurança eram mais frequentes e as regras, mais rígidas. Como resultado disso, alguns dos Os adormecidos de Daveeno começaram a ficar nervosos. A maioria ficou bem depois de uma pequena *conversa estimulante*, mas um foi mais difícil do que os outros. Ele trabalhava com seu pai e estava um pouco cauteloso com suas descobertas. Eu não tinha tempo para ficar de olho nele, então o convidei para jantar enquanto meus homens revistavam sua casa. Eles encontraram muitas evidências incriminatórias que poderiam derrubar Daveeno de vez, e eu não podia aceitar isso, então o matei e o incriminei pela minha morte, plantando seu DNA em todos os lugares ao redor do lago, sugerindo que ele me matou. O que, aos olhos do MI6, o colocava em Daveeno enquanto eu era apenas uma mãe e esposa inocente e amorosa, que foi torturada para obter informações que eu simplesmente não possuía.

O pesadelo.

O porão.

A mulher sem rosto.

"Malcolm."

Os olhos dela se estreitam.

— O nome dele era Malcolm. Não era? Eu te vi naquela noite. Você matou o Malcolm, não é?

Os olhos dela brilham. "Eu sabia que você estava aí! Não tinha certeza, mas tive a sensação de que um par de olhos pequenos estava em mim."

"Você matou um homem só para poder viver?"

— Sim. — Ela me olha como se eu tivesse perguntado se a grama é verde. — Malcolm estava prestes a estragar tudo, não apenas "Para mim, mas para você e seu pai também. Se Malcolm tivesse revelado suas descobertas, você e seu pai teriam sido colocados na lista negra da sociedade. Eu te fiz um favor."

Ignoro completamente a lógica distorcida dela e lanço a próxima pergunta: "Como você descobriu a fórmula pela qual está tão desesperado?"

— Os diários do Malcolm. — Ela dá de ombros, como se a resposta fosse óbvia. — Ele mantinha anotações detalhadas sobre o que estava fazendo e, como trabalhava com George a maior parte do tempo, suas descobertas eram as mais presentes. Ele insinuou que George estava produzindo uma toxina potente, letal e indetectável, mas não explicou mais nada. Tentamos procurar por alguma evidência que sugerisse isso, mas não encontramos nada. E com toda essa coisa de a esposa dele ter acabado de morrer, George estava com muita gente de olho nele, então não podíamos continuar investigando. Sabíamos que ele tinha algo, mas depois da minha morte, ele deixou o MI6 para sempre e ficou na dele, então não tínhamos motivo para intervir.

"Mas por que agora? Já se passaram nove anos?"

Ela solta um suspiro. "Amor."

'O que?'

— Você queria cheirar como eu. — Ela sorri um pouco, e seu rosto se enche do calor que eu me lembro. — Você queria tanto ficar perto de mim que usou todo o meu perfume. Então, alguns meses atrás, seu pai começou... "Estou trabalhando para recriar aquele perfume para você, para o seu aniversário. O motivo pelo qual não foi possível reproduzi-lo foi que seu pai misturou a mistura inicial do antídoto dele ao meu perfume para dar mais projeção, o que acabou alterando o cheiro. Então, se ele fosse recriar o perfume, precisaria refazer o antídoto inicial." Ela ri para si mesma, olhando para o papai no canto.

"O amor é a emoção mais potente, Daphne. Ele sabia que era burrice comprar os ingredientes tão específicos para fazer o antídoto, mas fez mesmo assim. Por você. Quer dizer, aquele homem tem defeitos sérios e não demonstra muito bem o seu amor, mas quando se trata de você e de colocar um sorriso no seu rosto, não há nada que ele não faria."

Tudo bem, mas nada disso explica o que aconteceu.

Quase como se ela pudesse ler minha mente, ela continua.

Os ingredientes necessários para um antídoto inicial como o que seu pai criou são muito difíceis de encontrar, a menos que você trabalhe em algum lugar como o MI6 ou Daveeno, mas, como seu pai cortou laços com ele, não estava prontamente disponível, então ele teve que encontrar outra maneira. Ele entrou em contato com um de seus velhos amigos no MI6 pedindo que ele conseguisse o material para ele. O que ele não sabia é que estávamos monitorando telefones recentemente e, infelizmente, o homem que seu pai contatou tinha um deles. Tínhamos algumas pistas sobre O que havia nos soros do seu pai, por causa de um antigo diário que Malcolm mantinha, então sabíamos que ele estava tramando algo, só não sabíamos o quê. Foi então que mandamos Stefan dar uma olhada no escritório dele. Quando ele encontrou um dos diários de George, ele o trouxe de volta. Nós o examinamos e descobrimos que seu pai realmente fabricava uma toxina, mas Malcolm disse a ele para se livrar de todas as evidências porque não queria que Daveeno a encontrasse. George escreveu uma charada para encontrá-la, caso precisasse, e foi com ela que mandamos Teddy.

"Por que você quer a fórmula?"

"Eu gosto de dinheiro. E muita gente pagaria alegremente uma quantia generosa para ter em mãos um soro tão poderoso."

Isso faz sentido.

"Como você sabia que as fórmulas estavam no colar?"

— Tortura, querida. Tortura. — Ela aponta para o papai. — Ele explicou que, quando eu estava dormindo, ele enfiou o colar atrás das fotos, mas só isso. Não conseguimos descobrir a localização do colar. Mas é aí que você entra. Assim como eu, ele só tem uma fraqueza. Você.

"Desculpe", eu rio, e essa risada é cheia de humor. "Sou uma fraqueza para você?" Essa é a declaração mais ridícula que já ouvi. Um dos seus homens me atacou. "Na minha própria casa, dois dos seus me perseguiram por um shopping, tentando me sequestrar, depois o *Teddy* me atacou e *atirou* em mim, e depois outro homem me atacou na casa que você dizia ser o seu lugar favorito na Terra. Não me trate com condescendência e diga que sou seu ponto fraco, porque as evidências mostram que isso simplesmente não é verdade."

Ela parece envergonhada.

"Bem, eu nunca disse que meus métodos eram sólidos."

— Seus métodos nem funcionaram! — Minha voz se eleva, irritada. — Por que você me trouxe aqui? Para me usar para ameaçar o papai?

Ela concorda.

— Então, qual é o seu plano? Ameaçar o papai, pegar a fórmula, e depois? Nos libertar? Ou você vai matar todo mundo? Inclusive os funcionários que você trancou como reféns? Funcionários que, veja bem, você conhecia. Você amava Josh e Bethany, mas agora, por causa da ganância, você tem pessoas inocentes morrendo de medo. Elas não fizeram nada de errado, mas são elas que estão pagando o preço.

Antes que minha mãe tenha a chance de responder, as luzes se apagam.

"O que foi isso?", pergunta minha mãe, contornando rapidamente a mesa e abrindo seu laptop.

Um dos homens pega seu rádio. 'Cole, o que O que aconteceu com as luzes?' Ele solta o botão que estava apertando, mas tudo o que consegue ouvir é estática. 'Cole, você consegue me ouvir?', ele tenta novamente, mas obtém o mesmo resultado.

'Senhora, acho que os rádios foram embaralhados.'

"O circuito interno de TV também não está funcionando", responde minha mãe, franzindo a testa para a tela do laptop antes de olhar para um dos homens atrás dela. "Bem, vá lá e dê uma olhada."

Ele se mexe, parecendo desconfortável por um momento antes de ir em direção à porta.

— Você. — Mamãe se vira, apontando para outro homem. — Fique aqui e chame uma equipe de resgate. Vocês dois, puxem-no e me sigam.

Ela abre a gaveta e tira uma arma, carregando-a calmamente com precisão e destreza antes de pegar a faca que estava sobre a mesa. Ela caminha em minha direção, abre a faca com um estalo, abaixa-se e me solta das braçadeiras.

"Levante-se. Vamos."

Eu não me movo. Não faço nada. Talvez se eu enrolar por tempo suficiente, quem estiver aqui possa me encontrar. Minha mãe se move para fazer alguma coisa, mas antes que ela consiga, o cara que estava ao telefone chamando a equipe de resgate fala.

"O carro irá encontrá-la do outro lado da floresta, senhora", ele diz enquanto guarda o telefone no bolso.

"Ótimo", ela diz ao rapaz, antes de voltar sua atenção para mim. "Agora levanta."

Quando não o faço, ela aponta a arma para o meu rosto, com aquele sorriso frio. "Daphne, se você acha mesmo que eu não vou atirar em você, está redondamente enganada. Não tenho problema algum em atirar em você, nem em ninguém." Antes que eu possa piscar, ela sacode a arma e atira no cara que acabou de chamar a equipe de resgate.

Eu nem estremeço.

Ela o matou?

Ela vai me matar?

Ela aponta a arma para mim. "Levante."

Eu levanto.

Os dois homens que foram resgatar meu pai agora estão de pé, com ele caído sobre eles.

Ainda apontando a arma para minha cabeça, minha mãe olha para eles. "Estão prontos?" Depois de um breve aceno de cabeça, ela empurra o cano da arma contra a minha nuca. "Andem."

Com os dois homens à nossa frente, caminhamos em direção à estante. Um dos homens pressiona um livro e as prateleiras se movem. Ele as empurra e elas se abrem, revelando um corredor mal iluminado.

Uma porta secreta.

Claro que minha mãe tem uma porta secreta.

Os homens passam, comigo e minha mãe bem perto atrás. Descemos uma escada até chegarmos a uma porta de metal. Sinto o ar fresco da noite entrando quando um dos homens a empurra. Saímos para uma área arborizada.

Uma área arborizada muito familiar.

Estamos na floresta atrás da minha casa.

## MILOSH

Nós rompemos com força e força.

Cegando o sistema de segurança, embaralhando os rádios, desligando o circuito interno de TV e cortando a energia elétrica para que não tenham nenhum meio de comunicação. Estão completamente às escuras.

Graças às plantas, cobrimos todas as saídas e, monitorando o CFTV, sabemos onde está localizada toda a segurança na casa.

Eles têm dez homens no total.

Temos dezesseis.

Eles não sabem que estamos chegando.

Estamos preparados.

Sabemos onde encontrar os reféns e temos uma boa ideia de onde Daphne e George estão.

Além dos banheiros e de um quarto, o único lugar sem CFTV é o escritório.

Com nossos fones de ouvido, temos um fluxo constante de Comunicação. Não faço parte da primeira equipe de extração, então eu, Cooper e Scott vamos direto para o escritório. Armas engatilhadas e lanternas acesas, caminhamos cautelosamente pelo corredor. Ouço tiros, gritos e berros ao fundo, mas os ignoro.

"Sete reféns estão seguros", diz um cara no meu fone de ouvido.

Chegamos ao canto do corredor e apagamos as luzes. Espiando pela janela, vejo um sujeito parado em frente à porta do escritório. Ajustando minha posição, faço um sinal para Cooper e Scott atrás de mim enquanto preparamos uma manobra.

Esperamos um instante e então, de repente, percorremos o corredor, virando na esquina, com as luzes acesas novamente.

"Mãos ao alto!", Cooper grita enquanto entramos. O cara na porta imediatamente levanta as mãos.

"Largue a arma devagar." Ele obedece, largando-a e levantando as mãos rapidamente. Chegamos até ele e eu chuto sua arma para longe, indo abrir a porta do escritório enquanto Cooper algema o cara do Daveeno.

Ando com cautela e abro a porta, apressando-me para guardar minha arma.

Um cara salta em nossa direção, mas eu o desvio rapidamente. Ele cambaleia um pouco, visivelmente ferido, então aproveito a oportunidade para agarrá-lo e dar-lhe uma joelhada na barriga. Golpeio-o novamente, desta vez na virilha, e observo enquanto ele cai no chão. Recuperando um par de algemas, eu o contendo rapidamente.

Olhando ao redor da sala, vejo que está vazia, mas sinto o cheiro do perfume que a mãe de Daphne passou esta manhã. Há uma cadeira no meio da sala com braçadeiras de cabos cortadas no chão e outra cadeira no canto com uma poça do que presumo ser sangue embaixo.

Eles definitivamente estiveram aqui. Mas onde estão agora?

De acordo com as plantas, não há como entrar ou sair desta sala além da porta da frente, mas teríamos visto ou ouvido eles. As janelas estão trancadas, então para onde eles foram?

"Ei." Chuto o cara do Daveeno, que agora percebo que está sangrando no braço. "Para onde eles foram?"

Ele começa a rir, mas não diz nada. Eu me abaixo e localizo o ferimento. Parece que ele levou um tiro, e a bala ainda está dentro do braço. Quando pressiono o dedo sobre o ferimento, ele grita.

"Para onde eles foram?", pergunto novamente, insistindo com mais força.

"Para a floresta", ele grita. "Eles foram para a floresta."

"Por quê?", pergunto, olhando ao redor da sala novamente para descobrir como eles saíram.

"Os – os carros de fuga", ele suspira, meu dedo ainda pressionando seu braço.

'Como eles saíram da casa?'

Ele não responde, então pressiono ainda mais. "Como eles saíram?" Consigo ouvir meu volume aumentando enquanto o encaro. Ele começa a ofegar de dor novamente antes de responder.

"A estante. Tem uma porta secreta na estante."

Levanto-me e vou até a estante em busca de alguma anormalidade, então avisto um guia de viagem francês entre os clássicos da ficção. Tento pegá-lo, mas ele não se move. Puxando com um pouco mais de força, ouço um clique e depois um som de liberação. Empurro a estante e a porta se abre, revelando um corredor mal iluminado que leva a uma escada.

Cooper volta para dentro da sala, olha do cara caído no canto para mim e Scott, e acena com a cabeça.

"Eu cuido dele. Vocês dois vão."

Eu e Scott seguimos pelo corredor e descemos as escadas, onde abrimos a porta e saímos para a floresta.

— Preciso de reforços aqui — digo, apertando o fone de ouvido. — Elizabeth Green escapou com os dois últimos reféns e eles estão na floresta.

"Entendido", confirma Lucy Peterson.

"Você fica à esquerda, eu olho para a direita", instruo Scott enquanto seguimos pela floresta. Nos movemos em silêncio e com cuidado, permanecendo vigilantes.

Vejo algo rosa em meio a todo aquele verde e marrom e estreito os olhos. Cinco figuras surgem ao longe, afastando-se de nós.

— Estou de olho nos reféns — digo baixinho ao microfone. Scott olha para mim quando ouve o que eu disse e se aproxima.

'Onde?'

"Ali", aponto. "Procure o rosa."

"Entendido. Qual é o plano?"

Precisamos chegar perto sem que eles percebam. Vamos acelerar, mas cuidado com os gravetos que podem esmagar suas botas.

Ele assente e continuamos andando. À medida que nos aproximamos, vejo Daphne ao lado da mãe e dois homens atrás delas, carregando um homem inconsciente que presumo ser George.

"Precisamos acabar com os dois caras primeiro", eu digo, enquanto um deles olha ao redor.

Em segundos, as balas voam.

Scott começa a atirar de volta, fazendo com que os homens se abaixem e comecem a correr, carregando George consigo, enquanto os alcançamos. Não quero atingir George nem Daphne, mas atiro muito bem e ainda está relativamente claro lá fora, então atiro de volta.

Minha bala atinge um dos homens que seguravam George, e ele tropeça. O inconsciente George cai sobre o outro, que cambaleia, diminuindo a velocidade.

À frente deles, Elizabeth saca sua arma e atira em mim e em Scott conforme nos aproximamos.

Ela bate em Scott e ele cai.

"O colete pegou." Ele tosse quando eu diminuo o passo. "Continue, estou bem."

Continuo atirando no único sujeito restante enquanto corro para alcançá-lo e a George. Os tiros dele, misturados aos de Elizabeth, tornam a jornada mais lenta, pois desvio das balas enquanto atiro com as minhas, mas tenho uma pausa parcial quando o homem que segurava George fica sem munição. Ele tenta recarregar, mas atiro na mão dele, depois no pé, depois na coxa. Ele grita, cai no chão e arrasta George consigo.

Eu os alcanço e chuto a arma dele para longe enquanto Scott se junta a mim, abaixa-se e algema o cara do Daveeno.

Com esses dois derrotados, Elizabeth é a única que resta.

— Milosh? — George se mexe no chão, recuperando a consciência. Olho para ele no momento em que Elizabeth dispara.

Bem na minha perna.

*Dafne*

*Clique, clique, clique.*

Minha mãe continua apertando o gatilho, mas não sai nada.

Ela não tem mais balas.

Antes que seja tarde demais, golpeio suas pernas com toda a força que posso, mas não acerto as duas. Ela se recupera e se endireita rapidamente, mas já soltou meu braço.

Eu me atiro contra ela, tentando derrubá-la. Ela cai no chão embaixo de mim, batendo a cabeça. Não tenho tempo suficiente para segurar seus braços, então ela coloca a mão no decote e puxa uma pequena faca.

Bem, isso foi inesperado.

Ela tenta me atingir no rosto, mas eu desvio da lâmina bem a tempo. Tento arrancá-la da mão dela, mas ela segura com muita força. Agarro seus pulsos antes que ela possa tentar novamente, levantando-os acima da cabeça. Temos mais ou menos a mesma altura, então é... muito mais fácil esticá-los em comparação a quando fiz isso com Milosh.

Aperto os dedos em seus pulsos com toda a força e a faca escapa. Ajeito minha posição e me ajoelho sobre sua barriga para imobilizá-la.

Ela geme de dor no momento em que quatro homens nos cercam, apontando suas armas para o meu rosto. De alguma forma, Milosh é um deles, com a perna ferida e tudo.

"Vem cá, Daphne", ele diz. Consigo ver a dor em seus olhos quando me levanto e vou até ele enquanto a equipe segura minha mãe.

Ele guarda a arma no coldre e segura meu queixo com as mãos. "Você está bem?"

Concordo com a cabeça e caio em seus braços, enquanto ele me envolve em seus braços enquanto grunhe baixinho.

"Sua perna", eu digo, me afastando do abraço para olhar para sua coxa.

"Foi um tiro certeiro", é tudo o que ele diz antes de pegar minha mão. "Vamos, vamos sair daqui."

Ele se move lentamente e manca um pouco enquanto voltamos para a casa da minha mãe, onde vários carros de polícia e ambulâncias estão esperando.

"Petrov", diz uma loira baixinha, vindo em nossa direção. Ela olha para mim, dando um sorrisinho antes de estender a mão. "Senhorita Green, é um prazer conhecê-la, estou Comandante Peterson, mas, por favor, me chame de Lucy."

Aperto a mão dela. 'Olá.'

"Fico feliz em ver que você está em segurança. Você ficará feliz em saber que libertamos todos os reféns, e eles também estão seguros."

Alívio me invade.

"Com sua mãe e todos os outros membros da Daveeno aqui esta noite, presos, estamos a caminho de dismantelar completamente a organização. Posso garantir que eles não vão te incomodar mais."

— Obrigada. — Sorrio sinceramente e olho em volta procurando o papai e os outros reféns, mas não consigo vê-los. — Onde está meu pai?

"Ele foi levado ao hospital para ser tratado junto com os outros reféns. Há uma ambulância pronta para levar você também, só para que você possa ser examinado." Ela olha para a perna de Milosh. "Você também, Petrov. Scott, você e Daphne vão para o hospital. Eu resolvo tudo aqui."

Milosh assente antes de enfiar a mão no bolso e tirar o colar. "Aqui." Ele o entrega a Lucy. "O Major Davis me instruiu a entregar isto a você."

Ela pega o dinheiro e o guarda em um dos bolsos da calça. — Sim, ele me disse que você tinha. Obrigada.

"O que acontecerá com a fórmula agora?", pergunto.

Um grupo seletivo de cientistas analisará a validade das alegações feitas sobre o assunto. Se for tão ruim quanto seu pai diz "Provavelmente será destruído, mas há casos em que esses soros podem ser úteis. É uma pena, mas pelo menos saberemos que está nas mãos certas."

"Ah." Intelectualmente, eu aceito isso, mas não gosto da ideia de que isso esteja aí.

Lucy me lança um olhar simpático antes de ir embora.

"Não se preocupe", Milosh sussurra em meu ouvido. "Eu queimei a fórmula verdadeira e a substituí por uma falsa antes de sair do esconderijo. Deixe que eles criem suas próprias toxinas."

"Você é realmente tão bom quanto dizem, não é?" murmuro, meu coração disparado.

Ele dá de ombros e sorri. "Aparentemente sim."

*Nossa, eu amo esse homem.*

Meu Deus, eu amo esse homem.

Huh.

Que maneira de terminar o dia.

Três horas depois, entro no quarto de Milosh no hospital e fico surpreso ao abrir a porta e encontrar meu tio Leo, tio Jonathan e tia Emily lá dentro.

Todos se viram quando abro a porta, aliviados ao me verem.

"Daphne, você está bem?", pergunta tia Emily, vindo até mim e me dando um abraço.

— Sim, estou bem. — Olho para Milosh e para eles. — O que vocês estão fazendo aqui?

"Uma mulher chamada Lucy entrou em contato comigo para me contar o que está acontecendo e para me dizer que seu pai está no hospital", explica o tio Jonathan. "Liguei para Emily e Leo e todos nós viemos vê-lo. Ele nos contou toda a história desde o início e explicou como o Milosh era bom em manter vocês seguras. Já estávamos pensando em abrir uma divisão de segurança na Greenway, mas esta situação resolve o problema. George nos disse que acha que o Milosh deveria comandar, então viemos todos aqui para perguntar se ele aceitaria nossa oferta."

"Desculpe, você quer que o Milosh comande uma divisão da Greenway?", pergunto. As divisões da Greenway são comandadas apenas por Verdes.

"Sim." É a sua resposta tão simples.

'Sério?' Começo a sorrir enquanto entendo tudo.

'Daphne, este homem salvou sua vida várias vezes, tem bons contatos nas Forças Armadas dos EUA e é altamente qualificado. Qual dos seus primos tem esse currículo?', entoa o tio Leo.

Ele não está errado. Todos os meus primos são muito inteligentes em termos de livros, mas quando se trata de força e agilidade, eles deixam muito a desejar.

— De qualquer forma. — Tio Jonathan olha para Milosh, que está sentado em uma cama de hospital, com as pernas jogadas para o lado. "Pense um pouco. Não precisa nos dar uma resposta agora, então vá com calma."

"Ok", responde Milosh. "Obrigado pela oferta."

Eles acenam com a cabeça e, depois de me darem um abraço rápido, vão embora, deixando Milosh e eu sozinhos.

"Sr. Petrov", digo, caminhando em direção à cama.

"Senhorita Green." Seus olhos se suavizam ao encontrar os meus.

"Você acabou de receber uma oferta de emprego, hein?"

"Definitivamente parece que sim."

'Então... o que você está pensando?' Eu caminho até ele, acomodando-me entre suas pernas abertas.

"Estou pensando que quero construir uma vida com você", ele responde, pousando as mãos na minha cintura e me puxando para mais perto. "E que essa oferta pode me ajudar a te dar a vida que você merece. O que você acha?"

Minha boca se abre num sorriso. "Acho que o amo, Sr. Petrov, e acho que o senhor também me ama."

"É mesmo?" Ele sorri.

— Hummm — concordo, envolvendo meus braços em volta dos seus ombros.

"Você apostaria dinheiro nisso?" Suas mãos se movem e apertam meus quadris.

"Uma quantia significativa, sim."

— Bom, então acho que você ganhou muito, porque eu ganhei. — Ele aproxima seus lábios dos meus.

"Eu te amo, Srta. Green." Ele começa a me dar beijos no rosto e no pescoço. "Eu amo seu rosto, amo seu cabelo, amo sua risada, amo seu cheiro, amo sua mente, amo sua voz." Ele segura meu rosto entre as mãos, aqueles lindos olhos verdes fixos nos meus. "Eu. Amo. Você. E continuarei a te amar até não ter mais fôlego nos pulmões."

E assim foi.

Encontrei meu Henry.

# EPÍLOGO

## MILOSH

### *Cinco anos depois*

"Fiz o parto de três bebês hoje!", comemora Daphne enquanto entra no carro. Fecho a porta atrás dela e dou a volta no carro para sentar no banco do motorista.

"Muito bem, querida", elogio, dando um beijo casto em seus lábios e observando enquanto ela coloca seu anel de noivado de volta.

"Eram duas meninas e um menino, e todos estavam saudáveis e sem complicações!", ela suspira satisfeita enquanto eu ligo o carro e saio.

Já faz seis meses que Daphne começou seu novo emprego no hospital particular Howard Memorial e ainda não deixei de buscá-la depois do plantão. Tive uma reunião com um novo cliente hoje, então estou com o terno Tom Ford que Daphne escolheu para mim no dia em que aceitei o cargo de CEO da Greenway Security. Com a experiência de Amelia em negócios, administração e finanças, ela se juntou a Henry e, com o apoio e a orientação dos Greens, nos últimos cinco anos a Greenway Security... tornar-se a maior empresa de segurança privada da Inglaterra.

Enquanto Daphne estava se preparando para ser parteira, eu frequentei a universidade em meio período para obter um diploma em Administração para poder fazer meu trabalho da melhor maneira possível.

O telefone de Daphne toca e ela coloca o interlocutor no viva-voz.

"Oi, papai, você está no viva-voz."

'Ei, Milosh. Ei, Daph, você está vindo?'

'O Milosh acabou de me buscar. Vou para casa, me trocar e já vou aí.'

— Tudo bem, mas você sabe que este é um chá de bebê surpresa. Não vai ser uma grande surpresa se você chegar na mesma hora que a Amélia, vai?

"Sim, papai, eu sei." Ela suspira.

"Ok, bom, te vejo em breve então. Te amo."

"Amo você, tchau."

Ela desliga o telefone no momento em que entramos na garagem do apartamento dela.

"Como foi a reunião?", ela me pergunta enquanto abro a porta do carro.

"Deu tudo certo. Eles acabaram assinando por três anos e precisam de muita segurança. Agora são um dos nossos maiores clientes nos EUA."

Depois que Daphne terminou a universidade, decidimos nos mudar para Chicago para que eu pudesse ter mais experiência enquanto abríamos a divisão americana da Green Security. Fiz o pedido seis meses depois e imediatamente comprei um terreno para começar a planejar nossa casa definitiva. Vamos nos casar em quatro meses e voltaremos

da lua de mel três semanas depois. Até lá, a casa estará pronta e poderemos oficialmente começar nossa vida juntos.

'Isso é incrível, Milo!', diz Daphne enquanto subimos no elevador.

"Obrigada, Srta. Green."

'Sabe, um dia desses você vai ter que se acostumar a me chamar de Sra. Petrova?'

"Sra. Petrova soa bem. Mas você sempre será a Srta. Green para mim."

Ela sorri, entrando no apartamento e indo direto para seu camarim.

Vou até a cozinha pegar uma bebida e meu telefone começa a vibrar.

'Sim?'

"Temos um problema", diz a voz de Henry.

'O que?'

"Estamos voltando agora, e nem metade dos convidados está aqui."

"Então, faça-a parar", sugiro, abrindo uma garrafa de água.

"Nossa, você é um gênio", brinca Henry. "Eu já tentei isso. Estou num bar de smoothies agora mesmo, oferecendo uma bebida para ela."

'Então vá procurar um carrinho de bebê ou algo assim, isso vai levar uma eternidade.'

Ele faz uma pausa, provavelmente refletindo sobre minha ideia brilhante. "Ok, pode funcionar. Te mando uma mensagem quando estivermos a caminho."

Desligo e termino minha bebida, encostando-me no balcão, rolando o celular, respondendo a alguns e-mails e sorrindo para uma foto que Susie, a nova esposa de George, enviou para o grupo de bate-papo, deles em suas férias mais recentes. Depois do caso Daveeno, George esvaziou completamente a casa, querendo se livrar de quaisquer lembranças ruins, e começou de novo. Ele contratou Susie como decoradora de interiores, apaixonou-se rapidamente – de verdade, dessa vez – e a pediu em casamento em dois anos. Eles se casaram no ano passado e costumam passar férias longas juntos, explorando o mundo. Ela enviou a foto agora para afastar quaisquer suspeitas de Amelia sobre o chá de bebê surpresa que está sendo organizado para ela.

Henry e Amelia se mudaram comigo e Daphne para Chicago e têm uma casa bem ao lado da nossa futura casa, onde a festa surpresa será realizada.

'O que você acha?'

Olho para cima e Daphne se transformou sem esforço de Daphne parteira em Daphne normal.

Ela está usando um vestido midi rosa claro com os brincos de diamante que comprei para ela como presente de formatura. Seu cabelo está meio cacheado, meio solto, e ela aplicou um leve uma camada de maquiagem no rosto, apenas realçando sua beleza.

"Acho que você está gostosa, Sra. Petrova." Vou até ela e a agarro pela cintura, minhas mãos acariciando suas curvas suaves.

"Eu não queria ser atraente, eu queria ser elegante", ela faz beicinho.

'Tudo bem, então você está muito gostosa, Sra. Petrova', murmuro contra seu pescoço, distribuindo beijos suaves em sua garganta.

"Realmente quente", ela suspira. "Eu gosto disso, você deveria dizer isso com mais frequência." Suas mãos encontram meu cabelo enquanto ela me direciona para onde ela quer.

— Pode deixar, Sra. Petrova. — Paro de beijá-la e olho para ela. — A propósito, você tem razão, a Sra. Petrova é melhor.

Ela ri. "Eu nunca disse que era melhor, só disse que você deveria começar a me chamar assim."

'Então, *Sra. Petrova*, vamos antes que nos atrasemos.'

"Boa ideia, *Sr. Petrov*."

Ela me pega pela mão enquanto me leva para fora do apartamento, de volta para o carro.

Tudo o que posso fazer é sorrir.

Essa garota transformou meu mundo negro em um mundo de amor, risos e rosa. A cada dia ela encontra uma nova maneira de me surpreender, e a cada dia eu a lembro disso.

Eu a paro perto da porta e a giro para que ela me olhe. "Eu te amo, *Sra. Petrova*."

Ela sorri suavemente. "Eu também te amo, *Sr. Petrov*."

# AGRADECIMENTOS

E aí, BookTok?

Obrigado :)

Se eu pudesse abraçar cada um dos meus amigos do TikTok, eu abraçaria. Mas não posso... então não vou.

Três anos atrás, depois de terminar de contar ao meu irmão sobre o enredo de um livro aleatório sobre máfia que eu estava lendo, ele sugeriu que eu compartilhasse minhas opiniões encantadoras com o mundo para que ele pudesse voltar ao seu trabalho. E foi exatamente isso que eu fiz.

Três anos depois, criei um grupo adorável de amigos no BookTok e não consigo nem começar a descrever o quanto o amor e o apoio constante de vocês me abençoaram. Sem vocês, eu definitivamente não teria escrito este livro e ele ainda seria uma ideia aleatória de filme que eu tinha na cabeça. Cada curtida, comentário, cada seguidor e cada salvamento fizeram com que *Proteção Própria* fosse o que é. Então, eu agradeço!

Espero que *Close Protection* tenha correspondido ao hype e espero de todo coração que você encontre seu Milosh ou Henry :)

Obrigada a Yasmin Morrissey, a editora e publicadora genial que tornou tudo isso possível. Yas, você é definitivamente uma das minhas pessoas favoritas, com sua positividade contagiante e ideias inesgotáveis. Desde o momento em que apresentei essa ideia, você provavelmente ficou mais animada do que eu (e isso é sério!) e, desde então, você também tem sido a maior apoiadora de Milosh e Daphne que a humanidade já conheceu. Obrigada por ouvir todos os meus pensamentos aleatórios, desde ideias para nomes de livros até designs de capas; você tem sido tão solidária e gentil durante todo esse tempo. Obrigada por tornar a *Close Protection* uma realidade.

Andy Darcy Theo, o cara que você é. Obrigado, amigo, por responder a todas as minhas perguntas, ser um grande apoiador e ouvir minhas anotações de voz sem sentido. Você me ajudou muito nesta jornada editorial e mal posso esperar para vê-lo continuar a florescer e crescer.

Deborah, Deborah, Deborah. Você é uma mulher brilhante. Obrigada do fundo do meu coração por todo o tempo e esforço que você dedicou para ajudar a tornar este livro melhor. Você me ajudou, me encorajou e me desafiou. Obrigada, ser humano maravilhoso.

Para minha mãe, meu pai, meu irmão e minhas duas irmãs, vocês foram a melhor caixa de ressonância para cada ideia, design de capa, escolha de nome e muito mais. Vocês leram o primeiro capítulo DEMAIS vezes, mas suas opiniões conjuntas foram muito úteis.

Obrigada à equipe da S&S. Cada um de vocês tem um talento único no que faz e eu realmente aprecio todo o trabalho que vocês dedicaram a isso. Jesse e Michelle, obrigada por todo o esforço que

vocês dedicaram à capa e aos designs, e obrigada por trabalharem comigo e acertarem em todos os detalhes, vocês dois são INCRÍVEIS!

Millie, agradeço a você e a todo o trabalho duro que você dedicou a este livro. Obrigada, Rachel, Laura, Ali, Dani, Leanne, David, Alesha, Simi, Kate, Teän, Alice, Sophie, Sorrel e Maud. Sem vocês, não haveria livro! Cada um de vocês acreditou em mim, e eu agradeço por isso.

Por fim, obrigada, Senhor Jesus, por me dar as mãos para escrever e me abençoar com uma mente criativa. Não há como, nem no céu nem na terra, eu ter conseguido terminar este livro sem ti. Obrigada, Senhor, pela tua graça e misericórdia, e obrigada por me abençoar com esta oportunidade.

## SOBRE O AUTOR



**Edén Victoria** é uma criadora de conteúdo premiada que se tornou autora. Ela ganhou o prêmio Criadora do Ano de 2023 do BookTok ( [@edenvictoria](#), 700 mil seguidores) e também administra uma conta de estilo de vida de luxo, perfumes e roupas no TikTok ( [@edensslife](#), 200 mil seguidores).

Mas os interesses de Edén não param por aí. Além de livros, roupas e perfumes, Edén está atualmente estudando Teatro Musical com o objetivo de estreiar no West End.

[www.SimonandSchuster.co.uk/Authors/Eden-Victoria](http://www.SimonandSchuster.co.uk/Authors/Eden-Victoria)

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2025 pela Gallery YA, uma marca da Simon & Schuster UK Ltd

Direitos autorais do texto © 2025 Eden Victoria

Design de capa e ilustrações de interior © 2025 Michelle Brackenborough

Este livro possui direitos autorais garantidos pela Convenção de Berna.

Não é permitida a reprodução sem permissão.

Todos os direitos reservados.

O direito de Eden Victoria de ser identificada como autora desta obra foi afirmado por ela de acordo com as seções 77 e 78 da Lei de Direitos Autorais, Desenhos e Patentes de 1988.

Simon & Schuster Reino Unido Ltda.

1º andar, 222 Gray's Inn Road

Londres

WC1X 8HB

[www.simonandschuster.co.uk](http://www.simonandschuster.co.uk)

[www.simonandschuster.com.au](http://www.simonandschuster.com.au)

[www.simonandschuster.co.in](http://www.simonandschuster.co.in)

Simon & Schuster Austrália, Sydney

Simon & Schuster Índia, Nova Déli

O representante autorizado no EEE é Simon & Schuster Netherlands BV, Herculesplein 96, 3584 AA Utrecht, Holanda.

[info@simonandschuster.nl](mailto:info@simonandschuster.nl)

Um registro do catálogo CIP para este livro está disponível na Biblioteca Britânica.

ISBN 978-1-3985-3968-6

e-book ISBN 978-1-3985-3970-9

eAudio ISBN 978-1-3985-3969-3

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Composto no Reino Unido por Sorrel Packham